

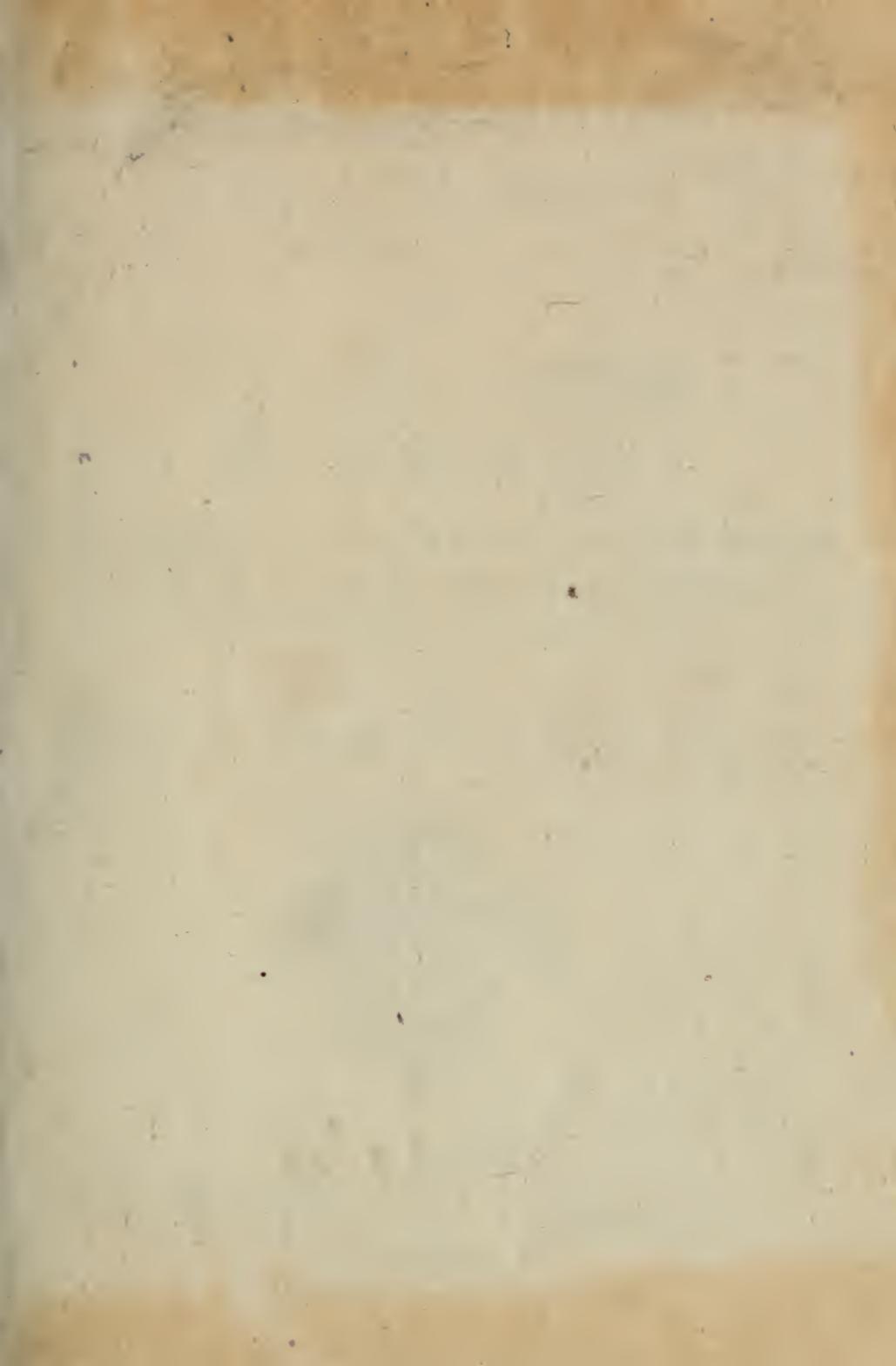


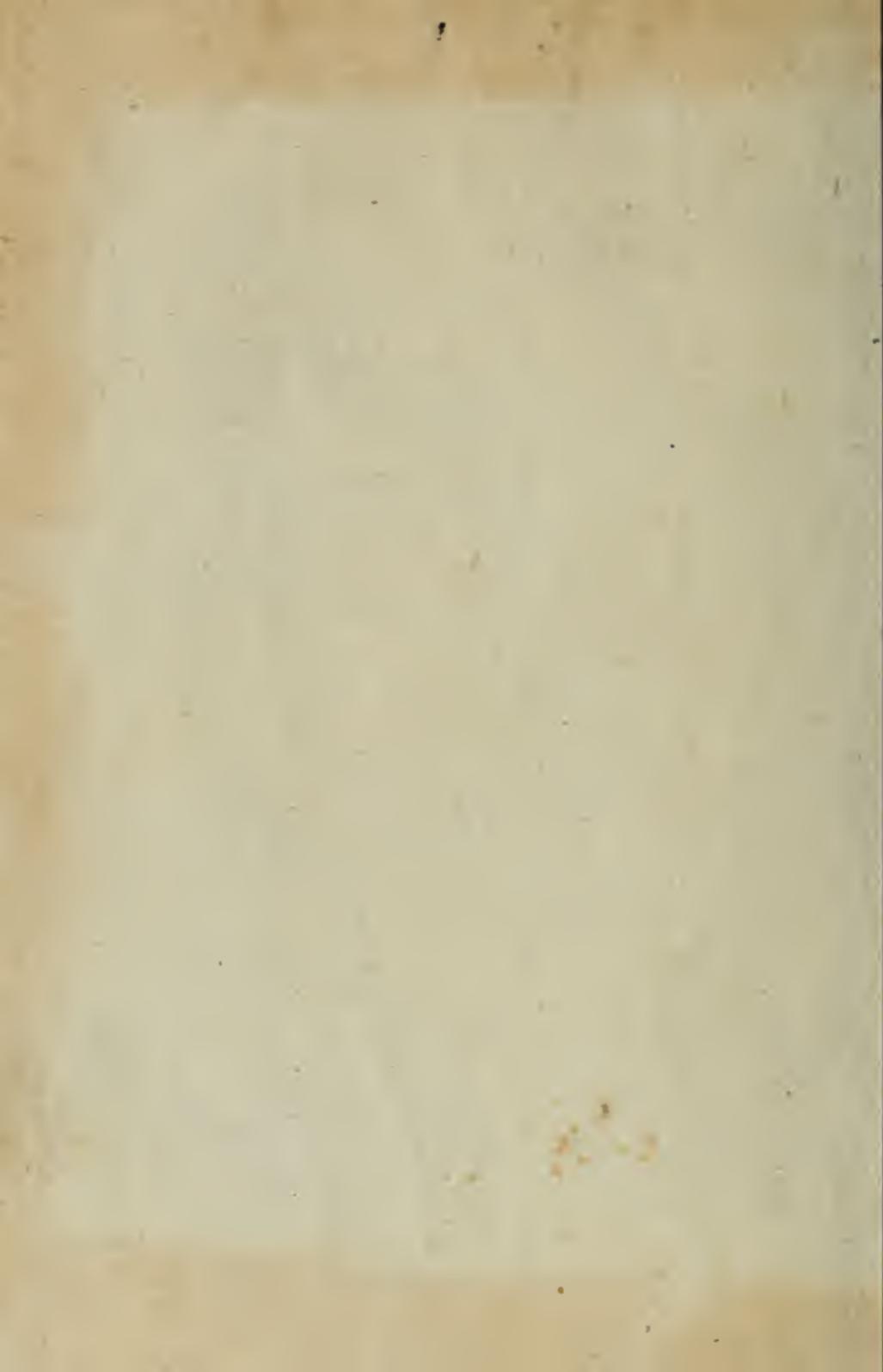
RB197489



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

44-70's





SILVEIRA:
POEMA HEROICO,
EM QUATRO CANTOS,
OFFERECIDO

AO

ILL.^{MO} E EXC.^{MO} SENHOR

D. JOÃO;

ETIMO MARQUEZ DAS MINAS, DECIMO CONDE
DO PRADO; E HUM DOS PRECLARISSIMOS
GOVERNADORES DE PORTUGAL.

POR

THOMÁS ANTONIO DOS SANTOS E SILVA.



L I B O A,
NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1809.
Com licença.

*Nem o mancebo Cocles dos Auzonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como este na guerra forte, e sabio.*

Cam. Luz. Cant. X.

PREFACIO.

INSTADO pelo Circulo d'alguns bons Amigos , e influido do amor da Patria , a pezar da minha incommoda situação , e da terrivel complicação das minhas molestias , ainda mais aggravadas nestes ultimos dias , eu me incumbi de traçar hum breve Elogio , allusivo aos funestos acontecimentos da segunda invasão em Portugal pelos communs inimigos da Espe-

cie humana, e onde em alguma illustre Personagem, das muitas que a par dos nossos sempre amigos, sempre leaes, e sempre generosos Inglezes, despregárão o seu esclarecido Patriotismo, eu celebrasse o Heroismo, e o Valor, ostentados até a total expulsão dos mesmos inimigos; entre as quaes se me offereceo com preferencia o Nome insigne do Illustrissimo Senhor Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, nono Senhor das Honras de S. Cypriano de Nogueira, Cavalleiro da Ordem de Christo, Commendador Honorario da da Torre e Espada, Moço Fidalgo com Exercicio, Brigadeiro Commandante do Regimento de Cavallaria de Bragança, hoje Marechal de Campo, e Governador da Provincia de Trás-os-Montes.

Eu hia já bastantemente adiantado no meu trabalho, ignorando ainda o genero de composição, e mesmo o titulo que lhe daria, quando insensivelmente me achei entre os detalhes, e na marcha d' hum Poema, que para ser Epico, o que lhe faltava em consistencia e volume, lhe subejava na grandeza do seu

Heroico assumpto ; por cujo motivo assim mesmo o intitulei ; (não fazendo então mais do que dividillo em quatro Cantos, e formando-lhe os Argumentos em Sextinas, que se proporcionassem melhor á pequenez do mesmo Poema) bem que eu o não tivesse principiado com a costumada rotina de propôr, invocar, e dedicar : circumstancias que de algum modo a experiencia, ou o accaso, me indicou não serem essencialmente necessarias, e do que me não faltão exemplos: se todavia não agradar o titulo de que uso, (Poema, ou Epopea, de que talvez não dou por ora mais que o esboço) de bom grado annuirei a que simplesmente se lhe substitua est' outro mais generico de Poezia em quatro Cantos, etc.

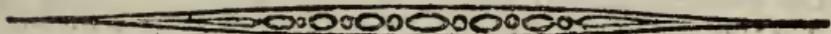
No que toca ao mais, falle por si a mesma Composição ; e quando nella appareça tambem outra cousa, ou muitas cousas que possão desagradar igualmente, (pois que eu sou o primeiro em descontentar-me de muitas) advoguem em meu favor o curto prazo, que se me assignou para a minha Tarefa, que não

excedeo de quinze dias ; as deploraveis circum-
stancias , em que escrevo , a impossibilidade de
o fazer pela minha propria mão , e sobre tu-
do a difficuldade de achar Amanuenses , prom-
ptos a tolerarem a nimia proluxidade , que se
faz indispensavel para huma perfeita correcção.



SILVEIRA,

POEMA EM QUATRO CANTOS:



CANTO I.

ARGUMENTO.

*A mente ao Vate em êxtasê effervece,
E lhe finge estar vendo acceza briga,
Onde ao alto Silveira reconhece,
Contra a força lutando e a Galla intriga;
Ao Genio, que de Lysia o mal deplora,
Foye falla no Empyreo, e a dor melhora.*



A RMA, Arma! eis me retumba o Campo em torno
Por entre os roucos sons da horrenda tuba,
E do timbale horrífico! aos seus eccos

Pulsa a pata o ginete , erriça as crinas ,
 Relinxa , espuma ; he Patriota , e raiva !
 Com elle eu salto , pulla-me com elle
 A mente , o coração ; eu nado em sangue ,
 Q' em rios me circunda , eu entorpeço
 No frio expolio , ou no rolante amigo ,
 A quem por caridade extingo , e mato ! . . .

Tu porém , tu oh subita Centelha ,
 Que dentro em mim fulguras , e m' aclaras
 Scenas , que odiei sempre , amargas Scenas
 De pavor , e carnagem , dize , falla ,
 Tu quem hes que dest' arte m' electrizas ?
 Por ventura serás o Fulgor sacro
 Q' outr' ora illuminava ao Cego illustre
 Q' honrou Grecia , e a par delle tu m' elevas ,
 Revocando a meus olhos o Passado ,
 A ver o Xanto ardendo , em fogo o Símois ?
 Serás talvez o Facho reluzente ,
 A cujo abrigo ess' outro Cego , ou Lince ,
 Do Thames remontava a ver em Climax ,
 Por outro humano pé jámais trilhados ,
 Sátan , e Michaél medindo o ferro ? . . .
 Mas não : troando está em meus ouvidos
 O Rebombo do tubo sibilante ;
 Fuzila ao olho meu o nitro accezo ,
 Não visto do Iliôn , e novo invento ,

Q' ao inferno esqueceo (1), e que supprido
Do rayo vingador os Ceos escusão!

As margens talarei do fatal Ebro,
Tão fatal, tão funesto á Hydra ovante,
Que desolado tem metade ao Orbe?
Sim; na dextra vibrando o aço invicto,
Co' a morte em gume, em ponta, á frente, ao lado,
Aos dois, aos tres, lá prostra, lá derruba,
Lá junca dos Cadaveres nefandos
Praças, ruas da insigne Saragoça
O Excelso Palafox; eu, eu o conheço,
Após elle eu decorro os Marcios Campos: ...
Porém ai! não também: cançada ha muito
De lutar c' os destinos, e co' as hostes,
Não Palafox, mas sim Natura enferma,
E gasta de ferir a aguda espada,
Em quanto o bravo Heroe em solto Sprito
Viajava pensando estragos novos,
Succumbio a materia em leito infausto;
E privado d' acção, e de sentidos
Victima foi dos Vandalos cruentos!
Onde, onde pizo eu logo? ... Ceos! dispersa,
E rota a nuvem d'esse pó sulfureo,

(1) Não ignora o Poeta a artilheria ideada por Milton; mas inculca desapprovallo nesta parte, etc.

Que terra, e Ceos toldava, eis se m' antolhão
 As venerandas Quinas! eu lhe curvo,
 Eu lh' acato o mysterio: em torno a ellas
 Eis ferve a Tropa invicta; eis grito longo
 Ares, e peitos fende, e diz: Silveira!
 Sant-Iago, e Silveira, que s' invocão,
 Q'hum, e outro he Nume, hum Terreo, o outro Ethereo!

Ao nome illustre do Varão possante,
 Ao nome de Silveira (1), q' outros tempos
 Fez ao Indo coalhar, tremer ao Ganges,
 Ao Guadiana gemer, gelar o Caia,
 Cresce em cada Soldado hum' alma nova,
 Hum novo coração! parão em tanto,
 Por onde tende o Heroe, e o ferro esgrime,
 A pasmar do Valor do Marte Luzo,
 Arthur (2), e Beresford (3), Britanos Martes;

(1) Este Appellido se tem feito célebre em todas as Epocas de Portugal: Veja-se, especialmente Camões no X. Canto dos Luziadas, onde memora os dois famosos Heitor, e Antonio da Silveira; como tambem Jeronymo de Mendonça na Jornada de Africa, e o Conde da Ericeira no seu Portugal restaurado, etc.

(2) O Excellentissimo Sir Arthur Wellesley, Marechal General dos Exercitos de Sua Magestade Britanica, etc.

(3) O Excellentissimo Senhor Guilherme Carr Beresford, Marechal Commandante em Chêfe dos Exercitos de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor.

Pára com elles por hum pouco a Morte,
 Q' as Bandeiras lhes segue, as Ordens cumpre!

Pouco havia, q' a Déspota Quadrilha
 Do Salteador Croado, (que do Téjo
 Por dólos, e perfidias s' apossára,
 E q' unido ao Inglez o Luzitano
 Presto expulsou,) sem pejo, e sem remorço
 Dos golpes recebidos, fera, audace
 Lyzia outra vez talava, ao Douro, ao Minho
 Algemando de novo; e na segunda
 Soberba Capital do Reino invicto
 Por novas fraudes seu Covil formando;
 Onde logo, á maneira d' atroz Cheia,
 Que diques não supporta, se diffunde,
 Allagando, e roubando, por Barcellos,
 Valença, Guimarães, e tu, Viçosa,
 Santa Braga Primaz; com outras Praças,
 Não Praças, mas Lugares desarmados,
 Mesmo assim não batidos, mas surprezos;
 De cuja furia, e fome nem tu mesmo,
 Patria do excelso Heroe, oh bella, oh nobre
 Villa-Real, (Real por causa duple,
 Por vetusto brazão, e por gerallo,)
 Nobre, e bella, pudeste delivrarte! . . .
 Insulto, que punir virá depressa,
 O Heroe excelso! e sua maior força

A tumida levada desparzindo
 Sobre Villa do Conde, Ovar, Vianna,
 E a mais Costa maritima indefensa,
 Talvez porque ao Bretão o passo tolha;
 Nem que de vis rasteiras enchorradas
 Susto houvesse o que vive sobre as Ondas,
 E de seus escarcéos faz jogo, e brinco!
 Estolida ambição! pois não conhece
 Q'entr'esse Minho, e Douro teve o berço
 O que de mais legitimo, mais forte,
 Cezar mais douto ao menos, outras Aguias
 Abateo, suffocou; que foi lá mesmo
 Onde primeiro olhou a luz do dia
 O que soffrer não soube jugo estranho;
 E q'inda agora nessas escabrosas,
 Nessas mesmas inhospitas montanhas,
 Para os Nunos supprir, supprir Viriatos,
 Em castigo a extorções, Silveiras brotão!

Na fecunda Provincia Trás-os-Montes
 Unia o Heroe emtanto a pouca Gente,
 Que desorganizára o prisco jugo,
 (Pouca, e vaga, q' em nova Massa firme
 Tão depressa forjar só tu puderas,
 Ministro, e General, Pereira Illustre!)
 E reliquias da infausta, q' o Tyranno;
 Ardiloso, e precauto para o centro

Extorquirá da sua Gallia infesta ;
 Sua , s' acaso he seu o q' he só roubo !
 (Mandada para alli pelo Cobarde ,
 E della temeroso , o Duque á força ,
 Junot o fementido , que primeiro
 De nobre Embaixador em torpe espia
 Se volveo , para logo em voraz Tygre
 De General volver-se ; Oves , Cordeiros ,
 Pastor , e Regio Alcaçar lacerando
 No Terreno , onde entrára como amigo !)
 Quando escuta Silveira a nova accerba
 Da subita invasão , e n' alma chora
 Q' o vil Usurpador , se goze impune
 Da barbara ousadia ! eis corre , eis voa !
 Qual nobre Emprazador , valente , astuto ,
 Q' a fim de lisongear ao seu Monarca
 Na Real montaria a piza indaga
 De mouta em mouta ao Javali cerdoso ,
 Que vergeis , e que messes devastava ,
 Até que denodado investe ao Bruto ,
 Q' em vão lhe range as rispidas navalhas ;
 Tal o Heroe destimido vai na cola
 Da Tropa iniqua ; e na tremenda Chaves
 Lh' encontra a Retaguarda : eis brame , eis freme ,
 Provar pertende logo o fio austero
 Para golpes mais fundos , que medita

Contra o duro inimigo, e o ferro insopa
 Em quinheentas gargantas dos Protervos,
 Q' expiraõ, com as vozes já truncadas
 Maldizendo ao Cruel, que fez marchallos!
 Não havendo colar, ou grito, ou ordem,
 Que suspenda os Dragões, q' alli costumão
 Ter seu Quartel, e menos os Leopardos
 Da proxima illustríssima Bragança,
 A quem aggrava a dor, e a espada amóla
 A perda infausta dos gentis seus Duques,
 Já seus Reis, cujo Nome (1) alçou aos ares,
 Inda entr' os sabres, entr' as ballas inda!
 Cança-se de matar o Braço altivo,
 E sobre a libertada Terra amiga
 De pezadas Cadéas grava o resto
 « Dos que tanto a cobição sendo alheia! »
 Salvando-lhes sómente a torpe vida
 O Sacrosanto Asilo (2), q' alli buscão;
 Pois tal hes, Religião, tal teu influxo,
 Q' inda o mais libertino, ou mais perverso,
 Involvido no prigo, por ti chama,

(1) Ao Norte foi Bragança, rodeada ainda das armas inimigas, a primeira em aclamar os seus Principes Naturaes.

(2) O Forte de S. Francisco da mesma Villa de Chaves, para onde se havia refugiado o melhor de oitocentos dos Inimigos, etc.

E tu chamada ao mais perverso acodes!

Como hum Tygre, co' a boca ensanguentada
 Em torno farejando, acceza a vista,
 Apôs de nova preza, assim Silveira
 A' frente de seus poucos, mal providos,
 Mal armados, mas Lusos, em quem sobra
 Hum brio, hum coração, que suppre a tudo;
 De Villa córre em Villa, e os Povos varre
 Da Milicia infernal, q' Aras profana,
 Virgens fórça, Decrepitos insulta,
 Honesto, e justo ignora, Ceos não teme :
 Este hoje o seu brazão, este o seu timbre,
 Avesa em tudo a tudo o q' era na pouco!
 Marcha; e por onde tende irresistivel
 O Alto Heroe, expiando Ceos, e Terra;
 De novo abate as Aguias triunfantes
 Em Marengo, Austerlitz, Weimar, e Jena;
 E ao pavez tricolor, do Mundo estrago,
 As Armas substitue, q' o redemirão!
 Ao novo Emporio da feroz cobiça,
 Precario seu asilo, ao nobre Porto,
 Que não valor, mas Cábalas rendêrão,
 Marchar quizera o Heroe sem mór delonga;
 Mas sua força escaça confrontando
 Com a torrente immensa, que dos montes
 Baixára de Gerez, a flor, e a peste

Da que dos altos Pirineos descêra
 A desolar a malfadada Hespanha,
 De proposito muda ; e á Serpe infame,
 Qual outro Scipião vedando a porta
 Ao Corisco de Cannas frio em Cápua,
 O passo vai cortar na grossa Ponte
 Da fertil Amarante, q' aos Imigos
 Tão mesquinha se volve em tempo breve!

He aqui, he no transito terrivel
 Da ponte impenetravel, onde a Musa,
 Ou Estro, q' em mim ferve, m'arrebata
 A ver o Heroe fazendo gentilezas,
 E mil prodigios d'inclita bravura,
 Quaes A'rcoli não vio, quaes não vio Lódi,
 Q' ao caprixo do pessimo Tyranno
 Outr' ora succumbirão, ou quaes mesmo
 Não vio, não fez o Jovenê Romano,
 Q' a Porsenna tolheo a ponte excelsa ;
 Desde então para os Seculos futuros,
 Ficando incerto, quem terá mór nome,
 Ou mór gloria, s' o Tamega, s' o Tybre !

Porém ai, que dos Lobos famulentos,
 Q' as campinas d'Italia, e d'Austria, e Prussia
 Impunes já pizárão, a ira, e sanha
 Não tem só de suster o Heroe famoso ;
 São tambem a perfidia, e dolo, e fraude

Dos Vulpis cavilosos , que Silveira
 Aguarda a combater ; dos feios Vulpis ,
 Que do metal roubado curta somma
 Não temem semear , porque mais roubem ;
 E o que não podem conseguir ao ferro ,
 Comprallo querem a ouro mal ganhado :
 Mas a ouro , a ferro he marmore , he de bronze ,
 Ou Luzo , q' isso val , o Heroe bizarro !

Soult se dizia o General Soberbo
 Da Caterva insolente , (grande em braço
 Entr' ella , porém inda mór no embuste ,)
 Que pago , e que vaidoso dos enganos ,
 Ou dos feios ardiz , que já lhe tinham
 Ganhado o rico Porto , e antevendo
 Que pouco a sua espada lucraria
 Contra Silveira invicto , audaz recorre
 A's outras favoritas armas suas ,
 A cizanea , e a impostura ; em vão tentando
 Ao Heroe entre os Seus volver suspeito :
 Eis que Luzo infiel , não mero Luzo ,
 Mas sim heterogeneo , sim mistiço ,
 Q' Hollandez teve o Pai , a Mãi Franceza ,
 E Corsos os Avós , segundo he fama ,
 Em Lyzia só nativo , infido , ingrato
 A' Terra q' o gerou , e o pão lhe presta ;
 Homem sem gyro certo , e só constante

No vicio, ás enxovias não ignoto,
 Perjuro, e delator, por obra, e lingua
 Mais d' huma vez marcado, e que sem pejo
 Mais de vez huma á crápula se déra!
 Malvado, e como tal acceito aos novos
 Legisladores, pelos quaes comprado
 Se deixou sobornar, e a quem servira
 Já de negro Espião, mas com a astucia
 De contra elles clamar em rúa, em praça
 Por melhor disfarçar-se! este Perverso
 S' incumbio de papel, o qual depunha
 Contra a pureza do inclyto Silveira;
 E na larga Provincia artes buscava
 De fazer divulgallo: quando prezo
 Ante o Sublime Chéfe he conduzido,
 Com o infame libelo, em si contendo
 Frazes de gratidão por beneficios
 Ao Francez, q' este nunca recebêra,
 E com falsas promessas d' altas sommas,
 Além d' outras, que diz, já lh' enviára.

Qual sizuda, e tranquilla a alva Lua,
 Sobre seu throno de marfim sentada,
 Ao bravo Atlante vê, raivoso della,
 Pelo ár espadanar-lhe as turvas ondas
 Q' ella mesmo subleva; tal seguro
 No meio da Borrasca o Heroe brioso

Ante a Officialidade lê sorrindo

O maldito papel ; e assim profere :

Solte-se o miseravel , q' instigado

Talvez da fome acerba a tal s' affouta !

E tu dize ao nefando Author da Carta ,

Que sua vil baixeza , e cobardia

O deixão a coberto de q' eu possa

Convidallo a que venha , face a face ,

E sem deslustre meu , em campo aberto

Colher o galardão , que lh' he devido

Por sua bizzarria já mostrada ;

E a respeito da sua nova Offerta ,

Agradecer-lha eu vou por melhor via ! . . .

Foge , indigno ; e c' o bazo pestilente

Nunca mais inficiones este sitio.

Disse ; e sabendo logo que não longe

De Manhufe s' acampa atroz Partida

Do Inimigo , da ponte o Heroe s' affasta

Por hum pouco , e marchando n' alta noute ,

Vai c'o dia , e c'o a morte amanhecer-lhes ;

C'o dia q' alli delles para eterno

Se despede , e co' a morte que saltando

Já do fuzil no rapido pelouro ,

Já na ponta da rigida bayoneta ,

D' hum lado , e d' outro lado os rende , os prostra

Aos pés do gram Silveira : « hide embora ,

(Clamando o Heroe aos Raros, que s' evadem)
 E ao guapo Soult dizei que novas graças
 Tem elle de render-me pelo estrago
 Destes corpos que pizo, e cujo sangue
 He para os olhos meus o melhor ouro! »
 Isto: e para o destino seu volvendo,
 Nunca mais desde então a fatal ponte
 Ceçou de mergulhar em atro sangue
 Por quinze Sóes, ou antes pelo espaço
 D' outros tantos seus gyros; pois luz sua
 Mais não rayou, envolta em fumo expeço,
 Substituindo-lhe apenas os fulgores,
 E nova densa noite dissipando,
 O dia que da boca alli chameja
 Aos Lethaes volções éneos, ou essoutro
 Que dos olhos ao bravo Heroe scintila!
 Em tanto que na Terra assim se passa,
 O que do Sacro Olympto tudo mede,
 E tudo péza, porque prôva a tudo,
 N' huma das Mãos o indulto, n' outra o rayo,
 Sobre aureo Throno, a quem docel formava
 Viva Estrella, q' ao Sol excede em lustro,
 E Outra os degrãos, a huma hora impreterivel,
 (De modo igual q' os Generaes do Mundo
 Dar usão a hora certa o Santo, e a Senha
 A' Tropa Subalterna) affavel, lhano

Ouvia as Potestades, ditas Genios,
 De cada huma Nação, de cada Estado
 Por alta Lei benefica incumbidos,
 Q' alli sobem a fim de receberem
 De Jove as Instrucções, Decretos, Ordens,
 Que lh' appiazem; no Circulo brilhante
 Hum pouco estando atraz, e triste o gesto,
 De Lyzia o Genio, e inda mais remoto
 D' Iberia o Nume, o gesto inda mais triste.

Alguns já despedira o Deos Supremo,
 Quando attenta nos dois; ao perto os chama,
 E n' hum rizo melifluo, qual não mostra
 O Pai mais terno aos Filhos q' idolatra,
 Lhes falla assim: (do Sacro Labio a hum tempo
 Grato aroma vertendo, que bastára
 A divinizar o Orbe; e á Voz sublime
 A hum tempo suspendendo as Lyras d' ouro,
 E a Solfa excelsa os Querubins, e Archanjos,
 Que lhe rendem alli Louvor Perenne!...)

» Delegados fiéis, Leaes Ministros
 Do meu Poder! Vós Numes Tutelares,
 Q' a minha Providencia, já prevendo
 Dos miseros Mortaes malicia, e dolo,
 Co' as duras traças, d' Asmodêo rebelde,
 Se dignou de crear a bem do Mundo!
 A vossa dor conheço, e sei-lhe a causa,

A meu pezar a sei, s'accaso póde
 Em mim caber pezar; pois d' igual modo
 Que dimana de mim qualquer ventura,
 Nunca o mal poderia ter effeito
 Sem minha permissão: mas os Destinos,
 Ou d'esse eterno Codigo immutavel,
 Onde tão só o Dedo meu folhêa,
 As rectas Leis, q' o Mundo chama Fado,
 Leis que m' impuz eu mesmo, e que não devo;
 Nem me cumpre quebrar, mil vezes fazem
 Que confrangido eu obre contra o proprio
 Meu desejo, dos Homens impellido!....

Em premio a sacrificios, e desvellos
 Sem conto algum da parte de Vós ambos,
 D' Hespanha, e Portugal, por hum terrivel,
 Vil monstro de fortuna, q' abusando
 De meus favores a mim proprio insulta;
 Desolados os vossos vastos Reinos,
 Primeiro com o palio d' amizade,
 E logo no mais vil descaramento;
 Roubado o vosso haver, e sangue, e honra,
 Vossas Constituições, vossos Costumes,
 Invertidos, pizados; sobre tudo
 A triste ausencia, ou roubo dos meus Caros....
 Sim, outra vez eu ousou repetillo,
 Dos meus Caros Reis vossos; são por certo

Justo motivo á vossa dor profunda ,
 Sim por mim consentida , mas sómente
 Com hum certo limite , e certo prazo ;
 Pois q' a não consentillo , ou não querello
 Arbitrio meu , sem precisão dos vossos
 Exercitos , e vossas Alianças ,
 Apenas huma leve crespatura
 Do meu Sobrolho ha muito aniquillára
 Essa turba d' insectos , ou nefandos
 Reptiz , q' ouzão chamar-se Omnipotentes ! ...

(A cujas rijas ultimas palavras ,
 O proprio Ceo tremeo sobre seus eixos ! ...)

Tu porém , immortal Genio de Lyzia ,
 (Prosegue o Deos) tu q' outras vezes muitas
 Tens provado iguaes golpes , porque causa
 Não mostras o valor , q' então mostraste ? »

» Monarca Eterno (o Genio lhe responde ,
 Por tres vezes curvando-lhe primeiro)
 Tu Rei , perante quem os Reis da Terra ,
 Imperadores , Cezares , se somem ,
 E menos inda avultão , do q' avultão
 Impreceptiveis atomos , q' exalão
 Do pantano aquecido c' os fulgores
 D' hum Sol Canicular ! ... tu me perdoa :
 Mas golpes , q' hoje sinto , aos q' outro tempo
 Eu já senti , que proporção ter podem ?

Nas outras duas vezes , pois o lembras ,
 Que Lyzia padeceo hum jugo estranho ,
 Nem estranho , nem jugo eu lhe chamára ,
 Mudando apenas de Monarca , e Nome ,
 Hum mesmo sendo o Sangue , hum mesmo o Uso ,
 Quasi huma a Mente , e huma quasi a Lingua ,
 Huns mesmos os Altares , hum Deos mesmo ,
 Tu , oh Senhor ! (curvando-lhe de novo :)
 Hoje porém , oh Deos , da fange impura
 D' huma Ilhá escrava , e toda a vida escrava ,
 Perverso Homem surgio , (s' accaso he homem
 Quem de sangue , e de lagrimas se nutre !)
 Que busca sopear a Gente livre ,
 Que levou tua gloria , e gloria sua ,
 » Por mares nunca d' antes navegados , »
 Muito inda além da longa Taporbana !
 E o mais he , que forçando as vís barreiras
 Do carcere perpetuo , que lhe déste ,
 (Ao abrigo talvez d'esse insondavel
 Destino , ou sabias Leis , que tu m' allegas ,)
 Essa corja infernal , trepando ao Mundo ,
 Veio de chofre entrar nos feios Corpos
 Dos Satellites seus , que não contentes
 Da prata , e ouro , a innocencia immolão ,
 Timbre fazem de ser Leões , ser Tygres ,
 E profanão , Senhor , as Aras tuas ;

Para mór tua injuria com teu Nome
 Na boca, e ao Coração Lusbel sómente !...
 O proprio Rei Mancebo, cuja perda
 A's priscas invasões abrio caminho,
 Lyzia o vio acabar, por honra sua,
 Sua consolação, co' a mão na espada,
 Huma Causa a mais justa protegendo,
 E propagar buscando, não rapinas,
 Mas tua insigne Fé.... ai que differença!
 Evadindo-se ao Drago famulento,
 Lá vai João Excelso, com a Excelsa
 Prole tenra, e sem sombra só de crime
 Com ella entregue á cólera das Ondas
 A quasi Octaginaria, a Santa, a Diva,
 A Rainha immortal.... oh Jove! oh Jove! »
 » Não mais (eis q' o Supremo Nume o atalha,
 E n' hum sorriso, que vertendo ao Mundo
 Então em feia, em horrida procella,
 Os ventos lh' amançou, quebrou-lhe os mares,
 Dest' arte diz :) não mais; completo o prazo,
 Que te disse, já foi, e em poucos dias
 De Lyzia para sempre vai soltar-se
 Co' favor do Bretão a Praga enorme;
 E ao seu Ministro, ou Genio d' Inglaterra,
 (Ah! daquella q' outr' ora me foi grata,
 E cujo esforço eu inda estimo, e prézo,)

Ordem nova intimei, a fim q' estreite,
 Cada vez mais, sua união contigo;
 E ao d' Austria, com os outros d' Alemanha,
 Ha pouco eu admoestei a tal respeito:
 Nem talvez tarde muito o feliz tempo,
 Em q' Iberia disfructe igual fortuna;
 Limpa de todo a próvida Seara
 Do joyo intruso da feroz torpeza!...
 Descei; e tu em Lyzia isto divulga,
 Seu Governo, e seus Chéfes confortando,
 E mórmente Silveira, porque tome
 Para novas proezas vigor novo! »

Disse o Deos: e mais rapidas q' a Seta,
 Mais q' a luz do thelegrafo, mais q' outro
 Qualquer invento humano, as Divindades,
 A través d' outros Sóes, e d' outros Mundos,
 De varias Regiões, de Gentes varias,
 A' terra baixão com o fausto annuncio,
 Novas azas prestando-lhe o desejo,
 Huma ao Gualdalquivir, com Outra ao Téjo.



C A N T O I I .

ARGUMENTO.

*Contra o Gallo a remir o Porto, e a Beira
 Marcha o Gram Welleslei co' a Tropa Unida,
 E certo da Victoria ao bom Silveira
 Ordena que do Imigo obste á fugida;
 Da Gente iniqua expende gentil Dama
 Furia, e raiya, e o Britano mais s' inflama.*

JA' então dos jardins da nova Athenas,
 Ou da recente Sparta, em cujas margens
 Borbulha rindo o placido Mondego,
 A' testa das terrificas Phalanges,
 Q' o Velho do Albião arrostra ao Gallo,
 Ao Gallo seu Rival (Rival da Honra,
 E da Virtude) o Campeão potente
 De Roliça, e Vimeiro, vez segunda

Contra elle a passos longos desfilava :
 Bordão-se estradas , bordão-se vallados ,
 As arvores se croão , croão muros ,
 Co' a Chusma que d' huma , e d' outra parte ,
 De Villas , e d' Aldeas corre leda
 A ver o Anglo , que d' Anjo apenas dista
 Em nome , em face ; e q' ao verdor dos prados ,
 (Em cuja pompa , e galla a Primavera
 Parecia esmerar-se porque amime
 Ao seu Libertador ,) hum matiz novo
 Ajuntava co' a farda escarlatina ,
 Cór grata ao coração , á alma , ao olho ,
 Q' estupidos não são , nem são Francezes !

Não menos bella , impavida não menos ,
 Co' a Tropa Auxiliar , prosegue mixta
 Parte da Luza ; e nella brilha em dobro ,
 Desvanecida do Bretão seu Chéfe ,
 Trant illustre , e tão sabio , como forte ,
 A do Corpo Academico formada ,
 Q' a Patria vendo em prigo , pelas Armas
 As Letras troca , ou Armas une ás Letras ,
 Pois Pallas , e Minerva Diva he huma ;
 Ambas quadrando ao Escolar brioso ,
 » Adonis desarmado , armado Marte. »

Essoutra , que se segue , e em quem veveja
 O Cocar , o Jaleco , a Pantalona ,

Da côr, q' anima a férvida Esperança,
 A Legião he nobre, e destemida
 Dos Emigrados fidos Portuguezes,
 Que na famosa Londres s' allistarão
 Para volver de novo á Patria afflicta,
 Trazendo á frente a Wilson denodado,
 Com quem prigo não ha, que não desprezem;
 Wilson, mais que Bretão no berço illustre,
 Mais que Luso no amor a seus Soldados,
 E cujo honrado sangue de mistura
 Muitas vezes já tem banhado a terra.

São logo cá, e lá em varios pontos
 Os varios Batalhões, q' em corpo, e gesto
 A Provincia denotão, q' os gerára:
 He primeiro a vermelha, e alta, e grossa,
 Que Lyzia cria ao Norte, costumada
 A' parcimonia, e ao rigido trabalho,
 Apta por isso a ossudos Granadeiros,
 Ou Dragões, d' horrendissimo bigode:
 Está depois a flórida, a polida
 Gente de Estremadura, e maiormente
 A da culta Lisboa, que por dada
 Aos Bailes, e aos Amores, não duvida
 Na urgente occasião correr ás armas,
 Tão ferrada em affecto, como em odio,
 Incapaz de rival, e d' inimigo,

Propensa á industriosa Engenharia :
 Depois vem a pequena, mas robusta,
 E morena, torrada pelo Clima,
 Familia d' Alemtéjo, que vezada
 Aos rebanhos, dá bellos Cassadores ;
 Soffrida por seu uso á chuva, e á calma :
 Vem de resto a bravia, imprecadora
 Raça Algarvence, que rebelde a jugo
 No seu brioso Olhão foi a primeira (1)
 Em proclamar a antiga Liberdade,
 E que por atroadores, por austeros
 Da rude Artilheria os sons estima :
 Vai dispersa por entre a Tropa brava
 A Gente, que das Ilhas florecentes,
 Colonia sua, Portugal convida ;
 Não talvez a mais iija, mas moldada,
 E submissa a qualquer tarefa imposta,
 Ou sobre a Terra, ou n' aspera Marinha.
 Forceja apôs a Gente belicosa
 O Curvado Ancião, q' em benções ferve,
 E seguilla quizera ; corre, e gyra
 Apôs ella a Donzella pudibunda,
 Que reza, e em nova purpura s' esmalta ;
 A cuja vista o bravo Cavalleiro

(1) Ao Sul de Portugal, etc.

Brinca o frizão, e o destimido Infante
 De novo se perfilla, a marcha acerta;
 Ellas, e elles s' accenão, n' huns se sólta
 Saudoso pranto, e n' outros terno riso,
 Todos s' amão, e longo adeos repetem,
 Ligeiro para alguns, e terno a muitos!

Eis consta ao Gallo a marcha inopinada
 Do pavoroso Exercito, e q' á frente
 Lhe troa Welleslei, de cujos rayos
 Inda mostra as recentes cicatrizes!
 E vendo que brigar já lhe não cumpre
 Com Turba inerme, ou povos descuidados,
 (Lobo contra Oves, e Ove contra lobos,)
 Completo em parte o primo seu intuito
 D' estragar, saquear, em mais não cura
 Do q' em pôr a seguro a rica preza;
 Nem ponto se lh' offrece mais propicio
 A' fuga, que pertende, do q' o ponto,
 Que de força menor acompanhado
 Silveira alli sustenta; e congregando
 A Quadrilha dispersa, audaz resolve
 Tentallo: . . . mas em vão; onde he Silveira,
 Ponte huma só não ha, são pontes duas,
 Huma de pedra, e de diamante a outra,
 Q' amolgar jámais soube a fogo, a ferro,
 Ou he ponte, e muralha, a qual mais rija!

Sout, ao dinheiro, e ás joias atracado,
 Na rica Praça está; Sout que vaidoso
 Do Gallego rendido, cuida insano
 Q' ha de em Lyzia manter o mesmo orgulho!
 Eis Gente sobre Gente á ponte expede,
 Q' ou não volve, ou lhe volve destroçada;
 Vendo cahir as barbaras Columnas,
 Como as folhas no Outono ao menor Sopro,
 Sem que lhes valha esforço, ou traça nova,
 De braço, ou de rodantes parapeitos,
 De que Mantua escusou, d' Eyland não vistos!
 Alli segunda vez no Sollo mesmo
 O terrivel Loison as costas vira;
 Lá o cruel Laborde em local novo
 De novo abate a tumida arrogancia:
 Ah! quantos insepultos deixa o aço
 Em pasto ás feras! quantos meio ardendo
 Bebem contra vontade o doce Rio,
 Que lhe amarga de morte! tal ditoso,
 Q' ao pelouro escapára, encrava o peito
 Na fulgida bayoneta; tal do alfange
 Se mette no fuzil; este s' empina,
 Aquelle se rebaixa, algum se torce,
 Rebola outro no chão; todos soccega,
 Irmana por fim todos morte vária!
 Perdidos d'este modo, assim frustrados

Dias e dias, sem q' hum passo avance
 O Gallo effrene, o proprio Soult emprende
 Em pessoa descer á crua lide,
 Fero audaz, mas em vão; o que já fôra
 Fogoso Rayo ao Norte d' Alemanha,
 Sobre o Norte de Lyzia agora he gello,
 He neve, he nada aos olhos de Silveira,
 Q' o repelle, q' o móe, e piza, e calca;
 E se hum pouco recua, he tão sómente
 A fim que melhor salte: d' igual modo,
 Indo, e revindo o Ariete pezado,
 Quanto mais alto sóbe, cahe mais forte
 Sobre a rude muralha, ou porta rude,
 Que rompe, e q' espedaça; ou d' igual arte,
 Do sabujo, ou da farpa ressentido,
 Na praça retrocede o feroz Touro,
 Espuma, raspa, e muge, até q' investe,
 Cavallo, e Contendor lançando aos ares!

Raiva o Gallo frenetico; e curando
 Após pequena pausa grandes golpes
 Em sangue, em honra, Gente nova aggrega,
 E torna a combater a ponte insigne,
 Mas em vão mais que nunca! ao denodado
 Heroe prestante, que sem mais reforço
 E per si rebateo fluxo, e refluxo
 Das famelicás Hostes, nesse tempo

Unido já se tinha o sempre invicto
 Illustre Beresford, q' a si tomára
 O Luzo Mando em Chéfe, e a cujo Braço
 Provado havia o Monstro a arte, e pezo
 Por outras muitas vezes, e mórmente
 Na terrível Corunha, ao lado altivo
 Do bravo, e terno Moore, ou novo Codro,
 Que, por salvar aos Seus, a si s' immóla.

Força ampliando a força, engenho a engenho,
 Vigor novo acrescia ao Par sublime
 Co' a próvida Influencia, excelsa, augusta,
 Que lh' emana dos Cinco Delegados
 Q' o Principe immortal lhe representão;
 Se por ventura número ha bastante,
 Que representar possa ao mais Virtuoso,
 Ao mais divinizado, e ao mais amavel
 Dos Principes, que Lyzia chora auzente,
 Comtigo, oh preciosissima Carlota!

Ao alto Nome seu, ao Nome sacro
 De João, que de novo esperta, aviva
 Em labio, em coração, o Heroe, brilhante
 Já prizões não conhece, nem lh' importão,
 Ou trincheira, ou reducto; e á semelhança
 Do maior dos flagellos de Deos Forte,
 Quando busca exprimir seu justo enfado,
 Do trovão subterraneo, q' em seus eixos

Faz a Terra abanar , e d' improviso
 De seus limites o Occeão arranca ,
 Quebrando a quanto encontra ; tal Silveira
 D' Amarante s' espraia , a ponte salta ,
 E sobre o Inimigo assim carrega ,
 Que bagagem , expolio , e Campo , e fama
 O constringe a trocar por vergonhosa
 Torpe fuga : . . . porém para onde , ou como ?

Igualmente quebrando a quanto encontra ,
 Ou formado , ou disperso , das protervas
 Patrulhas Inimigas , entre tanto
 Já Welleslei passára o fertil Vouga ,
 (Cujos transitos o pérfido Contrario ,
 Que brigar não costuma sem vantagem
 De posição , de forças , e d' imbustes ,
 Tolher-lhe em vão quizera ;) e a marchas longas
 Tendia em direitura á gram Cidade ,
 Q' ao Reino deo o Nome , (em honra ao Gallo ,
 Não ao d' hoje , maligno , Atheo , perjuro ,
 Mas ao antigo , Orthodoxo , pio , e recto ,
 Juntando o nome seu ;) Cidade illustre ,
 Opressa desde dias , livre , e nobre
 Desde évos , opulenta , e celebrada
 Por seu vasto Commercio , e mais que tudo
 Pelo rubro liquor inestimavel ,
 Que dá tom á saude , allegria a vjda ,

Fundos ais adormece! grato, amigo,
 E prestante liquor, o mais precioso,
 Que talvez d' igual côr conhece Europa,
 E a quem Natura prôvida parece
 Dotar não só de corpo, mas d' espirito,
 Capazes de levar seus dons intactos
 Além d' Africa adusta, além da extensa
 Multiclíma Asia, e mesmo ao Novo Mundo;
 Dignos em fim d' ornar a meza a Jove,
 E supprir-lhe ambrozía, ou doce nectar,
 Se d' exportar-lhos lá maneira houvesse!

Pouco antes a manhã risonha, e pulcra
 Rayado havia, mais gentil, mais bella
 Do que nunca, talvez pronosticando
 Surgída a Paz sobre o Paiz mimoso,
 Onde a Vide abraçando-se ao Olmeiro,
 E ao milho affavel o lugume amigo
 Da modica Pobreza, ou sustentando
 O Chopo á hera, e a Cana ao Jasmim debil,
 (Mudas increpações ao Rico avaro,
 Espancador da misera indigencia
 Q' em vão lhe roga auxilio) tudo fôra
 Prazer, ventura, amor, s' Erymnis fera
 Alli por mão do Gallo não tivesse
 Semeado o vil pomo da discordia,
 E accezo o faxo da cruenta Guerra!

De seu destino apenas curta marcha
 O Exercito distava ; e no seguinte
 Prospero dia ; dia Anniversario
 Do Principe exemplar , o Inglez jurára ,
 Que sobre as Torres do remido Porto
 O Luzo Pavilhão tremularia.

Eis que ferido o retezado couro
 A golpes certos das rotundas varas
 Alto manda fazer á Tropa insigne ,
 A fim de refazer-se o lasso corpo ;
 E , ao signal conhecido , hum estirado
 Sobre a dura patrona a face inclina ;
 Com o oleo reluzente burne a arma
 Outro mais desvelado ; este prefere
 Co' lapis côr de sangue , regras tortas
 Lavrar á noiva ausente , onde lh' exprime
 Feitos não feitos , com hum pranto eterno !
 Aquelle , e a maior parte , aos mais avulso ;
 Ou no solito rancho , sobre a relva
 Da poenta moxila á breve etápa
 Ajunta o que na prolongada via
 Comprou , e não comprou ; está a hum tempo
 De largo remoendo o grão barbado
 O Bruto , em quem primeiro cuida o Dono ,
 Grato a seu conductor , e ao seu remedio.
 Corre entretanto as filas destroçadas

O Egregio Welleslei, a cuja vista
 Fervoroso o Soldado empina a lata,
 E n'um grito geral em torno applaude
 A' Patria, a Elle, com João, com Jorge,
 Que confunde entre si, e que no affecto
 Mal distingue ou Bretão, ou Luzitano!
 Eis passa o Chéfe por brilhante roda
 De luzidos Cadetes, onde hum delles,
 Tomando a vitrea taça, alli vez outra
 Saúda á gram Nação, Eriosa, Altiva,
 Do Mar Senhora, e Arbitra da Terra,
 Tutella a Portugal, a Hespanha, ao Mundo!
 Cortez o General retoma a taça,
 E lhe faz a razão, brindando ledó
 A Varões dignos, e a fiéis Vassallos,
 De q' inda, (a expensas do veneno, e tramas
 Do commum Inimigo,) o Mundo s' honra,
 E tu principalmente, oh nobre Lyzia;
 Entre os quaes o lugar vos he primeiro,
 Tronco illustre, oh Silveira, e Vós seus Ramos,
 Oh Filho (1), oh Genro (2), oh bravo Irmão Sciente (3),
 Que sangue herdais do Heroe, e Nome, e Brio!

(1, 2, 3) Os Illustrissimos Senhor Manoel, Senhor Bernardo, Genro e Primo, e Senhor Antonio da Silveira, etc.

Tu exímio Fonseca (1), tu Miranda,
 Tu Bacelar, tu Lopes, tu (2) Botelho;
 Nem Vós m' esquecereis, oh Castro (3), oh Sousa (4);
 Com vosco, oh Três impavidos (5) Cabreiras;
 E Vós ambos, hum, e outro Leite insigne,
 Ignoto (6) para mim, ou Tu (7) q' as flores
 Da Juventude eu realcei comtigo,
 Em Horto mais sadio, em Sol mais bello!
 Tu, oh inclito, oh Nobre Lavradio (8),
 E Tu, oh Nobre, oh Inclito Ribeira (9),
 Q' Ordens, q' hoje cumprís, dareis hum dia;

(1) O Illustrissimo Senhor Agostinho Luis da Fonseca, Coronel do Regimento de Infantaria número 9.

(2) Todos estes assás se distinguem pelos seus meros Appellidos.

(3) O Major da Cavallaria número 9. Senhor Martinho Correia de Moraes e Castro.

(4) O destemido Sargento Francisco Luis de Sousa, que tanto se distinguio sobre Penafiel contra forças muito superiores.

(5) Irmãos bem conhecidos, e a quem muito particularmente se deve em grande parte a Restauração dos Algarves, etc.

(6) O valente Alferes Alexandre Leite, etc.

(7) O Excellentissimo Senhor Francisco de Paula Leite, Tenente General, e Governador da Praça de Elvas.

(8, 9) Os Excellentissimos Marquez do Lavradio, e Conde da Ribeira; ambos Ajudantes de Ordens do preclaro Heroe, etc.

E outros (1), em quem poder não acha a morte.

Era na roda hum Capitão Mancebo,
 Só provector em valor, esbelto, airoso,
 Destro em pé compassado, e voz arguta,
 Q' o subtil dedo á Cithara ajustava;
 Joven q' ao secundissimo talento
 Unia alta lição; votado ás Muzas,
 Para croa de tudo! mas infausto
 Em lances da fortuna, ou seus favores;
 Lézo d' amor mil vezes, mil ferido,
 E morto mil, s' amor morrer deixasse,
 E aos golpes do ciume por triaga
 Não guardasse em reserva hum brando rizo;
 Rizo onde a alma deixa de ser alma,
 Tino, e razão perdendo! o qual nascêra
 Na gram Villa (2) a quem rega o Sado opímo,
 Tão conhecida pelo çumo grato,
 Que do fragrante almiscar tem seu nome,
 E o salso humor gelado, de q' o Moço
 Assás inculca o moscatel na fraze,
 E no conceito o Sal: Este de novo,

(1) Seria difficil, e quasi impossivel nomear todos os que nesta Campanha se fizerão Benemeritos da Patria, etc.

(2) Setubal: disculpe-se ao Vate em huma Obra Patriotica esta commemoração da Terra que lhe deo o Ser, etc.

Libando o térso Copo , assim promulga :
 » Vai por ti outra vez , por ti mil vezes ,
 Oh Welleslei , oh sabio , oh forte , oh bravo ,
 Cujos esforço ha brilhado em mais d' hum Mundo ,
 E em muitos brilhará ! ... Sim , Chéfe Illustre ,
 Meus Votos são por ti , e pela honrada ,
 Honradora Nação , a frente cuja
 Preside o Rei , q' em suas mãos sustenta
 A ancora salutar , e a prança immune
 D' Europa naufragante ! e a quem debalde
 Concede a primazia sobre as Ondas
 O Inimigo feroz , porque s' arrogue
 A sua sobre o vasto Continente : ...
 Não , não ! qual és nos mares , tal na terra
 Tu és , ch Gente excelsa ! se nos mares
 Em ti fervem Gervís , Nelsôns refervem ;
 Com Beresford na terra , e , Arthur , contigo
 Brotão rijos (1) Ebêns , rebrotão (2) Maynes ! »

(1, 2) Os muito Honrados , e Valorosos , Barão de Eben ,
 no Exercito de Portugal , ultimamente Governador da mesma
 Praça de Setubal ; e o Illustrissimo Brigadeiro Guilherme May-
 ne , no de Hespanha : debaixo destes Nomes eu quizera igual-
 mente contemplados innumeraveis outros benemeritos Inglezes , que
 em ambas as Nações tem patenteados o seu Heroismo , etc. Veja-
 se principalmente a respeito desta Gloriosa Campanha o Officio

Parte o Chéfe dalli , e em turno pleno
 Ao Estado Maior as ordens passa
 A fim d' executar-se o douto Plano ,
 Que no proximo assalto s' ha proposto :
 Pasmão os Cabos , Subalternos pasmão
 Do tom sublime , e magestoso imperio ,
 Q' a Victoria antecipão ! mais que tudo ,
 Tudo encanta ao rigor da disciplina
 Affago e rizo annexos ; rizo , affago ,
 Q' o Bretão generoso amplia , estende
 Aos lacrimosos Exules infaustos ,
 Que da Cidade evadem noite , e dia ,
 Fugindo á servidão , buscando azilo
 Na Tropa Combinada ; amiga Tropa ,
 E no gram Welleslei , que terno , e bravo
 Os acolhe , os provê , os interroga
 Sobre a força , e projectos do Inimigo ;
 Seu porte iniquo , e barbara conduta .

Foi então que discreta , pulcra Dama ,
 E que d' idade apenas contaria
 Cinco lustros , a passo nobre , e grave ,

transcrito no Supplemento Extraordinario da Gazeta de Lisboa
 número 21 ; e dado na Cidade do Porto em 12 de Maio á sua
 Corte pelo proprio Excellentissimo Tenente General Welleslei ,
 etc.

De negro escasso véo coberta a fronte ,
 E longa cauda a rastros , baixo o rosto ,
 Alto o Seyo por novas esperanças ,
 Rompendo affouta o Circulo infelice
 Da gente vagabunda , s' apresenta
 Ao summo General ; sizuda , honesta ,
 Ao carmim proprio o da modestia unindo ,
 Solta pelo hombro eburneo a trança loura ,
 Macerados , e lividos os olhos ,
 (Assim mesmo gentís , e em cujos rayos
 Parece q' inda tacitos s' esculpem
 Mil trofeos de preteritas victorias
 Sobre almas ternas , corações sensiveis ,
 Da virtude , e d' amor sómente propios)
 Buscando em vão suster hum lindo pranto ,
 Q' a volve mais jucunda , e bella em dobro ;
 Da longa estrada as vestes mal tratadas ,
 Ah ! e a pezar seu fundo á alva carne
 Do lizo pé trahindo a rota seda !
 Com dois tenros Mininos , Filho , e Filha ,
 O Filho pela mão , a Filha ao collo :
 Eis lavra ao vèlla subito murmureo
 Por entre a Tropa que s' apinha em torno ,
 Alguma licenciosa , honesta alguma
 Varia , em varios affectos repartida !
 » Senhor (começa a Dama o véo depondo

Com profunda mezura) se pertendes
 Duras maguas ouvir , a mim m' escuta ,
 A mim q' os insondaveis Ceos fizerão
 Triste emblema da minha Patria triste ,
 Que vio atrocidades , quaes não vião
 Nem Leiria , nem Evora , nem Béja !
 Era mais que medíocre a fortuna ,
 Q' eu gozava ; avultado Patrimonio ,
 Herança de meus Pais , e fructo a hum tempo
 Da laborante , e desvelada agencia
 D' hum Marido , ai de mim ! o mais amavel :
 Nesse dia fatal , em q' huma nescia
 Insubordinação abrio as portas
 Da misera Cidade , q' arrogante
 Talvez não cederia d' outro medo ,
 (Tumulto , que nem mesmo suster pôde
 Tua Voz Sacra , oh inclito Prelado !)
 Tudo perder-se eu vi ; rotos meus cofres ;
 Extorquido o suor de muitos annos ,
 E o resto d' huma esplendida mobilia
 Immolado ao rancor do Sabre duro !
 De dois Irmãos , q' eu tinha o mais idoso
 Militar era , e victima funesta
 Foi d' arcabuz maligno , sem mais crime
 Que cingir a seu lado o Patrio ferro ;
 Outro sem culpa mais q' o Sacerdocio ,

Cahio morto abraçado ás Santas Aras !
 Minha propecta Mãi , com outra minha
 Irmã donzella , envoltas na terrivel
 Alluvião maldita , de meus olhos
 Arrancadas me forão : . . . Ceos ! guardai-as ,
 Ou ao menos fazei , que sejam mortas
 Sem quebra a si , e sem injúria á Patria !
 Fiel Criado , q' a meus Pais servíra ,
 E a seu cólo me trouxe , nobre , honrado ,
 Bizarro , generoso , compassivo ,
 Inglez por fim , oh Sir , da Nação vossa ,
 Tendo-me acautelado o dia inteiro ,
 Salvar-me pôde na profunda noite : . . .
 Mas ai d'elle , ai do misero Filhinho
 Meu primeiro , e enfermo q' em seus braços
 Conduzia ! o tumulto , o susto , e as trévas
 Delles me desgarrarão ; e mais delles
 Até hoje não pude haver noticia .

D'estes o Pai (aos filhos apontando ,
 E ao grato nome olhando em roda os Filhos
 Para ver se o descobrem) o Pai d'estes ,
 E d' outro , a quem o Ceo poupou taes Scenas ,
 Oh ! como o contarei ? morto já fôra
 Na cruenta manhã do mesmo dia ,
 Não ás mãos (oxalá !) dos vís contrarios ,
 (Q' inda então em distancia só se vião ,)

Por seu Deos , por seu Principe , o seu peito ,
 Espondo ao ferro , e ao fogo ; porém morto ,
 (Ai que dor !) por estolida Cegueira ,
 Dos seus mesmos : em tanto q' o prudente ,
 Varão discreto cumprir buscava
 Anarquia , ou desordem , que foi causa
 Da Catastrofe infausta , hum falso zelo ,
 Ou zelo intempestivo , faz cabillo
 A hum cento de punhaes , co' a nota horrivel
 D' infame Jacobino : ... (1) ai , ai q' affronta ,
 Q' impostura ! eu , Senhor , a cada instante
 O tratava , eu o ouvia ; quantas vezes
 Os nossos mutuos ais se confundirão
 Os desastres da Patria condoendo ?
 Vezes quantas ao justo Ceo voarão
 As imprecções nossas contra o Monstro ,
 Origem de mal tanto , e tanto estrago : ...
 Não mais , oh Sir , não mais , isto sómente ;
 S' hum dia em ti couber authoridade
 De punir aleivosos , não te fies ,
 De sinistros informes , ou de vozes
 Mal expressas , ou mal interpetradas ;
 Querer do coração julgar por ellas

(1) Uso desta palavra como a mais vulgar , e tão conhecida commummente em toda a sua acceção , etc.

He arrogar-se o Homem regalias
 D' hum Deos grande, o qual só penetra, e sonda
 O Pensamento humano! se julgares,
 Por factos o pratica, ou documentos
 Irrefragaveis; e inda nesse caso
 Distingue, oh General, a culpa, ou crime,
 Talvez forçados pelo atroz cotéllo;
 Do que livre peccou por má vontade!
 S' acaso » avante a Dama proseguia,
 Mas improviso ruffo, dando a Sanha
 De finalizar a hora de repouso,
 A's armas chama; e o General, exacto
 Em cumprir o primeiro as ordens suas,
 Da Dama se despede, e digna escolta
 Faz q' a salvo a conduza, e recommende
 Debaixo de seu nome á Corte excelsa;
 (Pois tanto val prostrar o vil delicto,
 Como erguer o virtuoso em lance adverso)
 E taes vozes extrahe do peito ao labio:
 » Vai, oh Bella, oh Formosa! e longe destes
 Sanguinolentos Campos, onde a morte
 Por instantes derrama o negro Calix
 De todo o azebre seu, em melhor Clima
 Busca ar mais digno dos Jasmins, das Rozas,
 Q' a face te matizão! vai segura;
 E s' Arthur he Inglez, s' Arthur não mente,

Por esse vivo Lume , que nos olha ,
 Neutro , imparcial a nosso pranto , ou rizo ,
 Por tudo o q' ha na Terra de mais Sacro ,
 Por Jorge , por João , eu te protesto ,
 Que tu , e teus Irmãos , teu caro Esposo ,
 A Patria Afflicta , e o Ceo com ella oppresso ,
 Dentro em pouco obtereis Vingança justa ! »

Disse : e pelo seu mesmo Heroico braço
 Subindo a grave Dama a Coche idoneo ,
 Parte ella á fresca Abrantes , donde embarca
 No fertil Rio , em cujo espelho ondêa
 Seus 'Torreões a Capital brilhante ,
 Q' o Sol vê derradeira , e lêdo morre !
 Mais por extenso então , e mais d' espasso
 Contando a Nobre Dama os Casos tristes
 Da funesta Provincia , q' assim feios ,
 Horrosos , quaes são , alli narrados
 Pela boca gentil , dão gosto , aprazem
 A' fausta Companhia , q' os escuta ! . . .
 Mas ah ! não só a nauta Comitiva
 Lhe presta ouvidos seus ; presta-lhe ouvidos
 Não menos o almo Téjo , que , suspensa
 Do Leito seu aurifero a musgoza ,
 Gotejante grizalha , a vai seguindo ,
 E a fria Urna lh' esparge manso , e manso ,
 Ouvindo-lhe as querellas lastimosas ;

E apenas ella acaba, elle começa :

» Ai de mim ! ai de mim ! tranquillo, e brando,
 Sem m' importar jámais o lar alheio,
 Vendo ferver no peito a meus Nativos
 O denodo, o valor, o brio, a honra,
 Longe d' Amigos, longe d' Alliados,
 Por bravios tufões, Certões rebeldes,
 Além do vasto Atlante, além do Ganges,
 Eu os mandei Croar d' immensa gloria,
 E de proveito encher o Mundo inteiro ;
 Ou se no seu Paiz tomárão armas,
 Foi tão sómente a fim de repellirem
 Insulto, e força, que soffrer não sabem : . . .
 Que tem hoje comigo estranhas Gentes ?
 Ou q' ultraje eu lhe fiz, para m' impõem
 (Ah ! tal não me escuteis, oh Castro, oh Nuno !)
 Debaixo d' amizade Leis severas,
 A q' as não provoquei ? . . . Será meu Crime
 Minha fidelidade ao prisco Amigo ?
 Será minha Virtude a que merece
 Q' exilada eu lamente a Prole excelsa,
 Meu antigo prazer, delicias minhas,
 Que, sorrindo a hum Hospede gravante,
 O possivel favor lhe recommenda,
 E q' antepoz a hum Reino, e a seus deleites
 Serenidade, e paz d' hum Povo Amavel ?

Ou vem segunda vez a Seyta iniqua
 Minhas Terras talar , porq' a primeira
 Meus Arsenaes lh' abri , e meus thezouros ?
 Mas eu não , minha fé , lisura minha ,
 Character sempre do potente , e forte ,
 Lhos abrio ; pois o Barbaro sabia ,
 Q' ao ferro , que foi rayo em Dio , em Ceuta ,
 Combater só podia com cilladas ,
 E falso riso armado , q' o Preverso
 Inda soube escoltar de riso , e armas
 Da nobre Iberia , q' illudio não menos ,
 Orfa , como eu , envôlta , como Lyzia ,
 Em opprobrios , em lagrimas , em lucto !...
 Ai ! ai ! » e suffocado em nova magoa
 Frente , e dor mergulhou debaixo d' agua !



CANTO III.

ARGUMENTO.

*Prodigios de Valor tendo já feito
Na Ponte insigne, ao Barbaro, que mostra
Sua fraqueza, e foge apôs desfeito,
Silveira novamente ataca, e prostra;
E sendo inutil já, que mais prosiga,
Descançar busca da horrida fadiga.*

VOLVE a marchar o Exercito da mixta
Gente guapa, a melhor q' admira o mundo
Em brio, arte, ou policia! e maiormente
Depois q' enthronizado o baixo Corso
Essa França, q' achou subida ao auge
Do lustre, e gloria, anivelou de novo.
Aos tempos da barbárie a mais extulta,
Fazendo-a recuar evos dezoito

Do timbre , e do splendor , para os costumes
Da cruenta , bizonha Cafraria !

Por armas , por bayonetas , por espadas
Reproduzido o Sol , brincar parece
Reflexo seu , reacendendo os ares ,
E rival do Fuzil cegando os olhos :
Após este relampago aturado ,
Obra dos Homens , seguem-se estampidos
Do longo seu trovão , ou pezo enorme
Da grave Artilheria ; vale , e monte
Inda muda esturgindo ; mais activos ,
E mais estripitozos pelo surdo
Extrondo adjunto dos ferrados cascos
Da possante , veloz Cavalleria :
Surge aqui , surge alli em varios pontos
Da ambulante cerulea Massa rubra ,
Matizada dos pulcros Estandartes ,
Muzica áalternativa , cuja acorde ,
Grata assonancia os animos suspende ;
E a cujo accento , della compellido ,
O Camponez , ou rustico Paizano ,
Ajusta o pé , cabeça , e peito altea ,
E alistar-se quizera á Tropa ufana : . . .
Mas Gente mais não quer , mais Gente escusa
O inclito Welleslei , q' ao bom Silveira
Ordem fez expedir porque sustente

O seu posto (ou borrão da Turba invicta,
 A quem Pyrineos, e Alpes se curvárão,
 E não ousa transpôr estreita ponte)
 A fim de q' a mais prompta retirada
 Cortar possa ao Imigo, caso a tente;
 Ordem q' ao bravo Heroe molesta, e afflige,
 Ao Heroe, que dos proximos Contrarios
 Tendo varrido os Campos, fausto, e ledô
 Trocaria o Bastão pela Xibata,
 A fim de q' o primeiro fosse á frente
 Dos que buscão remir o Patrio Solo!
 Mas he subordinado, he Luzo velho,
 E justa submissão o prende, e ata.
 Já aos olhos da Tropa irresistivel
 Alvejavão ao longe as grossas Torres
 Da cativa Cidade, e aos Ceos subia,
 Mixta em fogo, pyramide volante
 D' alto fumo, signal, ou certo indicio
 De que na Casa estranha, á custa alheia,
 Famintos preparavão novo pasto
 A' furia, e raiva os Brutos carniceiros! . . .
 A dor s' aviva, a chaga se renova
 Nos fidos Corações co' a triste imagem;
 Mas a chaga se rasga, a dor delira,
 Quando aos Corações fidos se figura
 Nos Patrios Muros a Aguia petulante,

Q' as Lyzes devorou, e que quizera
 Ao Mundo devorar, e a muitos Mundos!
 Estão ao mesmo tempo por janellas,
 Por eirados da lugubre Cidade
 Olhando ao longe trepidas Donzellas,
 E curvos Anciões, a Gente amiga,
 Que resgatallos vem; co' as mãos alçadas,
 A furto do Inimigo, e o pranto aos olhos,
 » Promettendo jejuns, e Romarias; »
 Ellas, elles, com Virgens, e Meninos,
 Aos Ceos rogando o êxito felice,
 E o prospero Despacho á Santa Causa.

Eis q' o soberbo Sault, q' a si chamára
 A Corja derramada, e forças novas
 Acquiríra c' os Tygres rechaçados
 Da desastrosa Tuy, grossa Columna
 Expede contra a Gente bellicosa:
 Misero! q' inda pensa talar Campos
 D' Egypto incerto, ou vacilante Auzonia,
 Onde o terror do nome pavoroso
 As victorias lhe dava, sem primeiro
 As Batalhas travar! qual prenhe nuvem,
 Q' alto estragô ameaça, e surda a preces
 Do Lavrador afflicto cresce, e rola,
 Até q' estoira em fim, e na enxorrada
 Gado leva, e Ceara, e Choça, e Dono;

Tal Welleslei impavido caminha
 A seu destino, contra a turba audace
 Leve Partida destacando apenas,
 Que baste a castigar-lhe o louco intento.

A ti, oh Luzitano, oh forte, oh bravo
 Número Dezaseis, ao flanco invicto
 De não muitos Bretões, a ti convinha
 Seres do fausto Dia a prévia Aurora,
 Levando á tua frente o forte, o bravo,
 Destemido Machado (1), que n' hum tempo
 Nome, Sangue, e dever desempenhando,
 Racha, fende, expedaça, abate, e prostra
 Do feio orgulho o barbaro Colosso!

Deo signal a trombeta Luzitana,
 E como hum rayo o Portuguez desfecha
 Sobre o Gallo, que treme, que s' assombra,
 Por terra cahe; ou senão cahe por terra,
 Aos pés confia a vida, e á vida o ouro,
 Que soffrego da preza trás comsigo:
 He em vão que na fuga elle s' acoita
 A penedos, pinhaes; pinhaes, penedos
 Com o Gallo ante si arrastra o Luzo,
 Até q' em sôlta debandada os fórça

(1) O Excellentissimo D. Luiz Machado, Coronel do mes-
 mo Regimento, etc.

A buscarem na Praça o seu refugio.

D' igual sorte q' a polvora expargida
 Sobre o longo rastilho, em direitura
 A' mina abrazadora, q' inflammada
 N' hum só extremo, subito s' atêa
 No extremo opposto; assim com o fermento
 Do breve choque, ou leve escaramuça
 Das Guardas avançadas effervece
 A Massa inteira, que rebenta, e funde
 Após o vil Contrario, o qual precauto,
 Depois de a ter passado, a ponte queima,
 Ou as barcas, que sobre o Rico Douro
 A' nobre Capital o passo guião:
 Porém em vão! de barcas, ou de ponte
 S' escusa Welleslei, que vôa, ou nada,
 (He inda incerto o como!) e vai de volta
 Com o Inimigo entrar na grãm Cidade.

Muza, q' inda a intervallos me visitas,
 Mas por pouco; talvez horrorizada
 Do teu Hospede infausto, cego, e lezo,
 Em funebre morada! rouco, e lasso
 D' espivitar, entre ais, a luz morbosa
 Do roto alampião!... ah! não me deixes;
 Do eterno salutifero teu fogo
 Fortalescendo ao labio amortecido,
 Dá q' eu minha tarefa em fim conclua,

Expondo avante as inclytas Proezas
 De Welleslei, e de Silveira insigne,
 A par de Beresford; todos tres Luzos,
 Ou todos tres Bretões! tal zello os liga
 Contra o maligno Déspota inhumano,
 Meu rival, teu rival, rival das Artes!

Ceos! novamente expulsa de meus olhos
 Essa nevoa, q' o Sol lhes encobria,
 Eu vejo mais que nunca encarniçar-se
 O Demonio da Guerra, a largos sorvos
 Bebendo raiva sua o sangue humano! ...
 Soult, que vaidoso de Canhões duzentos,
 Na Cidade aprehehdidos, e fiado
 No invadiavel Rio, em lauta meza
 Ebrio talvez, ou tonto s' esquecia
 De que tem q' oppugnar Bretões, e Luzos,
 Para quem não ha muros, não ha mares,
 Q' ouzados não arrostrem, não transponhão,
 Quer ao damno acudir, e já não póde:
 Suas Guardas, e Rondas, e Piquetes
 Surprehendido vê tudo; nem permite
 Soffrega Parca encher-se-lhes o vacuo!
 Quando quer montar o Hússar, cahem feridos
 Cavalleiro, e Cavallo, o chão mordendo;
 Antes q' o sabre arranque, ao chifarote
 Perde a vida o Infante, e varre a terra:

Primeiro q' o Canhão vomite a morte,
 Ou desmontado foi, ou volta o estrago
 A' mão q' o carregou; inteiras fillas,
 Depressa organizadas, mais depressa
 São rotas, são desfeitas; sobre o lodo
 Inulta se revolve a Tropa invicta
 Do grã'm Napoleão! aqui desmaia
 Hum dos valentes, q' escalou primeiro
 A muralha em Madbourg; além falesce
 O que montou primeiro em Ulm a brexa;
 De galões, d' honorificas medalhas
 Juncado está o chão: . . . de rua em rua,
 De praça em praça rios d' alto sangue
 Crimes da Gente insana lavarião,
 Se lavar-se podessem crimes tantos!

Welleslei, que na sórdida Matilha,
 Ao supplicio arrastada, não quizera
 Manchar o ferro seu, a grandes gritos
 Chama por Soult! . . . mas Soult facinoroso,
 Só cauto, e prevenido, e só Soldado
 Em matar, e roubar, e que já tinha
 Na vespera ordenado o Saque extremo
 Da misera Cidade, mal que sente
 A peleja travada, sacrifica
 Ao rigor inimigo alguma Tropa,
 Que sirva a divertillo; e a toda a brida

C' os Satellytes seus, como elle fracos,
 Aleivosos como elle, se retira,
 E carregado d' ouro, e de vergonha,
 Acantonar-se vai sobre Valongo (1).

Já de posse o Bretão da Praça illustre,
 E certo de q' aos prófugos cobardes
 Silveira baste em retardar-lhe o passo,
 Cuida em conciliar a Grey dispersa
 Pelo Oppressor iniquo; Graças rende
 Ao Senhor dos Exercitos; celebra
 O Anniversario ao Principe saudoso;
 Ao Povo afflicto as lagrimas enxuga;
 Sua alma generosa até s' esparge
 Sobre os proprios enfermos, q' o Perverso,
 Tão só cuidando em si, abandonára;
 E sahe logo a buscallo sobre o novo
 Seu azilo!... mas ah! o grande Chéfe,
 Q' outr' ora militou sob Estandartes
 Do nobre Pichegrú, que vio manobras
 Do sem igual Moreau, já de taes Mestres
 As lições deslembrando, e só lembrado
 D' estratagemas, dollos, e perfidias
 Do Corso usurpador (quando devia

(1) Pequena Aldéa, distante duas legoas da grande Cidade, etc.

Procurar huma airosa retirada ,
 Propria d' hum General , e competente
 A's forças q' inda tinha) em torpe fuga ,
 Sem caixas , sem rumor , na densa noite ,
 Qual vil Salteador , elle se lança
 Por entre emcruzilhadas , e rochedos ,
 Não cobrindo inda assim a retaguarda
 Das batidas Legiões , porq' o primeiro
 Seja ao prigo ; mas sim á frente sua
 Para o primeiro ser , q' ao prigo escape !

A' maneira d' hum rico , mas avaro ,
 Destro Especulador , que dia , e noite
 D' elevado mirante olhos não tira
 Da conhecida foz , por onde espera
 Dos remotos Brazís , ou do Levante ,
 Bojudo Galião , de quem fiára
 Todo o seu Cabedal ; não d' outro modo
 No seu posto o impavido Silveira ,
 Inquieto , insoffrido pelo estrago
 Dos Vandalos modernos , d' alto serro
 Co' a vista perspicaz , ou longa lente ,
 Estradas e veredas atalaia ,
 Huns sobre outros Piquetes expedindo
 Pela vasta Provincia , pezaroso
 De q' ha dias o Imigo o não visite.
 Foi n' uma destas pausas , n' uma tregoa

Entre a vida , e entre a morte , onde hum Tenente ,
 Artilheiro , inda Moço , e sempre Moço ,
 (Para quem não ha Nome , ou Alfabeto
 Adequado a formar-lho) acompanhado
 D' outros dez Camaradas , escolhia
 Idoneo sitio , a fim que nelle acesse
 Pezado , enorme Obuz ; quando sentido
 D' huma Patrulha imiga , de ´quarenta
 Dragões , foi della subito assaltado :
 » Parabens ! (gritou elle , vendo ao longe
 Avançar-se o Contrario) o Ceo benigno
 Alvo nos quiz prestar para ensaiarmos
 Nosso trabalho ! » e tiro sobre tiro
 Por si mesmo elle expede , com q' a muitos
 Fez tarde arrepender do nescio arrôjo :
 Sôa o estrondo , tōca se rebate ,
 E a cada golpe , q' o tambor soffria ,
 Hum cento alli correndo dos valentes
 Soldados , sahe Silveira , e á frente sua
 Voa ao sitio : ... mas ali ! a nado em sangue ,
 Todo elle retalhado , e só no aspecto
 Illeza a raiva , sobre o chão jazia
 O misero Official , na mão já fria
 Accezo inda o murrão , extincta a vida ! ...
 O Chêfe , que tal vê , de si s' esquece ,
 Ou se lembra de si , Amigo , e Homem ,

E ao Chéfe esquece : eis geme , eis grave pranto
 Nas faces lhe borbulha , e o grato Espolio
 Nos braços apertando desejára
 Trocar com elle a sorte , ou morte illustre.

Por entre as tristes alas , precedido
 Da lugubre Sineta , e atrás o rouco
 Tubo destemperado , conduzido
 Já era á urna o palido cadaver ,
 Quando a precipitado passo longo
 Provecta , agil Matrona , (a conta aos annos
 Em cãs mostrando e rugas , como o tronco
 Em casca e lenho ;) altiva , e ladeada
 Por dois Adolescentes ; elles , ella ,
 Com a fronte enramada , e de purpureas
 Faustas roupas , e o rizo em labio , em olhos ,
 Affouta encara o funebre semblante : ...
 » Elle , elle he ! (ella diz) não m' illudirão ;
 He o Irmão vosso , e graças ao Ceo rendo !
 (Fallando para os dois) o Irmão he vosso ,
 Q' inda vive , e respira ! vós sómente
 Os mortos , vós são só á Patria os mortos ,
 Q' inda talvez folgais , quando ella geme !
 S' acaso nós Mulheres não brigamos ,
 Indulto he por gerar , e criar filhos
 Em sacrificio á Patria : infortunosa ,
 Triste de mim tão só , porque não pude

As feridas banhar-lhe , ou pelo menos
 Cerrar seus olhos na ultima agonia ,
 E com elle abraçar-me ! se vós outros
 Não aspirais desde hoje , á mesma gloria ,
 Por meus vos desconheço , e tereis mesmo
 A minha maldição ! . . . » disse , e seguindo
 O tardo funeral , mal que chegado
 Foi ao Quartel postremo o Corpo frio ,
 Ella com suas mãos foi a primeira ,
 Sem hum suspiro só , em expargir-lhe ,
 E desejar-lhe leve (1) a grossa terra.

Não bem a triste Scena era passada ,
 Quando outra igual , pathetica não menos ,
 Nos arrayaes succede : Velho ruço ,
 Grossas pelles vestindo , o passo froxo
 Firmando em rude baculo , mão , perna ,
 Queixo , e barba tremendo , alli s' avança ,
 E dest' arte a Silveira a voz dirige :
 » Senhor ! hum desses Moços respeitandos ;
 Que surprehendidos no fatal Outeiro
 Hostia forão da Patria , era meu Filho ,
 E o terceiro dos meus , q' ao ferro agudo

(1) O factó , levemente ampliado neste Episodio , foi certo na sua maior substancia , etc. Outro tanto se pôde quasi affirmar a respeito do Episodio seguinte , etc.

Cahir eu vi nest' horrída Campanha ;
 Triste de mim no inverno de meus dias ,
 Q' á Patria já não posso brotar fructo ,
 Ou as armas suster , que já sustive ! . . . »
 » Benemerito Ancião (o Heroe o atalha)
 Logo que justa folga mo permitta ,
 Juro-te que serás indemnizado
 Do teu damno : » Senhor , não essa a graça
 (Lhe torna o Velho) q' exigir eu venho ;
 Poucas Oves , que guardo , com seu leite
 O sustento me prestão ; a lâ sua ,
 Fiada pelas mãos de tenra Filha ,
 Tecida logo pela Mãi caduca
 Veste a parca Familia ; outro Pequeno ,
 Que lustro e meio contará d' idade ,
 Oh s' ás armas servisse ! ora mugindo ,
 Ora sachando , ajuda os Pais cançados :
 Durante a Patria em prigo , de qual uso
 Me servirá mór lucro ? d' entregallo
 Ao fero Usurpador , comprando a ouro
 O saqueado a mim , e ao meu Vizinho ?
 Antes morte , Senhor , que ver tal lucro ! . . .
 » Q' exiges pois de mim , oh Velho honrado ,
 (Lhe pergunta o Heroe ; e o Ancião responde)
 Isto só : inda tenho hum quinto Filho ,
 Porém ai ! mais não conta que tres lustros ,

E hum anno inda lhe falta, com mais duas
 Polgadas só d' altura, a fim que goze
 Requisitos da Lei; mas assim mesmo
 Mais d' huma vez já tem sacado o agno
 Ao Lobo tragador! mais de vez huma
 Na luta entre os Zagaes de mórtilidade
 Tem feito respeitar o seu Cajado,
 Em que sabe fazer todo o manejo
 D' arma, como fazello nunca eu soube!...
 Dispensai, oh Senhor, eu vo-lo rogo,
 A Lei vós dispensai a seu respeito,
 Assentand'c-lhe praça: ou por máo fado,
 (E nisto lhe ajoelha) se meus votos
 Nada vogão, nem da ávida Reciuta
 Desejo vale, e pranto, pelo menos
 Valhão-lhe, oh General, as surdas vozes
 De tres Irmãos, já mortos q' o convidão
 A' mesma gloria, sobre igual Carreira!...

Oh Nobre, oh Grande, oh Portuguez, oh tudo,
 Digno de ter nascido em Grecia, ou Roma,
 Se Roma, ou Grecia Lyzia não valesse!
 (Silveira eis grita, erguendo-o nos seus braços)
 Teu Filho já não he, não he teu Filho,
 He meu, he meu! he Filho, he Camarada,
 He Hospede, he Amigo de Silveira!...
 Vai oh bom Velho; manda-mo, e os Ceos pios

Hão de fazer q' em doce paz serena,
 Por longos annos as Virtudes tuas
 Disfrutem o prazer de tello ao lado,
 Porque cerre os teus olhos, já sem lume! »
 Disse, e de novo o abraça; o bom Sarrano
 Humilde a mão lhe beja, e se retira,
 Mais ledô, mais ligeiro, que viera.

Eis que volve Silveira ao ponto primo,
 Chorando inda o Amigo, e suspirando
 Por encontro opportuno, em que lhe vingue
 Os Manes, e o assassinio; quando escuta
 Q' através de Caminhos tortuosos,
 Por via inopinada, austera, e feia,
 Que mais affeia horrivel tempestade,
 Propicia commummente a malfeitoses,
 A salvo o Inimigo s' evadira,
 Bem que roto, sem ordem, sem bagagens,
 E bem que Welleslei lhe vá na cóla!...
 Não homem, não vivente, não sensivel
 He já Silveira! he fogo, he labareda
 Que brota, que sibila; ser folgára
 Corisco, ou rayo, que das mãos de Jove
 Mais rapido, e veloz q' o pensamento,
 Desce ao Carvalho annoso, e o come, e o traga,
 O Sitio em que medrou, deixando apenas,
 Escaldado esse mesmo, e denegrido!

» Soldados (elle diz) tudo he frustrado !
 Não quer , não quer talvez o fado adverso ,
 Que de cahir ao nosso ferro agudo
 Disfrute a honra o perfido contrario ,
 Digno só do patibulo ! Eia , amigos ,
 Meus nobres Camaradas , Irmãos d' armas !
 Pouco faz qualquer Luzo , que não briga
 Contra seu proprio fado ! Eia corramos ;
 Se Tropas já não ha para investirmos ,
 He não menos do nosso insigne cargo
 Charnecas alimpar , varrer montanhas
 D' infames bandoleiros , vís banidos ! »
 Diz : e á frente da pouca Gente muita ,
 Muita em valor , em número só pouca ,
 Não corre , vòa ! ... e Beresford a hum tempo
 Nova estrada occupando , he inda d' outras
 Q' Outros incumbe , em cujo ardor confia ,
 Ou as Ordens lh' intimem , ou lhas cumprão ,
 Como em ti , Lumiar (1) , em ti (2) , Sampaio ! . . .
 De sorte igual as próvidas Justiças
 Subito gyrão contra o Réo d' Estado ,
 Ou leza Magestade , humana , e sacra ,
 Por furtos , desacatos , e assassínios ;
 Q' ao favor da procella estrepitosa ,

(1 , 2) Os Excellentíssimos Senhores , Conde do Lumiar , seu Ajudante ; e Conde de Sampaio , Coronel de Cavalleria , etc.

Limar soube o grilhão na surda noite,
 E deslumbrando astutas Sentinellas
 Pôde escapar da sórdida masmorra!

Vôa Silveira, indaga, inquire, e escuta,
 E como escuta, empina-se, retorce,
 Baixa, resobe, qual Açor terrestre
 Dos terrestres milhafres sobre a piza;
 Milhafres, que por onde quer que tendem,
 A fim talvez de q' ao Açor distraião,
 Quimão, arrazão; e sem dó, sem pena,
 Do misero, q' encontrão desgarrado,
 Apôs morto o suspendem sobre os troncos!...

» Arripião-se as Carnes, e o Cabello »
 Ao feroz Granadeiro, ou duro Infante,
 Q' assim vê retalhado, assim sanguento
 Ao Parente fiel, ou bom Vizinho,
 E mesmo ao Camarada desastroso,
 Q' com elle na Vespera ceára,
 Q' ambos logo acolheo igual tarimba
 E recúa d' horror, ou se suspende!...

Porém não se suspende, não recúa
 O bravo heroe; por chammas, e ruinas
 Por ventos, e trovões, q' ao Gallo ajudão,
 Silveira s' arremeça, e ao quadro feio
 Da carnagem cruel cerrando os olhos,
 Mais vôa, mais s' inflamma, e mór flagello

Fulmina sobre os que na fuga torpe,
 Ou cansão, ou de si expele o Monstro,
 Dos roubos só contente; não seu Chêfe,
 Ou Capitão, mas Capataz ferino,
 Que na frente lhe vai, alli cercado
 Dos Cabos da Quadrilha, seus Collegas,
 Que mais, e mais instados, pouco, e pouco,
 Qual o Baixel das Ondas acoçado,
 Das pejudas garupas essa mesma
 Apetitosa carga em torno alijão,
 Dos combros teus brotando, oh Salamonde,
 Invôlto em sangue o ouro já fundido,
 Como em Azia, ou America não brota,
 E correndo nos Dois, Silveira, e Gallo,
 Odio, e medo, a qual delles mais veloce!
 Tal outr' ora apertado sobre o Circo
 Pelo Rival membrudo o rijo Atleta,
 Ora o ferro lhe solta, e ora o manto,
 Porque o detenhão; o Leão rugindo
 Da juba os torce; esgrime dente, e garra,
 E d' encontro na próxima Trinxeira
 Apaga ao Gladiador o alento, e o crime.

D' horas não poucas, e de legoas muitas
 Se tinha antecipado o duro Imigo
 Na sua ignominiosa retirada;
 E ao Heroe q' o preseguia,

A fim de lha cortar preciso fôra
 Descer desfiladeiros, galgar penhas,
 Montes de terra, e carne, regos fundos,
 De chuva e sangue, ou brenhas só trilhadas
 Do bandido, e da fera; em cuja lida
 Mais, e inda mais d' hum dia não refôrma.
 A substancia perdida, tão sómente
 Mantendo-se de colera, de raiva!
 E muito hâvia já, que do E'den Luzo,
 Que de seu bafo infecta o novo Sátan,
 A quem bate Silveira, o Anjo novo,
 D' ambos erão as Raias transgredidas;
 Sabe-o o Heroe, e de certeza o sabe,
 Que das amigas hostes occupada
 Toda a fronteira amiga, a custo summo,
 E apenas por milagre pôde o Monstro
 Escapar-se das mãos do altivo Costa (1),
 Para cahir nas de Romana altivo!
 Mas não quizera o Heroe, q' outrem lhe roube
 Gloria, e prazer da Pieza, q' appetitece;
 Quizera antes talvez menos armada
 A Nação brava; a fim de que lhe toque
 Do Solo Hespano despejar a Hydra,

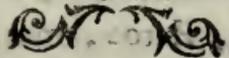
(1) O Excellentissimo D. Gregorio de la Cuesta; e logo o Excellentissimo Marquez de la Romana; etc.

Como já do de Lyzia a despejára,
 Após longos rodeios, marchas longas,
 Que Phebo, indo, e revindo, vio ao Luzo,
 Dos Tygres tresmalhados somma grande
 Prostrando aqui, e alli, e rico espolio
 Idemnizando a aspera fadiga
 A's laças Legiões, das altas Serras,
 Já do escabroso Espinho (1) o Heroe descêra
 Para a doce Alhariz, e vargens suas,
 Donde junto d'Ossent, a poucas milhas
 Seu Quartel General depois sentára,
 Quando (oh Espanto) o Illustre Brigadeiro
 De sabio, e são preceito se recorda,
 Q' o suspende; e talvez já progredíra
 Mais q' exige a Brayura: » Oh magua acerba!
 (De novo então o Heroe consigo exclama)
 Nunca tu, oh valor, oh honra, oh brio
 Q' livre não operas; modo, e tempo
 Hasde ter d' ostentar todo o teu brilho!
 S' além do Hydaspe o intrepido Alexandre,
 Levou suas impavidas Cohortes,
 He porque freio, ou coacção não tinha;
 Sem coacção, ou freio o grande Cezar

(1) Serra deste nome, summamente escabrosa, que se estêdo por tres leguas, entre Chaves, e Montçrei, etc.

Aspirou a Senhor do vasto Mundo ;
 Executando as Ordens q' elle expede ,
 Malditas Ordens ! ó maligno Corso
 D' Italia atropelou Vergeis , Campinas ,
 Rios , Máres varreo de Prussia , e d' Austria !
 Porém não mais : se desta (então dispindo
 Meia espada) se desta por agora
 Escapa o fraco Sult , d' outras o fio
 Hiberia lh' açicala ! ou quando escape
 Dellas tambem , por labio fidedigno ,
 Por labio , q' acredita , e lingua adjunta
 Dos poucos , que dos muitos lhe restarão
 Escute o Regio Apostata ou augusto
 Idólatra immoral , de que maneira
 Ou cedo , ou tarde Portugal se vinga
 D' amigos falsos , d' Hospedes protervos ,
 Que logo , expulsa a mascara , pretendem
 Os Povos devorar , beber-lhe o Sangue ! »
 Findou ; e sobre a mão curvando a testa ,
 Por hum pouco talvez alli recorda
 Quanto he preciso encher-se á risca hum Plano ,
 Que rola sobre a mente ao alto Chêfe ,
 E q' indagar não cumpre ao Subalternò ,
 Com q' hum pouco a dor sua então mitiga .
 A noite s' avançava ; e a prima noite
 Era aquella , na qual , após d' austera ,

Aturada vigilia, os pios Astros,
 Silêncio impondo á vasta Natureza
 Com seu brando reflexo, e sobre os olhos
 De suas anodinas dormideiras
 O Consolador balsamo vertendo,
 Em treguas ao trabalho, parecião
 Increpar essas loucas Sentinellas,
 Esses Piquetes, Rondas, e Patrulhas,
 Que desculpar apenas póde o dia,
 E inventadas da crua, enorme Guerra,
 Para que do Homem s'acautéle o Homem,
 E o descanso lhe roubem! eis Silveira,
 Soldado, e Chefe, Commandante, e Amigo,
 Refazer manda os Corpos macerados
 Com os dois propugnaculos da vida,
 A qual mais necessario, o pasto, e o somno:
 Socorro o primo á carne, o outro á alma,
 A quem com gratos sonhos lisongeiros
 Posto, que momentaneos, mais activos
 A fadiga desfaz, mágoas, repróva,
 E quasi lhe fornece, Vida nova.



C A N T O IV.

ARGUMENTO.

*A Silveira, q' em sonhos se lamenta
Do Inimigo q' em parte ha escapado,
Consola o Genio, e alli lho representa
Em Polonia, Austria, Italia derrotado;
O Heroe acorda; e célebre em Memoria
Vai o louro colher dado á Victoria.*

DIAS já erão, q' o Varão prudente,
Silveira tão prudente como forte,
Acossando esse resto do Inimigo,
Não uníra huma palpebra com outra,
Ou só a furto a uníra! e fatigado,
Repleto de trabalho, e d' alta gloria,
(O sublimado Heroe, Heroe, mas Homem,
Seu tributo exigindo a Natureza)

Dormir-se agora deixa; mas não dorme
 A dor, que lhe ficou, de que s' escapem
 Soult cobarde, e os cobardes seus Modelos,
 Q' apenas vão achar cordeiros novos,
 Novos Tygres serão! e novos prigos,
 Quadros novos de pessiina Carnagem
 Com seu vivo pincel Morfeo lhe pinta:
 Eis q' inda da Península a mór parte
 Cativa se lh' antelha; de Cadéas,
 E de opprobrios cuberto o Manzanares
 Co' a famosa Madrid; do fertil Ebro
 Ao Guadiana fertil; e derramadas
 Do Tyranno as Falanges assassinas;
 E de Lyzia aos Umbraes, ou perto delles,
 Soffregos altiando o duro colorido
 Para o ouro, que no Téjo lhes ficára,
 Victor faminto, e Ney, a cuja Tropa
 Talvez Soult destroçado busca unir-se;
 Sobre tudo, e peor, se lhe figura
 Essa fortuna Cega e desvairada
 Soprando inda ao Cruel; e do Danubio
 Voltando o feio monstro á semelhança
 D' hum tufão, que do mesmo frio Norte
 Subito s' ergue; e sobre o Meio-dia
 Cahe d' improvisq; penhas, e moralhas
 Perante si no vortice arrastando,

E as raizes do tronco revolvendo,
 Do abysso a ver o Sol!... q' imagens tristes!
 Com ellas ao Heroe s' opprime o peito,
 Em sua turbulenta atroz modorra,
 E grossa nuvem abafar parece
 Seu nobre coração: » ai! (gritou elle)
 Porque motivo a cara Patria em prigo;
 Sobre a Tropa, que tem; ou, viva ou morta,
 Em armas não porá sem q' hum s' éxima,
 Os Célibes, q' encerra; de tal arte
 Que, manente esse prigo, elles não tenham
 Mais utensilio q' hum mosquete, e a espada,
 Ou Cargo mais, q' a liberdade, e a guerra?
 Mas, não mandar, obdecer me cumpre. »

Nestas, e outras visões, q' mais horrendas
 Volver costuma horrenda mão da noite,
 Proseguia o Heroe; quando á maneira
 D' esse fulgor que subito renasce
 Da Sentelha apanhada sobre o Sulphur
 Precedida d' hum balsamo animante,
 Ouve harmonioza voz chamar Silveira!
 Olha elle, e envolvido n' hum profuzo
 Clarão nobre, vê digno moço esbelto
 Loura friza em anneis por colo, e faces,
 Pulcro, e airoso, de subtil cothurno,
 Nuas as alvas, luzidias carnes,

O lugar das pudendas só cingido
 De purpureo Sayal, e sobre a frente
 Brilhante elmo de nítida plumagem,
 Grossa lança na mão, alados hombros,
 Com escudo no braço, e nelle impressas
 As sacrosantas Quinas: » que me queres,
 Gentil Joven? » Silveira lhe pergunta:

» Joven sim sou, (responde o grato Nume,
 Bem disseste; mas não porque do berço
 Eu diste como Vós carreira breve,
 Em breve passo á Urna: já lá quando
 O Velho Viriato sobre as quentes
 Entranhas palpitantes do Novillo
 Odio eterno jurava contra o duro
 Imperio Usurpador; e quando a Cerva
 A Sertorio trazia as embaixadas
 De Jove eterno, Moço, qual sou hoje,
 Já de Lyzia eu então pizava os Campos.

Quem és logo, (lhe volve o Chéfe insigne),
 Tu que do teu sublime aspecto sacro
 As trévas dissipaste, em que era envolta,
 Inda á pouco, minh' alma atribulada?
 O Genio eu sou de Lyzia (elle lhe torna)
 Que por ella vigio dia, e noite;
 E na pungente dor, de que t' opprimes
 D' alto Preceito eu venho confortar-te;

Attende escuta : Chapeado em bronze
 Seus segredos recata o mestre Livro,
 Onde he lançado o rigido futuro,
 Só franco só patente aos vastos olhos
 D' Aquelle q' o lavrou! inda assim mesmo
 O esconde, o guarda Penetral remoto,
 Com triplicada porta, na qual prendem
 (Porque de vossos Similes me sirva,
 E á vossa precepção eu m' accommode)
 Sete grossos ferrolhos, chaves sete,
 Todas d' hum diamante pêtro, e duro:
 Mortal algum porvir, ou dos já vindos,
 Sondou, ou sondará os seus mysterios
 Vedados a nós mesmo aos que gozamos
 A face, e o rizo do q' o rayo empunha
 Sem medo, ou susto; e apenas nos he dado
 Sondar, porq' assim diga, algum vislumbre,
 De seus arcanos pela fresta obliqua
 Da estricta fechadura!... mas s' accazo
 Do Futuro romper a nevoa densa
 Lícito nos não he, d'elle podemos
 Julgar com mór criterio; e o que nos Homens
 Apenas he provavel conjectura
 Entre nós o gráo toma d' evidencia,
 Que depois quasi sempre, e a tempo idoneo,
 Com o Sello se cunha da verdade:

Só nisso q' ao Preterito respeita,
 A nenhum outro Nume nós cedemos,
 Podendo retraçallo aos nossos olhos,
 Na sua mesma côr, ou n'atitude,
 Com que passou na vida; e no que toca
 Ao Presente, purgado, e desenvolvido
 Das vossas imposturas, mal succede,
 Seja embora onde for, sem precisarmos
 Da delonga de vossas tardas postas,
 Ou dos vossos correios, hum instante
 Qual he, á nossa vista o representa.

Sabe pois, oh Silveira, que do Monstro,
 Q' assim toldava a tua nobre idéa,
 Talvez cançada, e só então cançada,
 De soffriello essa Dextra Omnipotente
 Chegada eu creio a época ditosa
 Em que folgue Natura, e ria o Mundo:
 Obra tua, q' a prima desarmaste
 Ambição do Tyranno, a salvo pondo
 O Principe immortal! Obra d'Iberia,
 Que com os seus Exercitos em casa
 Batello s'atreveo! e sobre tudo
 Obra insigne do bravo, e do constante
 Do Bretão nobre, d' Ambas alliado!
 D'esse Anglo sem igual, ou d'esse Jorge,
 Que no seu Albião firmando a planta,

D' hum pólo a outro pólo abrindo os braços,
 E a cabeça entre os Astros, mais que dique,
 Mais que barreira ha sido á gula, e ás chammas
 Da Corsa alluvião; na lava horrenda
 Espeque a Portugal; Escora ao Mundo,
 Q' ampara, que sustenta!... Já tu viste
 Ao Gallo, que tendia por Egypto
 Para d'Asia o expulsar, vir d'Asia a Anglo,
 E d'Egypto expulsallo: viste o logo
 De Senhor o vão titulo arrogar-se
 Em ambas as Americas, Hespana,
 E Luza, mas perder primeiro as suas,
 Tragadas do Bretão; e tu, oh Lyzia,
 Apropriando te a tumida Cayeanna;
 E porq' até o prive da esperança
 De mais havelias, suffocando o Anglo
 Sobre Vasques as miseras reliquias
 Da brilhante Marinha, q' a seu auge
 Capeto, o Martyr Santo, alçado havia!
 » Não, oh Genio (Silveira então o atalha)
 Não he nas Salsas Ondas onde eu temo
 Ameaços do perfido Inimigo,
 Não sobre o vasto pélago, onde o Anglo,
 Privativo seu Rei, o dia, e a noite
 Cõ' tubo, q' ao trovão imita os eccos,
 D' hum canto do Orbe a outro, o limpa, o varre:

De Piratas, ou Corsos, q' hum he tudo,
 Bem como com a rude barbatana
 Varre os demais aquaticos medrosos
 A Balça feroz, Rainha sua!
 He sobre a Terra, he sobre o Continente,
 Onde submissa a Europa quasi inteira,
 D' immensa força ensuberece ao monstro,
 Além das tramas, q' ardiloso espalha,
 Em dobro mais terriveis q' o seu ferro! »

A pezar dessas tramas, dessa força
 O Déspota decahe de dia em dia;
 (O Nume continúa) os mesmos portos,
 Q' ao destemido Inglez ceirára o Gallo,
 De novo se franqueião; satisfeito;
 E já pago o Bretão Americano
 Da Cizânia cruel, q' aos seus o arranca
 Nessa fatal Revolução tremenda,
 Que depois serve de modelo, e norma
 D' outra revolução, q' á França estraga
 Em seu justo castigo, tempo longo
 Tendo-lhe denegado o seu commercio,
 De novo se congraça; confessando
 A justiça talvez da melhor Causa;
 Confessa-a e se congraça o Turco austero;
 Novos Bens adquirindo a seu Lepantho!
 Em tanto que de raiva, ou que d' inveja

Murmura , e as Prizões morde , o Velho Occeano ,
 Com toda a sua undosa Salsa Prole ,
 Baltico , Escalda , inutil já ao Belga ,
 Elbo , Adria , e o mais Egêo , a quem vil jugo
 Do Corso , e não o Inglez , Bloquêa , e veda
 Perennes mananciaes d' argento , e ouro ,
Q o Commercio lh' abriu nas Cinco Zonas ;
E s' acaso tenaz inda s' afferra
O Sarmata aos dolosos pactos Surdos
 De Tilcit , e d' Erfurt , não tarda a hora
 De Colhêr a seu custo o desengano ,
E á sua imitação o Dano , e o Prusso ,
Q' inda de seus refolhos não s' emenda ! . . .
Mas o mais bello , e o q' inda tu não sabes ,
He que lá desse Tronco immarcessivel ,
Que sua Raiz teve , e a terá sempre
 No vetusto Bourbão , logo enlaçado
 Ao de Lourena (q' arrancar procura
O Drúida em vão) tres furgidas Vergontas
 Reverdecem de novo , e a Copa insigne
 Ao longe estendem já ; tremendo a ella
 Hollanda escrava , e Napoles Cativa
 Com esse novo Rei , q' atroz , cruento
 Não peja de Catholico chamar-se !
Hum já d' elles , João , ou melhor antes
Novo Souwarow , o Lacio prisco

Talando vai, vencido e retalhado
 O Moço estulto, q' a dar Leis s' affouta
 Sobre a Sabia (1) cultissima Veneza!
 Fernando, hum outro Irmão do sacro Cesar,
 Como elle pio, junto do Polaco
 Lá fere, lá quebranta, lá derruba
 Irmão outro do Corso, ímpio como elle!...
 Pois viboras de viboras só nascem,
 E de Pombos só Pombos se produzem.

Carlos, o sempre forte, o sempre invicto
 Da guerra Mestre insigne, o grande Carlos!...
 Mas não; melhor será que por teus olhos,
 'Tu mesmo vejas o horrído combate!...
 Segue-me, vem comigo » disse o Genio;
 E sacudindo logo a fôrma antiga,
 Apenas conservando as niveas azas
 Despe tambem Silveira o rude expolio,
 Azas toma, e hum côm outro d' improviso;
 Mais veloz, q' o relanpago, e não menos
 Fulgente, q' elle, aos arés s' arremessa,
 E á Zona Boreal dirige o vóo:
 D' arte igual ditas Garças, Reaes ambas,
 Que, durante a Estação caliginosa,

(1) Quizera que o meu Leitor se lembrasse de que eu escrevia em Junho, e que antes do mez era acabado este Poema, etc.

Deixão seu Clima frigido , e severo ,
 E em Lyzia vem buscar hum ar mais doce ,
 Mal que lh' assoma a grata Primavera ,
 Volvem de novo ao natural seu Norte !

Do velho Portugal as velhas rayas ,
 Após a sua Guia pressurosa ,
 Passára já o Heroe , e de Galliza
 Sobre as vastas Campinas adejava ;
 Por onde quer que vai , medindo a tudo ,
 E em tudo achando a piza dolorosa
 Dos famintos creis devoradores ;
 Quando inda por torcidos invios serros ,
 Inda atrás attentando , a Soult conhece ,
 E abaixo quer descer , pousar deseja ;
 Porém o Nume o increpa e avante corre ,
 Legoas muitas vencendo em cada instante ;
 Elle os muros lá vê da gram Sevilha ,
 Inda Carpindo ao infeliz Fernando
 A lastimosa a veneranda Junta
 Dos Vassallos fieis , vergonha eterna
 De Godoy , e de Morla ! fresco sangue
 Vertendo inda elle vê gloriosos Campos
 Do terrifico Baylen ; inda mesta
 Lá olha duros ferros arrastrando
 A Metropole infausta de dois Mundos ,
 Eis q' hum montão d' estragos , de ruinas

Portentos de valor, e de desgraça
 Lh' inculca sobre o sitio deploravel
 Onde foi Saragoça! e em torno della
 Inda Blak, e Lazan, em sangue, em fogo
 Racionaes brutas Rezes victimando
 Aos Manes de Reding! o Heroe s' espanta,
 E já os altos Pyrineos galgando,
 No Solo hião entrar de Gallia infecta,
 Quando hum, e outro esvoaça, e mais s' empina;
 Como evitando o barbaro terreno,
 Q' Altares desacata, Reis degolla
 E onde a flor das Nações agrilhoadas
 Dispersa geme em lagrimas, ou ferros,
 Comtigo oh Prole excelsa, oh Raça invicta
 De Lyzia miseranda, Lyzia illusa!...

Ah seus vôos hum e outro sim remonta,
 Mas tacito prazer os liga, os prende,
 Mesmo contra vontade, olhando absortos
 O mimoso Paiz, Vergel continuo,
 E no seu centro a Capital soberba
 Onde hum sangue innocente, augusto sangue
 De Reis setenta, espadanando em torno,
 Olhos vendou d' hum Povo empedrenido,
 Para não conhecer nos seus Altares,
 Em vez de Jehovah, Baal intruso,
 Q' incensa, que perfuma! hum Povo outr' ora

Granel de Bossuets, Sulys, Turenas ;
 Gremio hoje de Dantons reproduzidos,
 Que melhor se dixeram enxame, ou grupo
 D' insenciveis authômatos Selvagens,
 Se tu lá mesmo a Patria, a Vida, o Mundo
 Não honrasses por ti, oh Cego illustre,
 Guia, e Farol de Cegos!... oh Dellile,
 Tu Virgilio Dellile (1) Cysne manso
 Entre Abutres do Sena! s' outro tempo
 Azas tiveste para ver sem susto
 Campos de Phrigia arfando em negro sangue ;
 Se barreiras do Cãhos tenebroso,
 Ou Noite antiga aligero forçando
 Brotar viste em seu berço (2) o Sol, e o Mundo!...
 Oh! vôo igual retoma, emigra, foge,
 Deixa o antro nefando ; e em Lyzia affavel,
 Bem que em pobre tegurio, busca unir-te
 Ao Cantor de Silveira, que t' adora
 Orfão de luz, qual tu, qual tu cançado,

(1) O Celeberrimo Jacque Dellile, ornamento de nossos dias, tão conhecido pelas suas inimitaveis traducções das Georgicas, e Eneida de Virgilio, como tambem da Illiada de Homero, e do Paraizo perdido de Milton, além do seu Poema dos Jardins, e outras Obras inapreciaveis, etc.

(2) Allude-se á maravilhosa Versão do Livro VII. do mesmo Paradise host., etc.

E sem pés, q' á maldita Guerra o arrastrem,
 Porque percas em breve o novo Amigo!...
 Vem, sim vem, inflammado por teu estio
 Comtigo emprenderei mais alto Canto
 No Solo onde acharás, immune illeso
 O Deos de nossos Pais; querida, Amada
 Prole dos teus Bourbons! Jardim mais bello,
 Q' os q' has traçado, ao menos mais suave,
 Senão ao Olho teu, a Olfato, e Ouvido,
 Que tu de novo adularás dictando,
 Solfa mais grata, á grata Philomela!...
 Não, não demores mais, nem mais recordes
 Patria insulsa; da minha eu tambem exul,
 A' borda lá do golfo impreterivel
 Nossos Olhos, em vida já fechados,
 Escusar-se-hão (1) d' affine mão q' os Cerre!...
 Mas seu rumo seguindo o Par mimoso
 Dos etherios Viajantes, eis s' apressa;
 A mais, e mais, e quando os Alpes toca,
 Seu vôo então declina, as plagas busca,

(1) Censurar-se-me-ha talvez por difusa esta digressão: mas na Pessoa do insigne Poeta eu quizera juntamente designado hum sem número de outros bellos, e são Espíritos que não sómente em Paris, mas por toda a França, eu julgo, preservados da mania, ou do contagio commum, etc.

Donde sopra Aquilão, e aos pés já Olha
 A maligna Strasburgo, émula em Crimes
 Da siccaria Bayona! corre, avança
 Até q' a prumo vê debaixo as Ondas
 D' esse Rheno fatal, soberbo inchado
 Da Confederação, ou dessa liga
 Dos Croados Escravos do Tyranno.

Eis logo o Nume as azas equilibra
 Equilibra-as Silveira; e ambos pairão
 Sobre o Theatro da cruenta guerra,
 Entre os Cesares dois, legal espurio,
 Sacro, e profano, Angelico, e Demonio!
 Silveira (o Genio diz) se por ventura
 Ao teu peito angustiava a magoa acerba
 De não veres nos Teus idonea força,
 Q' arrostres ao Tyranno, attende, observa
 A q' arma o Ceo de nove em teu soccorro,
 Vê como (além dos mais cujos triunfos
 Eu já t' annunciiei) monte enche e vale,
 O Exercito lustroso, q' inda ha pouco,
 Por leguas destendido, mal cabia
 Entre os dois vastos Rios o Inn, e o Iser;
 E para quem dalli retrogradando,
 Reunido outra vez junto ao Danubio
 Curta parece a terra, e pouca a lympha
 Da fragosa Moravia, que se préza

Da planta, que fiada veste ao homem,
 E da plana Bohemia presumsoza
 Co' a massa cristalina, grata as Damas,
 Obra do sopro, e que rival do dia
 Luz como elle, diafana he qual elle!
 Pasma, e olha depois á frente sua
 O q' a segundo Exercito equivalle
 Carlos, recente Ermínio, e cujo exemplo
 Procrêa ao lado seu Heróes sem conto,
 Qual Licchenstéin, qual Chastellér, qual Hiller,
 Novos Dánns, Laúdons novos, mais Eugénios!

Attende logo essoutra Tropa á vista,
 E promptas ambas ao signal primeiro
 D'investir, degolar! insana Tropa
 Do fero Breno audaz, que não ha muito
 Talvez porque teu braço a não defende,
 Acaba de passar aquella ponte
 Entumecido por haver entrado
 Segunda vez na misera Vienna: . . .
 » Como segunda vez! . . . (o Heroe o talha)
 » Sim (o Genio lhe volve) nem t'assustes
 Inda, inda approve aos Ceos, que suba o crime,
 Talvez, porque o despenhem de mais alto

Ao tempo em que remia Arthur o Porto
 Ganhava o Monstro a Capital brilhante
 Qual sanhuda Serpente, ou Hydra nova,

Construida, amassada sobre o sangue
 Dos Marats, dos Pytheóns, dos Robspieres,
 Q' huma cabeça apenas olha extincta,
 Sente outra renaseer! porém não temas;
 Carlos, Perythoo novo, e novo Alcides,
 Cortar-lhas vai talvez d' hum golpe extremo,
 Mede então huma, e outra, em tudo as mede
 Inimiga, e Amiga, e em brio, em garbo,
 Em disciplina, em numero, em bravura
 Acharás q' o Germão não cede ao Gallo;
 Ou s' attendes melhor, ao Gallo iniquo,
 Conscripto ao Cadafalso, sobre a face
 Notarás o remorso de seus crimes
 C' as feias sicatrizes, inda frescas,
 Dos golpes que lhe déste ha pouco em Lysia;
 E forçada após elle á Tropa escrava,
 Que lamenta, e pragueja ir atacar-se
 O Irmão com outro Irmão, o Pai co' Filho!
 Olha logo ao Germão o rosto ufano
 Co' a Virtude, e a Justiça nelle impressas
 Preludios da Victoria; promettendo
 A' Patria, a Europa, ao Mundo a liberdade,
 Que pouco e pouco lavra, e já respira
 No soberbo Tyrol, e a brados longos
 Lá do remoto Wistula reclama
 O denodado Schill improprio a jugo!

Ah! deter-te, Silveira, mais não posso
 Nestes sitios; mas grava na memoria
 Mez, e hora em que te fallo, nella esculpe
 Esta pequena Aldeia Essling chamada,
 Com essoutra breve Insula defronte
 Qu' In-der-Lobau se diz, e quando hum dia
 As ouças outra vez, talvez as ouças
 Involvidas em prosperas (1) noticias
 Que de prazer te innundem, posto q' ellas
 Não bastarão talvez, porque saciem
 Teu odio ao Gallo, e teu amor ao Luzo!...
 Mas ás Cauzas segundas, commummente
 Os Obreiros do Ceo, entregue o fio
 Das cousas sublunares, grossa Torre,
 Por quatro grandes lustros (2) erigida,
 Qualquer que for seu futil alicerce,
 Exige ao braço humano hum tempo idoneo
 A fim de a demolir:... porém confia,

(1) Note-se que a 21 de Maio, segundo me parece, se recolheo para Chaves o Illustrissimo Senhor Silveira; e com muito maior verisemelhança se finge este sonho na vespera, isto he, no proprio dia em que o Exercito Francez passou para a margem esquerda do Danubio, pela ponte, que lhe foi tão funesta.

(2) Desde mil setecentos oitenta e nove eu dato a fatal Revolução, etc.

Nem já mais desfaleças » . . . inda avante
 Seguia o Genio , quando atroz descarga
 A Batalha annuncia ; eis q' extremece
 Co' Marcial estrondo o peito , e a alma
 Do destimido Heroe , que denodado
 Quer mão lançar da Espada , mas não acha
 Espada ou mão ! e subito desperta ,
 Sumindo-se co' dia a noite , e o sonho ,
 De q' inda longo tempo vivos traços
 A Silveira acordado se figurão .

Talvez mais cedo , e mais brilhante ao certo
 Por mais alegre , não cruento ou duro ,
 Mas Creador , pacifico , de novo
 Rompeo o novo Sol , e o Chéfe insigne
 Fazendo á Tropa a solita resenha ,
 Bem que na laboriosa rúde marcha
 Por sertões , e penhascos , impossivel
 Sendo a união , mil vezes succedesse
 Hum Soldado bater inteiros troços
 Do Inimigo em derrota , d' hum só Homem
 Não lamentava a perda a Gente illustre :
 Victoria , e só Victoria a bella , a digna
 Da Musa a transportar além dos évos !
 Victoria onde ou extincta , ou posta em fuga
 Hoste estranha , d' Indigeno atro sangue
 Borrifados os louros se não murchão ,

Nem o rizo se compra a pranto acerbo!
 Não de louros sómente, mas de rozas,
 De murtas, e da meiga sacra Oliva,
 Fructos todos da grata Primavera,
 Grata ao seu Defensor, que lhos amima,
 Em vez de lhos pizar, e d' estragallos,
 Croada a Tropa excelsa, ao som festivo
 Dos agudos Clarins, e rouco bombo,
 Eis já marcha a folgar nos patrios lares:
 Precedem-lhe ao caminho, em grossos bandos,
 Serranos, e Aldeans á competencia,
 Conduzindo ante si os tenros filhos
 Com os pomos os mais deliciosos
 Nas enramadas cestas; ou primicias
 Da nova geração, que lhe produzem
 As varias odoríferas Famílias,
 E a dita obteve de nascer mais tarde!
 Poupada aos golpes da extorsão maligna,
 Ou resto infausto, e misero refugio
 Da q' escapou á gula devorante!
 A todos agazalha, affaga a todos,
 Qual Pai, qual Protector, Silveira eximio,
 Segundo Welleslei em rizo, em furia,
 Ou Beresford segundo em furia, em rizo!
 Até q' á frente das Reaes, das Sacras
 Venerandas Insignias perseguidas,

Nunca porém vencidas , junto ao centro
 Da Tropa generosa , e Gente illustre ,
 Por baixo de huma abobeda de vivas ,
 E flores , por hum chão alcatifado
 De junça , e d' espadana , o Heroe triunfante
 Vai magestoso entrar na grande Villa
 Que por ser a magnifica barreira
 Da gram Provincia o nome tem de Chaves ;
 Onde apôs longa , e improba tarefa ,
 Por entre a Copa de virentes Palmas ,
 A' sombra reclinou d' hum Nome eterno !
 Welleslei , Beresford , Vassallos dignos
 De Jorge , digno Rei de taes Vassallos !
 Rei , q' a Neptuno arranca o gram Tridente
 Para a lança arrancar inda a Mavorte !
 Não sómente Roliça , não Vimeiro ,
 Não o remido Porto , e Lyzia toda
 Com toda a vasta Hiberia dizem , narrão ,
 Mas confessa , publica o Orbe inteiro ;
 Q' ao braço invicto da Nação briosa ,
 Q' o ser vos deo , e á mão profusa , e fertil
 Em dons , em Tropa , e no metal sagrado
 Que faz , e desfaz Croas , Sceptros muda ,
 A liberdade principal se deve
 » D' ambas as Indias , d' ambas as Hespanhas ,
 E q' inda sobre Jorge os olhos fita

O resto que no mundo geme escravo!...
 Ah! em quanto outra pluma não s'apara
 A Voz mais adequada, desculpai-me,
 Ao Vate perdoai, q' a par do vosso
 Excelso nome o nome cante excelso
 De Silveira immortal; ao Patrio Vate,
 Q' em coração, em alma se dóia
 De q' onde os Albuquerque, onde os Cunhas
 Berço houverão, não brote, não pulúle
 Novo Heroe, cujo Nome lauros novos
 A Lyzia oppressa, e desoppressa ajunte!
 Sim, Vós mo desculpai: porque da Terra
 Milhões de legoas o Oceano abraça,
 Não deixa de ser Rio o breve Téjo;
 Nem porque Phebo abrange de seus rayos
 A vastissima face do Universo,
 Marte, e Saturno deixão de ser astros.
 E Vós, Alta Regencia esclarecida,
 Que do Principe ausente conservando
 A Magestade, e o Nome, em nossos peitos,
 Dia, e noite adoçais Saudade eterna!
 Vós que d' entre Cachópos, novas Scylas,
 Carybdes novas co' a procella a prumo,
 Berrando os ventos, e bramindo os mares,
 Tomar ousaste ó leme á Náo do Estado,
 Q' o Supremo, o divino Palinuro

Por Decreto dos Ceos abandonára ;
 (Pois , não homens , só tanto os Ceos podião !)
 Conduzilla soubeste de tal modo ,
 Que já folga , e respira a salvamento !
 Vós , extremada Flor d' hum Sangue heroico ,
 E hum Brio , que por évos apurárão
 Castros , Minas , Menezes , e Noronhas ,
 Comtigo , oh Mello , e Vós da Curia excelsa ,
 Bom Salter , bom Forjaz , fiéis Ministros ;
 Nomes dignos da Muza , á Muza caros ,
 Não menos que Silveira sabio , e forte ! ...
 Ah ! escusai a hum tempo , se cançado
 O Estro enfermo não leva os Nomes vossos
 Co' os Gamas , co' os Goffredos , onde a Fama
 A' mesma Eternidade iguaes os torne ! ...
 S' acaso hum dia os Corvos , que me grasnão ,
 E q' em meu torno adejão , revoarem ;
 Ou q' ao Relcgio o lugubre Registro
 Occulta Mão atraze , e á Vida o volva ,
 Inda eu vos Cantarei por toda a parte ,
 » Se a tanto m' ajudar Engenho , e Arte ! »

F I M.





Por forte e vencedor, a clara Fama
Me cinge de Carrasco a invicta frente,
E com ruídoza voz meu nome a cclamo
Por ver que fiz á força d'unha, e den
Asisco reduzir, em brava Guerra
Quantos Gatos miavão sobre a Terra

GATICANEA,
OU
CRUELISSIMA GUERRA
ENTRE
OS CÃES, E OS GATOS,
DECIDIDA
EM HUMA SANGUINOLENTA BATALHA
NA GRANDE PRAÇA
DA REAL VILLA DE MAFRA.
ESCRITA
POR JOÃO JORGÊ DE CARVALHO.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1816.

Com Licença.

Vende-se em casa de João Nunes Esteves, na
rua da Gloria, N.º 14.

GATIGNEA

THE BELLEVILLE GIBBER A

RWTF

OS LIES, LOS GAYOS,

WEDD

MIHOM FINTUOINTYRATAHA

AT GREAT BATH

DA REAL VILLA DE MARIJA

WEDD

POR JACO JORD DE CARVALHO



L I S B O A

Na Imprensa Real Anno 1816

Com Lavoura

NOTA: Este livro foi impresso em Lisboa, na Imprensa Real, no dia 15 de Maio de 1816.

PREFACÃO,

E

ARGUMENTO DE TODA A OBRA:

HOmem, ou Mulher, indiscreto, ou sabio Leitor (que tudo póde ser), dá-me attenção, por quanto principio a espivitar a lingua para te contar huma historia.

Era huma vez huma Cigarra, que tendo cantado no Verão, se achava morrendo de fome no Inverno, e se vio obrigada a procurar alguma cousa emprestada em casa da Formiga sua visinha Esta lhe respondeo, que se no Verão tinha cantado, fosse agoia dan-

çar, e fechando a porta deixou a coitadinha lutando com a sua miséria. Huma noite que eu me achava discorrendo nas inconstancias da fortuna, me veio ao pensamento a moralidade deste successo, e determinava não cantar mais, por não perder o tempo sem proveito; mas huma manhã, que os doces passarinhos por entre a verde rama dos salgueiros, com graciosa melodia, me convidavão a suavizar cantando a minha pena, me lembrei de preparar-te em Verso heroico hum Cephalico remedio, que applicado ás extravagancias do teu miolo, não sómente te recreasse o animo, mas tambem te alliviasse a bolsa. Deo-

me lugar a isto a supposição, em que estou, de que tens o gosto tão estragado, que rejeitando exquisitos, e excellentes manjares, nutres o teu appetite de alimentos grosseiros, e menos sádios: por isso compuz este palito, com que possas esgaravatar o teu entendimento. É porque te julgo pensativo, e desejoso de saber a causa, que tive de tomar tão extravagante empreza por assumpto dos meus versos, to direi em poucas palavras, pelo gosto que faço de ser breve, e compendioso. Achava-me eu hum dia com certo Amigo meu, homem de singularissima pachorra; convidei-o para jantar. Tinha eu varias borundan-

gas, humas cozidas, outras guizadas. Puz tudo na meza, e antes de nos assentarmos, fomos dar vista a vinte e cinco passaros, que eu tinha em huma gaiola grande; producto lisongeiro de huma caçada, que tínhamos feito. Estávamos ambos admirando a esper-teza dos emplumados Orpheos da região Etherea, que esquecidos da perda da liberdade, que tinham gozado na solidão dos bosques, zombavão das prizões, que lhe tínhamos ordido pelo nosso desenfado; saltando tão contentes de hum em outro pouso, que apenas podíamos perceber na sua desinquietação a diversidade dos seus movimentos. Neste tempo tinhamo

entrado , sem que fossem presentidos , huma quadrilha de Gatos , que postos de cilada por de traz de huma janella , que cahe sobre huns telhados , espreitavão o infeliz momento da nossa distracção , e lançando-se de repente no mais precioso da nossa lambança , se empenhavam todos juntos em dar com ella em vazabarrís. Virei-me eu , e com inexplicavel desgosto vi quatro destes galfarros rosna-rem com metade de hum cabrito , e saltarem dous de hum armario , hum delles com hum tassalho de presunto , outro com duas murce-
las na boca. He inexplicavel a rai-va , que tive ; e buscando hum va-
rapáo , que a fortuna me deparou

para maior desgraça minha, atirei com elle de reboião ao meio da turba multa Gatical; pois acertando em lugar de Gato o bojo de huma garrafa, se entornou o precioso licor, que dá vida aos velhos, e contentamento aos moços, e ciscárão sem lesão de perna, nem braço os malditos ladrões do nosso remedio. Ao grande estrondo, que se tinha feito no rápido movimento desta fatal tragedia, virou a cara tambem o meu Amigo para ver a causa de tanta bulha, e observando a grande derrota, que em tão breve tempo tinhamo feito os Papistas dos Ratos, se poz a rir, fazendo muita galhofa, tanta do meu enfado, co-

mo da causa delle. Vendo eu hum genio tão pachorrento, não sómente se moderou a minha paixão, mas puz-me tambem a rir, e depois de fazermos cruces na boca, começámos a moralizar este caso. Neste mesmo tempo sobreveio huma furiosa contenda (não sei se a respeito de espinha, ou osso) entre hum dos taes Rapinantes, e hum Cão muito valente chamado o Carroça de alcunha, por causa de ser inseparavel companheiro de huma, que serve de acarretar agua para casa de seu dono; e foi tão renhida a batalha destes dous valorosos combatentes, que varios apaixonados de hum, e outro partido acodirão com trancas,

espetos , cajados , e outras armas offensivas , e defensivas para alliviar o Cão do pezo , que a desgraça lhe pregou no cachaço. Mas o tal Gatinho , mais destro que hum Sargento , vendo todo o mundo armado contra elle , dando hum salto sobre huma banca , e outro na rua , se poz ao fresco. Tornou o meu Amigo com a sua costumada mansidão , e graça a tocar-me na tecla , dizendo : Optimo assumpto he este , e summamente digno de implorar o auxilio das Musas. Não seja madraço , encha as bochechas de vento para cantar ao som da lyra dourada do refulgente Apollo as prodigiosas acções destes valerosissimos Sol-

dados Incitado eu desta catilena comecei a escrever, e sahio por acaso este Verso :

Dos Gatos, e dos Cães a bruta Guerra.

E foi tão furioso o Estro, com que me picou a Musa, que qual bravo touro espicaçado dos mosquitos que saltando vallados, corre desesperadamente a huma, e outra parte; assim eu fui correndo, e sem saber por onde, ou por que maneira, dei comigo no meio da cruelissima Guerra dos Cães, e Gatos: e foi tão horrisono o estrondo das dentadas, que retumbou nos meus ouvidos, que ainda agora se me arripião os cabellos; e benzendo-me destes sangui-

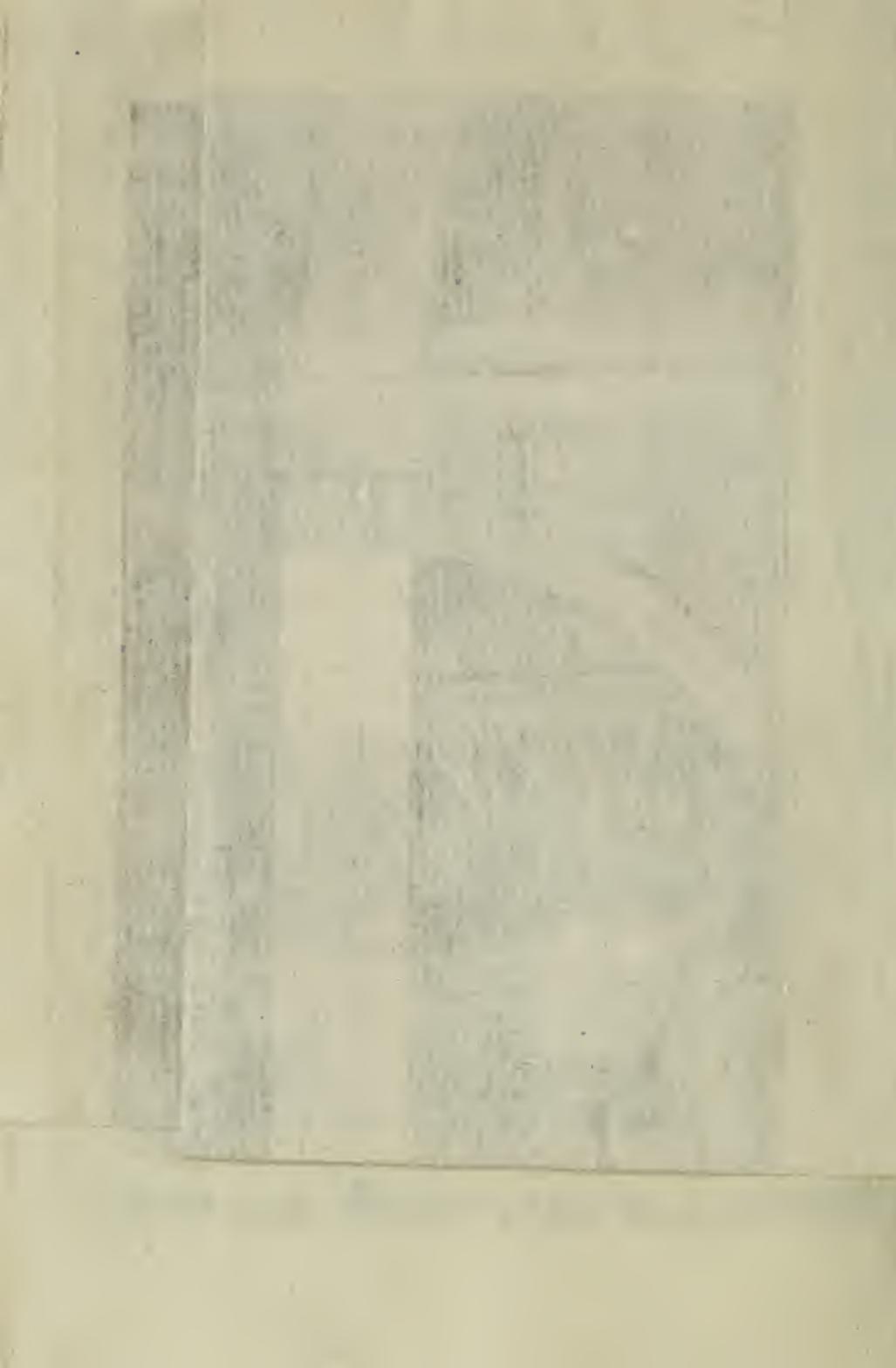
nolentos inimigos, fico formando mil propositos de nunca mais metter-me em caminhos tão pouco trilhados, por não precipitar-me em despanhadeiros sem remedio. Eis-aqui tens, amigo, ou inimigo Leitor, o argumento desta Obra, o qual eu julguei preciso collocar no seu frontispicio; pois vendo, que cahiste na corriola de fazeres nella a tua despeza, he justo procure satisfazer completamente a tua curiosidade. Ella tendo sido concebida na minha idéa, pareceo o defeito dos partos monstruosos, nascendo já velha na tua esperança, de que foi causa não sómente a demora, que houve nas estampas que lhe devião servir de

adorno, mas tambem o detrimento, que padeci na minha saude. Não presumo ser Poeta de tal marca, que não tenha mil defeitos, que lhe notar; mas juro pelos bigodes do valeroso Maluco não responder-te nem huma palavra a quantas possas proferir em seu desabono; pois tendo sido huma producção unicamente filha do meu desenfado, me não cançarei em a converter objecto das minhas fadigas, e verei com toda a indifferença os furiosos embates da tua crítica arrancar-lhe os cabellos, e cuspir-lhe no rosto, sem que me fação pezo, nem as tuas affrontas, nem as tuas injurias. Tenho por melhor, que te divirtas, e

me deixes , se he que tanto póde merecer a *GATICANEA* , a qual satisfazendo a tua curiosidade , te facilitará juntamente o caminho de desentranhar alguma galantaria, donde inteiramente se não espera. E porque na minha consciencia julgo , que não offendi , nem sómente n'uma palavra a tua modestia , não te peço perdão de nada , nem tambem que deixes de mor-der na minha *Obra* ; porque tendo-a eu soltado da mão , nem o teu applauso lhe poderá escurecer os defeitos , nem a tua maledicencia deslustrar a bondade. Contra o parecer de pessoas de bastante critica deixei de pôr notas *Geograficas* , e *Mythologicas* , porque

prevaleceo a razão de não tratar seriamente hum assumpto ridiculo , em que só pertendo mostrar , que na pequenez do mesmo assumpto póde a fantasia discorrer com galantaria , e novidade. Só em alguns lugares , que julguei indispensaveis , puz algumas ; mas tão breves , quanto foi possivel dispollas para intelligencia desta Obra , da qual não espero maior satisfação , que a de contribuir para o teu desenfado , e que em paga desta boa vontade me remuneres o meu trabalho , que todo fica sendo leve , e suave , quando proporcionadamente se gratifica.





GATICANEA.

CANTO I.

D Os Gatos, e dos Cães a bruta Guerra,
Que as partes inquietou de toda a terra,
Se meu engenho humilde póde tanto,
D'Estro novo ferido alegre canto.

Não Caliope invoco, nem Thalia;
Porém Musa, que seja corredia,
Que em discurso corrente limpo, e razo
Me grimpe na montanha do Parnazo,
Na qual eu possa dar hum forte grito,
Ou tocar rijamente algum apito,
Que estrugindo do Mundo as quatro partes,
Se arvórem para a Guerra os Estandartes.

Concorrão os mais fortes Cães de fila
 Sem demora nenhuma á Regia Villa,
 Que o nome tem de Mafra, a qual se acclama
 Já sobre as azas inclytas da Fama.

Venhão fortes Mastins, e Perdigueiros,
 Gozos, Podengos, Galgos, e Rafeiros;
 Da mesma sorte os Gatos mais valentes
 Venhão para ajudar os combatentes
 Da plébe Gatical, que bruta Guerra
 Lhe estão movendo os Cães de toda a terra.

Os d'Arabia, da Persia, e do Japão,
 De Inglaterra, de França, e Maranhão,
 Do Grão Macôco, e fria Noruega,
 E da parte Oriental, que o Indo rega.

Venhão milhões dez mil de rabo alçado
 Soccorrer o seu povo, que abalado
 Se vê nesta raivosa, e brava empreza,
 Que assombra toda a vasta redondeza.

Era no mez, que o Sol no Touro entrava,
 E que as louras madeixas destoucava,
 Quando Phlegon, Pyrois, Eóo, Ethonte,
 Em lugar de correr, pastão no monte;
 Por quanto o mesmo Sol, como pasmado,

Parece no Zenith estar parado.

Quando a Cigarra canta alegremente,
Sem temer o furor da calma ardente,
A Cabra com o Bode se escornicha,
E sahe de seu buraco a Lagarticha,
Os Lagartos dão voltas, e carreiras,
Entre as velhas, musgosas oliveiras,
E saltando contentes pela selva,
Os Cabritos retoção fresca relvá,
E por finalizar a descripção,
Dizer quero, que foi pelo Verão.

Neste tempo o Carroça (1) andando á tuna,
Sem lembrar-se de haver gente gatuna,
Nos cantos da Cozinha procurava
Matar a fome negra, que o matava;
Onde hum Gato malhado, e mui valente,
Com a mesma idéa unicamente
De grangear tambem a sua vida,
A teve desta vez quasi perdida;
Porque o grande Carroça o investio

(1) Nome, que pozerão a hum Cão em. Casa do
Excellentissimo Senhor Visconde Secretario, por an-
dar sempre acompanhando huma Carroça, que dá a-
gua para a Casa do dito Senhor.

Com furia a mais cruel, que o Mundo vio.

Porém o Gato audaz, como hum Diabo,
Erguendo para o ar o longo rabo,
Dos olhos fogo lança, e em raiva acceza,
Quiz mostrar ao Carroça a barba teza;
E sem muita fadiga, nem cansaço,
Se lhe poz a cavallo no espinhaço;
E sem que nada o mova, ou atropelle,
Lhe estava posto alli trincando a pelle,
Mostrando sacodir-lhe alguma pulga,
Inda que o Mundo agora tal não julga;
Que assim como não serve a fruta podre,
O mesmo he pelle rota para hum odre:
E nem por graça a gente pensa tal,
Que hum Gato obrar quizesse tanto mal
De trincar huma pelle, que podia,
Segundo o grande vulto que fazia,
Da parte occidental té o focinho
Dous almudes levar de azeite, ou vinho:
Nem verosimil he, que hum peito forte
Os bens destrua alheios desta sorte;
Porque tambem ha Gatos muito honrados,
Briosos nas acções, e afdalgados.

No preclaro Ministro (1) se comprova
Não ser isto que eu digo cousa nova ;
Pois he Gato tão grande, e tão famoso,
Valente, audaz, soberbo, e magestoso,
Gordo, festivo, sabio, e verdadeiro,
Que seu dono o quinhão lhe faz primeiro ;
Precedendo nas honras, que ha na meza,
Por ser agigantado, e ter nobreza
Tão clara, que a vetusta origem della
Nem Portugal a sabe, nem Castella,
Por ser da raça antiga dos Bichanos,
A que adorarão Celtas, e Romanos. (2)

Mas o Gato da Guerra na Cozinha,
Vem de outra geração vil, e mesquinha ;
Ou, como o vulgo diz, he d'outra casta,
Por ser tudo roubado quanto gasta.

O mimoso presunto, o bom guizado,

(1) Nome de hum Gato de hum Amigo do Author, de grandeza extraordinaria, e que tem dezoito annos de idade.

(2) Entre as infinitas Divindades, que estas antigas Nações cegamente adorarão, incluíão tambem os Gatos, aos quaes chegarão a render supersticiosos cultos.

Que por descuido encontra mal guardado,
O fisga com destreza, e sem fadiga
O pespega no centro da barriga.

E seguindo o que foi lei natural,
Affirma, tudo deve ser igual,
Sem que se diga meu, nem diga teu,
Como já n'outro tempo aconteceu
Naquelle idade de ouro tão gabada,
Que a terra dava pão, sem ser aráda,
Repartindo-se tudo quanto havia,
Sem haver distincção de jerarquia.

E segue tanto á risca esta doutrina,
Dizendo que a razão a determina,
Qué a seis netos, que tem já bem crescidos,
Lha prega vezes mil pelos ouvidos;
Os quaes, desta maneira doutrinados,
São ladrões de alto bordo desmarcados,
Que rondando de noite, e mais de dia,
Cada hum se transforma em huma Arpía;
Sem que bastem cuidados, e cautélas,
De lhes fechar as portas, e janellas,
Para que elles por artes do Diabo
Não vão tudo encaixar na pá do rabo.

Quaes lobos esfaimados carniceiros,

Os quaes, topando acaso alguns cordeiros,
Os tasquinhão com tal voracidade,
Que nem para constar desta verdade,
Fica sinal de sangue, pelle, ou osso,
Que tudo alli mamou voraz destroço.

Em fim he de ladrões hum povo armado,
Sem que baste a pedrada, nem cajado,
Para tirar-lhe a manha ladronatica,
De que tem os malditos tanta prática.

Mas por serem ladrões desta maneira,
Virão anzoes da Villa da Ericeira, (1)
Para que vindo á fisga dos guizados,
Elles fiquem tambem alli fisgados,
E para desenfado dentro em caza
Pagarem tudo á risca, e tudo á raza,
Com grossos varapãos com seus esgalhos,
E fazer-lhes as pelles em frangalhos.

Mas onde vou correndo estulto, e tolo!
Dá voltas por ventura o meu miolo?

(1) Esta Villa he maritima. Dista de Mafra hum
ma legoa. He terra de muita pescaria.

Ou seguirei hum erro tão formal,
Que abandone o motivo principal
Da altisonante, heroica, e grave historia
Escrita já nas taboas da memoria?

Minha Musa Gatesga, vem depressa
A metter-me no ponto, em que começa
O famoso Carroça, respeitado,
A vêr-se indignamente agatanhado;
E dá-me esforço tal, que o Mundo espante,
Para que em verso alegre a Guerra cante,
Que entre Gatos, e Cães tem visto o Mundo
Com desabrido estrago furibundo.

De novo o meu assumpto aqui proponho,
Mostrando que não foi hum leve sonho
A batalha cruel, feroz, e ardente,
Na qual hum forte Cão se vio tão quente;
E só depois que o povo lhe acodio,
O Gato inda assanhado lhe fugio.

Finalmente de pelle agatanhada
Com salpicos de sangue matizada,
O Carroça valente, e magestoso,
Da batalha cruel sahio furioso:
E forçado da dôr, e sentimento,
Foi logo dar comsigo no Convento;

E buscando o Maluco, (1) o consultou,
E nesta fraze attento lhe fallou :

Destemido Maluco, valeroso,
Que todo o Mundo acclama por famoso,
Em cujo grande ardor, em cuja raça
Só póde allivio ter minha desgraça,
Por ser de Cães honrados, e valentes,
A patria libertar, e suas gentes,
E darem só por ella a mesma vida,
Quando se vê sem causa combatida.

Eu me chamo o Carroça, e sou Fidalgo,
Como bem pódes ver em hum catalgo,
Que de meus quatro Avós posso mostrar-te,
No qual de mim tu possas informar-te.

Meu pai foi destemido de tal sorte,
Que a mais de tres mil Gatos deo a morte;
E quando pedra, ou páo nos lombos via,
Nunca se ouviu queixar, nunca gania.

(1) He hum Cáo de disforme grandeza, e ferocissimo dos Religiosos de Mafra.

De meu Avô he claro, e bem sabido,
Chamar-se por mais honra o Atrevido;
Meu Visavô, por grande, e desmarcado,
O Possante das gentes foi chamado.

Minha Mãi se chamava Galatea,
Que todo Mundo acclama á boca chêa,
Pela Cadella mais honrada, e boa,
Que allumiou a luz da tocha Eôa.

Minha Avó se chamou Dona Fineza,
E minha Visavó Dona Lindeza,
O qual Dom tinha vindo em linha recta
Da Princeza, que fora Galga preta,
Cuja antiga prosapia he tão notoria,
Que della havia já clara memoria
No tempo que o valente Malambruno
Girou nos vastos campos de Neptuno.

Por mover-te, Maluco, á compaixão,
Te faço esta brilhante relação,
E venho procurar o teu soccorro,
Porque sei, que não és qualquer Cachorro;
Porém hum Canzarrão muito alentado,
Digno de em prosa, e verso ser cantado.

Meu dono he hum Senhor tão principal,
Que antes de entrar Mourisma em Portugal
Já seus Maiores por diversos modos
Tinhão nome plausivel entre os Godos;
E sendo tão sublime, e preeminente,
Me chega o pão, e carne junto ao dente:
Todos os mais Senhores bons, e gratos,
Mandão pôr-me a lambuge de seus pratos.

O Cõprador, q̃ he homem muito honrado,
Capricha em me tratar com muito agrado;
Elle me fez o Guarda da Despensa,
E deu-me nas ossadas huma tença.

Mas tem desta eleição altos louvores
Da Familia em geral, mais dos Senhores;
Porque inda tendo fome não furtei
Cousa alguma das muitas que encontrei
Por tão diversas partes da Cozinha,
Fosse vacca, ou perû, pato, ou gallinha.

Algumas cousas destas já guizadas,
Outras pelos cabides penduradas,
Que apenas pôde haver no Mundo Cão,
Que viva em mais distincta opinião.

Mas sendo Creatura tão honrada,
 Chóro ver minha pelle agatanhada
 Pelo Gato mais vil, e desgraçado,
 Que em barrigas de Gatas foi gerado.

Em fim, grande Maluco, o caso he este
 Se bem no teu discurso o comprehendeste;
 Acabe de huma vez esta maldita
 Geração Gatical, na qual habita
 A raiva, a presumpção, a sanha, a furia,
 Que faz a nobres Cães tão grande injuria.

Teu nome portentoso, e teu respeito
 He tão grande, e sublime em meu conceito,
 Que espero vêr por ti desaffrontada
 Esta injuria tão grande, e tão damnada;
 Por teu agudo dente, bravo, e forte,
 Instrumento do susto, e mais da morte.

De dôr forçado aqui no infausto ensaio,
 Cahio mortal em terra de hum desmaio:
 E qual de azeite o fio delgadinho,
 A baba lhe corria do focinho:
 E rodando por terra hum largo espaço,
 De novo se arranhou pelo espinhaço;
 Depois se poz em pé, mas enfiado,
 Sem mais poder dizer, ficou pasmado.

Neste tempo o Maluco destemido
Na testa o foi lamber compadecido,
E disse, vendo-o já em seu acordo;
Com tom de voz horrendo, cheio, e gordo:

Eu juro á fé de Cão tomar vingança
Dessa tão grave offensa, sem tardança:
Meu bom Carroça, toma, toma alento,
Que eu juro de vingar o atrevimento
Da Gatical quadrilha tão maldita,
Na qual a ingratição sómente habita.

E farei tão crueis espalhafatos,
Que sintão meu furor milhões de Gatos,
Ficando desde agora mais famosa,
Mafra pela batalha sanguinosa,
Que vou apresentar-lhe. Não detenho
Nem mais hum só minuto o meu empenho.

Vai-me o Tejo chamar, mais o Arrogante,
O Basbaque, o Casquilho, o Diamante,*
Que estes escolho já por Cães melhores,
Para que sejam meus Embaixadores,
Fazendo em primo loco em meu Conselho,
No caso discorrer o Cão mais velho.

* Nomes de Cães de sujeitos Amigos do Author.

Isto o Carroça ouvindo , alvoraçado ,
De alegria ladrou , logo arrastado
Lhe foi por cortezia dar hum bejo
Na parte menos limpa , sem ter pejo ;
E disse : O' valeroso , e forte Cão ,
Dou parabens á tua geração ;
Tu serás finalmente o meu remedio ,
Os Gatos acabando em duro assedio.
Pelo Mundo ladrando mostrarei ,
Que tem o teu querer força de lei ;
Que teu furor ousado , e forte dente ,
Quando se ouve ranger , põe medo á gente ;
Que essa cabeça enorme , e tão felpuda ,
Qual a de outro Trifauce , he carrancuda ;
Que se no escuro Averno se mostrara ,
A barca de Acheronte atraz tornara.

Manifeste cantando os teus louvores
A Fama com clarins , e com tambores ,
Que eu não sei , nem me atrevo assás louvar-te ,
E menos quando a mesma por cantar-te
Sóbe nas altas grimpas , onde sôa ,
Com retumbante voz , que tudo atrôa.

Eu vou chamar os Cães , que tu me ordenas ,
E além desses viráõ tres mil dozenas ,
Pois do mais leve aceno , que fizeres ,

As leis se hão de cumprir, que tu quizeres.

Nisto sem mais dizer prompto marchando,
Vai os cantos de Mafra examinando,
Nos quaes achando os Cães, que pertendia,
As ordens intimava, que trazia.

Elles sem replicar forão correndo,
A's ordens do Maluco obedecendo;
O qual sobre a culatra bem firmado
Lhes falla desta sorte encarniçado:

Vós, generosos Cães, que tendes feito
Tão distinctas acções por meu respeito,
Não só engrandecendo a minha raça,
Mas dobrando-me os joelhos nesta praça,
Agora mais que nunca busco, e quero
Achar no vosso peito amor sincero.

Quero, que quantos Gatos tem o Mundo,
Vão parar desta vez no Averno fundo,
No qual a morte reina, e confusão,
Voltejando na testa de Plutão.

Vá de hum revéz hum povo tão maldito
Ver as tristes cavernas do Cocyto:
Ou minem, ou não minem tudo os Ratos,

Eu não quero no Mundo ver mais Gatos;
Que hum delles se atreueo á torpe acção
De agatanhar o mais valente Cão.

E por mais despertar a furia vossa,
Sabei, que isto se fez ao bom Carroça,
Cuja distincta, e clara fidalguia
Excede a luz do Sol, que fórma o dia.

Elle tem posto em mim certa esperança
De achar no meu valor cruel vingança
De tão indigna affronta; e determino
De hum golpe aniquilar o ardor Gatino:
Mas porque de hum revéz a morte crúa
A brava Gatigal raça destrúa,
Preciso algum soccorro para a Guerra,
Que deve declarar-se em toda a terra;
E querendo que nisto haja Conselho,
He meu gosto, que falle o Cão mais velho.

Então o fusco Tejo, (1) bravo, e forte
A discorrer começa desta sorte:

(1) Este Cão chamado Tejo he de cor fusca, ou quasi negro, e he muito raivoso, do qual he dono huma das principaes pessoas da Villa de Mafra.

Grande Maluco , bravo , e destemido ,
Eu quero defender o teu partido ,
Que essa mesma razão , que te provoca ,
A qualquer nobre Cão tambem lhe toca ,
E deve ser vingada rijamente
Pela força maior do nosso dente.
Cumpra-se o que desejas , pois he justo
Sirva de lei o teu preceito augusto.

Neste ponto o Casquilho se levanta ,
E desprendendo as vozes da garganta ,
Disse : O raivoso Tejo tem fallado ,
O' famoso Maluco respeitado ,
Com eloquencia macha , sabia , e fina ;
Mas por arte da madre Celestina
Tambem te mostrarei no meu discurso ,
Que em discorrer não sou hum Burro , ou Urso.
Digo que mandes logo sem demora ,
Desde o funesto Occaso á roxa Aurora ,
Chamar os Cães , que tem mais valentia ;
Por quanto agora sei por além via ,
Que a gente Gatical com ardor cego
Quer tirar-nos as tripas do pelego.
O Arrogante , o Basbaque , o Diamante ,
Em fraze nada menos elegante ,
Tendo ouvido fallar seus Companheiros ,
Expoem seu parecer , e muito inteiros

Fizerão pelas barbas juramento
De seguir do Maluco o nobre intento,
E tambem o morrer pela defenza
Da plebe Canzual; e sem detença
Desejão penetrar as bem sabidas
Do Mundo desiguaes sete partidas,
Donde lhe possão vir mil legiões
Dos mais agigantados Canzarrões.

Maluco mui cortez lhes agradece
A vontade, que nelles reconhece;
Passa-lhes instrucções das Embaixadas,
E roteiros lhes deo para as jornadas.

Huns correm para as partes Boreaes,
Outros buscando vão as Orientaes,
Quaes leões furibundos, e rompentes,
Às ordens do Maluco obedientes,
Não mostrando nenhuma repugnancia,
A pezar do trabalho, ou da distancia.
E quem deixar podera de ir correndo
Às ordens de animal tão estupendo,
Sendo elle hum Canzarrão tão desmarcado,
Que engole dois Cabritos de hum bocado?
O qual a natureza portentosa
Formou tão singular, que duvidosa
A gente está, se he Elefante, ou Cão,

Ou animal de estranha geração.

Mas neste passo a Musa mais se exalta,
E como cousa douda corre, e salta
Com furor mais ardente, ou mais profundo,
A dar brados insolitos no Mundo.

CANTO II.

TEndo já feito os Cães seu grão Concilio
 N'um canto de seu proprio domicilio,
 O Ministro o penetra, cuja fama
 Abrange quanto Apollo ardente inflamma.

E chamando tambem a Consistorio
 A sua gente, a todos faz notorio
 O desejo formal, que n'alma encerra
 De matar quantos Cães ládrão na terra;
 E com discurso forte, e bem tecido
 Lhes falla desta sorte embravecido:

Vós nobres, e valentes Companheiros,
 Que em morder, e arranhar sois os primeiros,
 As mais felpudas pelles, e mais grossas,
 De Casquilhos, Malucos, e Carroças,

Sem que desta canalha o feio aspecto
Abrande o vosso ardor alto, e selecto.

Sabei que hoje me foi representado
Pelo distincto, bravo, e bom Malhado (1),
Que o mais vil Cão, que encerra o vasto Mundo,
O accommeteo raivoso, e furibundo;
Mas que elle fez hum salto no costado
Deste louco atrevido, e que trincado
Lhe tinha a dura pelle rija e grossa,
E que o tal Cão se chama o vil Carroça.

Diz, que o cavalgou com força tanta,
Que ferrando-lhe as unhas na garganta,
Lhe procurava abrir bastante entrada,
Para tirar-lhe a lingua da arreigada:
O que tivera feito facilmente,
Se com páos não viera muita gente
Por defender o pessimo Rafeiro,
De que o bravo Malhado fez poleiro.

(1) O Gato da contenda na Cozinha, e que foi o moer da Guerra.

Nasceo deste successo já sabido
Nos malditos haver tal alarido,
Tão desabrido ardor, e tanta furia,
Tendo este caso atroz por huma injuria,
Que determinão todos por seu brio
Lançar-nos desta vez no Averno frio,
Fazendo em nossas pelles mais estrago,
Do que fez na Turquia Carlos Mago.

Ha hum certo Maluco nesta terra,
Que maldita soberba n'alma encerra,
E defender procura o Cão maldito,
A quem venceo o grão Malhado invicto;
E procura juntar grandes soccorros,
Não só de bravos Cães, mas de Cachorros,
Para nos acabar em Guerra dura,
O que já no seu peito injusto augura.

Mas julgo que isto fazem de medrosos,
Pelos muitos successos lastimosos,
Que tem da nossa furia experimentado
Desde que a terra aqueça o Sol dourado.

Se por medo não fosse, sem demora
Nos virião tirar as tripas fóra,
E não procurarião desta sorte
Por tão indigno modo a nossa morte.

Assim, valorosissimos Soldados,
 Tende promptos os dentes, e aguçados;
 Mas se exemplo nos dão estes Doutores,
 Mandaremos tambem Embaixadores
 A's terras mais remotas e distantes,
 Nossas forças unindo fulminantes.

Vá o Remeirinho (1) para Alemanha,
 Parta logo o Pardinho (2) para Hespanha,
 O Malhado (3) tambem para Moscovia,
 O Amarelinho (4) corra a ver Cracovia,
 O Caçador (5) vá logo para a China,
 E parta o Derrabado (6) a Salamina.

Outros partão tambem com promptidão
 Ás Ilhas de Moloc (2), ou do Japão.
 Digão, que do Ministro são mandados,
 Procedão em toda a parte como honrados;
 Tratem todos os Gatos com respeito,
 Que assim de nós faráõ melhor conceito.

(1, 2, 3, 4, 5, 6) Nomes de Gatos de donos conhecidos do Author.

(2) He o verdadeiro nome das Ilhas de Maluco, e significa cabeça de cousa grande.

E recommendo a todos outra vez
Não seja algum de vós tão descortez,
Que torne a investir prato, ou panella,
Lamprêa, franga, sável, ou murcella.

Comei em hora boa o que vos dão,
Pois isto nada cheira a ser ladrão;
Que não faltão Senhores generosos,
Que attentos, desvelados, cuidadosos,
Não mandem, que a lambuge de seus pratos
Se reparta igualmente pelos Gatos.

Conclúo com vos dar as boas idas
A essas Regiões desconhecidas;
A benção de Mafoma vos defenda,
Cujo grande (1) Profeta em nossa Lenda
Tem primeiro lugar. Elle vos traga
Com legiões de Gatos, como praga,
Com que mostrar possamos nesta Guerra
Em Mafra de Cães mortos huma serra.

Oh prudente, discreto, e generoso
Ministro! Grande, invicto, e poderoso,

(1) Por ironia.

Magnanimo, sizudo, bravo, e forte,
Cujas proezas a pezar da morte
Ficarão pelos bronzes esculpidas,
Ou nas pedras duras embutidas;
(São vozes do fogoso, e bom Malhado
Aos pés do grão Ministro arrodilhado)
Pois com prudencia tanta nos ensinas,
E salvar-nos a todos determinas;
Nós por te obedecer com amor puro,
Romperemos por ti o Inferno escuro.

Levantou-se o Ministro muito airoso,
Com ar de gravidade magestoso,
E desta honrada gente se despede
Contente do favor, que lhes concede.

Já partem os Athletas mais valentes
A buscar pelo Mundo combatentes,
Deixando os patrios láres; pois os chama
A trabalhos infindos honra e fama.

Já o Remeirinhall esbravejando
Vai as serras Alpénas penetrando,
E buscando a alta Saxe, a Franconia,
Girou quanto ha do Rheno até Hungria;
E do Baltico mar piza as arêas,
Onde na praia vio trinta Balêas.

Em Autriche , Suabia , e na Bourgonha ,
Sem que hum ponto seu garbo descomponha ,
Juntou poder mui grande , e numeroso
A's ordens do Ministro poderoso.
Embarcão-se nos mares de Alemanha ,
De Neptuno a Região inculta , estranha ,
Calcando nos ligeiros leves pinhos ,
Abrindo pelo mar novos caminhos.

Passou a Armada junto de Bristol ,
No mez que o bravo Touro monta o Sol ;
Que pelos vastos campos de Neptuno
Tambem sabe girar povo Gatuno.

O Pardinho , que foi correr Hespanha ,
Não lhe ficou recanto , nem montanha ,
Que não examinasse muito attento ,
Por exacto cumprir seu regimento.

Vio Cordova , Granada , e vio Asturias ,
De sede , fome , e Sol soffrendo injurias ;
Cataluna , Aragão , Andaluzia ,
As ordens intimando , que trazia.
E no Reino de Murcia , ou de Leão ,
Encontrou hum tremendo Gatarrão ,
Tão grande , que ha razão muito bastante
Para se discursar que era Gigante.

Este se offereceo sem mais porfia ,
Dizendo, que só elle bastaria
Para doze mil Cães dos mais valentes ,
Por ter muito folgados os seus dentes ;
E buscando a estrada principal ,
Entrão por Badajoz em Portugal.

O Amarelinho a Petersburg passa
Para gente buscar da sua raça :
Esta Cidade he capital da Russia ,
Assim como Berlin o he de Prussia.

Estando pouco tempo em Brandembourg ,
Se tornou a passar a Petersburg ;
Buscou a Região Septentrional ,
As aréas pizou do mar Glacial ;
Entrou por muitas terras da Tartaria ,
Vendo do Mundo inteiro a gente varia.

O Malhado depois de ver Cracovia ,
Passou logo tambem para Varsovia ,
E depois no terceiro, ou quarto dia
O Ducado buscou de Lithuania.
Pelas margens do Bouge, e do Niepêr ,
Sem nunca descançar, nem se deter ,
Achou Gatos tão fortes e raivosos ,
Que intrepidos, soberbos, valerosos ,

Vem promptos, e contentes para a Guerra,
Que a desgraça forjou no fim da terra;
Porque vendo da parte Oriental
O fim de todo o Mundo he Portugal:
De Portugal a terra derradeira
Fica sendo de Cascaes, ou Ericeira;
Que huma legoa será, quando se atalha
Dos campos sanguinosos da batalha.

Os Gatos por Grumetes marinhando
Vem as salgadas ondas apartando,
Sem que do grão Neptuno o aspecto enorme
Em seu grande projecto os desconforme;
Que os grandes corações de honra sedentos
Té parecem zombar dos Elementos.

Na China o nobre, audaz, forte Assanhado
Tudo tem revolvido, e tem minado;
E posto no caminho, chega em fim
A' Cidade famosa de Pekim.

Oitocentos mil Gatos acha nella
De côr cinzenta, branca, e amarella;
De Pekim marchando, todos vão
Para a grande Provincia de Cantão.

Discorrem por Nankim , Chekian , e Fokien ,
 Leauto í , Xanton , Kiangsi , Hucuang , Suchuen ;
 Que são , pelo que a historia nos ensina ,
 Provincias muito grandes lá na China.

Os Chinezes com olhos de toupeiras
 Se punhão nas montanhas , e ladeiras ,
 Para verem correr as enxurradas
 De tão numerosissimas Gatadas.

Daqui , seguindo a Persia , todos vão
 Buscar a Corte principal de Haspáõ ,
 A mais famosa , rica , e decantada ,
 Que allumia do Sol a luz dourada.
 Correrão pelas ruas principaes ,
 Que pelo meio tem largos canaes ,
 Nos quaes embarcações andão remando ,
 Que anafins sonorosos vão tocando ,
 Os corações enchendo de alegria
 A pompa , o luzimento , a melodia.

Virão de longe o Paço Imperial
 Bem no centro da Praça principal ,
 Do qual a formosura com grandeza
 Excede a quantos ha na redondeza.

Nas suas quatro frentes, ou fachadas
Tem figuras tão bem desempenhadas,
Que só julgallas póde quem regista
A sua perfeição com propria vista.

Transfórma-se alli Jove em gotas de ouro,
Aqui a lyra toca o Pastor louro,
Acolá Daphne amante vai buscando,
Que em loureiro a figura vai mudando.

Em nichos se estão vendo as sabias Musas,
A quem tu, claro Apolló, não recusas,
Em benignas, e gratas influencias
Cabal conhecimento das sciencias.
Clio os peitos accende em alta gloria,
Polymnia dando lustres á memoria,
Eráto mais Terpsichore bailando,
Os tempos, e compassos ajustando.

Para outra parte attenta Urania estava,
Que do Olympo os astros contemplava;
Compunha Euterpe flautas numerosas;
Caliope cantava acções gloriosas;
Melpomene em sublime, e clara historia,
Applaudia Varões d'alta memoria;
Thalia sujeitava a força errada
Da leve fantasia arrebatada.

Para outra parte Cricias, e Nestocles,
 Agelades, Alcámenes, Pirgoteles,
 Em pedras das mais finas esculpião
 Figuras, as quaes vivas parecião.

Mais a diante os Mestres da Pintura
 Em lenços cada hum formar procura
 Imagens, de que a propria natureza
 Ser Mestra verdadeira, e Mãi se préza.

Arístedes, Protôgenes, e Apelles,
 Polydenes, Parrhásio, e Praxitéles,
 Todos com seus pinceis de immortal fama
 As tintas applicando: Marte inflamma
 Os peitos para a Guerra, e tem lançado
 O elmo para traz com gesto irado.

As Nayades de cabellos gotejando,
 Napéas toscos matos penetrando,
 Oreades nos campos divertidas,
 Dryades em regatos convertidas.

No mais alto lugar mui bem talhado
 Virão o grande Jupiter sagrado
 Das mãos raios lançando, e fogo ardente
 Nos horrendos Titões de força ingente,
 Tão natural, que a gente amedrontada

Parece ouvir o som da trovoada.
Nos lados das torres se levantão
Em fórma obeliscal, que a vista encantão,
Que de relevo mostrão mil figuras
Gravadas finamente em pedras duras.

Mas ah! que eu me desvio do que devo;
Pois quando de huma Guerra a historia escrevo,
Me dilato em tratar de hum frontispicio,
Dando de meus descuidos claro indicio.

Torna a metter-me, Musa, no caminho,
Se não dirão, que estou farto de vinho;
Que talhando huns alforges de lã parda,
Me sahe no fim de tudo alguma albarda.

Mas já sinto abrazada a fantasia
Para o assumpto buscar de que fugia:
Digo pois, que o magnanimo Assanhado,
Depois de tantas terras ter andado
Com toda a multidão da sua gente,
Esta Cidade vio grande e florente,
Que em sitio de formoso campo ameno
A banha o Zenderouth (1) claro, e sereno.

(1) Nome de hum Rio, que passa junto da refe-

Nella hum Gato encontrou do Imperador,
 Por alcunha chamado o Caçador,
 Que no Paço Real não só caçava,
 Mas tambem os mais Gatos governava.

Este ouvindo a proposta nunca ouvida
 Do valente Assanhado, de corrida
 Mandou seis Postilhões com seu avizo
 Para a Cidade antiga de Taurizo (1).

Alli se resolveo em continente
 A raça Gatical mais excellente
 Para as ordens cumprir do Caçador,
 O qual dos Gatos era Imperador.

Promettem de Taurizo estas Quadrilhas
 Fazer as pelles todas em estilhas
 A quantos Cães a superficie encerra
 Da vasta, immensa, e dilatada terra.

rida Cidade, do qual se fórmão muitos canaes pelas
 ruas principaes della.

(1) Cidade no Imperio da Persia, que n'outro
 tempo foi Metropoli, e Corte dos Imperadores.

Partem todos de Haspão, e sem demora
 Correm a Babylonia, onde agora
 A pequena Cidade de Bagdata
 Se vê unicamente, a qual retratã
 A nossa Santarem. Nisto parou
 Huma Corte, que tanto se illustrou
 Por maravilha grande em todo o Mundo.
 Com desprazer os Gatos mui profundo
 Se queixavão do tempo, que impiamente
 Com seu rígido braço omnipotente
 Destróça, amolga, rompe, e amassa
 A pedra, o bronze, a formosura, a graça;
 Que o Cão das tres gargantas tudo come,
 E o tempo tragador tudo consome.

O tempo sem ser Gato dá unhadas,
 As pelles mais felpudas faz pelladas,
 E tudo por seu gosto, ou seu recreio,
 Faz naufragar nas aguas de Letheio.

Em si mesmo o Ministro o experimentava,
 Na sua fresca idade gordo estava,
 Inda mais que hum Texugo, e mui contente
 Fazia muita festa a toda a gente.

Mas hoje entregue todo a seu cuidado,
 Mais pezaroso vive, e mais cançado;

E bem se vê, que os annos, que passarão,
O maciô da pelle lhe mudarão;
Com tudo no valor falta não sente,
Como bem nesta Guerra fez presente.

Mas já razão parece, e cousa idonea,
A partida contar de Babylonia
Dos intrepidos Gatos valerosos,
Que soberbos, ardentes, e raivosos
Partirão pelas tres da madrugada
Desta Cidade antiga, que fundada
Foi por Nembrod em mil com oitocentos
Da creação dos vastos Elementos.

Passarão pela ponte das Dainecas,
Entrando nas vastissimas charneças
Daquellas tão desertas Regiões,
Habitação de Tigres, e Leões;
Onde encontrando alguns os investirão
Com força a mais cruel, que as gentes virão.
Muitos vendo a quadrilha Gatical,
Nella se arremeçarão por seu mal;
Por quanto os Gatos levantando os rabos,
Raivosos como todos os diabos,
Se portarão com tanta fortaleza,
Que dos Leões fizeram sobremeza,
Servindo de refresco á forte gente,

Que para a Guerra corre diligente.

Pela Cidade de Anna (1) todos passam ,
E della para Rhabe se traspassão ,
E na grande lagôa , que está fóra ,
Só em beber gastarão mais de huma hora ,
Por virem sequiosos , e encalmados
Por tão inhabitaveis descampados.

Buscão Taibe , depois vão a Milôa ,
Onde ha de agua excellente outra lagôa .
Daqui partindo os bravos combatentes ,
Desfazendo nas unhas mil Serpentes ,
Pelas vastas charnecas , que passarão ,
Para Alépo marchando , se apressarão .

Alguns Aleponezes , ou Piratas
Quizerão affirmar , que havião Gatas
Nesta chusma infinita de Bichanos ,
Ou valentes Athletas Gaticanos .

Mas distinguir o sexo pelo vulto ,
Só pertender o póde hum povo estulto ;

(1) He capital da Lybia Deserta. Divide-a pelo
meio o rio Eufrates.

Pois ha homem sem barbas, ou barbicas,
 Que em lingua Portugueza são maricas;
 E mulheres barbadas de maneira,
 Que barbas vender podem n'uma feira.
 Nos Gatos, e nos Cães do mesmo modo
 Se póde equivocar o Mundo todo.

Parece ao longe hum Corço huma gazella,
 'Ao perto hum Cão parece huma Cadella.
 Parece a Gata Gato, o Gato Gata
 Nas pelles, e tambem se se retrata;
 E pelos miáus, ou logo de repente,
 Ninguem distingue o sexo desta gente;
 E finalmente ha mais de tres mil annos,
 Seirão Gatos, ou Gatas, são Bichanos.
 E julgo, que estes taes Aleponezes
 Mais tolos inda são, que os Japonezes (1),
 Presumindo alcançar, de que eu me espanto,
 Cousas, que ao juizo humano excedem tanto.

Demais, que Minos, Rhadamanto, Eáco,
 Vendo o ser feminil tão molle, e fraco,

(1) Os naturaes da grande Ilha do Japão.

Julgarão por sentença , que não erra ,
Que lhes fosse prohibido entrar na Guerra.

E vendo elles tão grande quantidade ,
Bem podião julgar , e com verdade ,
Não ser cousa diversa deste assumpto ,
Tanto povo Gatesgo achar-se junto.

Quando a Mãe de Memnôn acorda o dia ,
Que nos braços da noite adormecia ,
Mais ligeiros , que o leve pensamento ,
Para Antioquia as proas poem ao vento.

Nesta Cidade todos se embarcarão ,
Pelas grossas enxarcias se treparão ,
Sem temer de Amphitrite altas procellas
As ancoras levantão , largão vélas.
Passão junto de Chypre , e vindo ávante ,
Os mares dividindo do Levante ,
Deixando atraz o mar Mediterraneo ,
Entrão em Gibraltar para o Oceano ,
Vindo todos assim desta maneira
Desembarcar na Villa da Ericeira.

Desembarcão no dia quatorzeno
Do mez , que o Touro vai no campo ameno
Mugindo espicaçado dos Mosquitos ,

E pastão tenras hervas os Cabritos.

O Ministro de tudo já sciente
Foi para os receber com sua gente,
E derão todos juntos taes mianadas,
Que parecião grandes trovoadas.

A gente da Ericeira de medrosa
Dentro em casa se fecha temerosa,
E pelos buraquinhos espreitando
Se lhe está mesmo o sangue congelando.
Mais de trinta milhões serião todos
De figuras diversas, varios modos,
Que depois dos trabalhos, que passarão.
Todos no mesmo dia alli chegarão.

A tudo foi dispondo em batalhões.
O Ministro com sabias prevenções;
E logo para Mafra ás tranças dão,
Aonde seus quarteis promptos estão.

Qualquer delles aguça a ferramenta
Para a Guerra cruel, sanguinolenta,
Que pertende cantar enfurecida
Huma Camena alegre, e nunca ouvida.

CANTO III.

JA' de Phaetonte o Pai o carro guia
 Para o Zenith celeste aonde ardia,
 Dalli calor tão grande á terra manda,
 Que se estão vendo de huma ; e d'outra banda
 Os Cães sem folgo algum , de boca aberta ,
 Quando da calma o ardor mais os aperta.

Então nas azinheiras forte sôa
 O canto da Cigarra , o qual atrôa
 A gente ; que passando vai suada ,
 Fazendo o seu caminho pela estrada.

Nesta tal conjuncção inda girando ,
 Soccorros para a Guerra procurando
 Andão os nobres Cães tão destemidos
 Em quantas Regiões os tres latidos
 Do Tartáreo Cerbéro escuta a gente ,
 E de Latona doura o filho ardente.

Africa adusta corre o fusco Tejo,
Que de Abissinia os campos pizar vejo,
E na Corte, que nome tem de Axuma,
Lançando do focinho branca escuma,
Propoz a hum tal Podargo, Cão famoso (1),
As ordens do Maluco poderoso.

Este por celebrar esta Embaixada
Chamou huma Cadella derrabada,
Prima de sua Mãi, que por bem feita
Lhe chamavão seus donos a Perfeita,
Nesta palavra *Kian*, que significa
Isto mesmo, que acima dito fica.

Ambos póstos no meio de hum terreiro
Se babavão de ouvir este estrangeiro,
E preguntavão quanto na verdade
Lhe podia servir de novidade,
Da terra tão remota, em que nascera,
E porque taes caminhos emprendera.

Então o fusco Tejo principia,
Attento a discorrer, e assim dizia:
Valeroso Podargo, o teu preceito

(1) Nome de hum Cão na Ethiopia.

Gelar a voz me faz dentro no peito ;
Pois vejo , que teu gosto se encaminha ,
A que eu te dê razão da Patria minha.
E terás por vaidade , ou por vangloria ,
Que dos meus naturaes clara memoria
Faça em tua presença ; pois he certo ,
Que alguém louvar se a si he desconcerto ;
Mas por te obedecer , eu me aventuro
A romper do silencio o freio duro.
Eu sou de Portugal , cujo terreno ,
Sendo pela extensão muito pequeno ,
He tão grande nas forças , que Romanos ,
Gentios , Turcos , Mouros , Castelhanos ,
Mil vezes de seu braço agigantado
Tem soffrido com dôr grillhão pezado.

Nasci na Regia Mafra , a mais famosa ,
Que de Apollo circumda a luz formosa ,
Não sómente por sua antiguidade ,
Mas tambem pela rara magestade
De seu grande Edificio , que primeiro
Tem lugar entre os mais no Mundo inteiro.

Elle tem quatro frentes , ou fachadas ,
Com janellas tão grandes , e rasgadas ,
E feitas com tal arte , que por bellas
Hum pórtico parece qualquer dellas.

Em duas ordens postas em redondo
 Tão bella perspectiva vão compondo,
 Que na primeira vista o pasmo ordeña,
 Que nem as louve a voz, nem pinte a penna.
 Tal comprimento tem qualquer dos lados,
 Que os grandes Canzarrões mais alentados,
 Vistos d'hum n'outro extremo mais, ou menos,
 Cachorrinhos parecem mui pequenos.

No frontispicio a bella architectura
 Brilha com tão distincta formosura,
 Que julgo ser, (e nisto bem me fundo)
 Maravilha maior de todo o Mundo.

As ordens tosca Dorica, e Composta,
 A Jonica, a Corinthia bem disposta,
 Tudo se vê com gosto executado
 No gráo mais singular, mais levantado.

Columnas de grandeza portentosa
 No pórtico maior a vista goza
 Nas tres portas soberbas, que na entrada
 A perspectiva formão da fachada.

Mil estatuas de marmores polidos,
 O chão todo em xadrez com embutidos,
 As torres, que nos lados vão subindo,

Mil sinos pelos ares retinindo,
Que sendo por mão destra alli tocados,
Os minuetes fórmão bem trinados.
Distinguem-se tambem nesta fachada,
Por maravilha grande, e sublimada,
Dois grandes torreões, que na grandeza
Outros não tem a vasta redondeza.

Hum zimbório soberbo, e sumptuoso,
Que na Região Etherea do ventoso,
E sublime Hemisferio vai tocando
As nuvens, que nos ares vão girando.

De festões adornado, e bellas flores,
Formadas em diversas lindas cores,
De pedras muito finas, e polidas,
Na Região do vento suspendidas.

O Senhor, que erigio este Edificio,
Nos mesmos torreões do frontispicio
Mandou, que Paço Regio se fizesse,
Que a seu grande poder correspondesse;
No qual respira, sem contradição,
A grandeza de hum Regio coração,
Que a fama ha de cantar com gosto, e gloria,
Em quanto neste Mundo houver memoria.

Huma soberba Praça está pegada
'A' frente principal desta fachada,
De excessiva grandeza, e tão formosa,
Que vence a narração do verso, e prosa.

Pertende nella o General potente,
Que a ti me envia, ou manda, Cão valente,
Formar da Guerra o campo, que em verdade
Tem para a nobre acção capacidade;
Na qual se podem ver mui bem formados
Hum milhão de milhões de bons Soldados.

O sitio he muito alegre em todo o anno,
Vê-se de longe o grande mar Oceano,
No qual se perde a vista, ou se termina,
Onde Phebo morrendo a luz inclina.

Hum Senhor mui sublime, e muito Illustre,
Da nobreza maior, portento, e lustre,
Nesta Villa huma Quinta grande, e nobre
Tem, que de bosques fresca sombra cobre.

Magnificos Jardins mui bem lançados,
De soberbas estatuas adornados,
E crystallinas fontes de repuxo
Borrifando de longe o verde buxo;
E logo mais abaixo hum manso rio

Correndo vai com brando murmúrio.

Tem praças, lagos, tanques, e capellas;
E ruas tão formosas, que por ellas
Podem correr cem Cães emparelhados
Dos que do corpo são agigantados.

A todas vai cobrindo fresca rama,
Que nem do Sol penetra a viva flamma.
Mil diversos contentes passarinhos,
Pendurados nos troncos, e raminhos,
Festejão com suave, e doce canto
Da rubicunda Aurora o rosto santo.

Este lugar tão magestoso, e bello
He de hum grande Senhor, que alto desvélo
Lhe poz na sua penetrante idéa
A poderosa mão da sábia Astréa;
Da qual o grão poder a sorte guia,
Té onde em beijos d'ouro nasce o dia.

Na formosa Cozinha bem lançada
Do Paço desta Quinta, a desgraçada
Contenda succedeo, que foi motivo
De se abraçar Maluco em fogo activo,
Desejando acabar n'um só momento
A quantos Gatos poem seu rabo ao vento.

Carroça tem por nome o Cão brioso,
Que do Gato soffreo o ardor furioso,
E que buscou no grão Maluco invicto
Vingança a mais cruel deste conflicto.

Este forte Maluco destemido
Nas grandes forças he tão desmedido,
Que nunca as gentes virão no tamanho
Tão desconforme bruto, e tão estranho.
He grande, como hum Touro; e dois Carneiros
Sómente n'uma cêa mama inteiros;
Tem dois palmos, ou mais, qualquer orelha,
Parece hum Leão bravo na gadelha,
A cauda tem dez varas de comprido,
Os montes faz tremer o seu latido.

As portas lá do Inferno o grão Cerbéro
Não guardaria nunca horrendo e fero,
Se primeiro o terrifico Plutão
Soubesse deste grande Canzarrão.

Ainda, preclarissimo Podargo,
Podia em seus louvores ser mais largo;
Porém quero acabar, por não cançar-te,
Quando busco razões para agradar-te.

Então Podargo airoso se levanta ,
E com tal discrição, que a tudo espanta ,
Lhe agradeceo com ar de gravidade
Noticias de tão grande variedade :
E prometteo de vir com seu estado
Em favor do Maluco respeitado ;
E todos n'um só corpo já se união ,
E para a Guerra infausta os passos guião
Mais de seiscentos mil , e todos elles
De presença gentil na côr das pelles.
Depois da Nubia vêm todo o districto ,
E logo vão cahindo sobre Egypto ,
Que em fertil, e formoso campo ameno
Conta duzentas legoas de terreno ,
Quando se toma só na longitude ,
E cincoenta tambem de latitude ,
Que o Nilo tão famoso rega ufano ,
Té metter-se no mar Mediterraneo.

Depois o fusco Tejo discorria
Por toda aquella vasta Monarquia.
A' Thebaida subio , ao Cairo desce ,
Onde o fado cruel lhe forja , ou tece
De amor doces prizões na vista bella
Da mais galante , e singular Cadella ,
Que nasceo neste Mundo em campo razo
Desde os berços do Sol té seu occaso.

Era tão corpolenta, e tão felpuda,
 Que bem não posso ao som da frauta ruda,
 Por mais que a lingua nisto se desvéle,
 Louvar-lhe dignamente a côr da pelle.

Era de cauda longa, e retórcida,
 De pello brando toda revestida,
 De peitos larga, grossa de costado,
 De focinho bem feito, e bem lançado,
 E de cores diversas tão malhada,
 Que a todos parecia ser pintada.

Era de huma Princeza Egypciana,
 Chamada lá no Cairo Florindana,
 A qual só para seu divertimento
 Por morada lhe deo seu aposento;
 E fosse por doudice, ou por grandeza
 Ella a punha consigo mesmo á meza,
 E com a propria mão, com que comia,
 Os ossinhos na boca lhe mettia.
 De cascaveis trazia gargantilha,
 Com que de tal maneira campa, e brilha,
 Que em todo o Egypto se não vê Cadella,
 Que se atrevesse a competir com ella,
 Excedendo no modo, e na figura,
 A quantas vão beber na clara, e pura
 Corrente do famoso Nilo fundo,

Por obliquos caminhos vagabuudo.

Vendo o preclaro Tejo este prodigio,
 Pelo lago jurou, chamado Estygio,
 Que neste singular, e grato objecto
 Elle empregar devia todo o affecto,
 E ficou de maneira transportado,
 Que o rabo, o qual trazia levantado,
 Sentindo já de amor a bruta Guerra,
 Se lhe foi inclinando para a terra.

Folinga (assim s'appellidava ufana
 A singular Cadella Egyptiana)
 Com instincto formal muito estupendo
 A causa da tristeza conhecendo
 Do destemido Tejo, considera
 Ser grande sem-razão mostrar-se féra,
 E posta na janella da Princeza
 Lhe davão de afeição muita certeza,
 Já movendo o seu rabo, já na vista,
 A quem não ha Melampo, que resista.

Pelo que o Tejo alegre, e sem violencia
 Vendo tanto primor, tanta excellencia,
 Tinha comsigo já determinado
 Mais não voltar ao patrio ninho amado,
 Pelas margens achar do Nilo undoso

Mais bellas , que as do Tejo caudaloso ;
Porque Folinga as piza , ou nellas mora ,
Por quem respira alli Favonio , e Flora ,
Fazendo no fulgor , que reverbera
Brotar flores a fresca Primavera.

Mas o que mais o affecto lhe augmentava ,
Era vêr a prudencia , que mostrava
A formosa Folinga ; pois he certo ,
Que tinha nas acções tanto concerto ,
Que nunca a virão rir , e nos latidos
Os chegava a formar tão comedidos ,
Que hum bronze desfizera qualquer delles ,
Quanto mais aos Heróes de rabo , e pelles.

O seu focinho nunca , inda ladrando ,
Se lhe vio descompôr , e praticando
Limpeza tal nos mimos , que reparte ,
Quando hia dar os beijos em tal parte ,
Que nem leve resquicio lhe ficava
No focinho , da parte que beijava.

Qual Cão pudéra vendo tanto aceio
Seguir livre o caminho donde veio ,
Sem derreter-lhe o peito de repente
De Cytherêa o filho em fogo ardente?

De mil cuidados fortes combatido
O respeitavel Tejo destemido,
Pertende declarar-se, a quem lhe ordena
A causa principal da sua pena;
E partindo a correr de rabo alçado,
Vai buscar seu emprego doce, e amado,
A quem com firme amor, com fé inteira
Principia a fallar desta maneira.

Minha Folinga bella, e respeitada
De Oribazos, Dorceos sempre adorada,
De Pamphagus, Melampus, Ichnobates,
Que vivem desde o Rheno até o Eufrates.

Eu te busco, e te sigo; porque vejo,
Que desde o Egepcio Nilo ao claro Tejo
Não ha, nem póde haver outra Cadella
Tão linda, tão perfeita, nem tão bella.

Eu sei, que não mereço hum bem tamanho,
E mais porque neste Paiz me vejo estranho;
Mas sabe, ó grã Folinga Imperial,
Que eu sou Fidalgo, e sou de Portugal
De humna familia antiga, que por todos
Se julga, que existio antes dos Godos.
Pois já quando Alarico tomou Roma,
Humna Cadella foi, chamada Broma,

Que deo principio á nossa raça nobre,
 De sangue muito illustre, inda que pobre,
 Como refere o grande Clarimundo
 Nas Chronicas, que fez de todo o Mundo.

Então Folinga branda, e compassiva
 Em frazè singular muito expressiva,
 Sentindo já de amor o impulso forte,
 A fallar principia desta sorte:

Preclaro, heroico Tejo, eu bem conheço
 Da tua Fidalguia o alto preço;
 Por quanto só de hum claro nascimento
 Vem acções de immortal merecimento.
 E com ser alta a minha jerarquia
 Conheço pela sã philosophia
 Ser de juizo bronco, ou insensato,
 Quem a mimos de amor se mostrá ingrato.

Então o Tejo ladra de contente
 Por tal feitio, que do Cairo a gente
 Ficou por algum tempo atordoada
 Sem poderem fallar, nem dizer nada.

Voltejando Canificos amôres,
 Quaes os grandes moscardos entre as flores,
 Procuravão de unir em laço estreito

Dous corações, que a natureza feito
 Tinha nascer em climas tão distantes,
 Para exemplo formal de Cães amantes.
 Mas ah, que deste amor tão bem fundado,
 Eu vejo, que por lei do injusto fado
 Ha de nascer nos braços de huma ausência.
 A maior dôr, a mais cruel violencia.

Huma noite serena, em que dormia
 No canto de huma grande estribaria
 Sobre hum monte de feno recostado
 O invencivel Tejo respeitado,
 Morfêo, fendendo o ar, á terra desce
 E na fórma de hum Moxo lhe apparece,
 E lhe fez conhecer em visão clara
 O miseravel mal, a que chegára,
 Deixando-se vencer da paixão cega,
 Com que a tão louco amor seu peito entrega,
 E lhe diz: Bravo Tejo, acordá, attende,
 Esse fogo destróe, que amor accende;
 Porque abrazado já na chamma d'elle
 Deixas de ser Heróe de rabo, e pelle.

Deixa de amor a falsa, e vil quimera,
 E busca o grão Maluco, o qual te espera;
 Vê que hum valente peito he fraco em tudo,
 Quando de amor não vence o ferro agudo,

E quem , quando elle nasce , o não sugiga ,
Depois vencer não póde nesta briga ;
Pois dá maior fadiga , e mais trabalho ,
Vencello , que arrancar-se algum carvalho ,
Que arraigado na terra desafia
De Boreas furibundo a valentia.

Se queres , que te cinja a fresca rama
Do louro verde , e que te cante a fama ,
Dos teus passados segue o claro exemplo ,
Que da fama no grande , eterno Templo ,
Qualquer gravado tem seu claro nome
Em bronzes , a que o tempo não consome.

Nisto se esconde o Moxo , e já raiava ,
E de flores os campos esmaltava ,
No termo horizontal a roxa Aurora ,
Por quem respira Pan , Pomona , e Flora.

O Tejo se levanta , e transportado
Da visão , que Morfêo lhe tinha dado ,
Logo no seu discurso determina
Resistir á paixão de amor ferina ,
Vencendo pela honra , e pela fama
O fogo que seu peito amante inflamma.

Busca logo o Podargo, e n'um momento,
 Procurando cumprir seu regimento,
 Animado outra vez do ardor primeiro,
 Juntou no Cairo só mais de hum milheiro
 De rabudos Athletas, peregrinos,
 Não só agigantados, mas ferinos,
 E todos a correr de rabo alçado
 Vem por cumprir as leis do injusto fado.

Sabido por Folinga linda, e bella,
 Que o influxo fatal da sua estrella
 Lhe tinha decretado por violencia
 Do Tejo esclarecido a dura ausencia,
 No seu peito sentio tão grande pena,
 Neste lance cruel, que amor lhe ordena,
 Que ás mãos de atroz, e lívida tristeza,
 Com grande sentimento da Princeza,
 De rabuge morreo, ou de gafeira,
 Conforme a relação mais verdadeira,
 N'uma manhã de nevoa muito fria,
 Quando tudo no Cairo inda dormia.
 A Princeza com grande pranto, e mágoa,
 Junto á margem do Nilo perto d'agoa,
 A mandou enterrar, e juntamente
 Levantar-lhe hum padrão, que regiamente
 A todos declarasse quem jazia
 Tão perto da mesma agoa corredia.

Partido tinha o Tejo, e a offais Quádrilha
 A ver de Alexandria a maravilha
 Naquella alta Columna portentosa,
 Que por eterna fama, gloriosa
 Pompeo levantou para memoria
 Do seu grande poder, da sua gloria.
 E pela natural curiosidade
 Virão as outras cousas da Cidade,
 Da qual trinta mil Cães dos mais valentes
 Se lhe vêm sujeitar muito contentes,
 E jurão pela Estyge Acheionina
 A gente consumir brava, e gatinha;
 E logo vêm buscando a brava tropa
 A parte Occidental da grande Europa.

O Casquilho tambem por outra parte,
 Seguindo o influxo bellico de Marte,
 As terras penetrou d'Arabia, e China,
 Da Media, do Mogol, de Cochinchina;
 Propondo do Maluco as embaixadas
 Em terras tão remotas, e apartadas;
 Encontrando por sitios tão distantes,
 Destemidos Mastins, e Cães gigantes,
 De mais de oitenta varas de comprido,
 Que os montes abalava o seu latido;
 A todos ponderava, que pera justo
 Seu povo socorrer com braço angusto,

Que a raça Gatical brava, e maldita
 Pertendia juntar força infinita,
 Para nos Cães mostrar com bravo ensaio
 Em cada agudo dente hum fero raio:

E que no grão Carroça o mais vil Gato
 Tinha feito hum tyranno espalhafato,
 Sendo hum Cão muito honrado, e muito nobre,
 Inda que neste tempo estava pobre,
 Andando já descalço pela lama,
 Fazendo em terra fria a sua cama.

Mas isto na melhor opinião
 Parece nelle ser moderação;
 Pois não se pôde crer tanta nobreza
 Tal desperdicio faça da limpeza,
 A não ser por motivo transcendente
 A' comprehensão vulgar de toda a gente.

Nelle o tal Gato fez tão impio estrago,
 Que as fúrias renovava de Carthago,
 Quando o grande Annibal Carthaginense
 Depois que Ausonia altiva opprime, e vence,
 Nos Romanos matança fez tão brava,
 Que o Tibre em roxo sangue a côr mudava.

Esta razão bastava, Cães famosos,
Para que vossos dentes poderosos,
Se apromptem n'um momento para a Guerra,
Que a discordia teceo no fim da terra.

De cauda retorcida vai Diamante
Girando muito airoso, e roçagante,
E quasi sem parar, e de corrida,
Os passos leva a Roma esclarecida,
E bem junto das fontes do Frascati
Hum Molosso encontrou d'hum Alfiate.
Este o conduz por baixo de sucapa
A's Cozinhas, que tem em Roma o Papa,
Para nellas fallar a hum tal Rabudo,
De valor singular, inda que mudo.

Este os Cães convidando mais forçosos,
Astutos, destemidos, e briosos,
Se formão trinta mil n'um só momento,
E vêm ligeiros mais que o pensamento,
Cheios d'hum alto ardor nobre, e ferino,
Seguindo as leis fataes do seu destino.

Mil Cidades, e Villas vão passando,
O sangue pelas vêas congelando;
Pois da fatal tragedia amedrontadas;
As aves sem voar ficão paradas,

E suspendendo o curso o Guadina ,
Assombro causa á gente Castelhana ,
Por ver tanta canalha esganiçada
Nesta Guerra cruel tão empenhada.

Tambem o plecarissimo Basbaque
Deo consigo no Cabo de Fartaque ,
E na Arabia Feliz muito contente
Mostrava seu designio á sua gente ;
E passando á Deserta , e mais Petrêa ,
Com entranhavel gosto se recrêa ,
Pelos costumes ver extravagantes
Em terras tão remotas , e distantes ,
Inda que em todas ellas sempre vê
Todos os Cães andar pelo seu pé ,
E não em sege , ou coche , o que esperava ,
Pelo que em Portugal se lhe contava .
Na capital Herache grande , e forte ,
Vio Cães de outra figura , e de outra sorte ,
De focinho revolto , e taes feições ,
Que o Basbaque julgou serem Leões ,
Hum chamado das gentes o Melanto ,
A tudo punha medo , a tudo espanto .

Nem deixarão meus versos esquecidos
Outros muitos Heróes esclarecidos ,
Taes como o singular , feroz Mordente ,

E mais outro Farrusco seu parente.

Qualquer delles contente logo aguça ,
Cheio d alto furor sua dentuça ,
Para nesta infernal , cruel batalha ,
Fazer de cada dente huma navalha.

Dois milheiros de Cães Basbaque toma ,
E para darem graças a Mafoma ,
Todos a Meca vão por linha recta
Ao sitio , onde nasceo este Profeta ;
Dalli vão por seu pé para Medina ,
E depois vão parar na Palestina.
E por ficar-lhe já pouco distante ,
Entrarão pelos mares de Levante ,
Abrindo novos surcos , e caminhos
Nos campos de Nereo , como Golfinhos.

Tambem em Portugal o Arrogante
He justo , que em meu verso agora eu cante ;
Pois qual raio veloz fende o caminho ,
Que de Mafra por Coimbra passa ao Minho.
Vio Cramos , Amarante , e Guimarães ,
Por Braga ao Porto vai , a Scalhães.

Depois n'uma manhã muito orvalhada
Outro rumo buscou , segue outra estrada ;

E buscando do Sol o nascimento,
 Na Guardag(1) poem gostoso o pensamento,
 E descendo huma legoa para o Norte,
 Manso o Mondego vio, que grata sorte
 Lhe deo origem nobre, grande, e bella,
 Na Serra, que seu nome tem da Estrella.

Achou em suas aguas tal recreio,
 Que serem suspeitou as do Letheio;
 Pois vai na vista dellas esquecendo
 Os ossos, que elle em Mafra andou roendo,
 Seguido já de cinco, ou seis milheiros
 De Sabujos, Podengos, e Rafeiros.

Logo deixando as terras Boreaes,
 Carrega para a parte das Austraes,
 Corre a Castello-branco, volta á Idanha, (2)

(1) Cidade na Provincia da Beira Alta.

(2) Esta Villa da Idanha foi antigamente huma grande Cidade chamada Igedita, como se infere de varios Escriptores, e de muitas Inscriptões antigas. Fica em huma pequena eminencia, de que nascem vastas planicies, com muitos, e grandes lugares, que geralmente se chamão Campos da Idanha.

E com sagacidade, modo, e manha,
No seu campo formou hum Regimento
De Cães de singular atrevimento.

Dalli os passos muda, e se encaminha
Para a formosa Villa de Alpedrinha,
E pelas sete, ou doze da manhã,
A Villa vai buscar da Covilhã.

Corre a Penamacor, vai a Monsanto,
Onde hum Cão encontrou de muito espanto,
Por tal grossura ter cada quadril,
Como o bojo de hum pote, ou de hum barril;
E por ficar-lhe perto, e bem defronte,
Deo comsigo na Villa de Belmonte.

Voltão para o Poente, e vão correndo
Para o grande lugar do Tortozendo,
E no passar da Serra com motim,
Entrarão por Luriga, e Valezim; (*)

(*) São Villas que ficão na passagem, que se faz pela Serra da Estrella, indo de Coimbra para a Covilhã.

E palmilhando a pé tantos caminhos,
Para Coimbra apontão seus focinhos.

E porque a fome a todos apertava,
N'uma varzea, em que o gado então pastava,
Quatrocentas Ovelhas, e dez Vaccas
Tomarão sem dinheiro, e fazem facas
Dos dentes aguçados, que trazião,
Os quaes tambem de garfos lhe servião.

Acabão de almoçar, e em reboliços
Vão para o lugarejo dos Cortiços,
E descem para a ponte da Murcella,
A qual mandou fazer hum Dom Fruella,
Ainda que confutão dez modernos
A tal opinião em mil quadernos.

A gente da Murcella está pasmada
De ver tanta canalha alvoraçada;
Mas só pelo temer, que tem da morte
Lhe concedem seguro passaporte.

Já quando do Zenith o Sol traspassa,
Passarão n'um lugar chamado Algaça,
E logo com fadiga, e com trabalho
Subirão pela Serra do Carvalho;
E tornando a montar grandes oiteiros,
E

Descerão pela encosta dos Palheiros ; (1)
 Hum pouco mais abaixo com socego
 Passão as claras aguas do Mondego ,
 Onde todos com gosto , e alegremente
 Beberão bem no meio da corrente.

Sobem pela Portella da Cobiça ,
 E tornão a descer para a Carriça ,
 Onde se ordena tudo em batalhões
 Com discretas , e sábias prevenções ,
 Por entrarem com fórma respeitosa
 N'uma Cidade tal , e tão famosa ;
 Na qual o singular , nobre Arrogante
 As tretas aprendendo de estudante ,
 Usou de tal destreza , e tal bondade ,
 Que quantos Cães havia na Cidade
 Se ajuntão sem demora n'um só dia ,
 Por lhe fazerem todos companhia.

Passando na Couraça (2) de Lisboa ,

(1) Hum sitio chamado os Palheiros , onde todos
 que vem da Beira Alta para Coimbra , passão o Mon-
 dego , huma legoa para cima da mesma Cidade , e
 se passa em barcas.

(2) Huma rua de Coimbra.

Sente huma bulha tal, que o ar atrôa ,
 De tres Estudantões , que argumentavão
 Sobre ser certo , ou não se os Cães fallavão
 No tempo dos antigos Affonsinhos ,
 E se terião caras , ou focinhos.

Para desenganar tanto patóla ,
 O nobre Cão se enfeita , a cauda enróla ,
 E com gosto dos Cães , e das Cadellas ,
 Estas vozes formou claras , e bellas ;
 Mas na lingua da moda , ou na Franceza ,
 Que hoje não vale nada a Portugueza. (1)

Vous êtes sots Messieurs les Etudiants ,
 Et des ânes jolis , et fort galants ,
 En doutant que les Chiens fort bien parloient
 En autre temps Latin et Polonois.
 Si bien qu'aujourd'hui les Chiens et Chiennes
 Parlent toutes les langues hors l'Italienne ,
 Que pour être plus douce a nôtre gosier ,
 Nous ne pouvons fort bien la prononcer.

Et dans les anciennes Republicques

(1) Por ironia.

Ils aprenoient aussi la Rhétorique ,
 Ils étoient mis au rang des immortels ,
 Quand Anubis étoit sur les autels.

Je vous assure encore , mes chers amis ,
 Que a malicia Franceza eu aprendi
 De huma Cachorra linda , gorda , e mansa ,
 Que hum certo Franchismant trouxe de França.

Piensen en esto Ustês lo que quisieren
 Conforme los juicios que tuvieren ,
 Pero es cierto que oy hablo , e que hablaré
 Hasta la lengua que hablan en Salé.

No solo bau bau bau los Canes hazen
 A los pobres que palos grandes trazem ,
 Come dicano tutti i Marroquini ,
 E cosí l'Albanesi , e l'Argelini ,
 Volendo forse al Mondo demonstrare ,
 Quanto bene sapemo noi parlare.

Melhor do que fallavão os Carneiros ,
 Ovelhas , e Raposas nos oiteiros ,
 Quando tudo fallava , que foi quando
 Hum burro pelo ar andou voando ;
 E nasceo em París , ou em Castella
 Com azas de pavão huma Cadella ,

Indo quanta canalha o Mundo habita
A ver cousa tão rara, e tão bonita,
Como refere o grande Brandimborço
Nas viagens, que fez andando a corço.
Mas desta maravilha celebrada
Eu vejo que Vossês não sabem nada,
Duvidando por falta de memoria
De huma verdade tal, que por notoria
Será cantada ao som da lyra d'ouro
Pelo Pastor d'Admeto branco, e louro.

Qualquer dos tres estatua immovel resta,
Como se de Medusa visse a testa,
Cercada de cobrinhas, que fazia
Em pedra converter qualquer que a via,
Por ouvirem fallar desta maneira
Este eloquente Cão lingua estrangeira.

Depois seguindo o Cão sua derrota,
Com toda a mais canalha corre, ou trota;
E junto do Mondego manso, e frio,
Marchando todos vão com garbo, e brio.

Passou a Tropa toda ao Pedecão, (1)

(1) He nome de hum Lugar, que fica junto ao rio para baixo de Coimbra meia legoa.

E logo a Formozelhe, e São Varão,
Passão depois á Villa de Pereira,
E logo sem parar vão á Figueira,
Voltão para Tentugal, mais Sandelgas,
Por cima de viçosas, frescas relvas.

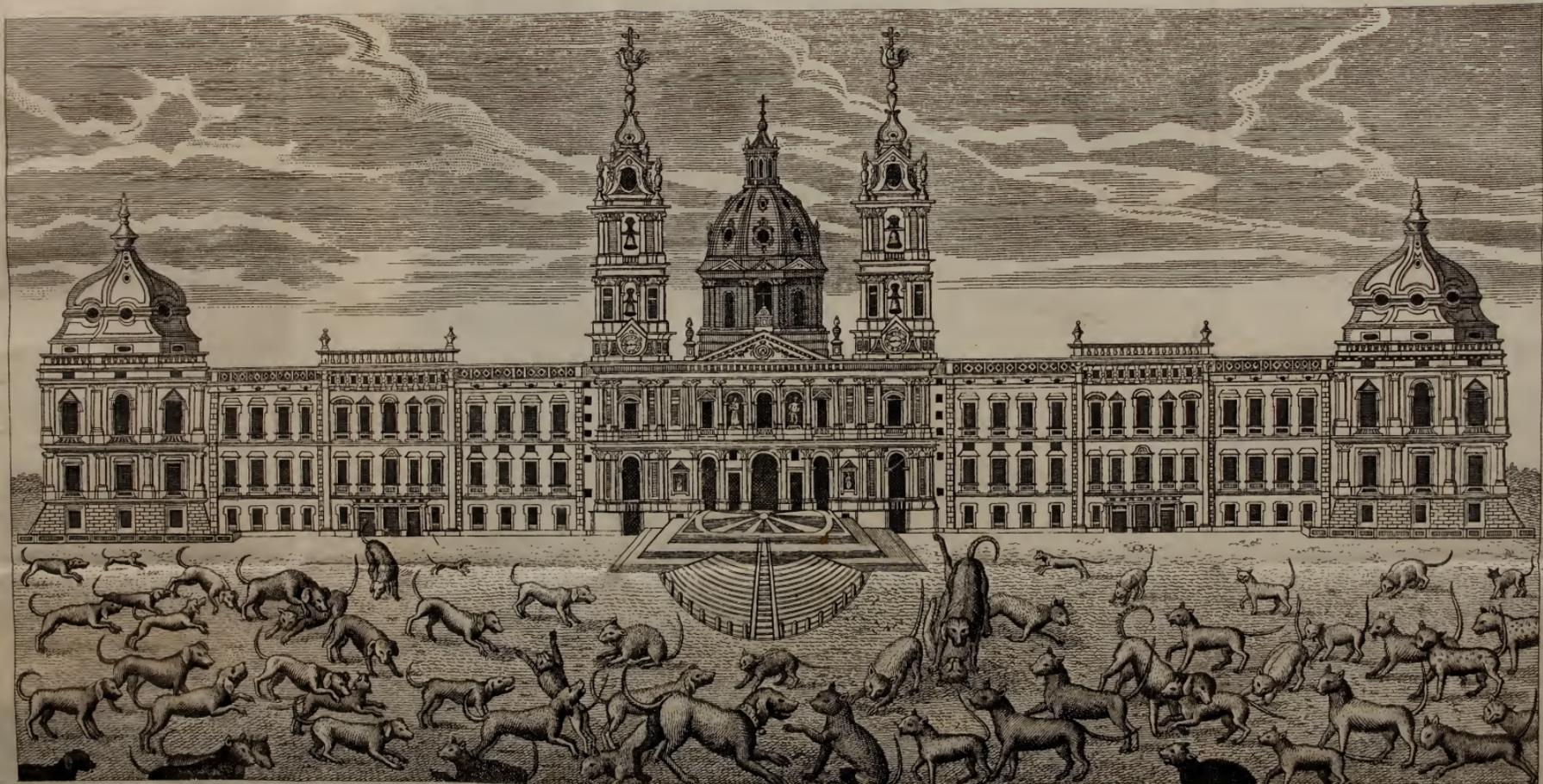
E deixando Coimbra para o Norte,
Animados das furias de Mavorte,
Vem mais de dez milheiros de Soldados
De rabos retorcidos levantados.

E vêm com tanto ardor, e tal desvélo,
Que inda, que o Sol lhe queime, ou creste o pelo
Por alcançar das honras a corôa,
Não temem igneo ardor da tocha Eôa.

Quando beijava a noite o rabo ao dia,
A' Cidade chegarão de Leiria,
E logo sem demora esta canalha
Vem para a nobre Villa da Batalha,
Por Alcobaça, e Cadaval marchando,
A Régia Mafra todos vão buscando.

E supposto que o Sol lhe embarga os passos
Crestando-lhes mui bem os espinhaços,
Cubertos de suor, mais de poeira,
Não deixão de marchar sempre á carreira,

Que a sede , fome , poeira , calma , ou frio ,
Póde menos que a fama , honra , e brio.
Huns inda bem a Mafra não chegavão ,
Já outros lá no mar desembarcavão ,
Os quaes Maluco recebeu contente ,
E jurou na presença desta gente
De mais Gatos matar neste combate ,
Que desde o Tejo Apollo até Ternate ,
Aqueanta , e faz suar o pelo brando ,
Quando no ardor do Sol se estão babando .



Crudelissima Guerra que houve entre os Caens, e Gatos, na Grande Praça da Real Villa de Mafra.



CANTO IV.

JA' da Guerra maior, que o Mundo admira,
A cantar principio ao som da lyra,
Do refulgente, intonso, e louro Apollo,
E me hão de ouvir de hum pólo em outro pólo.

Incha, Musa, teu rosto, e toma alento;
Revolva a terra, e mar teu pensamento,
Arquêa a sobancelha, a voz levanta,
E dos Gatos, e Cães a Guerra canta.

Mas já mover-se eu sinto o meu miôlo,
Qual move a leve palha bravo Eólo;
Hum estro furibundo vêm ferir-me,
A Musa piedosa quiz ouvir-me.

Attendão-me os mortaes, que eu já começo
A vomitar em verso o grande excesso,
Com que os valentes Cães, e fortes Gatos

Obrarão tão crueis espalhafatos.

A maquina do Mundo estremeceo ,
Cubrirão nuvens pardas todo o Ceo ,
Quando estes destemidos combatentes
Mostrarão toda a furia dos seus dentes.

Vendo o grande Maluco a gente forte
Já resoluta a ver o rosto á morte ,
Esta falla lhe fez , que por violenta ,
Da raiva o vivo ardor lhes accrescenta.

Dai-me attenção , amantes Camaradas ,
Antes que o estrondo sôe das dentadas ,
A fama vossos feitos já pública ,
Desde onde nasce o Sol té onde fica ,
Suspendendo o seu curso bipartido
Nos braços de Amphitrite adormecido.
E se provas tão fortes tendes dado
Do vosso bravo ardor tão desmarcado ,
Hoje por singular , diverso modo ,
Deveis encher de espanto o Mundo todo ,
Arreganhando os dentes por tal arte ,
Que trema de assombrado o fero M arte.

Fôra loucura em mim , ou desvario ,
Lembrar-vos vossa honra , e vosso brio ;

Ella vos grita agora, elle vos chama
A' batalha maior, que o Mundo acclama.

Lá no sublime Ethereo, e claro Monte
O feros Pyrois, o bravo Ethonte,
Por ver o nosso ardor estão parados,
E tremem os dois pólos de assombrados.

Eia, Amigos, e bravos Companheiros,
Que nos confins do Mundo derradeiros
Ides acções obrar, que por vangloria
Se hão de escrever no Templo da Memoria.
Os feros inimigos estais vendo
De aspecto furibundo, e vulto horrendo,
Que fiados nas unhas, e nos dentes,
Desprezão atrevidos nossas gentes;
Mas eu protesto, e juro á fé de Cão
Lançallos nas cavernas de Plutão;
Por quanto já distinguo pelo faro,
Que hoje temos por nós hum dia claro.

Venhão trinta milhões de feros Gatos,
E bailem de prazer todos os Ratos,
Por quanto desta vez com garras duras
Nós vamos confundir-lhe as sepulturas,
Que vem a ser no centro das barrigas
Dessas quadrilhas brutas inimigas.

Por lei impreterivel do meu gosto,
Ordeno, que este Exercito disposto
Em quatro linhas seja de batalha,
E que para a peleja esta canalha
Se arrange, e se disponha em continente,
Antes que a luz do Sol mais nos aquente.

Haja attenção nos flancos da vanguarda,
Para livrar de insulto a retaguarda;
E por se lhes tomar as retiradas,
Hajão muitas, e grandes emboscadas.

Vão trinta batalhões para a Ribeira,
Outros vão para a Porta d'Abrunheira;
Tomem-lhe cem mil Cães esses caminhos,
Do Codeçal, Morgeira, e Gonçalvinhos. (*)

E quando alguns plotões queirão marchando
As de Villadiogo ir já tomando,
As sentinellas ladrem rijamente,

(*) Todos estes são Lugares junto da Real Villa de Mafra, tirando a Porta da Abrunheira, a qual fica na Tapada, e por ella entrão Suas Magestades, quando vão aquella terra.

Para áleria se pôr toda a mais gente,
Para que esta cruel perseguição
Ao Reino vá parar da Confusão.

Para Mestres de Campo, e Marechaes
Escolho os Canzarrões mais principaes,
O Casquilho, o Basbaque, o Diamante,
O fusco Tejo, o intrepido Arrogante.
A todos altamente recommendo,
Que se lembrem da honra, e vão fazendo,
E dispondo estas cousas de tal sorte,
Que nenhum Gato escape aqui da morte.

Disse, e dando tres voltas em redondo,
As tropas em tal forma foi dispondo,
Que antes de hum quarto de hora ser passado,
Em campo estava tudo já formado.

Quiz tambem, que as nações se dividissem,
Para que humas com outras comperissem;
E que tambem alli se governassem
Pelos seus Coroneis, para que obrassem,
Só pela emulação, acções de modo,
Que as devesse applaudir o Mundo todo.

Não sei que mais fizesse Menestheu,
Filho do celeberrimo Petheu,

Que o mais famoso foi que teve a Terra,
Em ordenar as tropas para a Guerra.

Neste tempo o Ministro brávo, e forte
Tinha disposto as cousas de tal sorte,
Que cem milhões de Gatos valerosos,
Soberbos, arrogantes, e raivosos,
Tinha formado em batalhões; e logo
Lançando pelas ventas fumo, e fogo,
Esté discurso fez, que de Megera
Os queixos fez tremer medonha, e fera:

Oh vós, bravos Athletas destemidos,
Ouvi da minha voz os alaridos,
Se desde os berços donde nasce o dia
A Mafra o duro fado hoje vos guia,
He só para que deis huma alta prova
De valor nesta Guerra brava, e nova.

Eu não vos lembro agora as vezes, quando
Mil focinhos de Cães agatanhando,
As pelles em frangalhos lhes ficavão,
Depois que vossos dentes lhas trincavão.

Já sei que sois ardentes, e ferinos,
Impávidos, astutos, e malignos,
E que fogo lançando pelas ventas,

Mostrais as destemidas ferramentas,
Que milhares de Cães tem destroçado
Com forte coração, valor ousado.
E sómente vos lembro, que a victoria
Vos dará neste Mundo fama, e gloria;
E na futura idade, por lembrança,
A vossa singular perseverança
Será nos bronzes duros entalhada,
Ou de algum novo Orpheo mui bem cantada.

Fazer saltos ás guélas de improviso,
He muito mais seguro, e mais preciso,
Ou no meio dos lombos, e cachacos,
Ou na parte central dos espinhaços.

E quando de huma vez o dente atolle,
O não desentranhar da carne molle,
Sem que morto, ou vencido caia em terra,
Quem de tão longe vem fazer-nos guerra.

O modo de miar não he seguro,
O callar, e morder he que procuro;
E só trincando sempre he desculpado
Rumiar alguma cousa encarniçado.
E quando algum de vós, como de estallo,
Por destre no saltar fique a cavallo,
Atolle ás unhas logo, os dentes finque,

E sem interrupção a carne trinque,
 Com furia tão cruel, raiva tão forte,
 Que não escape o seu contrario á morte.

Disse; e arvorando o rabo, corre, e vôa,
 E logo hum rumor grande o ar atrôa;
 E fazendo o sinal de parte a parte,
 Despregão seu poder Bellona, e Marte.

Já principia a ríspida peleja,
 E já nuvens de fumo se despeja
 Dos narizes dos bravos combatentes,
 E do ranger horrífico dos dentes
 Sôa lá muito ao longe hum mudo estrondo,
 Que a maquina do Mundo descompondo,
 Se vão os elementos alterando,
 Huns com outros discordes pelejando.
 Do grande estrondo o ar todo se altera,
 Os eixos tremem da celeste esfera,
 Fogem de medo os leves passarinhos
 Buscando o grato asylo dos seus ninhos.

Sylvestres Faunos, gratas Panopeas,
 Driades, Hamadrydes, Napeas,
 Satyros, Semicápros, e Sylvanos,
 Que nos bosques morais ha tantos annos.

Pedi aos grandes Deoses do alto Olympo
Me dêem tão alto estylo puro e limpo,
Que retumbe por todo este Universo
O canto nunca ouvido no meu verso.

Maluco, aquelle Heróe feroz Biscaneio,
Terror do bravo povo Gaticaneio,
Já com medonho aspecto se apresenta
Dos esquadrões na frente; e qual tormenta
Do sibilante Nóto, ou Eolo horrendo,
Que tudo vai nos ares desfazendo,
Da mesma sorte corre, como hum raio,
A fazer de seus dentes bravo ensaio.

Já sôa o grande estrondo das dentadas,
Já se vem pelles mil esfrangalhadas,
Já de Gatos se vem muitos milheiros
Saltarem destemidos, e ligeiros
Em cima dos cachaços, e dos lombos
Dos contrarios, que vão rolando a tombos.

Este successo infausto, e desabrido,
Tivera os fortes Cães esmorecido,
Se o General Maluco não mandasse,
Que de Cães dois milheiros abocasse
Naquella carga infesta, negra, ou parda,
Que já os Cães trazião como albarda.

Vendo o cauto Ministro este incidente,
Ordena sem demora á sua gente,
Que outra nuvem de Gatos se lançasse,
E com unhas, e dentes afferrasse
Naquelles, que os invictos Cavalleiros
Perseguição raivosos, e ligeiros.

Então dos Cães o medo se apodéra;
Vendo o rosto de Alecto, e de Megéra;
Que o medo he natural entre viventes,
E muitas vezes dóma Heróes valentes;
Porque o susto de ver a morte fria,
Até dos Cães abranda a valentia.

Algumas vézes fogem de hum calhão;
Outras de hum retorcido varapão,
Por quantô o seu instincto lhes ensina,
Que o fugir do perigo he medicina.

Já corre por alli de monte a monte
O licor de que filho foi Oriente;
Que o medo correr faz rios de ourina
Da gente Canzual, mais da Gatina.

Mas inda que lhês rompão seu costado,
Ou lhês fação as tripas em picado,
Não deixarão de obrar acções do lote,

Que nem Roldão as fez, nem Dom Queixote,
Otus, Clytius, Typhon, Anteo, Orontes,
Ephialte, Eurytus, Polybótes, Brontes,
Agritus, Asterius, Ajas, e Thauano,
Com todos os mais filhos de Titano. (*)

Se o grande Polyphemo alli se achára,
Menos de suas forças se gabára,
Que cem mil Polyphemos então vendo
Naquella grande Praça combatendo,
A sua carrançada cara, enorme,
Horriavel, pavorosa, e desconforme,
Que punha tanto medo a Galatêa
Pelo temor ficára inda mais fêa.

De novo a dura Guerra se enfurece,
A terra nos seus eixos estremece;
He tudo confusão, tudo alarido,
Tudo se vê nas mortes confundido.

(*) Gigantes, filhos da Terra, e de Titanno, de cem braças cada hum, e de forças tão desmarcadas, que arrojando montes sobre montes, intentarão escalar o mesmo Ceo, e lançar delle a Jupiter.

Hum Gato de tres varas bem puxadas,
 D'unhas farpantes, duras, e aguçadas,
 Natural da Bahia, ou Pernambuco,
 Hum salto fez em cima do Maluco,
 E nelle se afferrou de tal maneira,
 Que lhe trincou a pelle toda inteira.

Vendo o Carroça o General ferido,
 Quasi que dava tudo por perdido;
 Mas fazendo das tripas coração,
 E invocando o terrifico Plutão,
 No rabo se filou daquelle bruto
 Com valor tão soberbo e resolutto,
 Que á força de trincar á termos veio
 De lhe cortar o rabo pelo meio.

Não foi maior a raiva de Tereo, (1)

(1) Tereo, Rei de Thrácia, foi casado com Progne, filha de Pandião, Rei de Athenas; e sabendo esta, que o dito Tereo tinha abusado de sua irmã Philomena, o convidou a hum banquete, e lhe deo a comer seu proprio filho Itys, tendo reservado d'elle sómente a cabeça; e pegando nella no fim do banquete, a lançou á cara de Tereo, que cheio de cólera asquiz matar; mas ellas invocando os Deoses, foram transformadas, Progne em Andorinha, e Philomena em Rouxinol.

Quando Progne Itys a comer lhe deo ;
Que a do Pernambucano forte e ousado ,
Quando se vio de rabo alli cortado .

As unhas desafferra , e hum salto faz ;
Mais destro do que Argante , (2) ou Ferrabraz ;
Em cima do Carroça , e furioso
Fez nelle estrago horrendo e lastimoso ,
Sacando-lhe dos lombos tão roliços
Carne capaz de encher trinta chouriços .

Vendo-se o grão Muluco despegado
Daquelle raivosissimo Soldado ,
Das forças pôde usar , que a natureza
Lhe deo correspondentes á grandeza .

Do raio ardente o impulso prompto imita ,
Quando o trovão ruidoso o precipita ,
E no Pernambucano se arremeça ,
Mais veloz do que a bala de huma peça .

Quiz o Gato pagar-se na-desforra ;
Porém logo de medo as calças borra ,

(1) Famoso Paladino do Poema de Tasso.

Quando sentio, que os bofes lhe trincava
Do Maluco a dentuça ruda, e brava;
E valer-se dá força quer primeiro
O valente, e raivoso Brasileiro.
Mas cedendo á violencia manifesta,
Que já o seu esforço lhe não presta
Dando de olhos mortaes claros indicios
De tributar a Clotho sacrificios,
E de buscar a barca de Charonte,
Por descobrir, e ver novo Horizonte.

Já lhe cahe a cabeça para hum lado,
Do Cão terrivelmente abocanhado,
E perde a vida amada o mais valente
Gatesgo Heróe, que vio no Mundo a gente

Mas não contente o grão Maluco invicto
Da gloria, que ganhou neste conflicto,
Qual o raio veloz, que os ares fende,
Nos inimigos cahe, que mata, ou rende.

De cada torquezada o bruto horrendo
Matava cinco, ou seis, sempre correndo,
Dos olhos fogo lança encarniçado,
Que Marte só de o ver ficou pasmado;
Mas hum Gato d'Hespanha, ou Dinamarca
No feitio Leão de grande marca,

No Basbaque saltou, e n'um momento
Lhe poz, já rota a pelle, a carne ao vento,
De unhas farpantes sendo penetrado,
Corria o forte Cão desesperado;
Porém tendo o ganhar por vilania,
Ninguem ganhar o Cão valente ouvia.

Foi tão cruel o Gato nesta briga,
Que lhe vazou as tripas da barriga,
E perdeu o Maluco o mór Soldado,
Que em ventres de Cadellas foi gerado.
Aquelle, que de terras tão remoras,
De Cães soube juntar tão grandes frotas,
Na flor da sua idade perde a vida,
Digna de eterna fama esclarecida.

Mas o Tejo raivoso o despistou,
No maldito Hespanhol se arremeçou;
E lhe roeo nos ossos de tal sorte,
Que o despojou da vida para a morte.

Coberto de suor, mais de poeira,
De huma fileira dá n'outra fileira,
Por ver a disciplina se conserva
Na grande, e Canical bruta caterva;
O Maluco soberbo, cujo nome
Já o tempo voraz o não consome.

Não se examinem já cousas antigas
A respeito de mortes, nem de brigas;
Porque estas na verdade são de modo,
Que as ha de celebrar o Mundo todo.

Toda a gente de Mafra está pasmada
De ver Guerra tão forte, e tão damnada;
Julgão castigo ser alto, e superno,
Ou que as furias soltava todo o Inferno.

Todos sentindo a bulha das dentadas,
Com janellas, e portas bem trancadas,
Das casas a sahir não se animavão,
E com afflictos ais o ar coalhavão.

Os Padres do Convento esmorecidos,
Com oculos mui grandes, e compridos,
Andavão nos terrassos todos juntos,
Sem animo, e sem côr, como defuntos,
Vendo de Cães, e Gatos sem piedade,
Tão excessiva, e grande mortandade.
Houve tal, que affirmou, que inda supposto,
Que annos seiscentos mil este composto
Se visse persistir do Mundo errante,
Se não veria Guerra similhante,
Na qual serras de mortos se estão vendo,
Todos fervente sangue inda vertendo.

Mas o Padre Geral pasmado ouvindo
Os guinchos, que no ar vão retinindo,
Julgou que se encontravão porta aberta,
Tinhão todos os Padres morte certa,
Por ser cousa impossivel moralmente
Resistir a tão forte, e brava gente.

E por este motivo n'um momento
Mandou trancar as portas do Convento,
E foi muito precisa esta cautela,
Por quanto certamente a não ser ella
Podião sobrevir damnos maiores
Da parte dos horrendos Contendores.

O Grão Carroça em toda esta peleja
Quasi que a Ferrabrás não tinha inveja,
E dava mais tremendas torquezadas,
Do que golpes fizerão as espadas,
Alta clara, Baptizo, e Durindana, (*)
Entre gente Turquesca, ou Mauritana.

(*) Espadas, a primeira de Oliveiros, a segunda de Ferrabrás, a terceira de Roldão, heróes fabulosos do tempo de Carlos Magno, dos quaes se devem reputar por patranhas as acções, que delles se contão.

Muses préparez-lui votre plus riche offrande
 Sur sa tête placez l'immortelle guirlande
 Dont nous le couronnons; gravai seu nome
 Em bronzes, a que o tempo não consome.

O Nadante soberbo, (1) que de hum salto
 Mergulha trinta braças no mar alto,
 E sem que dous minutos se detenha,
 'Traz pezos como pedras de huma azenha,
 Na grandeza de feitos singulares,
 Na conta póde entrar dos doze Pares,
 Os quaes descabeçarão n'um só dia
 Trezentas mil cabeças na Turquia,
 Como conta Zambumba, Author Francez,
 A paginas tres mil e cento e tres.
 De outra parte o valente, e bom Casquilho
 Achando hum Gatarrão, como hum novillo,
 Lhe trincou de tal modo a pelle dura,
 Que a lançou de hum revéz na sepultura;
 E todos os mais Cães acções obravão,
 Que as de Alcides feroz atraz deixavão.

(1) He hum Cão d'agua de casta especialissima;
 e muito grande.

Diamante já provas tinha dado
De forte Capitão, e bom Soldado,
E mais Gatos matou elle sómente,
Do que sardinhas tem comido a gente.

Desde que os pescadores com cuidado
As redes vão lançar no mar salgado;
O que não tinha feito tanto a salvo,
Que não andasse já na testa calvo,
De muitas torquezadas Gaticanas,
De algumas bravas tropas Mauritanas.

Vendo o Ministro o grande estrago horrendo,
Que os Cães por entre os Gatos vão fazendo,
Temeo com bem razão damnos maiores,
Se do campo ficassem vencedores;
E miou de tal sorte, que dos lados
Se destacarão logo alguns Soldados,
E promptos vão correndo á desfilada
Com a cauda nos ares levantada,
Para saberem todos o motivo
De hum modo de miar tão expressivo.

Elles ficão de o ver sobresaltados,
Vendo que os olhos tinha avinagrados,
E se lhe estava lendo no focinho
O seu mortal, e triste descaminho,

Seguindo aquelle axioma justamente,
Que diz do coração, que nunca mente.

Porém como a prudencia lhe não falta,
Ordena, que de salto na mais alta
Parte dos Cães se lancem, e ligeiros
Mostrassem ser honrados Cavalleiros.

Elles que bem conhecem, que a obediencia
Merece entre as mais cousas preferencia,
Quaes entre o gado os lobos mais famintos,
Ou Raposa sagaz por entre os pintos,
Que degollão, destroção, chupão, rapão,
E lhe bebem o sangue, e a carne papão:

Da mesma sorte os destemidos Gatos
Vão entre os Cães fazendo espalhafatos,
Vencendo no valor, que o Mundo espanta,
De Thebas o alto Heróe, (1) que a fama canta,
Mostrando cada qual por força e arte,
Na furia ser Briareo, no valor Marte.

O caçador de Haspão sem muito abalo
N'um Farrusco saltou, e de cavallo,

(1) Hercules.

Das unhas tão fataes fazendo esporas,
Andou de picaria algumas horas:
Até que já nas forças mal segura
Lhe cahe esta infeliz cavalgadura,
E de focinho em terra amortecido
O tributo pagou de haver nascido.

Hum Gato muito grande de Inglaterra
Fez cousas inauditas nesta Guerra,
Mais de tres mil focinhos despegou,
De donde a natureza os encaixou.
Hum Pardo natural de Gibraltar
Seis mil rabos tirou do seu lugar,
Voando pelos ares cento a cento,
Como palhas, as quaes revolve o vento.
Matou alguns trezentos hum Mafrense,
Vazou trinta barrigas hum Chinense,
Cortou dez mil orelhas hum Russiano,
Dois mil lombos rompeo hum Castelhanao,
Sacou trezentos bofes hum Mourisco,
Hum Persa dez mil buchos fez em sisco,
Que do Ministro sendo doutrinados,
Parecião leões desesperados.

Hum Gato de Nankin altivo, e horrendo,
Ora as unhas ferrando, ora mordendo,
Trinta mil Cães matou dos mais ferinos,

E fez outros diversos desatinos;
E não parando aqui a sua furia,
Intentou commetter a grande injuria
De se lançar em cima do Maluco,
E sugar-lhe dos lombos algum succo;
Mas tomando-o de geito o Cão valente,
O arremessou tão longe, que da gente
Foi visto, miaos tristes inda dando,
Na Região Ethérea andar voando;
E lá onde Neptuno as praias banha,
Já morto foi cahir com força estranha,
Na ponta de hum calhão inda molhado
D'uma vaga, que fez o mar salgado.
Assim á força grande, é desmarcada,
Mil vezes de hum revéz fica esmagada,
Que morre, onde nasce a presumpção,
Como a deste tremendo Gatarrão,
Que quando en las fuerças mas blasona,
Do que Milon valiente de Cretona,
Quiso su triste, cruda, y mala suerte;
Su locura pagasse con la muerte,
Quedando alli deshecho en uno instante,
Quien juzgava en las fuerças ser gigante.

Aquelle grão Podargo, nobre, e ousado,
Que já fica em meus versos encaixado,
Encontrando na Guerra o Malhadinho,

Lhe deo quatro dentadas no focinho:
Logo voltando atraz hum pouco espaço,
Lhe fez n'uma mostarda o espinhaço,
Reduzindo a picado o Cão maldito
Hum Gato do tamanho de hum Cabrito.

Mas o grande Ministro o cavalgou,
E do pelego os bofes lhe trincou,
Perdendo n'um momento a luz do dia,
Hum Cão de tão distincta valentia.

Hum destemido Ethiope rabudo,
Mui grosso de barriga, e muito ossudo,
Vendo o Remeirinha! esbravejando,
Se foi por junto d'elle prolongando;
E mettendo-lhe os dentes no cachaço,
O lançou de arremesso n'um terrasso,
Qual palha leve, que do bravo Nóto
He lançada n'um sitio mui remóto.

Esmagado ficou o triste Gato
Junto de quatro Leigos, e hum Donato,
Que de alto contemplavão, e de poleiro,
Desta guerra o successo derradeiro.

Huns inda agonizando aqui perneão,
Outros de tripas fóra acolá meão;

Muitos sem rabo vão inda mordendo ;
Outros já sem focinho andão correndo.
Não foi mais lastimosa em tanto estrago ,
A destruição de Troia , ou de Carthago.

Muitos Heróes em huma só ferida
Recebem mil dentadas , e mordida
A pelle tinham muitos por tal modo ,
Que hum crivo parecia o corpo todo.

Mas constantes intrepidos guerreiros ,
Tiverão sempre os animos inteiros ,
Mostrando nas dentadas derradeiras
Ainda mais valor , que nas primeiras ,
Pertendendo por timbre , ou por vangloria
De seus feitos deixar clara memoria ,
Que no Mundo co'dedo se apontasse ,
Em quanto a Aurora as flores borrifasse
Das lagrimas , que chora , quando rindo ,
Do claro dia as portas vem abrindo.

Impaciente o Ministro determina
Juncar de Cães já mortos a campina ,
E tal carniçaria faz entre elles ,
Que muitos já despídos , e sem pelles ,
Corrião sem acordo de maneira ,
Que morrião na força da carreira ,

Em que firmavão pé seus companheiros,
Para dalli saltarem mais ligeiros,
Inventando a braveza deste dia
Mortes sem dôr, valor com tyrannia.

Ambos os Generaes obrarão tanto,
Que necessita a penna no meu canto
Ainda mais valor para narrallo,
Do que elles para obrar. Póde julgalle
Quem com juizo experto considera,
Que estes bravos Heróes da raça fera,
Pela honra sómente pelejavão,
E que sem ella a vida desprezavão.

Mostrando cada qual no ardor insano
Ainda mais valor, que o grão Thebano,
Que Orlando, Rhodamonte, e que Rogeiro, (*)
Cujos feitos applaude o Mundo inteiro.
Infinitos Heróes muito alentados,
Dos de rabo atraz dependurados,
Se ferem com braveza tal, e tanta,
Que chegão a lançar pela garganta
Os bofes já desfeitos, e delidos,

(*) Famosos Paladinos.

Ficando elles nos campos estendidos.

Encontra o General o grão Carroça,
E vendo os muitos Gatos, que destrôça,
Lhe deo os parabens do nobre, e ousado
Exemplo do valor, que tinha dado;
A que não respondeo palavra alguma,
Pois lançando das ventas branca escuma,
Hia veloz seguindo o seu caminho,
Qual no mais crespo mar leve Golfinho.

Em cor de sangue as pelles são mudadas,
E vião-se as campinas alaistradas
De corpos, que por terra vão rodando,
Ainda mortalmente palpitando.

Marte cruel, que estrago tanto viste,
Porque a tão grande mal não acodiste?
Ah mil raios te prégue no costado,
O poderoso Jove, de ira armado,
E te chamusque as barbas hum corisco,
Ou te converta o corpo todo em sisco.

Que peito pôde ouvir sem magoa, e pena
Esta tão triste, e lastimosa scena,
Sem que da dôr forçado lhe não fique
Cada olho convertido n'um lambique,

Por onde o coração soltando os laços,
Não saia todo feito em mil pedaços?
Não ha filhos por pais, nem pais por filhos,
Morrem Gatos, e Cães, como novillos,
He tudo confusão, que a vista enleia,
De que as gentes não tem nenhuma idéa.

A victoria se achava duvidosa
Nesta cruel batalha sanguinosa,
Que os Gatos neste esforço derradeiro
Cobrirão de Cães mortos o terreiro.

Vião-se entranhas quentes palpitando,
Corações pelo chão inda fumando,
Pernas sem dono, figados, e baços,
Focinheiras, cabeças, lombos, braços,
O sangue ás enxurradas se vertia,
A terra mar Vermelho parecia.

Vendo o Maluco a grande resistencia
Da multidão Gatesga, e a contingencia
Da final conclusão desta contenda,
Soltando da garganta a voz tremenda,
Desta maneira aníma a força interna
Das infinitas tropas, que governa:

Se houyer tão fraco, vil, e máo Soldado,

Que hum passo retroceda , e deshonado ,
Par'onde o rabo tem , volte o focinho ,
Minha pelle n'um odre para o vinho
Seja feita , e meu corpo n'um carvão ,
Se eu não lhe arriancar fóra o coração.

Já me enfastia ver demora tanta ,
Resistencia tão grande me ataranta ;
Meu forte coração tanta ousadia
Já não póde soffrer. Mas neste dia
Em cinza me converta hum basilisco ,
Se os Gatos todos eu não faço em sisco.

Participem-se a todas as Nações
Estas minhas finaes resoluções ;
Muito bem entendido , e bem notado ,
Que incorrerá em pena , ou desagrado
De meu augusto nome venerando ,
Quem deixar de fazer o que lhes mando.

Eia , valentes , bravos Companheiros ;
Mostrai que honrados sois , e Cavalleiros ,
E tereis , se alcançais hoje a victoria ,
Lugar no excelso Templo da Memoria.

De boca em boca este discurso vôa ,
E de orelha em orelha se apregôa ,

Os cabellos nos lombos se arripião :
Huns ladrão de huma parte, e d'outra mião.
Soltão-se os fados máos e temerosos,
Nos ares sôão gritos espantosos.

A hum certo sinal tudo se move,
E com tão vivo ardor, que o grande Jove
Deo na cadeira cinco, ou seis cuadas,
E lhe tremerão ambas as queixadas.

A fouce roçadoura empunha a Morte,
Sua dentuça arreganhou Mavorte,
E deo hum berro tal, que d'Oste a Leste
Estremeceo a maquina celeste.

E Phebo vezes tres no Ceo suspende
A carroça veloz, que os ares fende,
Por ver com attenção, e com socego,
Em que parava ardor tão bruto, e cego.

Partem todos correndo de repente,
E qual de hum grande rio a grossa enchente,
Que leva, rapa, e lambe quanto apanha,
Assim de huma maneira muito estranha,
Os lambazões universaes dos pratos
De repellão se lanção sobre os Gatos,
Com força tão cruel, e tão notoria,

Que já se não duvida da victoria.

Vio Maluco o Ministro, que de hum lado,
 Como bom General, e bom Soldado,
 Com vozes, e com obras animava
 As tropas Gaticaes, que governava.

E qual pàssaro leve, que voando
 A região do ar vai penetrando,
 Assim o Cão voando de hum só jacto,
 Cahio como huma torre sobre o Gato,
 Que sem poder valer-se, ou revirar-se,
 Nem miar levemente, e nem queixar-se,
 Nas garras deste bruto perde a vida,
 Digna de ser nos annos mais comprida.

Chorai, Gatos, chorai a morte dura
 Do vosso General com magoa pura;
 No triendrá pesadumbre, aunque muera,
 Si con pena llorais rabiosa, y fierá,
 Llenos de desplacer, de magoa pura,
 Su lastimoso fin, su muerte dura.

Chorai, pois vedes já prostrado em terra,
 Por despojo fatal da bruta Guerra,
 O mais famoso Heróe, que bravo, e mudo,
 Soffreo de rijo dente o estrago rudo.

Por hum valente Cão foi feito em lixo;
E vendo o claro Sol com rosto fixo,
Este successo infausto, e desastrado,
Tres vezes lá no Ceo ficou pasmado.
Enchei de ternos miãos os leves ares,
Com berros publicai vossos pezares;
E por mostrar da dôr claros conceitos,
Rasgai com vossas unhas vossos peitos.

Elevéz à sa cendre un monument célèbre,
Soupiréz, gemisséz dans ce lieu funébre,
Que ás mãos da fera Parca endurecida
O vosso General perdeo a vida.

Os grandes Gatarrões mais esforçados
Nisto se hão de tornar; que os duros fados,
Fazendo á triste vida brava guerra,
No fim della convertem tudo em terra.

Grandes, pequenos, fracos, fortes, mudos,
Berradores, pellados, ou felpudos,
Ou por máo coração, ou por capricho,
A morte os faz iguaes, e tudo he lixo.
A vida tão gostosa, e desejada,
Sempre com dôr, e desprazer deixada,
Que entre mil sobresaltos se consome,
Porque o tempo voraz a gasta, e come!

De que te aproveitou, Ministro honrado,
 Seres cá neste Mundo tão gabado,
 Se Clotho desabrida, acerba, e dura,
 De tal sorte mudou tua figura,
 Que se em vida teu vulto a Fama enfaça,
 Hoje nem para armar huma borracha
 A tua pelle serve! Hum Cão valente
 Em sisco a converteo inteiramente!

Ah maldita mil vezes seja a Guerra,
 Que tantos males causa sobre a terra,
 As Provincias devasta, inquieta os mares
 No medonho bum bum, que fere os ares,
 Forjado na medonha gruta Etnéa
 Pelo esposo (1) da bella Cytheréa! (2)

E na campanha ao som destemperado
 Dos tambores, o misero Soldado
 Envolto em sangue, e pó a vida amada
 Perde nos fios da luzente espada,
 Que seu fatal destino lhe decreta,

(1) Vulcano.

(2) Venus.

Que ao som da caixa rouca , ou da trombeta,
Como altivo guerreiro , egregio , e forte ,
Tenha as ultimas exequias da morte.
E nas grandes cozinhas lageadas ,
Obrigados de pessimas dentadas
De alguns bravos Athletas Gaticanos ,
Muitos Heróes de rabo , extremos damnos
Soffrem de tripas fóra agonizando
Na terra sem acordo affocinhando ,
E sem se despedirem de seu dono ,
Da morte vão cair no eterno somno !

Fazendo sem alforge esta jornada ,
Que sempre faz violenta a vida amada ,
Por certa propensão da nossa idéa ,
A ter por cousa má a morte fêa.
Ou por ter negra a boca , a barba esquálida ,
Ou pela côr que tem , terrena , e pállida.
E causa tanta dôr com seus máos tratos ,
Que até della se espantão Cães , e Gatos.

Tantos Heróes , que fresca , e verde rama ,
Na cabeça lhe poz o Tempo , e a Fama ,
Forão da morte estrago , e neste dia
Reduzidos á terra , ou cinza fria !

Assim tantos Briaréos, e Adamastores,
De forças desmarcadas, superiores,
Polyfemos, ou Hercules Thebanos,
Vão sentir os extremos desenganos,
Que o tempo fugitivo, vario, e leve,
Em tudo com seu dedo a morte escreve.

Elle os bronzes gasta, e move, e altera
Os eixos da celeste, azul Esfera,
Elle correndo igual com passo lento,
Tudo reduz a pó, que leva o vento.

Mas tu, Ministro grande, bravo, e forte,
Que fugir não podeste ás leis da morte,
Inda que te matou hum Cão perverso,
Eterno has de ficar neste meu verso;
Porque na força d'elle, se eu bem noto,
Poder nenhum terá a mão de Clotho.

De phalange em phalange o medo applica
Hum panico terror, vendo que fica
Já morto o General, e neste aperto,
Começa tudo a ser hum desconcerto.

De mais a mais Maluco desejando
De concluir a Guerra, vai matando,
Com forças tão crueis, e desmarcadas,

Que doze, ou dezaseis de tres dentadas
Mil vezes derribou; e parecia,
Pelas cousas medonhas, que fazia,
E raiva desmedida, que mostrava,
Que de cada cabello lhe espirrava
Hum Ethna, hum Vesuvio, hum Mongibello,
Sendo furia infernal cada cabello.

De guélas cavernudas, boca aberta,
Os Gatos de tal sorte bravo aperta,
Que dez mil vidas, que cada hum tivera,
Outras tantas por força alli perdera.

He cada dente seu mortal corisco,
He cada olho farpado basilisco,
He cada falla sua hum trovão forte,
He cada garra lança atroz da morte.
Serras de Gatos mortos se estão vendo,
Outros de tristes miãos o ar enchendo,
Outros ainda o rabo levantando
Estão na fria terra affocinhando.

De Gatos mortos cem milhões se vião,
Entre os quaes muitos Cães tambem jazião,
Que por mais que valentes se mostrarão,
Vinte e cinco milhões alli pagarão
A' triste, e carrancuda Libitina

O tributo que a lei lhe determina.

Porém Maluco, certo da victoria,
Não consentio ficasse por memoria
Nenhum com vida, e todos finalmente
Soffrem com dôr dos Cães o impulso ardente.

Quem quer que vio a nunca vista Guerra,
Desde que o mar he mar, e a terra he terra,
A seus filhos, e netos a retrate,
Pintando as circumstancias do combate,
Para que além do estrondo dos meus versos,
Que pelo Mundo se hão de ver dispersos,
Possa tambem passar por tradição,
Indo de geração em geração;
E nas orelhas da futura gente
De alta Fama o clarim completamente
A todos dê distincta, e clara idéa
Da causa da immortal Gaticanéa.

Por mostrar-se o Maluco agradecido
A's distinctas acções do nunca ouvido
Esforço, de que tinham provas dado
'Tão valentes Heróes de rabo alçado,
Hum banquete quiz dar-lhe com grandeza,
Servindo a mesma Praça alli de meza;
E trinta batalhões da melhor gente

Mandou que dessem logo, e de repente,
Sobre quantos rebanhos encontrassem
Nas convisinhas terras, e buscassem
Carneiros, Vaccas, Porcos, e Cabritos,
Do Gradil, da Morgeira, e mais districtos,
O que todos fizerão de maneira,
Que não ficou nos campos rez inteira.

Todos correndo vem muito cançados,
Com tássalhos na boca atravessados,
Que o General mandou lançar em terra
Só para os Marechaes, Cabos de Guerra.
E para a baixa plebe tambem manda
Se acarretassem de huma, e de outra banda
Cem mil cavallos mortos, que se acharão,
E todos mui contentes se fartarão,
Sem que o Gozo mais vil neste desbulho
Vasio lhe ficasse o seu bandulho,
E não visse no fim deste destroço
A barriga mais grossa, que o pescoço.

Maluco deo mil saltos de contente,
O mesmo fez tambem toda a mais gente;
E fizerão tal bulha alvoraçados,
Que de medo os Lagartos espantados
Se mettem nos buracos, e as Doninhas
Andavão a correr por entre as vinhas,

Temendo a Canical bruta caterva,
Tudo que come pão, mastiga herva,
Revelando-se alli este segredo,
De que só quem não come, não tem medo.

Então o bravo Heróe a voz desata
Da cavernuda boca, a qual retrata
A do Trifauce horrendo, e pavoroso,
Que as portas infernaes do tenebroso
Reino da Confusão defende, e guarda,
E quanto vida tem, devora, ou carda.

E posto bem no meio do Terreiro,
Firmado nos dois quartos do trazeiro,
E de focinho erguido, e alta a frente,
Desta maneira falla a toda a gente:

Valentes Companheiros, Povo amado,
Que de remotos Climas trouxe o fado
Só para aniquillardes neste dia
A gente Gatical, que arranha, e mia,
O que já não faráõ, porque defuntos
Os vejo nessa Praça todos juntos.

Mil parabens vos dou do valor forte,
Com que vós desprezando a mesma morte,
Derribastes por terra a levantada

Soberba desta gente endiabrada.

Já comer podereis espinha , ou osso ,
Sem haver quem vos salte no pescoço ,
Nem vos trinque a pelle no costado ,
Quando lambeis hum prato engordurado.
Já não dareis boléos pelas calçadas ,
Impellidos de barbaras dentadas
De infinitos Bichanos , que em magotes
Apostavão romper vossos pellotes ,
Inda que sempre forão rechaçados
Por vossos dentes fortes e aguçados ,
Fazendo-os em picado , ou convertendo
Em sisco de seu vulto o aspecto horrendo ,
Mostrando cada qual por seu feitio
De Alcides o valor , de Marte o brio.

Anubis (1) vos conceda magestoso
Muitós bens nesta vida , e cuidadoso
Vos livre de rabuge , e de gafeira ,
Passando alegremente a vida inteira
Livres de pontapés , e de máos tratos ,
De pobre caçador , donos ingratos.

(1) Os Egypcios adoravão esta Divindade na figura de hum Cão.

De novo aqui vos louvo a raiva nobre,
Qu' inda em vossos focinhos se descobre,
E bem podeis contar na fé que tenho
Por vosso galardão meu desempenho;
Pois farei por vos dar prazer em tudo
Nas leis da gratidão gostoso estudo.
E tu, Carroça invicto, grande, e honrado
Que foste indignamente injuriado,
Já poderás contente, e com socego
Revolver sem temor o teu pelego;
Pois não só vês aniquillado em terra,
Quem te fez na Cozinha bruta guerra,
Mas toda a vil Gatesga geração
Em pedaços desfeita pelo chão;
O que tudo se deve na verdade
A' nossa singular ferocidade,
A qual será cantada em todo o Mundo,
Em quanto der sardinha o mar profundo,
E forem lambuçados os Ferreiros
Do mesmo pó, que suja os Carvoeiros.

Todos agradecidos se mostrarão
A's discretas palavras, que escutarão
Do bravo General, e por cortejo,
Lhe forão todos elles dar hum bejo
Na parte occidental, que está mettida
Debaixo da bandeira retorcida.

Depois disto Maluco os Cães assoma,
Para renderem graças a Mafoma,
E de Anubis adoração todos juntos
Em pedras esculpidos mil transumptos;
E logo as longas caudas enrolando,
Da victoria se vão congratulando.

Depois alguns buscando vão seus lares,
Ondê a gárrula Fama lhe ergue altares;
Outros em Portugal contentes ficão,
E satisfeitos em caçar se applicão
Coelhos, Lebres, Lobos, Javalizes,
Veados, Gamos, Corças, e Perdizes,
E todos os mais generos de caça,
Porque nada do Mundo os embarça.

E todos coroados de carrasco,
E de giestas tecidas com verbasco,
Naquella grande Praça magestosa
Vista alegre formavão, e belicosa;
Porém o General principalmente
De grinalda maior adorna a frente,
Merecendo por seus honrados feitos
Da loquaz Fama applausos mais perfeitos.

Ella que inda com vozes peregrinas
Celebra as Pallas, Junos, Proserpinas,

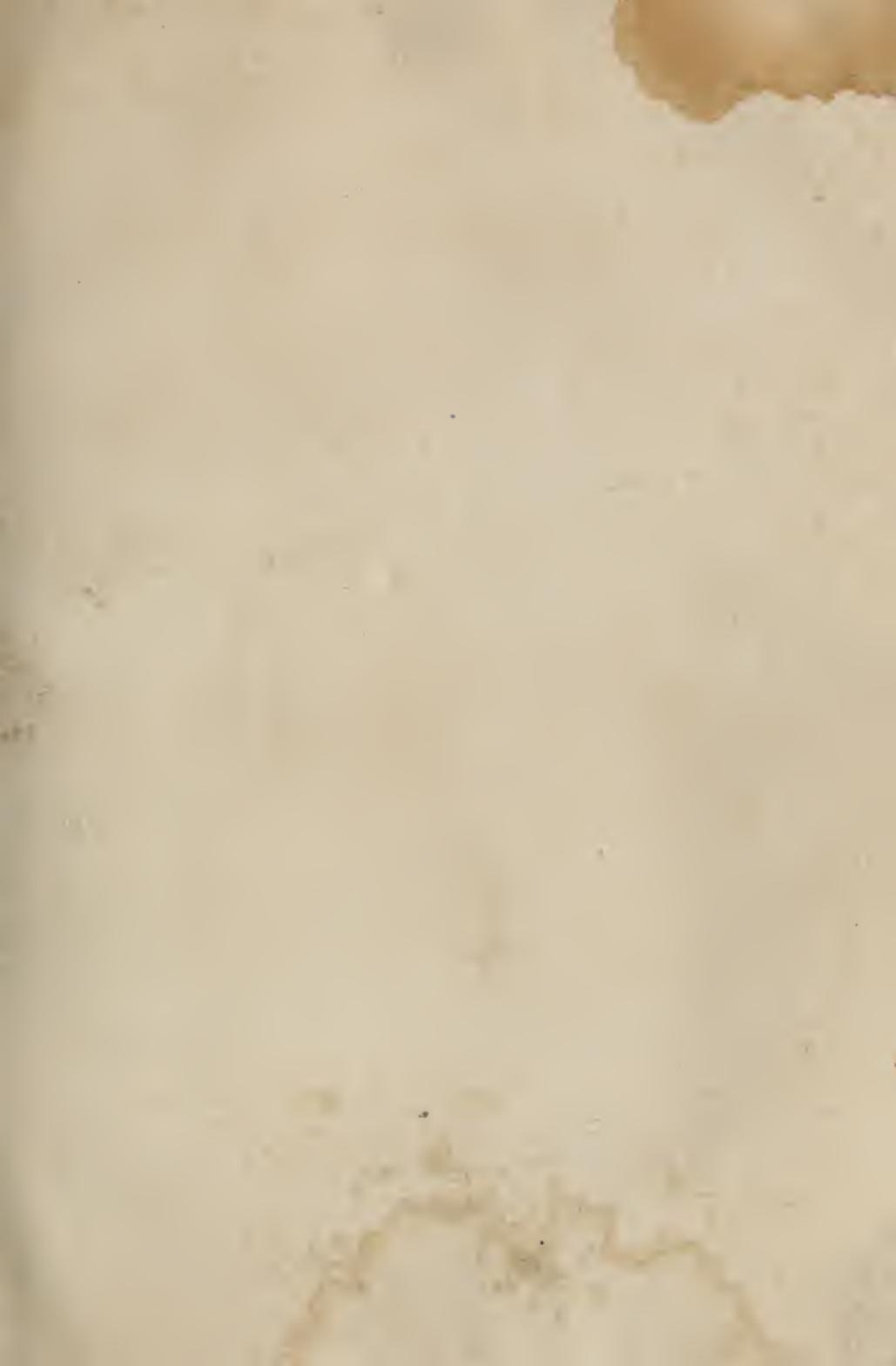
Os Alcides, Typhéos, Mercurios; Brontes,
Os Neptunos, Atlantes, com Phaetontes,
Só pelas suas obras singulares,
Pelas quaes lhe erigio no Mundo altares.

Com mais razão de hum pólo a outro pólo,
E em tudo o mais que illustra o flavo Apollo,
Os Heróes, que eu proponho, irá cantando,
Pois vencerão valentes, mais que Orlando,
Na grandeza de feitos soberanos,
Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos,

F. I. M.

Estampa primeira no frontispicio antes do titulo da obra. Estampa segunda no principio do primeiro Canto. Estampa terceira, que representa o frontispicio de Mafra, no principio do quarto Canto.

Até onde se viu, os primeiros
sinais de vida. Logo depois
que se viu a vida, a vida
se tornou a vida e a vida
se tornou a vida e a vida





Francisco Antonio Martins Bastos,
nascido em Lisboa a 10 de Agosto de 1799.

Inscrições, epitaphios não exigem
Tropheus fallazes de horrida soberba.

M. Susca. Cant. 6. pag. 75.

AS
ESTAÇÕES DO ANNO,

POEMA

COMPOSTO , E ILLUSTRADO COM ALGUMAS NOTAS

POR

FRANCISCO ANTONIO MARTINS BASTOS.

Fortunatus et ille , Deos qui novit agrestes

Virg. Georg. L. II. Vers. 493.



LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA. 1833.

Com Licença.

ESTABLISHED 1850

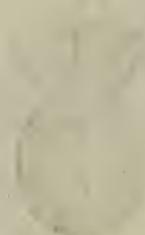
1850

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

ASTOR

LENOX AND TILDEN FOUNDATIONS

1195 Broadway, New York, N.Y.



LIBRARY

NO. 1195 BROADWAY, NEW YORK, N.Y.

Our Address

P R O L O G O.

O apreço, que o Respeitavel Publico fez do meu primeiro ensaio neste genero de Literatura, (1) a que me tenho applicado, me deixou assaz obrigado, para lhe dar o agradecimento de modo, que ficasse certo, de que eu me gloriava tanto de lhe agradar, quanto não poupava occasião de lhe mostrar quanto desejo.

Mas de que maneira o poderia eu fazer, senão apparecendo com alguma nova Produccão? Bem sei que isto he difficiloso; e os sabios, os finos, e apurados talentos tem lançado mão dos melhores assumptos, para se coroarem com os louros da Invenção, deixando aos fieis Interpretes o poder colher as palmas, que lhes pertencem, se conseguem fazer huma traducção, com que supprão na Patria Lingua a falta daquelle original, que o Mundo inveja.

(1) *A Pesca*, Poema impresso em Lisboa em 1831.

Tal he o Poema das *Estações do Anno*, que, dando hum tão excellenté assumpto para hum Poema Descriptivo, até hoje estamos privados de huma Obra completa, em que vejamos tratada esta materia; contentando-nos em admirar ao Immortal *Tompson* na traducção; que d'elle vemos.

Tinha eu já com todos admirado a *Primavera* do nosso erudito, e grande Poeta, o Senhor Doutor *Antonio Feliciano de Castilho*; mas não se deliberou até agora aquelle sublime Engenho a tratar das outras partes restantes do Anno, e dar huma Obra inteira de seus Periodos.

Vendo tratadas as *Estações do Dia* em hum Poemeto, de que gostei, tive desejo de vêr o mesmo assumpto tratado por *Zacarias*, célebre Alemão, que eruditissimamente desempenhou o fim, que se propoz. Quiz vêr as *Estações do Anno*, e encontrei a *Primavera* de *Kleist* desanimado para continuar as outras partes do Anno, por vêr que tão profundamente as tratára *Tompson*. E em fim vendo que nada apparecia completo neste genero em verso, nem em prosa, consultei o meu amigo verdadeiro, e sincero Mentor, o Senhor José Maria da Costa e Silva, que por todos me respondêo, que

nada original tínhamos sobre *Estações do Anno*, quando lhe manifestei o designio de emprehender este trabalho, no tempo, em que impunha a ultima lima ao meu Poema a *Pesca*.

Elle me louvou muito os desejos, e instigou a acabállo, e fazer imprimir, visto não haver quem ainda apparecesse original sobre esta matéria. Como posso fazer isso! Se á vista de *Tompson*, larga a penna *Kleist!* E que farei eu em Portugal á vista da *Primavera* do Senhor Doutor Castilho! Finalmente, persuadido das razões, que sabiamente me ponderou, me determinei a escrever, e publicar hum assumpto entre nós novo, e até em hum genero de Poesia quasi nascente, (1) lisongeando-me com a gloria de Inventor. Conheço bem quão apoucados são os meus conhecimentos, e he fraco o meu talento, e não he esta a primeira vez que o digo; mas acaso deverei por isso, temendo Críticas, ou esperando que outro co-

(1) O primeiro Poema Descriptivo he o *Passeio* do Senhor J. M. da Costa e Silva, Obra digna de seu A. O 2.º a *Meditação* de J. A. de Macedo. O 3.º as *Georgicas Portuguezas* do Senhor Luiz Mouzinho da Silva e Albuquerque.

Iha esta palma, deixar de tributar á minha Patria os devidos obsequios, que ella de mim com tanto direito exige? Não. Todos os homens tem differentes inclinações. e, segundo ellas se determinão aos diversos objectos, para que propendem. Muitos (menos os Portuguezes) tem tratado das *Estações do Anno*, e huns melhor, do que outros; mas nem por isso os mais inferiores deixarão de ser tidos como amantes das Letras, nem suas Obras deixão ainda hoje de se lêrem. Em Portugal tem havido homens fecundissimos, que tem subido ao cume do Templo da Memoria as Accções Heroicas mais distinctas; Naufragios, Conquistas, Edificações, Destruições, Virtudes, Vicios, Amôres, etc., Campos, etc. etc. Mas nisto nem todos levão a palma. Hum mesmo assumpto tratado por dous Autores he sempre desigual. Quanto differem os *Lusiadas* de Camões, e o *Oriente* de J. A. de Macedo? Da mesma sorte, depois de mim pode vir quem escreva muito melhor as *Estações*, de que terei muito gosto, por ser hum objecto, por que tenho paixão. Resta-me agora fallar dos Autores, que escrevêrão sobre o assumpto, que me propuz, os quaes vi depois de ter completa a presente Obra, sem que d'elles

me servisse em caso algum, o que he evidente, se se confrontarem.

O primeiro Poema sobre as *Estações*, que appareceu na Europa, foi escripto em Hespanhol por Grazian, com o titulo de — *Selva del año*. — Esta Obra he quasi illegivel, não só pela má economia da composição, mas pela barbaridade do estilo o mais extravagante, e ridiculo, que pode imaginar-se. (1)

(1) Aquelles, a quem parecer este juizo demasiado rigoroso, lêião esta passagem do 2.º Canto, e decidão, pois todo o Poema he escripto no mesmo gosto.

Despues que en el Celeste amphiteatro
 El ginete del Dia
 Sobre Flegonte toreó valiente
 Al luminoso Toro,
 Vibrando por Rejones rayos de ouro;
 Aplaudindo sus suertes,
 El hermoso espectaculo de Estrellas,
 Turba de Damas bellas,
 Que a gozar de su talle aliégre mora
 En cima los balcones de la Aurora,
 Despues que en singular metamorphosi
 Con talones de plumas
 Y con cresta de fuego
 A la gran multitud de astros lucientes,

Seguiu se *Tompson*: este Poeta, homem

Gallinas de los Campos Celestiales,
 Presidió Gallo el boquirrubio Febo
 Entre los Pollos del Tindario huevo.

He preciso confessar que só na cabeça de hum Hespanhol podia o frenesi das *Thauromachias* figurar o Ceo como huma Praça de Touros, e o Dia como hum Cavalleiro toureando o Signo de Tauro, para divertir as Estrellas! Mas só o A. podia ajuntar a estas ridiculas, e extravagantes metaphoras outras mais ridiculas, e extravagantes, quaes são; figurar o Sol como hum Gallo, e os Astros como Gallinhas! A tal ponto tinba chegado naquelle Seculo a depravação do gosto, e a mania das agudezas, e conceitos! Este mesmo *Grazian* he Autor de huma Obra intitulada "*Agudeza, y Arte de ingenio.*" que he huma Arte de escrever em prosa, e verso, fundada nos principios mais absurdos, e apoiada em exemplos máos, e bons confundidos entre si, e applicados da maneira mais repugnante.

Não se infira porem d'aqui que eu desprezo a Poesia Hespanhola; se rio dos disparates de hum *Grazian*, e de hum *Villamediana*, conheço-a muito bem, para ter na devida consideração os sublimes Escriptos de *Garcillasso*, de *Herrera*, de *Rioja*, de *Francisco de la Torre*, de *Fr. Luiz de Leon*, de *Villegas*; e entre os modernos de *Quintana*, de *Cadalso*, de *Melendes*, de *Yriarte*, e de tantos outros, que tem dado honra á aquella opulentissima Litteratura.

erudito, engenho fecundo, e optimo Verificador, ganhou a palma da Poesia Descriptiva; e o titulo de Pintor da Natureza, que lhe dêrão os seus Compatriotas, tem sido confirmado pela opinião geral dos Criticos das Nações Estrangeiras. Os rasgos do seu pincel são energicos, e variados, como o seu assumpto. Com a mesma facilidade desenha hum Jardim de Italia, e huma paisagem da Zona tórrida; huma Chorea de Nymphas colhendo flôres n'hum prado, e hum desgraçado morrendo entre a neve no meio das sombras de huma noite de Inverno. D'esta Obra se pode dizer com Delli-le (1) *Les bons ouvrages sont ceux qu' on lit avec plaisir; les excellents ouvrages sont ceux qu' on relit avec transport; c'est l'effet de ces phisionomies qui, après avoir frappé par leur beauté vous rapellent, et vous attachent par des graces secrètes, et par d'heureuses proportions, qui avaient echappé au premier coup d'œil.* O mesmo Padre J. A. de Macedo, fallando d'este illustre Inglez, diz, que no seu Poema ha tanto de formosura, e varie-

(1) Delli-le na Traducção de Virg. Not. 7. ao Cant. 1.º

dade de quadros, como ha na mesma Natureza, que elle pinta. (1)

Saint Lambert em França foi seu imitador, e ás vezes seu copista; seu estilo he Poetico, sua Versificação harmoniosa, e seus Episodios bem escolhidos; porem he menos grandioso, e menos energico, que o Poeta Inglez.

Mr. *Roucher*, Autor do Poema *dos Mezes*, cujo assumpto he o mesmo das Estações, tem menos graça, que *Saint Lambert*; os seus Versos são ás vezes duros, a sua linguagem pouco correctá; o desejo de transportar para a Poesia Franceza as figuras, e expressões Orientaes dos Livros Poeticos da Biblia, foi parte para alguns Criticos o accusarem de turgido, e de affectado; não pode com tudo negar-se, que em *Roucher* havia hum grande talento Poetico, muita imaginação, e colorido. A morte d'este Poeta foi, como a de *Chenier*, hum dos crimes da Revolução.

O grande Lyrico Alemão, *Cramer*, publicou quatro bellissimas Odes sobre as Es-

(1) J. A. de Macedo no Prologo ao seu Poema *Newton*.

tações. Os curiosos poderaõ vê-las traduzidas no Quinto Volume das Obras completas de Francisco Manoel, e são dignas da celebridade de seu Autor.

A Primavera de *Kleist*, em quem já falei, hum dos Heroes da Escóla de Frederico, e hum dos ornamentos do Parnaso Germanico, faz sentir, que elle abandonasse a empreza de cantar as outras *Estações*. Seu estilo he Poetico, suas descripções variadas, os seus hexametros nada inferiores aos da *Messiada* de Klopstoch; e toda esta composição respira aquella sensibilidade, e entusiasmo da virtude, que caracteriza todos os Escriptos d'este grande Homem.

Fiz as diligencias para obter de Hespanha o novo Poema das *Estações*, composto no Idioma d'aquelle Reino por D. Joseph Moor, y Fuentes, mas até agora ainda o não tenho. Alguns trechos d'elle, que vierão escriptos nos Papeis Publicos, me dêrão d'elle huma idéa vantajosa.

A' vista por tanto de todos estes Autores, que depois (como disse) de compôr este meu Poema vi, só me appliquei a emendá-lo, não me servindo de lugar algum dos mencionados AA.; e sendo retocado, em quanto a alguma cousa de versificação pe-

AS ESTAÇÕES DO ANNO.

CANTO PRIMEIRO.

P R I M A V E R A.

Das margens do aureo Tejo aonde outr' hora.
 A Pesca celebrei, e as Nymphas bellas, (1)
 Aos cultos venho campos delectaveis,
 Onde em prazeres a alma desafoga
 Os trabalhos da vida com doçura.

Cybele, Mãy fecunda d'Altos Deoses, (2)
 Que aos homens o sustento grata prestas,
 Que ao Mundo patentêas dons divinos,
 Que no prado risonho, e campo ameno
 Teu Reino perpetúas sempiterno;
 Em meu auxilio vem, tu dá soccorro,
 Para que, teus louvores, dignamente
 Cantando do Anno as Estações, te cante
 Sempre diversas, mas formosas sempre; (3)
 Presta-me os sons da Mantuana avena
 Sublime, e delicada, com que os bosques

De Lysia, Patria minha, que amo, é préso
Escutem não de Cysne a voz sonora,
Mas de rouca Cigarra a verdadeira,
Que em seu paterno ninho nasce, e morre.
Ditoso se ventura tal consigo!

Irmã querida, parte de minha alma,
Escuta o rouco som de flauta agreste
Com desregrado canto modulada.
Domesticos cuidados por hum pouco
Deixa, ouve a minha Musa: os tenros filhos
Depois, e o terno Esposo afaga meiga,
Que doce accento suave, e mavioso
Na alma prazer alegre já desperta,
Que do campo a doçura ama innocente;
E pois sei que te aprazes, que te encantas
Comigo deste genero de vida,
Desde já minha Lyra attenta escuta.

Vós ó Phaunos capripedes, vós Nymphas (4)
Das Florestas, tecei vossas Choreas,
A fronte me enramai de verdes louros.

Tu, Padre Baccho, o thyrsos pampinoso (5)
Tu me empresta, e a canora Lyra rege (6)
Das Bacchantes ao som de accentos graves:
Repleto da virtude, que possues,
Correrei a cortina delicada,
Que a linda Primavera encantadora
Estende sobre a rica Natureza,
Em quanto os invernosos dias passam,
E derrama nos prados lindas flores
De hum Zephiro assentada sobre as azas.
Logo o Verão calmoso, quando estivo
Nos ardentes ginetes cavalgando,
De sua aljava de ouro penetrantes

Setas dardeja, que as entranhas abrem
 Da terra sequiosa, e a Campina
 Amarêlla se torna; já pendentes
 As maduras espigas de sua haste
 Se vêm; tingem-se os pomos de incarnado;
 Outros tomão do fogo a côr ardente.

Do Outono tractarei, que sobre as Nuvens
 Fecundas, espalhando a Cornu-cópia
 Já desce, já se vê por toda a parte
 Do Agrícola as fadigas compensando.

Cantarei o Inverno, feio, e triste,
 E de flocões de neve carregado,
 Reanimando os campos exauridos,
 Afugentando os tetricos contagios,
 E com seus aguaceiros conduzindo
 Os thesouros da força, e da saude.

Incomparavel Tompson, que teu vôo (7)
 Êrgues tão alto, que ninguem te iguala;
 Se tímido abriu mão da empreza sua
 Kleist, engenho profundo, que intentava (8)
 Cantar tão grave assumpto; se te invejão,
 Se alcançar tua gloria em vão pretendem
 Talentos tão sublimes, elevados,
 Que de Cysnes as pennas brancas vestem;
 Que fazer poderei eu, a quem negão
 Divina inspiração as doutas Musas?
 Se teu nome engrandece a fama tua,
 Fique embora o meu nome envolto em trevas:
 Já que entro neste trilho temerario,
 Tua penna me presta por hum pouco,
 Que, inda que para o ornato faltão côres;
 Com ella traçarei do Quadro o esboço.

E tu, tambem Castilho, que mavioso, (9)

Digno rival de Tompson te mostraste
 Em tua Primavera tão vistosa,
 Que, quando a vê, Natura admira, e pasma;
 Presta-me a Lyra, que sonora pulsas;
 E á borda desta fonte reclinado,
 Debaixo desta faia umbrosa, e antiga,
 Oução os bosques, e risonhos prados
 Resoar de meu Barbyton as chordas;
 Faze que minha rouca voz se escute
 Nesses cumes ethereos, e colinas,
 Que embalsamão suavissimos perfumes,
 Que as flores odoriferas exhalão.

E vós ouvi, Pastores, recebei-me
 Entre vossa innocente companhia.

Nos campos a risonha Primavera,
 Já prolonga o matiz do verde manto.
 De grande gala as arvores se vestem,
 Suas mimosas tranças enlaçando
 Com flores odoriferas, formosas;
 Dos prados, já as altas, neves fogem,
 Lugar á branda relva concedendo,
 De milhões de boninas esmaltada
 Pela Mão Liberal da Natureza,
 Imitando do Ceo brilhantes Astros.

Por gozar deste ameno Paraiso,
 Que a Benefica Mão do Omnipotente
 Dos humanos a bem, creou no Mundo;
 Almeno, de Lucinda chara Esposa
 Acompanhado, o campo habita alegre.
 Alli entre delicias mil vivendo,
 Dos Anjos a innocente vida imitão.

Quando a Aurora c'os rozeos dedos abre
 Hum dia a porta lucida do Oriente,

Ao seu Jardim fragante descem ambos,
Onde Almeno a Lucinda a voz dirige.

Ab! quão bella a Cecem alli se mostra,
Que a candura apresenta da virtude!
Olha como se eleva o rôxo Lirio,
Entre aquellas Saudades, que o rodeião!
De purpura se adorna, que não trajão
Reis Poderosos, Arbitros do Mundo!
O Girasol hi surge, Aguia das flores,
Que, seguindo co' a vista o carro a Phebo,
He symbolo do Sol, do Sol figura!
Com a sua confunde a côr do ouro!
Do jardim lá no fundo ao dextro lado
Se está vendo o fragante, o lindo Cravo,
De suave perfume enchendo os ares.
Olha este almiscarado, este amarello!
He lindo o Cravo Principe; côr lacre
O Mantuano; he formoso, e raro o verde.
Muito são das Roseiras namorados,
Que de encantos se vestem, e de adornos
Em seu throno espinhoso sustentadas,
Que enfeitão recortadas lindas folhas!
Que dôce riso abrir os faz mimosos,
A que responde a Rosa rubicunda
Com graça tanta, que em amor desfeita,
Parece quer pagar-lhe seus favores;
E as pétalas fazendo descoradas,
Das outras Flores vendo altos ciumes,
Entre desmaios mil fenece a Rosa,
Que o Jardim c'os despojos alcatifa,
Onde lhe abre a Saudade a sepultura,
E a Perpetua seu véo lhe lança rôxo.
A Alexandrina vês, vês a Hollandeza,

Rainunculos diversos este lado
 Do Jardim formoseão; e Azareiros
 Ó muro de formosas flores vestem
 Por annos dilatados prolongadas:
 Do Jacintho a flor vês, em que mudado
 O Moço foi, de quem conserva o nome.
 Mui lindo he o azul, e o procelano.
 Dos Jasmins, Mogoim muito me encanta;
 Muito me agrada o branco delicado,
 A Perpetua dourada multiplica
 Em Abril a belleza sempiterna,
 Até do Ser Divino ornando as Aras.

Das Flores a Rainha vês Tulipa,
 Que as mais em brilhantismo excede, e esmalte:
 Sua purpurea flor por dias doze
 Em seu throno magnífico sustenta.
 A Anemona Oriental de azul, ou rôxo,
 Além brilhando vês nesse canteiro,
 Que Amor-perfeito adorna, e outras Flores,
 Que os olhos lisongeão tão vistosas.

A Hera trepadeira, a Madre-silva,
 Legação; e o Martyrio, que do Eterno
 Insondaveis segredos symbolisa.

Esta rua vejamos, que verdeja
 Co' a Murta sacra a Venus, vivaz Buxo,
 Alecrim, e Alfazema!... escuta os choros
 Dos matisados, lindos passarinhos.
 Ouve da Philomela o triste canto,
 Que minha alma sensivel internece!
 De que accents magnificos se serve,
 Com que exprimir deseja a dôr antiga,
 Quando com mão cruel Tereu a lingua
 Lhe arranca, porque o crime cale infando,

Que contra a pudicicia cometera!

Olha de Pintacilgos lindos bandos,
Formando encantadores seus gorgeios
Da faia entre os râminhos mais occultos:
Como de tronco em tronco vão voando,
Das azas vivas amostrando as côres!
Oh! Como a triste Rola me compunge,
Que os males, que nos cercão, me recorda;
Eu do Melro a cantiga alegre escuto;
E o Cochixo, que o nome seu repete,
Que as Aves tambem fallão, me faz certo.

De azul ferrete as lindas azas abre
A Andorinha, que vòa sempre inquieta,
Para o ninho, que em clima forma estranho,
Nos ares já mil circulos traçando,
Vai no bico as palhinhas, vai o barro
Alegre conduzindo, e diligente,
Onde os Ovos depondo, nova prole
A's patrias Regiões leva fecunda.

Olha naquelle lago cristallino,
Onde a lympha em marmoreo tanque pura
Da Cascata, com arte vem cahindo!
Como bebendo immensas Avezinhas
Volteirão d'elle em torno assim contentes!
Outras lá na planice as ricas perlas,
Que a rôxa Aurora em lagrimas derrama,
Roubão á linda flor, que enriquecida
Dellas, com as Estrellas competia.

Mas já o Sol agora tudo queima.
Deste tanque de peixes nos sentemos
Junto, daqui seus brincos nos divertão.
Sobem do tanque á flor, do tanque ao fundo
Descem contínuos, rapidos nadando.

Que lindas tem as côres, as escamas
 D'azul, purpura, e ouro matizadas!
 Como a chegada nossa admirão tanto!
 De nós alguma cousa pedir querem...
 De pão as migalhinhas tu lhe deita,
 Que da choupana nossa aqui trouxeste,
 Para o frugal almoço ambos tomarmos.
 Como loucos parecem, como nadão,
 Como a purpurea bôca alargão todos,
 As boiantes migalhas apanhando!

O tanque de formosas flores vejo,
 Lucinda, rodeado, que a mim novas
 São: e da Natureza á dextra devem
 Sabia a cultura só co' nascimento.

Que innumerados prodigios apresenta (10)
 Das flores, que estás vendo, a mais pequena!
 Como o germen envolto na semente
 Por meio da raiz se desenvolve,
 Que, de vêas servindo lactêas, tirão
 Da planta o chylo, que nutrir a deve!
 Como a seve ascendendo nutre os ramos,
 Desenvolve as raizes descendendo,
 Delles tirando o succo em quanto he dia,
 A humidade do ar durante a noite,
 E girando nas vêas, nas arterias,
 Faz, que a planta vegete, faz que nutra.

Querido Esposo, as plantas tambem nutrem,
 Tambem de vêas, e de arterias vivem?

O Sabio Creador lhes dêo a vida,
 A sensação, amores, e consorcios:
 Em breve termo neste botão vejas
 Te rogo maravilhas estupendas.

O Calix, que a flor cobre, contem hymen,

Que a flor cobre em botão, rasga-se abrindo.
Aos sexuaes órgãos a corolla logo,
Immediato tegúmen, formosura
Dá, e belleza á flor quanta possui;
Petalas, ou lenções da linda Venus,
Sabios Naturalistas a nomeão.

Da corolla o appendice Nectario,
Para o mel segregar, para conte-lo
Proprio á flor accessivo se nomêa.

Dalli profícua a Abelha o nectar bebe,
Que converte depois em doces favos,
Os estames, do alburneo nascer julgão,
Que filetes, e antheras tem por onde
Os estames se contão delicados:

O fecundante pó alli contido
Por membrana finissima he mimosa:
O Pistilo he tambem órgão femineo,
Que á criação destina o Ser Supremo:
Com elle o estame junto dão fecunda
A's plantas geração prodigiosa.

Observas deste modo, ó chara Esposa,
Como nesta pequena flor dispersa
Deste tanque na borda sem cultura
Reune a Natureza maravilhas,
Que o seu Eterno Creador lhe déra?

“ Oh! Lucinda, Lucinda, aqui paremos
“ Neste ameno lugar delicioso,
“ Aqui jámais de Apollo entrarão raios;
“ Orion; nem de noite as tempestades,
“ Nem de dia levanta furiosas:
“ A' sombra desta faia aqui sentados,
“ Para nós a comida tu prepará,
“ E sobre a verde relva a mesa estende.

- « E depois de comer ao Deos Eterno
 « Bem he que as graças nossas tributemos.
 —Começarei acaso, eu a primeira,
 Em lagrimas banhada, diz Lucinda,
 —Oh! Esposo por quem a pena imposta
 —Dos humanos ao genero o mal trouxe?
 —Mas, se tu mandas que eu a ti sujeita
 —Por culpa tão fatal, assim o cumpra;
 —A Lyra tua affina, e tu começa
 —As chordas percutindo em tom sonoro
 —As Canções ensinar-me, que Divinas
 —Cantar costumas em Psalterio grave.
 —O magnifico quadro de Natura
 —Em repetir não cesse eternos Cantos;
 —A Aurora, que nascer vi das douradas
 —Portas sahindo do Oriente louve
 —Ao Arbitró dos Orbes Soberano:
 —Nuvens, que vos fendeis do Sol á vista;
 —Fugitivas Estrellas matutinas,
 —Ao fulgido clarão do Astro brilhante
 —Entoai vossos Cantos, louvai sempre
 —A Soberana Mão, por quem movidas
 —Rodaes em vossas orbitas eternas:
 —Sombrios bosques, tristes valles fundos,
 —Altos montes, penedos, rochas duras,
 —De idades muitas, velhas, carcomidas:
 —Serpejantes arroyos argentinos,
 —Que brincaes pelos campos inquietos,
 —Detende as lindas serpes enganosas,
 —Que de aljofar escamas ornão puro,
 —E louvai do Universo ao Ser Supremo.
 —Cantai, ó Avezinhas innocentes
 —Cantos ao Senhor Vosso de alegria.

—Aqui, Natura, te convido, e chamo,
 —Para que do meu bem Amado Almeno
 —Junta, com o que possues em riquezas,
 —Nossas preces ao Ente levantemos,
 —Que de tal arte o Mundo de prodigios
 —Sómente co' a vontade creou sua.

—E tu oh! charo Almeno, terno Esposo,
 —De minha alma metade, vida minha,
 —Ao Ceo comigo as tuas mãos levanta,
 —E de louvor com hymnos os bens nossos
 —Reverente agradece com modestia.

Disse: e em terra os joelhos seus dobrando,
 No Ceo os olhos fitão respeitosos.

Da Primavera assim a Estação passam
 Longe da Côrte nos rizonhos campos,
 Almeno com Lucinda, esposa terna,
 Que de Amor Hymineu juntou c'os laços,
 Que na Côrte forjára em bellos dias.

Eis n'humta tarde Almeno assim lhe falla:
 « Não he mais que a Cidade o campo amavel?
 « Acaso aqui, Lucinda, hes perturbada
 « Logo que a manhã rompe pelas seges,
 « Que ás vezes o impostor vão conduzindo
 « Da casa onde perdêra os bens, e fundos, (11)
 « Que avaro Pai, de usura á força juntos,
 « Ferrolbados tivera até á morte?
 « Magistrado venal, cruel, injusto,
 « De cujas mãos depende a sorte humana?
 « Dos da cavalhariça ouves Criados
 « A rustica harmonia, ou os seus brados?
 « Perturbão as serventes teu socego
 « Com elogios vãos, falsos, pedindo
 « As horas determines ao Almoço?

- “ Ou quando ao toucador sentar te queres?
 “ Neste sitio o rumor dos carros ouves
 “ Tão importuno antes que nasça o dia?
 “ Não tens visitas das amigas tuas!
 “ De amigas... bem não digo; acaso amigas
 “ Erão ellas, Lucinda? Não bem sabes...
 “ Tu então ignoravas innocente
 “ O mal, que taes mulheres te buscavão...
 “ A lisonja jámais seu peito deixa.
 = De que bellezas, dizem, de que encantos
 = Vos adornou benigna a Natureza?...
 = Que bellos negros olhos, e cabellos
 = Decorão vossa fronte tão vistosa;
 = A neve a branca côr em vos vêr perde;
 = A Rosa já sem graça desfallece,
 = E de vergonha cheia sobre a terra,
 = Confusa suas petalas derrama
 = Nos orvalhos envoltas matutinos.
 “ Oh! condição perversa; detestavel,
 “ Que a innocencia ao perigo assim conduzes!
 “ Mas que felices dias já gozamos
 “ Nestes campos, Lucinda, encantadores,
 “ Quando formosa vai a Primavera
 “ Sobre as azas dos Zephiros voando,
 “ De Flora encantadora acompanhada,
 “ A quem mil Nymphas seguem com cestinhos
 “ De mimosas capellas, e de flores,
 “ Que mais bellas, mais lindas cria o Prado!
 “ Lá quando rosea Aurora rociada
 “ De Apollo a vinda tão sandosa chora,
 “ Sobre as flores vertendo ricas perlas,
 “ E do Oriente as cortinas sacudindo,
 “ Ao Sol formoso as portas abre de ouro;

“ Os glomerões de nuvens, e altas torres
 “ A’ vista sua com respeito fogem ;
 “ Das Camponezas se ouve o doce canto,
 “ E a sonora das aves melodia.
 “ Então na relva morbida sentado,
 “ O pensamento ao Ceo, e os olhos subo.
 —Oh! não mais, terno Almeno, não prosigas ;
 —Minha alma penetrar vejo sensível
 —Da Natureza olhando o quadro bello.
 Disse, e sobre a verdosa relva pára,
 Ao Esposo volvendo os lindos olhos ;
 “ As faces banhão lagrimas em rios,
 “ Quando levanto as mãos ao Ser Supremo,
 “ De tantos bens humilde dando as graças,
 “ De quantos males sou por ti já livre.
 “ Nas Estatuas repara primorosas,
 “ Que com arte, e saber Artista eximio
 “ Dos Varões esculpio mais affamados
 “ Por armas, e por letras Lusitanos,
 “ A quem da fama o brado nunca cessa
 “ Fazer ao Ceo subir, fazer ao Mundo
 “ Da virtude valôr, e sapiencia
 “ Os dotes conhecer, que os adornarão.
 “ O que a Corôa cinge, e tem o Sceptro,
 “ Manoel he invicto, esse Monarcha
 “ Excelso, que o Oceano insulta ondoso,
 “ Scus Cabos, Enseadas, e Recostos
 “ Sem temor devassando, sem receio
 “ Por mares, que a ninguem fôrão notorios,
 “ Dos que a remota Idade menciona,
 “ De riquezas enchendo o Luso Reino,
 “ De louros immortaes colhendo a gloria.
 “ Vasco da Gama vê o astuto Nauta,

- “ A quem comette o Rey tamanha empreza
 “ Elle o Estandarte beija, que recebe,
 “ De voltar, ou morrer já promettendo.
 “ Logo sulcando os mares, vai ufano
 “ A novo Mundo novas Leis impondo,
 “ Que sujeitas abração essas gentes,
 “ Que do Oriente as terras tem, e os mares:
 “ Obedece Neptuno sujeitando
 “ A empolada cerviz ás Ordens suas,
 “ He Pacheco fortissimo, esse Achilles
 “ Lusitano, que de alta gloria enrama
 “ Sua Cabeça, e cobre-se de louros,
 “ Soccorro de Cochim ao Rey prestando
 “ Dos seus, que faz espanto com tão poucos;
 “ Fabula parecendo antes sonhada,
 “ Do que verdade, o que obra o nobre peito,
 “ Com que os Reis de Vipur, e Tanor bate.
 “ Do Çamori não teme as grandes forças,
 “ Que por mar, e por terra o desafio.
 “ Vem esse Rey potente, mas ferido
 “ Em seu mesmo andor vai, porque soubesse,
 “ Que não ha contra o Luso resistencia,
 “ Que no Campo se ostenta bravo Marte.
 “ Venenos, e traições arma debalde,
 “ Com que a chólera mais ao Leão accende:
 “ Barcas lança de fogo, com que a Armada
 “ Parece desta vez abraza, e queima.
 “ Mas lá fugindo vai, e destroçado
 “ Em casa recolher-se furioso.
 “ Mas de tantos serviços tem por paga,
 “ O que, do Rey a lado já viera
 “ C’o Pallio sobranceiro, triumphante,
 “ Dura prizão soffrer, e dura morte,

“ Da indigencia nos braços, e da fome
“ Em Santo hospicio, aonde a vida acaba
“ Em leito misero o Varão illustre.
“ He, esse outro o temido Almeida bravo,
“ Que com Real insignia tem primeiro
“ Das Indias o Governo, e todo o mando.
“ Com Lourenço, seu filho entra em Quiloa,
“ Que de incendios, estragos, mortes duras,
“ Com que o valôr apure, faz theatro.
“ Do Throno o Rey depõem, que abi governa;
“ Em seu lugar elege outro Monarcha,
“ Que, a seu contento, faz o que elle ordena.
“ Em Mombaça devastão inimigos,
“ Que das Indias os mares infestavão.
“ A cinzas reduzindo-a põem por terra
“ Mombaça desgraçada neste dia.
“ Chaul, e Dio ao chão tambem iguala;
“ De Calecut espalha a grande frota.
“ Mas o Deos das vinganças lhe prepara
“ Castigo á deshumana atrocidade
“ Com que as míseras gentes elle trata,
“ Que das armas á força conquistára;
“ Nas mãos dos Cafres brutos, e selvagens
“ Deixando em fim a vida preciosa,
“ Em desertas arêas sepultados
“ Sem gloria alguma os restos seus, sem pompa. (12)
“ Dilatada sería, e longa a historia
“ De Albuquerque, que hi vês cantar façanhas.
“ Como a infeliz Ormuz, como Malaca
“ Com brio tal conquista, e valôr tanto’
“ Como a furiosa Gôa vezes duas
“ Invade com valôr nunca pensado,
“ Em Politica, e em Armas dextro sempre

“ O jugo no Oriente impondo Luso,
 “ Das gentes té amor alto acquistando,
 “ O invencivel Heroe, que vai da fama
 “ Do Artico ao Polo Antartico nas azas!
 “ Quantas vezes traições, quantas vilezas
 “ Nos seus experimenta, que a pilhagem
 “ Só desejão, só querem por Victorias!
 “ Resiste o coração constante a tudo,
 “ Inveja té causando nos Gentios,
 “ Que respeitosos o ouvem, e obedecem!
 “ Não conto o caso horrendo, que pratica
 “ Barbaro, quando quer impôr silencio
 “ A's paixões, que ardem, e aos desejos fortes,
 “ Que Amôr dos Lusos n'alma cruel atêa.
 “ Soares, e Sequeira são os outros;
 “ Menezes, Mascarenhas, e Sampaio;
 “ Heytor, Cunha, Noronha, e o forte Castro,
 “ Cujo valôr em Dio causa assombro,
 “ Cuja memoria eterna sempre vôa,
 “ Em quanto alumiar o Mundo Apollo.
 “ Esse vês, cuja fronte verdes louros
 “ No Pindo Portuguez com fama, e gloria
 “ De estranhos com inveja assim corôão:
 “ He o illustre Camões, o nosso Homero, (13)
 “ Que todos esses canta em plectro de ouro
 “ Em sons divinos dantes não pulsados;
 “ Dos Lusos o valôr ao Ceo subindo
 “ Da eternidade em bronzes o gravando.
 “ Mas, que desgraça! . . a sorte miseranda
 “ De quem tão alto sobe illustres feitos
 “ Em toda a parte segue o Cantor digno,
 “ Que ao Mundo todo invejas, e respeito
 “ E a todas as Nações da Europa causa!

“ Da fome, e da miseria perseguido
 “ O que d’antes predisse lbe acontece.
 “ *A baixo estado vir humilde, escuro, (*)*
 “ *Morrer nos Hospitaes em pobrcs leitos.*
 “ As Estrangeiras Musas o engrandecem;
 “ Alto aos Ceos elevar Sepulchro querem
 “ Os Britanos, e Gallos juntamente,
 “ Onde os Ossos descancem de quem tanto
 “ A Patria sua amou ingrata sempre,
 “ Suas Obras beijando respeitosos,
 “ Quando lêm, quando admirão com inveja.
 “ Esse, que observas carrancudo, e torvo,
 “ Suas Obras mordendo, e devorando,
 “ De tudo maldizendo petulante
 “ Sem razão, sem criterio, e sem verdade;
 “ He hum Zoilo terrivel, que se eleva
 “ Das nuvens a si mesmo muito acima:
 “ E piza de Camões divino, piza
 “ De todos honra, gloria, saber, tudo;
 “ Tudo o monstro abocanha vil, horrendo,
 “ Nas cavernas bramindo do desprezo,
 “ Que faz de suas Obras todo o Mundo.
 “ Hi tens Garção, Bocage, e tens Filinto, (14)
 “ Que em ninho estranho morre desejado
 “ Dos seus, que seu saber assim conhecem:
 “ Vês Silvio, a quem Melpomene, e Thalia (15)
 “ Calliope, e Polymnia em inagas formas
 “ Enramão de laureis a altiva frente,
 “ Que a Lusitana Scena assim decora

(*) Versos de Camões. *Lusiad.* Cant. 10. Est. 23.

“ Que os sentidos eleva extasiados,
 “ Se Isabel, o Passeio, e outras Obras,
 “ Com que a Lusa enriquece Poesia,
 “ São de homens sabios lidas, e admiradas.
 “ Todos maldiz o Zoilo depravado.

Assim os dous Consortes se entretinhão,
 De huma Santa alegria transportados,
 De floresta em floresta passeando,
 Bellezas novas, novos quadros vendo.

“ Vamos, Almeno diz, o Sol dardeja
 “ Vibrantes raios; com que a terra abraza,
 “ A' sombra descansar daquelle choça,
 “ Em quanto do calôr não passa a força.
 “ Já da Cigarra o canto escuto rouco, (16)
 “ Que o jornaleiro á refeição convida.

Nisto da chara Esposa o braço toma,
 E pelo bosque escuro caminhando,
 A cada passo attento, immovel fica,
 Quando das Avesinhas ouve o Canto.
 D'esta sorte á Cabana se aproximão,
 E sobre a verde felpa descansados,
 Aos fatigados membros dão repouso.

Dá ao longe signal da Igreja o sino: (17)
 Lucinda diligente se levanta,
 Apollo no Zenith tocar já vendo,
 Onde breve repouso dar costuma
 Aos cançados igni-vomos Ethontes
 Em suores de vivo fogo ardendo,
 Que rápida a carreira lhes causára:
 Os olhos, e narizes em faiscas
 Sobre a terra abrazados se desfazem;
 Alli o auri-comado só esperão
 Cocheiro radiante, que lhes solte

As preciosas redeas diamantinas,
 O coche conduzindo pela Esphera,
 Até que no Oceano o precipite,
 E lá, nos Thetios braços em carinhos
 Suave a noite passe repousado.

Lucinda, huma delgada saia veste;
 Seus cabellos compõem, suas mãos lava,
 E a frugal refeição prepara logo.

A Servente a Cabrinha traz, que ordenha
 Em limpa, e transparente porcellana,
 Onde o pão, que abobóra, alvo mistura
 Em lento fogo, em quanto as hervas colhe,
 Que da saude ao bem são proveitosas.

Alli do Cabritinho a tenra carne
 Se coze com presunto Lamecense;
 Com brazido ateadado n'outra parte
 Se tosta de hum Carneiro gorda perna;
 E já na celladeira a repolhuda
 Alface, com cebolla, e pimpinella
 C'o saboroso paio misturada,
 Apetitosa o gosto desafia.

Já hum pratinho adornão as cerejas,
 Que são de coral fino rubicundas;
 D'ellas junto não falta o queijo fresco,
 Que há pouco de fazer Lucinda acaba.
 Hum joven Pastorzinbo vem da Adega
 O balsamo trazendo delicioso
 Por lustros dons guardado com recato,
 Que a tristeza dos animos desterra,
 E esquecer faz da vida o mal penoso.

Já tudo preparado, vai Lucinda
 O Esposo procurar, que, recostado
 Sobre a morbida relva, dorme ainda.

“ Querido Esposo meu, amado Almeno,
 “ Surge, desperta do pesado somno,
 “ A que te convidou canto das Aves,
 “ E d’esta relva a placida frescura:
 “ Vem, pois nosso jantar já sobre a meza
 “ Tão frugal acharás, como desejas.

Assim dizendo, pelo braço o toma,
 Que inda os olhos esfrega bocejando.

—Ah! feliz aquelle homem, (volve Almeno)

—A quem fados benignos concedêrão

—Os verdes campos habitar contigo;

—Que reconhece os campesinos Deoses!

—Ah! Lucinda, quem te ama, sempre venha

—Para onde folgas de viver; mel dôce

—Lhe corra sempre; o balsamo cheiroso

—O aspero espinheiro lhe produza!

Com taes ditos na face os dôces beijos

Vai, de carmim formosas, imprimindo.

Lá dentro na choupana retirados

A’ meza os dous Consortes se assentavão;

Alli, em quanto comem só divertem

A vista nos sombrios arvoredos,

Onde cantão milhares de Avesinhas;

Em torno brinca Zephиро da casa,

O calor mitigando ao Sol ardente.

Debruçada a parreira do telhado,

Como que namorada observa, e nota

Dos dous os galanteios innocentes,

Murmurando hum arroyo com inveja,

Da porta o limiar lambendo, corre

Rapido, entre a verdura serpejando.

Não falta c’os Pintinhos a Gallinha,

Que a migalha de pão na terra apanha,

E em roda, pipitando, implumes comem.

Dos joelhos de Almeno, o seu Rafeiro
 Jámais tira o focinho: os olhos fita,
 Porque seu benfeitor nelle conhece,
 A elle fidelidade sempre guarda.

De quando em quando Almeno os olhos volve
 Ao mar, algumas vezes cristal puro,
 Outras, embravecido, e furibundo:
 Agora alli a Pesca só diverte
 Com seus tão innocentes attractivos
 As almas, que descansão dos trabalhos,
 Que as Cidades produzem enfadonhos.

Quantas vezes Almeno, a pescar desce
 Da querida Lucinda em companhia!
 Muito não tardará, que sobre a margem
 Os esposos se vêjão ternos juntos.

Os mais simples discursos, quando comem,
 Servem mais de avivar-lhes o appetite,
 Pois só campestres são, só são honestos;
 Da cultura só tractão, só dos campos,
 De si, do seu casal, dos gados tractão.

Depois que se refazem dos manjares,
 Suas mãos ao Eterno erguem humildes,
 Tacito o coração nelles só falla.

Depois que assim rendidas são as graças,
 Almeno a Lyra sua vai tocando,
 Debaixo da parreira, que dá sombra
 Da choupana á pequena, e curta entrada.

Cantos são pastorís os, que na Lyra
 Campestre vai dizendo sonora.
 De Josino os Amôres, e de Elvira,
 Que pranto ao campo, ao prado, ás flores mesmas
 Com diluvios de lagrimas trouxera,

Canta; e de Alfeno angustias, e desgraças,
 Té succumbir da morte ao golpe extremo:
 De Adonis bello canta o desastroso
 Fim, que chora a formosa Cytherea:
 Os amôres de Agrario, e Dynamene
 No dôce plectro canta; e de Alicuto
 Com Lemnoria amada encantadora.

Entre tanto, Lucinda nas fadigas
 Da casa diligente anda empregada;
 A comida reparte aqui aos servos,
 Que dos Bois tem cuidado, aos camponezes
 Rapazes, que as Ovelhas arrebanhão;
 Agora as raparigas vem, que o leite
 Da retezada teta duas vezes
 Deprimem cada dia ao pingue gado.
 Cada qual se retira mui contente;
 No cestinho a comida vai ao campo
 Transportada levando de alegria,
 Sobre seus Amos benções mil lançando.

Então, por fim, Lucinda o seu amado
 Almeno buscar vai, que adormecido
 Debaixo de parreira está sombria;
 De raminho em raminho as Avesinhas
 Cantando o somno seu lisongeavão;
 Do arbusto as verdes folhas debruçadas
 De encantos o cobrião suaves, puros.

“ Oh! que santo prazer enche a minha alma!
 “ Ditosa, diz, mil vezes me confesso,
 “ Em Almeno tomar por meu Consorte!
 “ Ah! quantos desprazeres a impostura
 “ Me causou dos perjuros meus amantes!
 “ Ah! cantar posso alegre o meu triumpho
 “ Nestes bosques amenos, onde asylo

“ Achou seguro, e eterno a sã Virtude!
 Do cestinho a costura então tirando,
 Junto do amado Esposo ella se assenta.
 Os olhos com brandura ao Ceo volvendo,
 Suaves cantilenas já mistura
 Das aves co’ as cantigas maviosas,
 Que de hum, e outro lado volitando
 Sobem, descem, descansão, saltão, fogem...
 Não se calla a cigarra hum só momento,
 Insecto descuidado do futuro,
 Do Sol intenso pela força ardente.
 Ao som desperta Almeno dos accents
 Modulosos, que solta assim Lucinda.
 “ Dôce, e bella Lucinda, cujas vozes
 “ Do somno despertarão teu Almeno,
 “ Que, junto a ti descansã, oh! linda Esposa.
 “ Na sombra vê daquella arvore as horas...
 “ Penso, se não me engano, quatro serem...
 — Até mesmo o Relogio teu deixaste...
 — Nada a vontade preza te deteve.
 — De quanto na Cidade possuias!
 — Que animo generoso, que desprezo!
 “ Os Ladrões, minha Bella, aqui verias
 “ Do valôr attrahidos das riquezas,
 “ Se thesouro a choupana fôra nossa;
 “ O bem então, que nós aqui gozâmos.
 “ Hum mal se tornaria mais perfeito
 “ Como o, de que escapamos retirados.
 “ Próvida a Natureza, e rica sempre
 “ Nada aos homens denega necessario:
 “ Esses enfeites vão, e vão adornos
 “ Que ás precisões ajunta o homem louco,
 “ Nada servem á vida, nada valem,

« E nutrindo a soberba, a invéja atião,
 « Algozes mui crueis da humana especie,
 « Quem sincero a Virtude ama, detesta
 « O que de alimentar os vicios serve.

« A tarde a passear já nos convida;
 « Ao longo vamos pois deste Ribeiro,
 « Que assim até ao mar sereno corre.
 « Talvez a sua rede os Pescadores
 « No fundo vão deitar do manso rio;
 « Saborosos os peixes compraremos:
 « Depois pelo Jardim faremos volta.

A' praia se encaminhão desta sorte,
 Onde já Pescadores diligentes,
 Estão em seus Officios occupados:
 Alli a grande rede de bons Peixes
 Já carregada chega, com que folgão,
 Com que muito os de terra se divertem.

Que graciosos risos, que contendas
 Innocentes, que brincos sobre as margens
 C'os Pescadores formão lindas Jovens!

Sobre a praia caldeiras huns arvorão,
 Levantadas do chão por longas varas;
 Outros o lume accendem fervorosos.
 A cebola, o tomate, a verde salsa,
 E alho na cassarola já refoga
 Com presteza a estouvada, e louca moça,
 Por quem matreiro galgo já fareja.

O Peixe o Pescador na praia lava,
 Que escama, e em celhas mette em postas feito;
 Co' a pressa entorna a Moça agua fervendo,
 Que os sentidos lhe rouba Amor tyranno,
 E d'elle arrebatâr-se deixa louca.

Na lisa praia a mesa se colloca;

Do tacho em roda, todos vão comendo,
 Alegres rindo com prazer, com gosto;
 Alli de Baccho o sancto licor bebem,
 Que espuma das borrachas ergue altiva.

Depois disto, Alicuto com Agrario
 Suas flautas affinão tão diversas:

Ecchi-sonos os montes longe fallão

As sonoras cantigas repetindo;

Na praia as ondas brandas escutando

O natural furor depõem, esquecem.

Cada hum de seu canto quer a palma,

Sem que nenhum alcance alli triumpho.

Cançando o Pescador das ondas frias

C'o Pastor á porfia, namorados

Ambos das Bellas, suas gentilezas,

E formosura louvão assombrosa:

Cada qual elevar pertende a sua,

Diversos elementos comparando,

Onde divinas vivem, onde habitão

Terrestres, e maritimas Deidades.

De cantar em fim cansão sem alentos,

E já do Téjo as Nymphas, co' as dos bosques

Altamente entre si contendem juntas;

E no mar Galathea vencedora,

He de aljofar, e perlas corôada;

Nos bosques seus louvores Delia escuta,

Que de flores enrama a linda frente,

Mas não fica a Sentença proferida

Dos hymnos sobre o merito sublime.

“ Mas, eis lá para o grande lago Apollo.

“ Os ginetes conduz, que vão cançados

“ As aguas procurando do Oceano.

“ Repara como brilha o Sol, Lucinda,

“ Nos vidros das janellas da Cidade
 “ Onde nós habitámos . . . são espelhos
 “ Onde outros tantos Sóes se reproduzem.
 “ Olha como se enfia nestes bosques
 “ A sua luz já languida, e cadente!
 “ Que aspecto novo os velhos troncos formão,
 “ Mostrando-se massiço bronze antigo!
 “ Vê o nosso Jardim delicioso,
 “ Como o ar embalsama de perfumes,
 “ Que das flores, que fechão, e abrem, sahem!

Já as Arvores de côr de lucto vestem,
 E em si mesmas recolhem suas graças,
 A Natureza toda em fim já chora,
 Quando o Astro brilhante a desampara,
 Que alem precipitar se vê no Oceano,
 Por de novo á manhã surgir ao Mundo.

Como o horizonte bronzeado fulge,
 Quando Thetis estende os niveos braços,
 Do Amante o collo fulgido abraçando,
 Que ao rutilo salão conduz de estrellas
 Brilhantes, e Planetas adornado!

Agora finalmente vem a Lua
 Posse tomar da ahobada Celeste,
 De Estrellas infinitas rodeada.

Vê como seu escuro manto a noite,
 Dos horisontes lança sobre a terra!
 Serpentes argentinas, são os rios;
 Diamantes, e aljofar, a argentina
 Superficie do mar sereno bordão,
 Quando de Delia a luz reflecte nella.

Como immensos barquinhos hi navegão,
 Que alta fogueira erguendo em bravas pinhas
 Com resfulgente luz o peixe seguem,

Que sagaz Pescador astuto fisga,
E no barco saltando vivo o lança.

Na praia divertidos outros pescão;
Daqui o Pescador a rede bate
Sobre o puro cristal com grande força;
Do sacco a bôca apertão além outros;
Por longo cabo á praia vem atada
Com muito peixe a rede, que se rompe:
Os prateados peixes vão fugindo
Que das malhas escapão luzidios,
Quaes da noite phosforicos insectos,
E n'agua mergulhando á vista fogem,
Quaes no Ceo os Cometas, que reluzem
Os espaços cortando luminosos
Fugindo logo rapidos aos olhos.

Aqui descanço á Lyra com socego
Concede Musa; pois a noite ao somno,
Já de cantar cançado, me convida.
Do Ralo o canto escuto, e de estridentes
Azas louras o Grillo, que nas covas,
Solitarios, dos montes vivem fundas;
Na estagnada lagôa as Râas coaxando,
Pelos ares luzindo os Pýrilampos,
Do Rouxinol o canto mavioso,
Dos Astros a carreira rutilante,
Que motivos ao somno dão tranquillo,
De quem os vãos cuidados da riqueza
Cobiça não desperta, nem desejo!
Oh! que dôce o murmurio de hum arroyo,
Que de hum rochedo brota, debruçado
Das pontas de hum Salgueiro do aureo Téjo,
Que lambe a verde felpa, e esconde o corpo
Das Tagides nos braços de alva neve!

Lugar delicioso, e dôce asylo
Aqui Natura mostra-me, e depára,
Onde a serena noite em molle somno
Quieto passe! Oh! dôce, amavel vida!
Oh! campos deleitosos! A virtude
Em vós refugio tem! Em vós habita! (18)
Só bebe em aurea taça por mão sua
Esse divino nectar, que fagueira
Com sorriso dá meiga aos que Natura
Adorão, suas leis respeitão, e amão,
E das Musas vivendo no regaço,
Sobem ao Ceo Heróes, Monarchas sobem;
Varões de gloria dignos, de renome;
E do crime aterrando o vil imperio,
Descem ao fundo Averno improbos monstros.

FIM DO CANTO PRIMEIRO.



CANTO SEGUNDO.

ESTIO.

“ **A**gora, antes que Phebo o carro suba
 “ Do lucido Oriente ás portas de ouro,
 “ Da'Aurora abertas pelos rôxos dedos,
 “ Já respira Natura os dons divinos,
 “ Que o Pay da luz, da vida luminoso,
 “ Pelo Universo espalha com assombro;
 “ Já as languidas estrellas vão fugindo
 “ Ao plaustro escuro pálidas atadas,
 “ Que a triste Noite em fim do Mundo tira,
 “ E de Delia as argenteas pontas brilhão
 “ Com menos resplendor, e com luz menos.
 “ Já se vê o Pastor vir bocejando
 “ A porta da choupana abrir pequena,
 “ E para o Ceo voltado, das estrellas
 “ A carreira medir, contando as horas,
 “ E, levantando a voz, nos altos montes,
 “ Campestres escutar deixa cantigas.
 “ Nesta verdosa felpa aqui sentados,
 “ Neste lugar ameno da frescura
 “ Gozemos, que offerece a manhã clara.

“ Mui variado o quadro he já nos campos!
“ As manhãs já, Lucinda, são calmosas;
“ Não apparece o Dia tão fulgente
“ Como na variegada Primavera;
“ Certos vapôres vagos do horizonte
“ Sobem, e se condensão, quando a Aurora
“ Annuncia de Apollo a clara vinda,
“ E não pôde tirar o pardo manto,
“ Que estendido se vê pela athmosphera,
“ Mas de brilhantes perlas grande copia
“ Do Sol derrama a Filha, e verte, e chora
“ Na Campina, que ha pouco se esmaltava
“ De lindas flores, verdes arvoredos,
“ Cheia ora de lucidas espigas,
“ Dons, que aos humanos, alma Ceres, gratos (1)
“ Com profusão assim concedes tanta.
“ Digna de altos encomios te não fazes
“ Estação bemfazeja, que o sustento
“ Em abundante profusão nos prestas!
“ Tu, que chamas benefica o Colono,
“ Para que o flavo trigo colher venha,
“ Que nas Eiras alegre vê gostoso,
“ De seus trabalhos, e fadigas premio,
“ Que amiga lhe offereces dadivosa;
“ Que o celeiro prepare para o Inverno
“ Esteril, desabrido, e carrancudo
“ Convidas com amavel, dôce acceno,
“ Quando os atros chuueiros não permittem,
“ Demasiados frios não concedem
“ Sahir de seus curraes o gado triste,
“ E no prado pascer a branda relva
“ Em alta neve, e gelo sepultada!
“ Diffunde-se o prazer em toda a parte,

“ Quando o Estio da aljava de ouro ardentes ,
“ E penetrantes flexas vai tirando
“ Com que as imas da terra passa entranhas ,
“ Que grandes bôcas abre sequiosa,
“ A’s nuvens acenando aridas , chuvas
“ Sobre ella secca entornem abundantes :
“ Sobre ardentes cavallos então monta ,
“ E as Campinas , que dantes verdejavão
“ Visita , e com seu fogo a côr lhes mudá.
“ Encarnada a Maçã então se mostra ;
“ Outra a côr tem de fogo ; as saborosas
“ Pyramides pendentes são dos ramos ,
“ Onde avezinha com desvélo canta ,
“ Do pomo o dôce succo e’ o biquinho
“ Delicado tirando diligente.
“ A Ginja garrafal , com a de sacco
“ Lautas mezas adornão rubicundas ,
“ A fructa que em Damasco nasce , e cresce ,
“ Pomos no nosso clima dá formosos ,
“ A’s fructas o caminho abrindo ledó.
“ Ameixa , Abrunho , Alperxe , e os dôces Figos ,
“ Saborear-nos correm á porfia.
“ Amo da Persia o deleitozo pomo
“ Mais que todas as fructas , e a Laranja
“ Que de ouro rico globo á nossa vista
“ Se mostra , e dôce nectar dá ao gosto.
“ O Melão , Melancia , o de Uvas cacho
“ Da purpura rival , que bello quadro
“ Aos sentidos offerta sobre a mesa ,
“ Que na relva estendemos , oh ! Lucinda !
“ Quanto mais que as viandas nessas mesas
“ Com exquisitos môlhos preparadas ,
“ Que o gosto lisongeaõ momentaneo ,

“ A saude arruinão , as doenças
 “ Ao estomago causão , e que a vida ,
 “ Que tão breve se passa , em fim acabão ;
 “ Quanto mais , que tudo isso as fructas valem ,
 “ Depois da tenra carne de hum Cordeiro
 “ Nós comermos assada em brando lume ,
 “ E das Uvas bebermos dôce nectar !
 “ Ainda as flores nos calyces continhão
 “ Seus fragrantés perfumes delicados ;
 “ Inda a pétala a Rosa não abríra ,
 “ Nem as flores mimosas acordárão
 “ Nos braços da somnifera Papoula
 “ Gozando o somno lento recostadas ;
 “ Trémula a Borboleta não libava
 “ Nas flores rociadas dôce nectar ;
 “ Ainda a branca Aurora , do Oriente
 “ Fechava as portas de ouro ao fulvo Apollo ,
 “ No horisonte estendendo o roseo manto ,
 “ Que ao amado offerece , que das ondas
 “ Frio surge de neve , quando os braços
 “ Da querida , e formosa Thetis deixa :
 “ Só nos bosques Diana abre caminho , (2)
 “ De sua luz cadente ao clarão frouxo ,
 “ (A quem Estrellas mil pálidas seguem)
 “ Por onde namorado o Pastor triste
 “ Suas mágoas aos montes diz , e aos valles ;
 “ Quando aqui recostado já , Lucinda ,
 “ Junto jazia desta antiga faia.
 “ Que lembranças me occorrem da Cidade ,
 “ (Onde por nossos campos suspirava)
 “ Neste sitio tranquillo , e socegado !
 “ Acordar-me parece de hum vão sonho !
 “ Inda a cabeça tenho perturbada

“ C'o estrondoso ruido, que hi não falta,
“ Semelhante á procella sussurrosa.
“ Alli se ouvem bramidos, que não cessão,
“ Carruagens, beilindas, seges, carros,
“ Cavallos, Bois, e Bestas carregadas
“ Parar fazendo o Povo a cada passo.
“ Que novidades sempre ahi se agitação;...
“ Que dosordens, incendios, que tumultos,
“ Que pancadas, prizões, desgraças, tudo!!!..
“ Não mais, não mais, Lucinda, teus ouvidos
“ D'esta sorte se offendão, Deos não queira
“ Taes novas escutando luctuosas!!
“ Como, oh! campestre vida, és dôce, e amavel!!!
“ Como aquelle regato vai correndo
“ Entre aquellas pedrinhas murmurando!
“ Como revolve brando lá do centro
“ Os buzios mil-pintados, e as conchinhas,
“ Que a branca margem buscão fugitivos
“ Por á lava escapar, que vem descendo,
“ Formando a cada lado bellas alas:
“ Entumecido corre com mais força;
“ D'aqui, d'alli brincando vai com ellas,
“ A flórída campina atravessando;
“ D'arvores as folhinhas delicadas,
“ Que dos brandos raminhos vão cabindo
“ De perolas nas finas ondas leva,
“ E no fundo rochedo em fim se occulta.
“ Canoros passarinhos matizados
“ Choro agradável formão neste bosque,
“ E entre as escuras, densas folhas gozão
“ Da ternura os dulcissimos prazeres:
“ O Rouxinol encanta meus sentidos
“ Com sua dôce, e terna melodia,

“ Corações ensinando a serem brandos,
“ Com acentos melli-fluos, e suaves.
“ Suas forças excede o Pintacilgo,
“ Ave tão pequenina como linda
“ Pelo raro matiz, de que se adorna,
“ Que Lysia mais formosa não conhece;
“ Como a garganta lhe incha delicada
“ O diverso gorgeio, que varia!
“ Quando igualar das outras quer o canto,
“ Perde o seu natural, que logo toma!
“ Entre elles o Pardal, ave damninha
“ A través vóa, guincha, e nunca pára:
“ No bico o flavo trigo traz contente,
“ Que ao ávido Colono a furto rouba
“ D'Eira, que visitar tem por costume.
“ Cantos, bosques, jardins, tudo despreza,
“ Só quer viver nas tocas c'os filhinhos,
“ Muralhas habitar, que outr' hora fôrão
“ Elevados Palacios, e altas Torres,
“ Onde tanto a vaidade se nutríra.
“ Tanto da pena o medo os máos aterra!
“ Que vejo! as Aves fogem de repente!
“ Pavidos emmudecem Passarinhos!
“ Que esquadirão admiravel sobre o tanque
“ De mil Pombos diviso! Vem lascivos
“ Os amôres buscando luxuriosos.
“ De hum varre a cauda branca çuja terra, (3)
“ Que a aza ligeira abate já rendido
“ D'amorosas finezas da consorte,
“ E, arrulhando soberbo, emplumado elmo
“ Levanta, e já no campo outro combate
“ Procura, entre beijinhos mil travado;
“ De outros altos ciumes os obrigão

“ A no campo lidarem muito tempo,
 “ Aarrancando-se a coma cruelmente
 “ Cada qual por gozar d’amor doçura.
 “ C’os Cães vem os criados para a caça.
 “ Como depressa fogem debandados
 “ Os amantes aligeros, lascivos!
 “ Como os carinhos amorosos deixão!
 “ Como os prazeres são do Mundo breves!
 “ Como ficais vingadas, Avezinhas!
 “ Já no Horizonte o Sol, alma do Mundo,
 “ Raiando vem; a Aurora as portas lhe abre,
 “ Que tem de rico aljofar guarnecidas.
 “ Da noite o manto negro se desprega,
 “ Que destendido pelo Ceo se via,
 “ As rutilas Estrellas nelle envoltas
 “ Em carreira veloz o Occaso buscão,
 “ O carro a Delia palida seguindo, (4)
 “ Que pouco a pouco perde, e em fim de todo,
 “ Quanto esplendor o claro Irmão lhe empresta.
 “ Revive agora toda a Natureza
 “ De Phebo á vista pura, e rutilante. (5)
 “ As flores os seus calyces expandem,
 “ D’onde exhalão magnificos perfumes.
 “ A pudibunda Rosa sem receio
 “ Suas coradas petalas des-cerra,
 “ Que aljofares estillão preciosos,
 “ D’ellas risonho o prado se namora,
 “ E, quando as cahir deixa, se matiza.
 “ O Lyrio, a Violeta, a Cecem, branca
 “ No Jardim seu lugar formoso occupão.
 “ Alli verás, Lucinda, me approximo
 “ Muitas vezes; contemplo estes lugares
 “ Onde a virtude alentos altos cobra

- “ Nos objectos, que as flores symbolisão :
 “ Alli a Natureza vive, e reina,
 “ Em qualquer flor fulgura, em qualquer folha ;
 “ D’alli ao Ser Supremo elevo a idéa
 “ Em respeitosos extasis profundos.
 “ Mas, que acentos, Lucinda, escuto dôces,
 “ Que minba alma transportão admirada !
 “ Que o Zephiro respire brando attende. . . .
 — A Ti, ó Deos Immenso, os Ceos adorão,
 — Que obra são do Poder Teu Infinito ; (6)
 — A Ti, de nossos campos vão perfumes,
 — Que grata a Natureza, em honra Tua,
 — Humilde, e respeitosa Te offerece ;
 — Os corações Inclina a Teus preceitos,
 — Da vaidade os Apparta, que os rodeia ;
 — Da nossa terra os fructos Abençoâ,
 — Que com Mão Liberal nos concedeste ;
 — Ó tenro Cordeirinho em sacrificio
 — Será prompto immolado nos Altares,
 — Que a Teu Poder Benefico erigimos.
 — Oh ! Tu, que só Attendes os humildes,
 — Para Quem o Monarcha, o Sabio, e o Grande
 — He pó, que o vento espalha, ou verme abjecto.
 “ Emmudecêo, Lucinda, a voz divina,
 “ Que n’aquelle vivente assim ditoso
 “ Com celeste harmonia se escutava.
 “ As arvores não vias se inclinavão
 “ Quando os divinos sons soltava dôces ?
 “ Do tanque á borda as aguas vi subindo
 “ Vinhão, por escutar a melodia
 “ De sua voz Angelica, sonora !
 “ Talvez que Anachoreta seja Santo,
 “ Neste suave asylo retirado !

“ D'este dia o trabalho meditemos,
 “ A que dar-nos, Lucinda, precisamos;
 “ Os campos visitar vou sem detença,
 “ Antes que ao Meio-dia aperte a calma:
 “ Então os Bois beber á sombra devem,
 “ E o Agrícola ás lidas dar descanso
 “ Sobre a verdosa relva aos lasso membros.
 “ Por cumprir de bom Amo c'os deveres,
 “ Determinar as ordens vou ao campo.

—Companheira fiel terás comigo,
 —Charo Esposo, adorado bem querido:
 —Não me despraz a caça de Avezinhas,
 —Que assolar vem, aligeros corsarios,
 —Das nossas Messes lucidas espigas:
 —O Coelho, o Veado, e a veloz Lebre,
 —Excellentes manjar nos dão na meza.
 —Colhidas frescas fructas trouxe há pouco,
 —Com que saborear o gosto podes;
 —Pão quente, o fresco leite, e a doce nata,
 —Almoço me parece campesino,
 —Que preparado neste cesto trago.

Sobre a macia felpa a frugal meza
 Poem, onde ambos refazem suas forças:
 De verdura as cadeiras são mimosa,
 De diversas boninas matizadas:
 Copada faia antiga o docel forma
 Contra os de Hipperionio ardentes raios,
 Que nunca nesta Sala penetrarão.

De huma escarpada rocha vem brotando
 Hum crystallino arroyo de água pura,
 Que ás vezes, lá se esconde entre as pedrinhas,
 Outras sahe em ribeiro murmurando.
 Saltão d'aqui, d'alli, as Avezinhas,

Que incautas vão cahir no occulto laço,
Que astuto rapazinho armou traquinás.

Do prado lá no fundo a Lavadeira
Se vê, que a roupa bate sobre as pedras,
Que menos, que seus gritos longe são;
A' porfia, humas outras vituperão,
Mas logo (de mulher character) mudão;
E do pichel bebendo vão sem ordem.

Alli se ouvem dos gados os mugidos,
Que do ribeiro em torno ruminando
Sobre a relva descançação do trabalho,
Que violento os opprime, abate, e affrouxa.

A' sombra de hum vallado o Pastor lento,
Ao cajado se encosta tortuoso:

Leva a bilha á cabeça a Moça agreste,
A quem o rude camponez corteja.

“ Tua Mãi, rapariga, não vi hoje,

“ Talvez, foi ao Casal, bella Marilia;

“ Por quem de amôres ardo nestes campos!

“ Os Bois, vi, teu Irmão metter no jugo,

“ O carro conduzindo de nosso Amo,

“ A' quinta lá de cima dos Olmeiros,

“ Talvez Fava carregue; Deos o queira....

“ Nem aqui tenho feno para o gado.

— Nada sei responder; só me parece....

“ Não; a mim só parece, rapariga,

“ Que a Leandro se volvem teus olhares

“ Desde o dia, que veio á nossa Aldêa;

“ Por elle a mim desprezas d'esse tempo

“ Para cá, Pastorinha, a quem amava;

“ Mas.... talvez se eu quizer... mesmo na Feira,

“ Quando fôr dos amigos, que o rodeião

“ Acompanhado; ahi mesmo o não temo;...

“ Ou aqui n'algum monte... olha, oh! Marilia,
 “ Talvez lhe custe cara a tal idéa. (7)

—Esses cuidados deixa, meu Josino
 Lhe diz a Camponeza com sorrizo.

—Levar a casa o cantaro me apresso,

—Por mim nossa Ama espera impaciente;

—Não esquece Marilia os teus favores,

—Jozino amado, prenda de minha alma:

—Do coração no fundo está gravado

—Com letras de ouro de Jozino o nome.

Salta de gosto o rustico, bebendo

Pela antiga cabaça o licor puro,

Com que Baccho lhe apaga os duros males.

Neste tempo Lucinda pelas Eiras

Trabalhar os Ceifeiros vê ardentes;

Huns em suor banhados desfallecem,

No Campo semi-mortos estirados:

Lucinda c'o famoso Baccho acóde,

Que da grande borracha elle propina,

E esforçado ao trabalho vigoroso

Se lança, qual Leão, de novo armado

Da fouce, que derruba a loura espiga.

A hum, e outro lado sem descanso,

A's Pastoras cantando agrestes hymnos.

Amorosos, alegres, deleitaveis.

Outros ao lado a fouce repousando

Deixão, e sobre o braço recostados

Estão adormecidos nas Seáras;

Mas o rapaz travesso a palha sêcca

Ao nariz applicando-lhe, o desperta;

Julga o homem ser moscas, em si bate.

Desesperado: a fouce na mão toma;

Com agua a sêde mitigando, volve

Diligente ao trabalho começado.

Acolá das Abelhas os cortiços

Os homens vão roubar, que não sustentão:

Em cerrado esquadrão ellas resistem,

Mas nada lhe aproveita o seu esforço.

Com festins da colmêa em torno alegres

Os mancebos, e as moças se aproximão,

Coberto o rosto, e as mãos em grossas luvas

Mettidas, porque as Donas as não firão,

Dos que pertendem Arcenaes odoros

De assalto expoliar os roubadores;

Ao trabalho se cingem proveitoso,

Nas mãos com fachos de alecrim accesos,

Que ao cortiço sobpõe, com que as Abelhas

Sussurrando, e fugindo, o fundo buscão,

E da porta o caminho antigo tomão:

Já sabindo em montões, pelas giestas,

E rosmaninho pousão odoroso;

E, subidas das arvores nos ramos,

Zumbidoras se escutão com sussurro

De seu roubo queixar-se, mas debalde;

Que tudo vão se torna, por guardarem.

O que outros mais possantes comer querem,

Que de suas colmeias as expulsão.

Sempre á força do braço a razão cede!

Já dentro dos cortiços os Pastores

Cruéis os dôces favos vão roubando

Das Zumbintes trabalho diligente;

A longos sorvos huns o mel fragante

Chupão dos amarellos favos; outros

Em vasos espremendo vão os meles

Liquidos, que juntando á fresca nata,

Gracejando, e comendo vão alegres.

Vezez muitas Lucinda assim se encontra,
Sempre de seu Consorte acômpanhada,
E pondo em deslembança a Côrte, e o fausto,
Só da vida do Campo se contenta;
São seu regalo os rusticos prazeres,
Que aos prazeres da Pesca ás vezes junta,
Quando na lisa praia com Almeno,
Com anzol deita a linba ao peixe incauto,
Que apenas he ferido, signal dando
Com rápidos, tortuosos movimentos,
No cestinho, que traz, deita apressada;
A lubricosa Enguia, qual Serpente,
O collo eleva, enrosca, e desenrosca
O corpo, dando nós, e fustigando
Da bella as niveas mãos, e os torneados
Braços de neve pura mui formosos.

N'hum barquinho outras vezes vai seu lanço,
Com seu Esposo no profundo Téjo
Deitar, quando sereno o vê de estanho.
As amigas convida nestas tardes,
Que tão amenas são, tão deleitosas:
Convida Almeno os seus amigos lenes,
Que nestes sitios acha companheiros;
Amigos, que a Cidade populosa
Pelo campo trocarão innocente;
Homens, a quem viver apraz tranquilllos,
Da Natureza Arcanos prescrutando,
Das Musas ao consorcio devolutos,
Aos campos ensinando dôces cantos,
Aos bosques, ás florestas, e aos Pastores,
Agradão com seus versos, versos de ouro,
Que os applausos merecem repetidos.

Então alli se vê no largo Rio

Tudo quanto prazer, gosto respira:
 Musica, sonorosos instrumentos, (8)
 Que o azulado campo manso, e puro
 Na carreira detêm arrebatada.

Revolvem-se do centro as brancas Nymphas
 Do Téjo, que estes brincos já corôão
 De capellas de aljofares mimosas.

Muitas vezes no lago vão banhar-se
 Os Esposos amantes fortunados.

A' porfia as Choréas vem saltando
 De bellas Camponezas, gentís Moças,
 Que na praia as conchinhas escolhendo,
 E os matizados buzios retorcidos,
 Que á praia pequeninos chegãõ raros,
 Aos dous os offerecem com ternura.

Descem á praia bandos de Pastoras,
 De nas aguas os corpos desejosas
 Cristallinos banhar da côr de neve;
 De ouro os fios esparzem lindos, bellos,
 Que das espaldas fluctuando, pendem;
 No cristal claro, e puro as plantas tocãõ,
 E gritos de alegria dando, o corpo
 Em fim mettem, que raios fulminantes
 Cruéis de amôr despedem aos humanos;
 Fere-se terno o coração de vê-las;
 De amôres preocupãõ se os sentidos,
 E, que desejar mais não tem o Mundo
 Tãõ formoso este quadro, e bello julga.

No largo os moços nadãõ divertidos,
 Em agua não, em vivos fogos mersos.
 De quando em quando os olhos inquietos
 A's Nymphas volvem bellas, e serenas.
 Ditinhos engraçados dizem, cantãõ,

Quaes Serêas nas aguas cristallinas,
De encanto as moças cheias, de attractivos.

De cortiça outros barcos leves deitão,
Que no azulado campo vão boiando,
Sem rumo, sem destino, nem governo.

A' praia o cão felpudo traz consigo
Hum amigo de Almeno mui prezado:
Alli sortes fazendo, e ligeirezas,
Ao fundo o bruto vai buscar as pedras;
E ao longe os Patos divisando n'agua,
Apóz elles nadando vai ligeiro,
Atrôa-se o ar c'os gritos do espantado
Grande aquatico bando espavorido,
Que da agua a superficie com as azas
Vai ligeiro açoitando, alem fugindo.

Na arêa cóvas fazem os meninos,
Outros altos Castellos ahi levantão
De feios Caranguejos povoados.

Oh! vida encantadora campesina, (9)
Para mim, mais que tudo hes estimavel!
Os cuidados em ti, por ti se perdem!
Em ti o mesmo mal parece dôce!
Ditoso o que te goza com proveito,
Sem que jámais a tua perda chore!
Ditosos lavradores, vossa vida
Em mim desperta a inveja com desejo
De entre vós acabar os breves dias,
Que me outhorgue o Author da Natureza.
Elle estes dons prepara aos homens justos,
Esta santa delicia, este ocio santo,
Dando ao dôce trabalho puro alivio,
Que ás nossas fracas forças proporciona
Pela regra infeliz do nosso nada.

Ah! quando taciturno aqui deparo,
 Nestes amenos campos, nestes bosques
 Escuros, retirado o meu socego,
 O plácido socego aos lassos membros,
 Que sobre a verde relva deito molle!
 O canto de Avesinhas me recreia:
 Quando declina o dia, e o Sol cadente
 Avisando me está do fim da vida
 Pela futura noite annuciado:
 No Ceo os olhos fitos, as Estrellas,
 Esses adamantinos, vastos orbes,
 Seu curso dirigindo sem mudança,
 Inalteravel sempre, e sempre o mesmo,
 De argumento me servem invencivel
 Da Poderosa Mão, que tudo Rege,
 E a Quem toda a razão sujeita vive!

Oh! Ceo! Oh! Ceo! ampara a minha Musa,
 Que por esses espaços luminosos,
 Divagando, se perde a cada passo:
 Pela razão guiada Mestra sua
 Só confessa, que Existes, só Te adora!

Mas eis que vem Lucinda, e seu Esposo
 Alegre á casa dos Bichinhos leva, (10)
 Que a importante seda fabricando
 Estão, que aos homens lucro tanto prestão,
 Se pelo mar, se pela terra firme,
 De huns Reynos a outros Reynos a transportão.

Então alli se vê o cuidadoso
 Verme artista, que a Seda diligente,
 Que em seus usos converte a humana especie,
 Tece em oval casulo, donde surge
 De novo em Borboleta transformado,
 O que hoje rastejando pela terra,

Humilde da Amoreira as folhas pasce,
De que esperta moçoila as tenras vendo,
Lhe offerece, que prompto elle devora;
Dos males, que o affligem, ella aparta
As causas para longe tão nocivas,
Porque a morrer não venha o util bichinho.
De Alecrim, de Giesta, e outros arbustos,
Copados arvoredos, onde suba,
Lhe pôem, porque os casulos alli forme,
Onde sepulto em vida o insecto morre,
Que de novo surgir deve formoso,
Nova forma adquirindo mui diversa,
Na brilhante metamorphose rara,
Em que o mudou o Autor da Natureza.

D'aqui, d'alli subindo os altos ramos,
Cabeceando, procura onde comece
A seu breve jazigo lugar proprio:
Outros entre a floresta densa, e escura,
Que vão da casa ao tecto alto subindo,
No meio as finas têas desenvolvem.
De huns a outros raminhos já prendendo,
Porque o trabalho seu, sem mais tropeços,
No tempo completar vejjão marcado,
Que sábia a Natureza lhes prescreve.
Alli larva imbecil por dias poucos
Se contem, que depois vistoso corpo
Enverga de pintadas Borboletas,
Que rugindo co'as niveas azas lindas,
Da femea o macho se aproxima, e logo
Dos amores gozando dons suaves,
Fecundadas sementes depositão,
Que no futuro nova prole infinda
No tempo desenvolvem do costume.

Já Phlegon, e Pyrois flammi-spirantes,
 C'os dous outros fogosos companheiros,
 Escumando, e nitrindo o aureo coche
 Do rutillante Apollo, ao fundo lago
 Fervidos inclinavão do Oceano:

O Ceo sem nuvens mostra-se sereno,
 E pelos bosques Zephiro assoprando,
 De quem mimosas flores se namorão,
 Exquisitos dos calyces perfumes
 Exhalando suaves pelos campos,
 Do Olmo as argenteas folhas brando move;
 As arvores cortejo respeitoso
 De Flora ao Esposo aligero, e suave
 Co' as nutantes cabeças lhe rendião;
 Nas fontes Avesinhas lindos bandos
 Por beber formão, sequiosas, lympha.

De flauta rude ao som o Pastor canta
 De sua Amada as gentilezas bella,
 A que trinando as Aves acompanhão.

Quando de bellas Damas companhia
 Lustrosa ao campo passear ameno
 Vem, de nobres mancebos pelo braço;
 Lisongeiro espectaculo amostrando
 Agradavel aos olhos, e formoso,
 Para Almeno, e Lucinda, dirigindo
 Os passos, vôão, apressados correm.
 No meigo rosto de Lucinda o beijo
 Inprimem amoroso as bellas Damas;
 De alegria signaes, de prazer mostrão,
 Pela ventura todos, pela sorte
 De Lucinda feliz nos doces campos.
 De Almeno a sorte invejão os Mancebos,
 Que entre os braços apertão transportados.

Depois que mil amplexos cessão ternos,
Ternos carinhos, beijos suaves ; faces
Delicadas, e roseas se banhavão
Com lagrimas saudosas de alegria.

Para a mesa Lucinda os convidára,
Que debaixo de umbrosa, escura Faia
Armão do campo sobre a verde felpa ;
Da Perdiz, onde o corpo delicado,
E da pingue Galinha assada o gosto
Apetitoso do manjar provoca ;
Frescos ovos cosidos com alface
Magnifica salada offerecião,
Onde do Paio as rodas bem cortadas,
Fino gosto ao banquete assim campestre
Dão excellentes com regalo extremo :
Do licor generoso vem da Adega,
A Baccho consagrado, os picheis grandes,
Que aos circumstantes da alegria fazem,
E do prazer sentir altos transportes,
Que não sentem os tristes, que chorando
Seu influxo divino não conhecem.

De sazoados fructos saborosos
A lauta meza se carrega frescos ;
A purpurea Uva, ou roxa, ou côr de cêra,
Melão cheirosó, e dôce Melancia,
E o Pomo Persico formoso comem (11)
Todos ; e ás fructas elogios tecem.

“ Deliciosos os dias aqui passo
“ Da alegria no centro, e dos prazeres,
A's amigas Lucinda diz serena ;
“ Dos verdes campos gozo com socego,
“ Onde em descanso vivo sempiterno ;
“ Almeno taes prazeres, taes venturas

“ Preciosas me alcançou, e deleitaveis;
 “ Da inconstante fortuna aqui eu zombo,
 “ De Almeno á sombra, que respeito, e adoro.

D'estes prazeres gozão os campestres
 Esposos em seus campos deleitosos;
 D'estes serenos dias eu gozava,
 No meio da alegria satisfeito,
 Que offerece a mimosa Natureza
 Com singular deavélo nestes sitios;
 Quando subito escuto alto sussurro (12)
 Da gente, que a montanha desampara;
 Pelos montes fugindo todos correm
 Das Serras para os cumes elevados,
 E para o mar os olhos todos fitão,
 Que em grossos nevoeiros já se envolve
 De glomerões de nuvens sulfurosas,
 Que medonho canhão forte vomita:
 Muito ao longe o trovão troando, trôa
 Como o raio das nuvens desferido,
 Esquinas derrubando ás altas Torres,
 Que ao venerando Tejo as portas guardão,
 Com ruido espantoso, e nunca visto.

Echo surdo a bombardas pavorosa
 Faz nos vizinhos montes com estrondo,
 Que os ouvidos quebranta amedrentados.

Longo bosque de Náos boya nas ondas,
 Pavilhão Marcial alli tremula
 Dos Vasos nos traquetes retzados;
 D'aqui, d'alli o apito já sibila,
 Com que mais o Argonauta se enraivece,
 E com furor cruel faz mais estragos.

Neptuno até então placido, e brando,
 Agora a revolver começa as aguas,

Que em vagas vão rolando encapelladas
Na verde-mar escura superficie,
Que das Náos as soberbas quilhas abrem.

Do negro Occaso o rijo vento assopra
Nos madeiros inchando as pandas vélas,
Tricolôr galhardete despregando
Adorno da soberba Capitania.

Tremem da Côrte as ruas abaladas
Pelo forte ruido das carretas,
Que a Artilheria grossa já transportão;
Das Trombetas ao rouco som medonho
Veloz Cavallaria vai correndo;
Vão Tambores batendo fortemente,
Que as columnas de Marte reanimão;
Férreas cannas mortíferas reluzem
Do rapido clarão, que brilha, e mata;
Bayoneta assacalada, e Chuço forte,
Velha Catana, ferrugenta Espada,
Da Plebe neste dia as dextras armão.
Tal he a confusão, tal he o espanto
Que de todos no peito se diffunde!!

Eis apparece, eis surge hum velho honrado,
Que na Peninsular servíra guerra;
E soltando gemidos, suspirando,
Taes cousas recordava assim dizendo:
“ Oh! gloria Lusitana decantada
“ No Mundo inteiro outr’ora, e florescente!
“ Qu’ ao Mundo davas leis, lançando o jugo
“ Ao apartado Ganges, Indo rico;
“ Vio Gôa, Ormuz, Malaca, o Indostão víra
“ Espantosas Conquistas n’outros tempos:
“ Vio de João Primeiro a Lybia adusta
“ Com temor, sobresalto o duro ferro;

“ Abrio Henrique os mares, novos Mundos
“ A Portugal trazendo de riquezas;
“ Manoel vê da Aurora a rôxa entrada;
“ Abrindo do Oriente as portas de ouro,
“ De Neptuno dompou a força ingente,
“ Levando em duvidosas quilhas, Sancto
“ De Deos o Nome ao berço onde o Sol nasce,
“ Ao negro occaso, ao Mundo inteiro. Oh! Lusos!
“ Que timidez diviso em vós! Acaso
“ Estes mesmos não são que ha dias poucos
“ Em seu curral mettemos com vergonha!
“ Acaso devassar assim comettem
“ Do Téjo a entrada ha tanto tempo illeza!

Acaba de fallar em pranto envolto;
De lagrimas a terra enchendo amargas,
Quando da paz o grito se levanta,
Entre os Gallos, e Lusos celebrada;
E esquecidos os odios pertinazes,
Volve a Lysia o socego, e o susto foge.

Nisto as palmas batendo de contente
No campo o Lavrador colhe o descanso,
E nos seus aposentos ledto fica;
Já na fonte o Rebanho bebe junto;
Dos Pastores as flautas já resoão
Pelos montes, e bosques, de alegria:
As Choreas dançando pelos prados,
De louros, e roseiras com capellas,
Suas fronte corôão, e de myrtho;
Renovão jogos seus, e antigos brincos
As formosas donzellas c'os Pastores:
O successo huns aos outros vão contando,
Que lastimão amargo os mais prudentes
Antigos anciãos, velhos caducos,

Que nos 'agrestes tractos longos annos
Da Paz dourada á sombra recolhêrão
Os preciosos fructos socegados.

Mas, eis de São João as Festas chegão,
Tanto no Mundo inteiro celebradas,
Que até do Paganismo nas remotas
Regiões se venerão respeitosas.

Delia a clara, argentina luz espalha,
Que do Irmão emprestada recebêra;
Seguindo o Astro lucidas estrellas,
De Amantes companheiros desvelados.

Derrama-se o prazer em todo o campo,
Que allumião fogueiras crepitantes,
Ao Ceo o brilhantismo seu roubando.

Em torno, lindos moços, e formosas
Pastoras vão dançando, de instrumentos
Ao som campestres, sonorosos, dôces;
De mimosas Corôas na cabeça,
Ornadas sua fronte bella cingem;
Nas mãos de flores os Palmitos verdes
Tem de rubras Cerejas, e de Ginjas,
De Alfazema, e Alecrim, de Buxo, e Murta
Còm arte concertados primorosa.

Os ares de artificio os fogos enchem;
Estrondosos crepitão os foguetes,
No chão a bomba estoura, as bixas correm
De fogo pela terra serpejando.

Dos Mancebos os braços enlaçados,
Gostasas as Donzellas, e bizarras,
D'hymnos enchendo alegres puros ares
Verdosos os Jardins bellos passeão,
Que com cantos retumbão dos Pastores.

Em outeiros o Vate a Musa invoca (13)

Para o verso glozar, que esperta a Dama
 De improviso apresenta sem demora:
 Elle a imaginação apura, e a Arte
 Apura ás vezes, esfregando a fronte:
 E, qual o Rouxinol, que não desiste,
 Se he do competidor desafiado,
 Todo por agradar se esmera á Deosa,
 Que sem piedade o obriga além das forças.

Já pela meia noite impacientes,
 Em casa sortes, ovos, e outras cousas,
 Que ao futuro descobrem os arcanos,
 As donzellas preparão, que seus Noivos
 Conhecer, de casar antes desejão;
 Navios dizem vêr, espadas núas,
 Grandes Quintas, Palacios adornados,
 Casaes pobres, choupanas desgraçadas;
 Tudo em fim alli vêm, que vir ao Mundo
 A velha as capacita ha de sem falta.
 O riso c'o temor, prazer, e medo
 Desta sorte alternados se misturão.

Já de Touros, na tarde deste dia, (14)
 Combate se annuncia mui vistoso;
 Para elle se convidão lindos Meços,
 Que pelo braço as Damas hi conduzem.

Dá do Divertimento signal certo (15)
 Nos ares a girandola estourando;
 Mostra-se venerando o Magistrado
 Em rico Camarote de alto preço.

De Guiné a Caterva, de esquisitos
 Ridiculos vestidos pela Praça
 Seu gyro dá em roda mui vistosa;
 Mortos de rizo os Pretos todos deixão.

Do fundo pela porta o Cavalleiro,

De Capinhas, e d'Homens de forcado
Rodeado, fazer veim seus cortejos,
E avançar, recuar fazendo o Bruto,
Em que soberbo monta, lá dirige
Ao Digno Magistrado com respeito
As venias, que devidas são do estylo;
E a Praça no ginete rodeando,
Fazendo ao Povo venia se retira.

Da Magistral Tribuna, os Homens ficão
De forcado debaixo, e á caixa junto,
Que com guizos infndos trouxe a Mula
De rojões, e garroxas, farpas cheia.

De capa, e volta o Neto alli vestido
A cavallo se vê, na mão co' a Vara.

Eis de novo em Ginete o Cavalleiro
Vem diverso montado, e bem defronte
Do corro se colloca, que já se abre.

Ao Cavalleiro investe o bravo Touro,
Que elle c'o rojão fere, e se retira.

Bufando, o meio occupa o Boi da Praça,
Que co' as vozes attonito do Povo,
Na terra escava louco, mas Capinhas,
Mais que a seta velozes, mais que o vento,
Trajando á Hespanhola bons vestidos,
Fóscas fazem-lhe mil, fazem mil gestos,
E para o Cavalleiro o desafio,
Que c'o rojão o fere, se elle o investe.

Accomette os Capinhas furioso,
Em ira ardendo o Bruto enraivecido;
Do Touro não podendo com a força
Sua purpurea capa lhe oppõe rica:
Mais, e mais se embravece o forte bruto;
Na Praça as capas largão, e ás trincheiras

Os Capinhas fugindo vão quaes gamos,
Depois de ao ar subir, descer á terra,
Da Praça o chão pizar com tombos cento.

Aqui o Cavalleiro o estribo perde,
Alli cahe-lhe o chapéo; precipitado
Além na Praça jaz: sem mais demora
A pé, a pé o Povo todo clama.

Já na mão com vermelha capa, o Touro
A pé o Cavalleiro investe, e mata
Entre acclamações mil, entre mil palmas.

Sabe outro Boi depois de morto aquelle,
Mil sortes os Capinhas lhe offerecem
Que aos trambulhões no chão vão rebolando;
De forçado Homens vão que o Boi agarrão,
E para dentro o levão, onde o deixão.

Corre ainda outro Touro o Cavalleiro,
Com garbo, promptidão, com bizarría:
Retira-se, e os Capinhas se divertem,
E com elle brincando estão na Praça;
Nas mãos tendo garroxas duas juntas,
Ou farpas duas, pelo bruto chamão,
E sem alma lhas cravão, se elle os busca;
Exasperado o Boi, em furia ardendo,
Das bombas os estallos presentindo,
Urrando corre, e brame, e freme, escuma
Com desespero o Touro embravecido,
E nas trincheiras salta atropellando
Circunstantes gostosos do combate.

Burburinho hi se eleva até ás Nuvens,
Ouvem-se das Mulheres altos gritos
Aqui perna, alli braço ter quebrado
Em lastimoso pranto alguns se escutão.

Em chólera fervendo á Praça desce

Irado, embravecido alfim o Touro ;
 Cães lanção-lhe de fila , que as orelhas
 Lhe afferrão , e parar no curso fazem.
 A espada o matador , fazendo sortes
 Do Boi no peito embebe quando o investe ,
 E sem animo o Bruto cabe por terra.

Enchem os intervallos lindas Danças.
 Pelos Pretos , que em burros velhos montão ,
 Que aos trambulhões rebolão , farpeados
 Tambem miseros Bois são infelices.

A desgraça destina de hum Boi mocho
 A sorte , que rapazes correr devem.
 Se juizo tivera o miseravel ,
 Elle ás mãos o perdêra dos travessos ,
 Que toda a sorte inventão de diabruras ,
 Com que o Touro enlouquecem , e exasperão.

Capillés, limonadas, bolachinhas ;
 As queijadas de Cintra a linda moça
 Canora apregoando , e outras cousas
 Rapazes , e mulheres por bons preços
 Da Praça á porta vendem mui contentes.

Dias assim felices se passavão
 Nos delectaveis campos tão amenos ,
 Quando raiando a Aurora refulgente ,
 Lucinda o campo atravessar observa
 Do Altissimo hum Ministro , acompanhado
 De Pastores por turba silenciosa ,
 Que com respeito seguem os seus passos ,
 E lá a hum alto monte se dirigem ,
 De campainha ao som sacri-soante.

Por seu Esposo , chama diligente
 Lucinda , que adorar venha ao Deos Vivo ;
 Elle prompto chegou , e põe por terra

Reverente os joelhos, e acompanha,
Do enfermo a casa, com Lucinda amada
O Sagrado Viatico, devoto.

Alli entravão todos com respeito,
Quando odoroso cheiro se diffunde
Suave em toda a parte, e delicado,
Que do leito sabia pobre, e humilde
Onde Velho ancião jaz virtuoso.

Colloca o Sacerdote em pequena Ara
O Viatico Sanctissimo, e Divino,
Que, de ouro com thuribulos mui ricos,
Anjos por terra incensão respeitosos:
De animaes differentes, pelles formão
Dessa choupana o adorno aonde habita
Ha mais de hum Seculo, o virtuoso Velho,
Da innocencia nos braços reclinado.

De pequenos Pastores da choupana
A' baixa porta a chusma se apinhava,
Tristes, e lacrimosos já chorando
Do Velho a perda, inconsolaveis todos.

Dos Anjos alternado com respostas
Sanctas, o Sacerdote administrava
Dos Ceos o Deus, em Pão Sacramentado.
Te Deum Celestial se ouve na Casa,
Quando recebe o Velho a Deus Supremo;
E já sua Alma em fim com Deus unida,
Em Angelicos choros vai sentada,
As regiões ethereas dividindo,
Do Mundo abandonando os vão enganos,
Té no lucido Empyreo collocar-se.

Assombra-se o Ministro dos Altares
Vendo do Justo a morte preciosa;
Chorão os olhos de alegria; todos

Sobre a terra as mãos crusão reverentes,
 E no Ceo tendo os olhos fictos, nuvens
 Abrir rutilas vião, onde os Choros
 De multidão Celeste o Velho acatão.

Extasiado o Pastor do Deos Eterno,
 Nestas expressões roimpe de ternura:

“ Author Supremo do Universo Mundo,
 “ Que essa innocente Vida assim Recebes,
 “ Que para Ti Creaste em Sanctidade,
 “ Nestes bosques vivendo, nestes campos;
 “ Ah! Permite, que nós hi o sigâmos,
 “ Da Virtude a vereda sancta, e pura
 “ Impávidos trilhando, sem receio
 “ Nos campos onde reina, onde respira
 “ Da innocencia o fulgor, o brilhantismo.
 “ Já o Cadaver Sancto beijão todos,
 “ Sobre a terra estirado dura, e fria;
 “ Beijai, filhinhos meus; vós vereis junto
 “ No Ceo hum dia com sua Alma Sancta,
 “ Deste Justo o Cadaver, que ora vedes.
 “ Delle junto hum Cypreste aqui plantemos,
 “ Que do Sepulchro o sitio a todos marque,
 “ Que em signal de respeito aqui abrimos.
 “ Nelle eterna memoria gravaremos,
 “ Que aos Pósteros, e ao Mundo patenteie,
 “ Que premio á sã Virtude o Ceo concedé.
 “ Delle em torno nascer vereis fragantes
 “ Rôxo Lyrio, Açucena branca, e Flores,
 “ Que a pureza, e innocencia symbolisão.
 “ Dest’arte falla o Sacerdote Sancto,
 “ De todos na presença, que o escutavão,
 “ E á sepultura o Corpo dão do Justo.

FIM DO CANTO SEGUNDO.

CANTO TERCEIRO.

O U T O N O .

Não me falhou the aqui, Celeste Musa,
 No suave trabalho o teu influxo,
 D'os campos teus correr, chara Cybele;
 De, os Jardins visitar, e os lindos prados
 Risonhos, onde moras dôce, e grata,
 Sempre aos homens benefica, que empregão
 Sua vida innocente em ledos campos,
 Entre prazeres mil, que suavisão,
 Que as mágoas da existencia nos adoção
 Nos males, que nos cercão, nos rodeião,
 Victimias nos Altares immoladas
 Das mais vivas paixões, crueis, tyrannas,
 Que os corações nos róem, despedação
 Entre sustos, e medos pavorosos,
 Que do Mundo nos causa o infeliz tracto.
 Muito mais nessas Côrtes populosas,
 Onde falta o equilibrio da harmonia,
 Que embellece os amenos, dôces campos,
 Em que assento a innocencia poz eterno.
 Não pertendo cantar vãs, loucas guerras,

Varões assignalados em crueza,
 Conquistadores barbaros, que o livre,
 Innocente Idiota lá do centro
 Do prazer, do socego desentranhão,
 Roubando á Natureza os seus direitos;
 Vendendo como escravos outros homens,
 Que por Natura livres são como elles,
 De tal sorte, só dignos por nascerem
 Da Libia nos Sertões aridos onde
 A cutis queima Apollo aos habitantes,
 A quem Negros, Cachorros appellidão;
 E já grossas cadêas, o pescoço
 Embaração do pobre triste Negro,
 Daquelles por mãos pias só lançadas,
 Que arrostando da Morte, e de Neptuno
 A desmedida força, o Mundo correm
 Por mares nunca dantes navegados. (*)

Longe de mim, taes Cantos fujão, Musa,
 Que desde o sevo Achilles até hoje, (1)
 De atormentar o Mundo não descansão.
 Cantemos só prazeres, só delicias,
 Que nos campos suaves se desfructão.

Quanto mais grato he vêr, hindo a Pastora
 Entre dôces Jardins, flores mimosas
 Com delicada mão colhendo nivea;
 Ou mil vezes, chegando o fino linho
 Aos preciosos rubins, que a formosura
 De sua linda bôca formão bella;
 Que vêr torrentes sanginosas, campos
 E prados innundando deleitosos,
 Onde só viver deve a paz tranquilla?

(*) Verso de Camões, Lusiad. Cant. I. Est. 1.^o

Eia, o gosto sintâmos já, Cybele;
 De vêr, eomo entornando a Cornucopia
 Pelos campos o Outono vai fecundo,
 Dos fructos na abundancia, na delicia
 Do ávido Lavrador, grato producto,
 Com que os trabalhos seus em fim mitiga
 Próvida a Natureza bemfazeja.

E, porque descrever melhor o quadro
 Possa brilhante, aqui deste alto outeiro,
 E junto desta fonte cristallina,
 Ao som da flauta rustica meus cantos
 Pelos montes se escutem, pelos valles,
 Que de fructos o Outono, já maduros,
 Uberrimo, tem cheios, duplicados.

A Noite, que no berço dorme lenta,
 De Papoulas ornado, e Dormideiras,
 Já da Aurora obrigada, tira o manto,
 Que sobre os horisontes desdobrára,
 De Estrellas recamado luminosas:
 Das Curujas nocturnas tristes cantos,
 Que alta noite miando nos telhados,
 Aos dormentes mortaes o somno tirão,
 E os solitarios Mochos com seus pios,
 Que terror n'alma inspirão assustada
 Do caminhante, que na relva estende
 Fatigados os membros do canção,
 Do dia á vista em fim rutila fogem.

Do Oceano no fundo os Theteos braços
 Apollo, constrangido, deixa niveos,
 E da manhã as Horas seus Ginetes
 De prompto lhe aparelhão cuidadosas;
 E as rédeas diamantinas saccudindo
 Aos Ethontes fogosos, em seu coche,

As portas vai sahindo do Oriente,
Que de ouro se revestem magestosas,
D'altos montes os cumes elevados
Dourando c'os primeiros lentos raios.

D'aqui, d'alli as Aves, já cantando,
De raminho, em raminho leves saltão,
Com seus vôos cortando os densos ares:
Murmurando os arroyos pelos prados
Vão, por entre as hervinhas docemente
De beber dando ao gado, que desperto
De manhã, pelos campos dôces pasce:
Branca Ovelha a Pastora segue bella,
Que com doçura afaga, a si chegando;
Do Pastor as cantigas ternas sôão
Nos Outeiros, nos Valles, e nos Montes,
A quem echo responde sem segredo;
Brincando os Cabritinhos lindos saltos
Dos rochedos baixando dão ligeiros;
De variadas côres o Lagarto
Da cóva á porta o Sol experto encara,
Dos cantos admirado dos Pastores;
Pois té da Poesia os mesmos brutos
Os harmoniosos sons ouvem divinos!
Oh! Outonaí formosa madrugada,
Que, posto humida sejas dos orvalhos,
Não cedes ás do Estio em formosura,
Ou da jucunda, e linda Primavera!
Então já do fuzil a mão se lança,
Companheiro fiel nos densos matos,
Que o almoço, o jantar, ou cêa, ás vezes,
Para seu dono adquire curioso.
Já o Rafeiro corre, que nos bosques
A veloz Lebre, ou a ligeira Corsa,

Ou Cervo corredor, latindo mata.

D'aqui o Caçador grande borracha
Do licôr enche santo, que dá vida;
C'o Pão de milho nos alforjes mette,
Onde está já a Perdiz, gordos Pombinhos,
Em papeis embrulhados pela Esposa,
Que cêdo madrugára antes da Aurora,
Adeos dizendo com ternura branda
Ao chæro Esposo, que ao Ginete chega;
Elle rindo, Adeos diz, cavalga, e parte.

Movendo os cães as caudas vão diante, (2)
Sem saber o que fação co' alegria,
Atráz voltão latindo, e uivos dando,
Do Cavallo ao pescoço vão subindo,
Que com soberba arreda galhardia,
Atráz c'o pé no ar detendo o passo,
E logo as crinas encrespando, marcha,
De fogo, de furor altivo cheio,
Tremar fazendo a terra c'o galope.

Da Choupana a Moçoila á porta munge,
Para o almoço, da Cordeira o leite,
Onde a sôpa abobóra de pão branco;
Outras vezes do cesto saborosos,
E mui frescos, maduros fructos tira,
Da manhã c'os orvalhos rociados,
Lucinda, que aos Creados seus presenta,
Que da casa se occupão no serviço.

Já o Boi sahe mugindo vagaroso,
Com lentos, tardos passos caminhando,
Que logo para o jugo he conduzido
Pelo Carreiro, que alto vai cantigas
Pastoris entoando divertidas,
Com que ao som do chocalho o gado anima;

Farejando o Molosso vai diante
 C'o manso Cordeirinho já brincando,
 E todos á Cidade se dirigem.
 Do estridente eixo o echo o som repete,
 Que dos Cazaes sabir faz os vizinhos;
 C'o Carreiro travando mil discursos,
 Todos querem da Côrte alguma cousa;
 De nada satisfeita a Moça fica,
 Do que da outra vez elle trouxera;
 E do licôr de Baccho longos tragos
 O Moço de hum pichel bebendo, parte,
 Com longa vara os Bois alto chamando.

Visitar suas Vinhas vai Lucinda
 De formosas Moçoilas, que a rodeião,
 Seguida, a quem belleza com encantos
 Déra proficua a Natureza em dote,
 As quaes para a Vindima na mão levão
 O Cestinho de Vime bem tecido;
 E do cortante ferro armadas correm
 Os cachos nas Videiras decepando.
 Co' a nivea delicada mão arredão
 A folha, que loureja quasi sêcca,
 E a Uva moscatel da côr da cêra,
 Aromatica provão deliciosa:
 A arintha co' a formosa juntamente,
 E a tália nos cestinhos já concertão,
 Que de verdeaes figos excellentes
 Por cima cobrem com parreiras verdes.

Pera cabaça, co' a bujarda, e d'agua, (3)
 Com a Pera Rainha, e Corni-cabra,
 A Maçã Berrozinha, co' a Melapio
 O Cazeiro em cabazes grandes mette
 De fitas, e de canas dobradiças

Com arte concertadas, com bom gosto ;
 E sobre o manso Asninho pondo a carga ,
 De novo c'os vestidos seus melhores
 Vem preparado, c'o presente bello,
 Que a sua Ama offerece mui contente.

Dos Lagares o cheiro sahe do mosto,
 Que debaixo dos pés pisado espirra ;
 Seu balsamo exhalando vai das dornas
 Por Moços feitorado vigorosos,
 Que noite, e dia paixão empregados
 Dos campestres trabalhos no mais bello,
 Mais agradavel, suave, e deleitoso,
 Da recompensa na esperança certa,
 De no licôr de Baccho, que ora pisão,
 Seus males mitigar c'o dôce nectar.
 Como agradavel he pois neste tempo
 O Campo noite, e dia aos Lavradores,
 Quando Natura assim seus dons reparte!

Chega á porta da Adega o Vinhateiro
 Mádo do todo; os fatos vem molhados
 Do nectar, que dos cachos sahe viscoso ;
 Para o Lagar chegando, o cesto atira
 Com alegre sorriso, de uvas cheio ;
 Os outros alternados vão seguindo
 Os passos do primeiro diligentes,
 E do Tonel, de quando em quando o Baccho
 Antigo vão bebendo respeitoso,
 Que da Adêga no fundo tem assento
 N'hum canto escuro, pois de Apollo os raios
 Mortalmente aborrece o Deos do Vinho.

De Bacalháo não falta alli a posta, (4)
 Da brôa inseparavel sempre amigo,
 Do velho, duro Queijo ampla talhada.

De huma Pipa a cabeça nunca deixa,
Que o Tanoeiro cançado já do malho
Sobre os arcos bater por meia hora,
Ou pesada segure de aço fino (5)
Levantar duas vezes, quando muito,
Visita sem parar hum só momento.

« Muito hoje faz calôr, Senhora minha,
Diz o Mestre (do rosto o suor limpando)

« Muito a ferrugem á garganta sêcca

« Se péga d'estes ferreos arcos velhos!

—Sim, responde Lucinda graciosa,

—Mas de Baccho ao suor resiste a força.

O que ella diz, cortez escuta, e logo

Furada cana introduzindo á Pipa,

Em quanto pode bebe, depois larga.

D'aqui cantando alegre vai o Mestre,

Que pouco se demora, que não volte.

Onde breve descanço teve o Queijo,

Que d'esta vez seu fim vê para sempre,

O Carreiro apressado vem correndo

A' Pipa, que se esgota em breve espaço;

A ninguem se recusa o dôce nectar

De Baccho; á farta alli quantos vem bebem!

Alguns bagaço com robustas forças

Lá dentro espremem com pesada vara;

Huns na Viola tocão, dançãõ outros

Do Lagar dentro ao som de altas cantigas,

Respondendo a Moçoila namorada

Do amante á vista alli já sem rebuço.

Tambem canta os amôres o Mancebo

De suas longes terras apartado,

Recorda da Cachopa os sentimentos,

E á Pipa convertido lá do canto,

Sem cessar do pichel a longos sorvos
 Propina, de chorar em vez saudoso.
 Porque o vinho a tristeza lhe desterre.
 Dobra-se o regosijo, se Lucinda,
 Que adorão respeitosos, que venerão,
 Com sua vista seus prazeres honra.
 D'esta sorte entretida a vida passa,
 Dôces prazeres na Vindima alegre
 C'os criados Lucinda seus, que preza,
 A' sombra recolhida das procellas,
 Que nas Côrtes, quaes vagas nos rochedos,
 Impetuosas com ruido bramem loucas;
 Quantas vezes Apollo do Oriente
 Sahíra de ouro as portas marchetadas
 Das matutinas perolas, que a Aurora
 Engastára co' as roseas mãos divinas;
 Quantas ao negro Occaso levar víra,
 E sepultar no Oceano o Delio Carro,
 Sem que o prazer murchasse campesino,
 Que huma vez em sua alma tem entrada!

Hum d'estes dias Phebo lá voltava
 Seu carro ardente ao lago Neptunino,
 Quando eis que Franciscano pobre Frade (6)
 Comprimenteiro, e humilde a ella chega,
 Para o Convento seu pedindo a esmola,
 Como tem de costume seu Marido,
 Ao Seraphico dar todos os annos;
 O Cordão lhe apresenta santo, e bento,
 E da manga reliquias vai tirando,
 Que ella já com respeito acceita, e beija;
 Os moços do Lagar já vem sabindo,
 Quaes formigas, se grão no campo vírão,
 Que para a cóva em roda juntas puchão,

Assim ao Padre os moços todos cercão,
Cada qual o lugar quer ter primeiro,
E humilhados continhas todos pedem,
Que elle prompto do sacco alegre tira,
E por elles reparte charidoso.

Com charidade igual tambem seu odre,
Que cheio seja, pede, de botm vinho,
Inda que velho seja não importa,
Por não ficar azedo nas vasilhas,
Que se arruinão, se contem vinagre.

Não recusa Lucinda ao peditorio
Do Seraphico Filho de Francisco,
E não só manda encher hum, mas dous odres,
Que guardados lhe roga o Padre sejam
Lá junto do Tonel na Adega sua;
E, pois distante fica do Convento,
E a noite em trévas já envolve o Mundo,
N'alguma casa, em palhas, que elle durma,
Conceda por mercê, e por esmola,
Da pobreza acudindo ao lance extremo.

O que pede Lucinda com bondade
Promette cumprir sem mais demora;
Lança-lhe o Padre a benção virtuoso,
Por venturas do Ceo chamando immensas,
Que a casa de Lucinda sempre inundem;
E da frugal merenda vai comendo,
Que Lucinda na Adêga preparára:
De beber vinho o Padre não se esquece,
A virtude, e o vigor do velho Baccho
De louvar não cessando precioso.
No Convento reprova o que se bebe,
De misturas, e de agua adulterado,
Que doenças faz tantas, tantos males.

Mas eis que já da Caça vem Almeno
Trazendo as redes de Aves carregadas,
E pela Adèga entrando, vê o Frade
As graças dando a Deos do beneficio,
Que da mão de Lucinda recebêra.

A elle Almeno apressado se encaminha,
E reverente a mão lhe beija sacra,
E os actos todos de Lucinda imita.

Depois que sobre a mesa põem a caça,
A Perdiz, os Coelhos, Gallinholas
Das redes tira, e algumas Aves vivas
Mostra a Lucinda, que em gaiolas trouxe;
E que o Fuzil mortífero da Casa
Ao canto põem, os Cães dos laços solta,
E da caça os trabalhos, e fadigas
Longas conta nos bosques, e nos mattos,
Sopportando do Sol o ardor intenso,
Sem de agua fontes encontrar nenhuma,
Da borracha valendo-se somente:
Como o Furão perdêra, diz magoado,
N'hum Cova hum Coelho perseguindo;
Que todo o dia alli cavou debalde,
Pois cruel bicho cré que alli o come;
Que de hum tiro matára hum Cão acaso
Perdigueiro, de estima, e grande preço;
Os rasgões, que no corpo tem do matto,
Diligente a Luinda, e ao Padre mostra;
Como o Ginete seu aos lobos tira
Com insano trabalho tambem conta;
E amaldiçoando a caça, vezes cento
Bosques desamparar promete, e jura.

O Padre ao aposento pelo braço,
Onde naquella noite ficar deve,

Respeitoso tomando se dirige,
E tudo approva, quanto fez Lucinda.

Entretido com elle alli conversa;
Que seu manto deponha lhe insta, e roga;
O Padre o satisfaz de bom agrado,
Depois pela fazenda passeando,
Com elle da serena noite goza
Aprazivel o fresco, que respira
Por entre as folhas Zephiro suave.

Das Estrellas então o brilhantismo,
E perpetua carreira dão assumpto,
Para que altas materias se discutão,
E não menos do mar certo o refluxo,
E regular influxo a certas horas.

Como se desenvolve tenra a planta,
Que d'antes na semente está contida:
Sabios discursos formão sobre o Eterno
Ser Supremo, Architecto do Universo;
Da união da nossa alma com o corpo;
Da electrica materia, e aereos fogos:
E de outras cousas raras, e excellentes,
Sobre a relva sentados tambem tratão.

Almeno, no que vêmos, os Decretos
Eternos são cumpridos sem fallencia;
Baixando a voz hum pouco, o Padre disse;
Natura a conhecer nossa alma eleva
Esse Ser Soberano, que dos Astros
Rutilantes acima tem seu Throno,
Que de Estrellas se esmalta refulgentes;
Mas de Misericordia por impulso,
E dos homens salvar altos desejos,
Dos Ceos á Terra baixa em forma humana,
E a Si s'aniquilando, entre homens Vive,

No Evangelho fundando a Lei mais Santa ;
 Que não he para os Grandes, e Soberbos,
 Homens brutaes, hyrcanos, que agrilhão
 Com rijes ferros a razão, que geme,
 Que geme em vão aos pés da tyrannia,
 Com que o pobre, a viuva, e orphão vexão ;
 Mas para os que respeitão a virtude,
 E só d'ella as veredas trilhão santas,
 Como vós, que viveis nos dôces campos,
 Da alegria nos braços, dos prazeres,
 Que innocentes aos homens dá Natura,
 Do Ser Supremo as Leis cumprindo sabias.
 Nisto a Religião se encerra Santa,
 Nisto se adora hum Deos, e se respeita,
 Nisto se cumpre a Lei por Elle dada
 No Synai, rubricada no Calvario
 Pelo Sangue de Christo Precioso.

Não a acredita nisto o vão Soberbo ;
 Que hum Deos se forma a si na phantasia ;
 Dos homens homenagens quer, e cultos !
 Miseravel d'aquelle, que lh'os nega !
 O Mundo abandonei, deixei o Mundo, (7)
 Este Habito vestindo da Pobreza,
 Porque não sei á falsa Hypocrisia
 Render honrosos cultos, nem os crimes,
 Que tanto o Salvador nos reprehendes
 C'os trages mascarar da sã Virtude ;
 Porque do Fanatismo o collo pizo,
 D'esse monstro por Deos tão detestado,
 Nem rendo incensos a pollutas aras ;
 Eis o crime fatal, por que me arrojão
 Ao negro abysmo de crueis desgostos,
 Dos crimes os Idolatras nefandos,

A quem eu dei de mão por toda a vida.
Ditoso Almeno, d'elles qual serpente
Com tua chara Esposa longe foge.
Disse, e o rosto de lagrimas orvalha.

Do alto cume o Pastor na Flauta canta
Os louvores de Deos suave, e brando :
Responde a Pastorinha com doçura,
Que os bosques enche c'os encantos magos,
Que sua voz divina espalha meiga,
Os regatos detendo na carreira,
Que a campina atravessão murmurando,
Que atrás as costas voltão namorados,
Os campos trasbordando por seguí-la.

Occulto o Rouxinol ouvir nos montes,
E prados seus ternissimos queixumes
Faz, com dôces accentos compassivos,
Que a alma elevão, transportão de ternura,
A quem só responder sabem os echos,
Que os mudos sons ao vivo repercutem,
Quando acabado tem o passarinho,
Que de novo se esforça, e a cantar se ouve,
Outro pensando, ás magoas lhe responde,
Até que a voz cançado em fim abate.

Das ondas o murmurio sonoro,
Que nas praias se deitão, se espriguição
Com brandura, os ouvidos lisongêa.
Maritimas cantigas pelos barcos,
Que as aguas luminosas vão c'os remos
D'aqui, d'alli cortando, se ouvem lindas:
Electricas centelhas são os Peixes,
Que ás mãos o Pescador apanha vivos.

Assim o mais da noite em ledos jogos
Os dous Consortes passam divertidos;

Nos ledos, dôces campos os mancebos
 Das Donzellas os braços tomão lindas,
 Nas florestas passeando deleitosas:
 Aqui de prendas jogos apraziveis,
 E innocentes divertem seus cuidados;
 Outras vezes na relva com pedrinhas
 Muitos jogos inventão campesinos,
 Suaves, brandos risos só se escutão
 Das Aves compassar os magos cantos,
 E da alegria as vozes misturadas
 Os ares encantar serenos, puros.

Quando lá vem Alcino charo amigo
 De Almemo, e de Lucinda há longos tempos:
 Na mão Beliza de ouro traz a Lyra,
 Que pulsa docemente sonora;
 E ao Ceo subindo em sons divinos canta
 Dos campos a doçura encantadores
 A' cultura louvores altos forma,
 E agricolas cuidadosos sobe ás Nuvens,
 E a utilidade faz sentir campestre
 Dos ouvintes nos animos alegres.

De prazer, de alegria recebidos
 Depois são na choupana dos Esposos
 Os hospedes illustres com transportes.

De Belmiro noticias dão, das Nymphas,
 E sôa o nome de Eucharis formosa
 De todos aos ouvidos agradavel;
 Os momentos recordão dôces, quando
 Elles os ledos brincos lá nas margens
 Do Téjo tão saudoso exercitavão;
 Alcino, que a Canôa existe affirma,
 Onde pescar costuma de continuo
 Belmiro, a taes prazeres sempre affeito,

Sem que a intrepidez sua nunca affrouxe;
E já Almeno convida, e lhe assignala
Dia certo, em que a Pesca servir ha de
Para todos, de grande regosijo.

Tambem Alcino charo, diz Almeno,
Hoje huma Feira temos nestes sitios,
Que em memoria se faz, com grande Festa,
De Sancta Martha aqui mui venerada,
E, de muitos lugares convem Povo
Festejar esta Sancta mui devoto,
Com leilões, jogos, cargos, cavalhadas,
A grande Romaria he mui vistosa!

Para o Sermão o Padre se convida,
Para cantar as Damas se offerecem,
E já dalli partindo para a Aldêa,
Vão com grande alegria os bellos ranchos.

Huns, Arias cantão, outros, Instrumentos
Harmoniosos toçãõ, dançãõ outros.
Mostra-se a estrada Paraizo ameno,
Onde respira da primeva idade
A doçura, o prazer, e a innocencia.

Inda a noite o crepusculo sombrio
Dos montes não tirára, nem a terra
Bem se deixava vêr, inda coberta
Pelo triste, nocturno manto escuro.
Só brilhante no Ceo Venus formosa
Se via allumiando o vasto campo
Celeste, que atravessa com seu facho,
A entrada preparando, que de Apollo
Não tarda visitada em breve seja;
Qual Batedor ligeiro, que diante
Do Supremo Monarcha vai correndo,
Do Povo a multidãõ grande apartando,

Porque largo caminho dê por onde
 Aureo coche veloz, correndo passe,
 Na mão archote acceso conduzindo;
 Da mesma sorte Venus as Estrellas
 Do alto Ceo affugenta luminosas.

Pouco, e pouco nascendo vem o Dia:
 Altos Castellos sobem do horizonte,
 Escondendo as Estrellas fugitivas,
 Que em carreira precipite se lanção
 Lá para o grande lago do Oceano,
 Por Apollo accordar, que inda nos braços
 Da branca Thetis placidos carinhos
 Goza, ao morbido seio entre doçuras
 E prazeres suaves recostado.

As horas sem descanso cuidadosas
 Erguendo-se, os Ethontes, que vomitão
 Ardentes fogos, promptas apparelhão.

A rôxa Aurora os braços estendendo
 De aljofar rociados matutino
 Já do Ceo as cortinas, e sanefas
 Da triste noite rasga escuras, negras,
 E do Oriente as portas de ouro adorna
 De fina côr purpurea com esmaltes
 Daquelle azul celeste primoroso,
 Que em vão trabalha por fingir com arte
 Delicado o pincel de habil Artista;
 E só do Capitão auri-comado,
 A vinda alegre espera impaciente,
 Nos Ceos chorosa, e nas campinas rindo.

Lá, em seu carro, o Sol vem radiante
 Milhões de settas de ouro despedindo;
 A seus lados as rodas fumegando,
 Dos abrazados eixos fogos vibrão,

Do Mundo allumiando a redondeza
Té do Oceano vêr o mais profundo.
A Natureza toda já risonha,
A' vista se compõem do Astro brilhante,
E seus divinos dons por toda a parte
Copiosos derrama em abundancia.

Destes altos Outeiros a Cidade
Encantada se vê de immensos fogos,
Que assim o Sol emprega nas vidraças
Das soberbas janellas, que decorão
Seus altos edificios elevados;
Já se escuta do sino o tanger sacro,
Que da alta Torre os ares fere longe;
Do Povo a multidão ao Templo Santo
Convida para orar Religiosa.

De Tambores, e Pifanos os toques
Se escutão militares, bellicosos,
Que furor n'alma accendem dos Mavorcios
Alumnos, que por armas, fama, e gloria,
Riquezas, e saber, grandezas, tudo,
Vencer se pôde, julgão, sem talento.

Alfandegas mui ricas se divisão
Do rio sobre as margens levantadas;
O claro espelho está, em que o Ceo claro
Vestindo azul formoso, se vê bello,
D'innumeros baixeis c'o pezo curvo:
Grossos moitões daqui guinchar se escutão,
Que grandes fardos guindão numerosos;
A gente por costume vai gritando
Com que o trabalho brando faz de duro.
Carrega o Mariola sobre os hombros
Desmesurado o pezo com que geme,
Que para os Armazens conduz depressa:

Altos ganidos cão lança ferido
 Da pizadura grande que recebe,
 Se debaixo dos pés do Moço fica,
 Que mais que hum Boi fortissimo carrega.

No pequenino bote a bella Dama
 De multidão seguida de criadas,
 Ricamente toldado, lépida entra.
 Depois na liza praia socegada
 O delicado corpo n'agua mette, (8)
 Entre dõces risinhos, que namorão
 Felices os Barqueiros, por tal sorte;
 Do fundo as conchas por miudo conta,
 Do feio Caranguejo teme o morso;
 E as aguas, que subir ao niveo collo,
 E beijar as espádoas querem bellas,
 Co' as mãos aparta meigas, desdenhando
 Do Elemento a ousadia, que não cessa.

Ao barco em fim já sóbe, e já se veste;
 Finos licôres bebe primorosos.
 De ouro os molhados fios pelos hombros
 Ondeados voltêão c'os amores,
 Que entre os anneis as setas finas prendem.

Daqui Lucinda, e Almeno, e todos descem,
 Proseguindo o caminho dilatado,
 A' feira se dirigem mui contentes.

Carreiro aqui encontrão, que mil pragas
 Em vão, desesperado, lança ao vento,
 Porque fazer não póde, com que o mosto
 Nas pipas de ferver acabe inquieto;
 Sua vida maldiz, maldiz o tracto,
 C'os Bois se afflige, que do carro tira,
 E pertinaz na teima sempre insiste,
 Querer do vinho a força, que se eleva

Aos ares em columna alta subindo,
De hum foeiro abater c'os grandes golpes.

Para elle Almeno chega com agrado,
Sangrar depressa o casco logo manda,
Que de prompto obedece a tal remedio.

Ao chão lança o Carreiro o seu barrete
D'alegria os signaes mostrando extrema,
No carro os Bois mettendo, vai contente,
E, agradecido a Almeno, com transporte,
Do vinho lhe offerece, que trazia

Para beber na estrada solitaria.

Almeno a bôca leva á tal cabaça,
Que bebe faz menção com grande gosto,

Approva-lhe do vinho as excellencias;

Diz-lhe nunca bebêra em sua vida

Tão generoso como aquelle nectar.

Retira-se depois mui satisfeito,

E com termos campestres agradece,

Pelos Bois, o Carreiro seus chamando.

Eis da Feira no campo dão entrada.

Mui vistoso arrayal alli se mostra

De diversás fazendas bem sortido:

De Ourives taboleta alli se via,

De riquissimas joyas adornada;

Adamantino anel já quer Lucinda,

De ouro Beliza quer brilhante fita,

De pérolas collar, e ricos brincos

De rubins ás orelhas quer pendentos:

Almeno, e Alcino tudo pagão logo,

Ledas as Damas, sâtisfeitas ficão.

Ao lugar vai Almeno onde de linho

Se vende o fino panno, que elle compra

De casa para arranjo da familia.

Só comprar nos convem estas Alfaias
E, não ouro, Lucinda, ou diamantes,
Disse, e com rizo o braço á Esposa toma,
Da Feira o resto divertidos vendo.

Cintrã Saloya, o cesto das Queijadas
Offerece ao Ranchinho, que lhe compra.
Dalli com grandes vozes hum Saloyo,
Frescos queijos diz tem, optimo vinho.

Camarões, e sallada, e peixe frito,
Lagostas, Caranguejos, frescas Ostras,
De molho Mexilhão, mil outras cousas
Réles tasca vendendo está barato.

Sagaz Pelotiqueiro travessuras,
Ao dinheiro armadilhas, faz immensas;
Camera Optica mostra em alto banco
Sentado o Charlatão mentindo em tudo;
O Elixir da vida, que he remedio
Universal de todas as doenças,
Impostor estrangeiro bem destrado
Inculca, e de Colonia agua cheirosa.

Correndo a Feira os Ursos bailarinos
Nas costas c'os macacos danção leves,
Peloticas fazendo, habilidades,
Que rude Camponez chama feitiços.
Pipias o rapaz traquinas sopra;
Outro faz soar alto o plumbeo apito,
Que os ouvidos retine atordoados;
De berimbáo armado a todos vence
Da Cidade o garoto, que apparece,
De belbutinea veste, de encarnádo
Carapuço, e colete bom de seda,
Toda a sorte fazendo de figuras.
Rouca gaitinha o tenro infante emboca

Sem cessar pela Feira em toda a parte.

Tambor desentoadado co' a de folles
 Impertinente gaita vai tocando (9)
 Gallego industrioso, que Hespanhola
 De castanheta armada traz comsigo,
 Dançando n'hum só pé diversas chulas,
 Esmóla aos Portuguezes flagitando.
 Da perna pelo meio curta saia,
 Gibão de Çaragoça debruado
 De mui largas azues fitas, e laços,
 Alamares, cordões, e outros enfeites,
 A bella Castelhana encarniçada
 Pelo ardente calôr do rubro Baccho
 Gentil se adorna, moça primorosa,
 A quem a espaços cabisbaixo lança
 Vivos olhares Camponez esperto.

Capillé, limonada, alma sangria,
 Rapaz descalço, e çujo tambem vende,
 Com que do vinho a ira alguns abrandão,
 Que aos tombos pela feira vão cahindo;
 Pelo rabinho bebem de hum cavallo
 De vidro, outros de hum gato a cauda chupão,
 E alegres divertidos todos bebem
 Estes das Feiras sordidos licôres.

Enxovalhada a Preta Cosinheira
 Do Mexilhão se vê embriagada,
 Dos Pretos na caterva desenvolta.
 Aqui no chão os copos, nas esquinas
 Acolá, já se quebrão numerosos;
 Altos gritos os Pretos levantando
 Do pessimo zabumba ao som terrivel,
 De Benedicto o Nicho levão Santo
 Pelo campo dos gritos atroado,

Que a beijar aos Festeiros dão devotos.

Rouqueja a velha cana enormemente,
 Que hum Negro bebido com força toca;
 Macaquices as Negras, carantonhas,
 Visagens, gritos, sons terriveis, brados
 E os Pretos pelo campo dão alegres.

Ninguem dentro se vê do Santo Templo,
 Que lumes infinitos brilhar fazem;
 Sómente, com as contas algum Velho
 Alli em Oração está profunda.

Enchem pintados jarros mui fragrantés,
 E delicadas flores, que decorão
 O do Altissimo Throno Magestoso,
 E o Sagrado Lugar, com seus perfumes
 De prazer, e respeito Angelico enchem.

Da Festa á Missa os Sinos já repicão,
 Os Musicos se affinão instrumentos,
 O Gaiteiro da Igreja em roda gyra,
 De foguetes girandolas os ares
 Mui rapidas dividem, que annuncião,
 Que vai ter seu principio a Sacra Festa.

O Rustico rumor alli não falha,
 Que Baccho forte alenta, e reanima;
 Dos foguetes as canas os rapazes
 Montes subindo, e aos valles descendendo,
 Mui alegres apanhão, mui contentes,
 Quando da Santa o Andor vai pelo campo.

Formosos Anjos de vistosas flores
 Ornados, e vestidos ricamente
 De azul celeste, e branco; na cabeça,
 De pedras engastados capacetes
 De ouro fino; das costas pendem-lhe azas
 De côres variadas, e mimosas,

De finas , exquisitas , raras pennas ;
Nas mãos de flores os cestinhos levão ,
Que pelo campo espargem , de Espadana ,
D'Alecrim tapisado , e Rosmaninho.

Do Senhor os Louvores vão cantando
Alternados c'os Padres juntamente.
Sua Ordem segue a Irmandade rica ,
Que a Festa ordena Religiosa , e Santa :
Sua argentina Cruz leva diante
Entre Cereaes formosos lumiada ,
Desta materia feitos com riqueza :
Atraz segue-se o Andor de Martha Santa ;
De aureos cordões , de brincos , diamantes ,
Broxes , affogadores , e outras peças
Mui ricas de mulher , se vê a Imagem ,
E de vestidos bellos mui decentes
Vai decorada a Virgem Santa , e Pura.

Os Irmãos seus brandões levão de cêra
Accesos , caminhando em alas duas.

Em terra o Camponez põe os joelhos ,
Da cabeça o barrete ao chão atira ,
E no peito batendo vai com força ,
Com que a terra abalada se estremece ,
E a contricção inveja ao Penitente ;
Deixão outros os grandes copos , deixão
Por minutos o peixe frito , a carne
Na taberna , e outras cousas , que se comem ,
E as lagrimas , que Baccho em fim excita ,
Mui pungentes derramão com soluços.

Dest'arte a Procissão em roda a Feira
Visita , e para o Templo se recolhe ,
Onde a Solemne Missa já começa.

No ar novas girandolas estourão ,

Os sinos repicando, longe são,
 De gente a Ermida apinha-se infinita,
 A' porta de cajado os homens ficão,
 Das vozes o alarido o riso excita,
 E d'Instrumentos Musicos discordes
 Os sons tão enfadonhos aos ouvidos.

Ao Pulpito o Orador, que está no campo,
 Sobe, orando eloquente o seu Discurso,
 Que os Camponezes ignorantes louvão,
 Sem a attenção prestar, que lhe he devida.

Quando o Pulpito desce, affervorados
 De carne ao Pregador grande talhada
 Alegres offerecem com louvores,
 E do grande pichel a cada passo
 Visita Bacchanal vai recebendo.

Em fim, novos Foguetes dão de Festa
 Signal de que findára a Santa Missa,
 Porque os da Elevação do Sacramento
 O Devoto se esquece de atirá-los.

Todos da Igreja sabem de suores
 Copiosos molhados; com bom vinho
 Os calôres apagam generoso.

De Almeno a sede, de Lucinda, e Alcino,
 E da linda Beliza, devorante,
 O Melão refrigera, e a Melancia.

Grande Borracha as Camponezas bellas
 De hum lado, e de outro puxão diligentes,
 Que ao rustico amador offertão gratas.

Enramados de louro triumphantes
 Carros alli vistosos apparecem,
 De mascarados cheios mui diversos,
 Que sem ordem tocando os Instrumentos,
 O riso promover em todos fazem.

Em Ginetes de pasta Cavalleiros
Com mascarás horrendas sobre o rosto,
De vestidos ridiculos ornados,
Innocentes Pombinhos, Rolas, Patos, (10)
E outras Aves traspassão cruelmente
Com duras lanças, settas aguçadas.

D'aqui Lucinda aparta a vista, e a Almeno
Roga, e Beliza a Alcino, que as retirem
D'este lugar terrivel, cruel tanto,
Que bem podem o fogo vêr de casa,
Que para a noite prompto alli se mostra.

Almeno ao que Lucinda pede annue;
De boamente Alcino convem nisto,
E d'alli despedidos, seus caminhos
Diversos cada qual já vai tomando,
De prazer, de alegria todos cheios,
E em seus antigos lares o repouso
Das fadigas tomar vão delectavel.

Em casa as Uvas, que guardar se devem,
Que do Natal nos dias se appetecem,
Vai Lucinda as melhores reservando,
Que do tecto da casa vão pendendo.

Quando subito hum moço sem alento
Apressurado corre, e vem fugindo.
O que seja perguntão anciosos:
O Rapaz toma alento, e principia
Das desordens noticias dando tristes, (11)
Que no arrayal succedem sanguinosas:
Que dos montes descêrão os Labrêgos,
Altas rixas movendo muito antigas
No peito contra os miseros Camponios,
Que a Festa alli fizerão do costume;
Que a Viola quebrando ao que tocava,

As Gaitas aos Gallegos já rompendo ,
Desfeitos em pedaços os Tambores ,
De Cajados armando-se mui grossos ,
Nas pontas aguçadas choupas tendo ;
Os luzidos punhaes , buidas facas
Por todo o campo tirão , com que a morte
Aos miseraveis levão camponezes ;
Que fogem Beliguins , foga a Policia ,
Fortes c'os fracos , fracos c'os valentes.
“ De que infortunios taes a Providencia
“ Nos livrou , diz Lucinda transportada !
“ O coração presago me dizia ,
“ Que de tal Festa o fim a ser funesto
“ Sem duvida viria , pois no Mundo
Sempre aos gostos succedem desprazeres :
“ Nem té nos dôces campos a innocencia ,
“ Qual em seu Throno a linda rosa espinhos ,
“ Jámais de encontrar deixa , em que se afflija !



CANTO QUARTO.

INVERNO.

Completos, sacra Diva, meus desejos
 Na temeraria empreza alfim observo:
 Das Estações cantar em verso humilde,
 Pois que a meu estro rude a Natureza
 Os dons nega divinos, que concede
 Aos outros liberal em copia tanta;
 A essas Aguias, que os vôos altaneiros
 Da terra erguendo, ao Ceo em sonoro
 Plectro, este vasto assumpto vão subindo.
 Apenas meu rasteiro, e escuro canto
 Nos ouvidos rouqueija dos Pastores,
 Que felices habitão nas campinas,
 A quem estas fadigas, meus desvellos,
 Sómente se dirigem fervorosos.
 Não canto de interesse, nem de premio
 Jámais algum movido; só me obriga
 Dos estudos o amôr, que tanto prézo,
 Que minha alma recreião, que alimentão;
 Do saber a doçura em aurea taça
 De sapiencia bebendo por mão Sacra,

Que em minha alma derrama os dons Divinos,
Vou por todos os dias pouco a pouco;
E d'ella os fructos repartindo gratos
Por meus Patricios vou, e á Patria amada,
De amizade signal sincero mostro.

Cante-se a parte derradeira do anno;
Já que tu dás impulso á minha Lyra.

Não só na Primavera deliciosa,
Não só no Estio cálido, e sereno,
Não só no Outono fertil, e abundante;
Mas tambem no chuvoso, e pardo Inverno
He o campo agradavel, deleitoso:
Ou seja de manhã, quando já nelle
O frio caramelo alveja, e cobre
Os cumes das montanhas, pende em redes
Pelos troncos das arvores, e fecha
Com pyramides lucidas as portas
Da pobre choça do Pastor humilde,
Ou de algum Nobre a entrada do Palacio:
Ou pelo meio dia esperguiçado
Ao Sol o Lavrador na terra dura,
Ou á noite seus gados recolhendo,
Que sobre molles palhas já descansão,
Sempre tem suas graças, e bellezas,
Sempre o campo he fecundo em raridades,
Sempre quem as procura sabe achá-las.

Cybele, vem do Ceo, e tu reparte
Comigo os dons divinos, que possues,
Porque ultimo trabalho ora descante
Do frio Inverno, de gelada coma,
Os rigorosos dias, que são breves,
E as alongadas noites fastidiosas,
Para quem empregar não sabe o tempo.

Mil prazeres, delicias mil encontro
Nesta aspera Estação de rigor tanto;
E se até aqui cantava só prazeres,
E dôces mimos, placidas delicias
Das outras Quadras tão risonhas, ora
O Inverno cantarei, se me permittes,
Que utilidade, e graças lhe não faltão
Do Sabio, e do Poeta aos olhos lynces;
Nem meu pincel o pintará co' as côres
Tão escuras, tão feias, que lhe applicão
Os, que só da Cidade a vida estimão.

A gente Cortezã já deixa o Campo,
Onde dias amenos desfructára,
Socegados ficando os Lavradores,
Que assiduos seus trabalhos continuão.

Só Lucinda, e Almeno dos prazeres
Campestres alli gozão pelo Inverno,
Que a robusta saude lhe vigorão.

Ao som de altos Nordestes seccos, frios
A clara Aurora o dia traz formoso;
De nitido celeste azul se mostra
A Athmosphera no Inverno rutilante;
Ao Astro pirguiçoso em frouxo brilho
De Thetis os amplexos deixar custa,
E o estellante berço, que lhe aquentão
Os Planetas em roda luminosos:
Sem vergonha surgindo de Natura,
Que por elle anciosa ha tanto espera,
Não traz vermelha a face, como d'antes,
Na manhã regelada de alta neve;
Mas só em derretê-la divertido
Então parece que se emprega Apollo.

Já não tens Avesinhas, que te espreitem,

Para entoar seus cantos maviosos,
 Nem o prado risonho se reveste,
 Para em verdoso leito receber-te;
 Queimárão a campina os teus ardores,
 Nada já tem agora, que offertar-te:
 As arvores despidas de folhame
 Vegetaes esqueletos representam, (1)
 Que já as galas, que Abril lhes dêu, rasgárão
 Em dispensar contigo tantas honras;
 Com que brinques no Campo, não encontras,
 Que de neve coberto se vê branca.

Assim dizia transportado todo
 Sentado eu junto de hum palreiro arroyo,
 Que serpe de cristal se figurava
 No mover tortuoso, desinquietao;
 Aqui se esconde, álem prompto apparece
 Da horta nos canteiros passeando,
 E correndo abundante, os lava, e rega.

As plantas o Cazeiro vai por ordem
 Em Canteiros dispondo mais pequenos,
 D'onde as tira depois, e n'outra parte
 Da horta lugar lhe busca accommodado
 Para que alli se arreiguem, vinguem, cresção.

As arvores enxerta, e as Vides poda;
 Alporca no Jardim raros Craveiros;
 Das flores as cebolas, e as raizes
 Do Rainunculo á terra já confia,
 Que com pequeno sacho move branda.

Geme a nora, que o Touro vagaroso
 Voltêa lentamente descuidado,
 Que o Caseiro desperta a grandes brados,
 E do aguilhão sentir o duro bico
 Com dureza lhe faz cruel, insana,

De urros enchendo o valle o forte bruto.

Trepano o Caracol vai pelos muros,
E da hortaliça os olhos tenros pasce,
Co' a baba as folhas argentando verdes;
Com diligencia a Velha prompta o apanha
Para remedio, e no cestinho aguarda
Babuginoso o insecto de virtude.

Lá foge a Lagartixa pintadinha,
Do traquinas rapaz, da miseranda
Perseguidor constante, e seu tyranno,
Que destróe, em pedaços desfaz, corta
A innocente mísera alimaria.

Vagando o gado, muge pelos montes,
E valles de pastagem despovoados;
Aqui alguma hervinha de hum vallado
A' borda, ou de hum regato, que a sustenta,
Faminto, vai comendo com vontade;
Acolá, de hum ribeiro á margem bebe,
Triste ao ar a cabeça levantando.

Balando segue a May o Cordeirinho;
Pelos rochedos a Cabrinha salta,
E vai ligeira o armento procurando.

Do Sol goza o Pastor delicioso:
Ora a sombra não busca, nem frescura
Do escuro, e dôce bosque já lhe agrada.
Sobre a terra sentado vai comendo
Dura brôa, borraxa despejando
Do vinho, que da adega traz do Amo:
Outras vezes de cannas, ou de vimes
Dobradiços, gaiolas vai tecendo,
Onde mette avezinhas, que apanhára
C'o biquinho a azeitona debicando
Incautas mui contentes na Oliveira.

Pocinhos os Meninos Camponezes
 Com delicada mão na terra cavão,
 Onde agua depositão, com que engenhos
 Artificiosos movem, que fizerão,
 Imitando da azenha os movimentos.
 Em fervido carrinho outros o campo,
 E a planice atravessão em corridas,
 Os membros agitando inda mimosos,
 Que de vigor immenso depois fórmão.
 Os jogos da argolinha, outros emprehendem;
 Da bola, do pião, e outros muitos
 Pelo campo exercitão divertidos,
 Assim ao frio intenso resistindo.

A Moça lavandeira com a roupa
 Ao rio vai de neve enregelado,
 Onde a septuagenaria velha encontra,
 Que seus trapos no gelo frio lava:
 Alto os trémulos queixos, raros dentes
 Alli c'o frio bate, mas robusta
 Da saude o vigor perfeito goza,
 D'aguardente o frasquinho propinando.
 No campo o Lavrador a terra corta;
 Vastas campinas c'o arado curvo
 De fundos abre sulcos mui direitos
 Do futuro onde provido a semente
 Da flava Ceres lança, que alimento
 Aos homens grata presta, porque a vida
 Sobre a terra mantenhão trabalhosa,
 De tantos males, de fadigas cheia.

Ao som da flauta ás rezes vai cantando
 Em campestre harmonia rudes versos;
 Outras ao gado brada vagaroso,
 Que do aguilhão ferido a estrada toma,

E os sulcos vai abrindo destinados.

Mas neste tempo o ar se vai toldando,
Pouco, e pouco crescendo o rijo vento.

Desampara a Gallinha c'os filhinhos,

O campo, que esgravata cuidadosa;

Aos curraes corre o gado fugitivo,

Seus Bois o Lavrador do arado tira,

Solitaria a Campina toda fica.

Sobre os altos Pinheiros desferido

O furibundo raio lampejante,

Feitos pedaços os dispersa ao longe,

Pelos ares das arvores voando

Vão as fundas raizes arrancadas;

Alto o bosque sussurra pavoroso

Dos ventos combatido, e açoitado;

Infesto turbilhão abala os montes,

Como leves arbustos, tenras plantas;

De saraiva o chuveiro cabe terrivel;

De refulgentes raios o Ceo todo

Se desfaz, co' as arêas numerados.

Milhares de Baixeis no mar perdidos

Já sem remedio ter mostrão-se; a gente

Gritos ao Ceo levanta, mas debalde,

Pois soccorrer o mal ninguem se atreve.

Aqui da morte a imagem se vê triste;

Ora ás nuvens as ondas empoladas

Os levantão, e quasi o Ceo lhes mostrão;

Ora do salso mar fundas arêas

As quilhas abaladas tocão negras;

Impetuoso o vento os mastros quebra,

As vélas em retalhos são cortadas.

Pela praia os cadaveres rolando

A' discripção das aguas vão em montes.

A' praia corre Almeno compassivo,
Remedio procurando a tantos males,
Sem que fazer atine em taes perigos.

De huma onda negra a ponta embravecida,
Hum vulto á praia lança, que de humano,
Entre o rolo, se mostra na figura.

De arêa em ondas vai Almeno, e d'agua,
Mui grossa corda pela cinta atando,
Subpondo á vaga o corpo resolutto,

O seu enorme pezo grande espera:

Com força o corpo agarra desmedida,

E entre os braços o aperta agonizante.

Almeno mádido das frias ondas,

De hum homem põem na praia semi-morto

O corpo, que das aguas hi trouxera.

Com bebidas, Lucinda, corre á pressa,

Cujo Alcool a Almeno o vigor torna.

Do miseravel toma o corpo em braços,

Que de vinho em lençóes envolve quente,

Do fumo Mexicano uso fazendo, (2)

Por maquina applicado, que guardada

Para isto sempre tem, sempre conserva,

A vida restitue ao que já morto

Nas ondas se julgava, sem remedio.

Destroçado correndo vem os mares

Já perdido batel nas grossas ondas;

Da gente a vozeria alta se escuta,

Que grossas cordas mostra, longos cabos,

Aos de terra acenando com gemidos

Nos cabos peguem, pelo barco puxem,

Que sem remedio em fim se vai ao fundo.

Tres vezes clama á gente, mas depressa

Sem que auxilio, ou remedio possam dar-lhe

As ondas a soçobração impoladas
Em seu seio engolindo os mareantes.

Mas eis que n'hum penhasco mariscozo
Gentil Dama arremeça o mar tyranno:
Que a belleza despreza, e a formosura,
Que podera feliz tornar hum Reino,
Se possui-la alcançára o seu Regente.
Em lagrimas, suspiros, e soluços
Se desfaz a rival do bello Dia,
Nas sombras eclipsada da atra morte.

Inda no mar nadando seu amante
Vê co' as ondas lutar, co' a dura morte,
Delle os olhos não tira a bella Dama,
Que em lagrimas desfeita auxilio pede,
Que elle em vão lhe promette por acenos,
Té que involto no mar á vista foge
Da infeliz, que lamenta a sorte dura,
Sobre a penha exhalando em ais a vida.

Oh! Ceo, suspende, diz gritando, Almeno,
Oh! Ceo, suspende teu furor hum pouco;
Não queiras essa vida preciosa
Inda ao Mundo roubar, essa belleza,
Que invéja a Delia, e ao claro Cinthyo inspira, (3)
Pasto fazer de ondas crueis, insanas!

Isto diz, quando o mar bradando forte
Contra o rochedo a espuma ao cume erguendo
Em negra vaga envolve a Dama bella,
Sem soccorrida ser de humano auxilio.

Com a preza ufano o mar de longe grita,
Nos abysmos sepulchro á Dama abrindo;
De Almeno o coração de dôr se parte,
Deste successo á vista lamentavel.

Entre tanto a procella continúa,

As aguas sussurrando do cavado
 Rochedo, com medonho estrondo cahem;
 Retumba amedrontado o fundo valle
 Das tumidas torrentes, que o invadem,
 E do rouco trovão, que longe trôa,
 Nos montes rebombando pavoroso.
 Ao longe fuzilar se vê o Olympo,
 Entre as nuvens, de raios carregadas,
 Milhões de brutos, as Torrentes, mortos,
 Aos campestres serviços necesarios,
 E da vida ao sustento, levão, uteis.

Da cabana o Pastor a entrada fecha,
 E para o fogo ardente se encaminha,
 Que no rasteiro lar Pastora acceso
 Tem noite, e dia, por da neve á força
 Resistir grande, e ao frio rigoroso.

Com o Esposo Lucinda neste tempo,
 Que a tempestade observa temerosa,
 Para hum grande Salão entra da Casa,
 Que do clarão lampeja alumiado,
 Onde paineis soberbos de pintura,
 Magestosos, antigos, ricos quadros,
 Varões mostram ao vivo mui distinctos,
 Que á Patria, e ao Rey serviços relevantes
 N'outro tempo fizerão valerosos.

Aqui, Lucinda, vê's tambem no Inverno (4)
 O campo he aprazivel, deleitoso!
 Aqui gozar podemos livremente
 Dilatados prazeres vendo a Historia
 Destes fortes Varões, Reis estremados,
 Que este Reino illustrarão n'outros tempos,
 Com sublimes victorias desmedidas,
 Que Sabios nos regêrão, governarão

Sempre de Astréa co' a indobrada Vara.

Tambem aqui das Estações do Anno
Temos os bellos quadros excellentes,
Que ao vivo nos retratão as bellezas
Do campo, que innocente desfructamos.

Aqui a Primavera se apresenta
De mui ricos vestidos adornada,
Pelo campo formosa passeando.
A' sombra da floresta já da calma,
Onde os raios de Apollo não penetrão,
De Flora acompanhada, alli descança,
Que tambem de grinaldas bem tecidas
Vem, de mimosas flores coroadas.

Zephiro o brando Esposo as niveas azas
Nos Jardins dôce move com brandura,
As flores namorando delicadas,
Que rociadas de Aljofar matutiño
Risonhas o acolhem com agradados.

Junto da clara fonte, ou do ribeiro,
Que manso corre alli, as vês sentadas
Em mimosa alcatifa de boninas.
Que ar tão puro respira então nos bosques,
Que povoão canoros passarinhos!

As flores as Estrellas desafião
No brilhantismo seu, na fórmula sua!
Os campos se renovão, se revestem
De suas delicadas, finas gallas.

O Estio agora observa neste quadro
Maravilhoso; Ceres no seu carro
Das Elensinas Virgens pelos campos
Vai tirada; na mão tendo por Sceptro
A Fouce, os Lavradores á cultura
Das terras já convida diligente.

Não tem Apollo força, com que impida,
 Que os campos atravesse, que visite
 A seára abundante, que laureja,
 De maduras espigas coroada.
 Rainha da cultura abi se mostra,
 No gesto Soberano, nos mandados,
 Que gratos são aos homens, são á vida.

He o almo Estio aquelle Cavalleiro,
 Que fogoso ginete alli montando,
 Da aljava de ouro finas settas tira
 De mui ardentes raios, que dardeja
 A' terra, que abre bôcas sequiosa,
 Do calôr pela força, pela ardencia.

A vista sua, os fructos a côr mudão,
 E maduros das arvores já pendem,
 Convidando os humanos, a que gostem
 Seu sabôr, e doçura primorosas.
 Nas eiras os Agrícolas se occupão,
 A atar do trigo os feixes, que nos carros
 Estridentes conduzem aos lugares
 Onde o pezado Touro aos pés o calca;
 Outros fogosas Egoas mui ligeiras
 Em debulhar o trigo occupão fortes.
 Que Choreas, que Cantos de harmonia
 No campo então se escutão dia, e noite!

Aqui o Outono vês a Cornucopia
 De flores, e de fructos desejados,
 Sobre a terra entornando tão profusa;
 As nuvens, porque chorão, ajuntando,
 Que as terras fertilisem, que fecundem.
 Que figura gentil elle apresenta
 De hum homem já maduro, e sazonado,
 De authoridade cheio, e de prudencia!

O rosto virtuoso, e bemfazejo
Alegre tem jucundò, e magestoso
Os premios repartindo aos Camponezes
Vai, que ao merecimento elle conforma
De cada hum segundo as lidas suas,
Mas contentes da sorte todos ficão.

He este, que ahi vês, ancião, o Inverno
Encanecido; as cãs brancas lhe descem
Sobre o curvado peito de regelo,
Frio, já pelo tempo descarnado.

Alli da alta fogueira sempre junto
O verás noite, e dia em brandas pelles
Mettido, de bom vinho propinuando
Longos tragos; o espeto na fornalha
Do immundo bruto, a tenra carne passa,
Que a vizinha desperta desejosa
C'ò cheiro, que recende da cabana,
Que de innumerados Evos elle habita.

Alli a Velha, as fabulas, os contos
Das fadas, magos, bruxas, feiticeiras
A's raparigas conta, que trabalham,
Quando a formiga provida descança,
A que a Velha allusão faz nestas noites.
Homens o rosto voltão de assustados
Do que ella conta; de outras os cabellos
São de susto irriçados, fogem outras,
Que ouvir não podem tão medonhas cousas:
O Velho grita, a Velha as ameaça,
E só em escutar achão remedio.

Aqui das Estações Lucinda os Quadros
Estão ao natural bem debuxados.
Ellas todos os annos vem formosas,
Alternadas ao Mundo sem fallencia;

Ellas vão sim, mas voltão sempre novas,
O homem foge misero, e não volve.

Quantas vezes, Lucinda, nestes Quadros,
Dos humanos contemplo a triste sorte!

Mas entra nesta Sala, onde batalhas
Cruéis, navegações, e fortes guerras

Por capricho mantidas, innundado
Tem o Mundo de sangue em largos rios.

Que vezes emudeço extasiado,
De lagrimas torrentes derramando,

Que lenitivo são á grande mágoa
Com que isto vejo, e minha pena adoção

Sómente os poucos livros, que possuo,
Companheiros fieis, que jámais deixo

Pelos melhores bens, que tem o Mundo;
He meu recreio o conversar c'os mortos.

Idéas sem rebuço conferimos
Sobre Estados, Nações, Reinos, Paizes;

Elles me ensinão divisões do Globo;
Rios, montes, outeiros, fundos valles

De repente me mostrão sem trabalho;
O animal, vegetal reino descubro;

De vagar suas paginas folheio:
Então do campo estudo as raridades;

De vêr pasmo assombrado huma folhinha,
Que de flor já cahíra, que adornava;

Sua côr, cheiro, graça, e formosura,
Todo me encanto, todo me arrebató,

Ante os sentidos tendo alli presente.

Hum verme, hum vil insecto á minha vista
Tenho alli quando quero, ou necessito,

Como forte hum Leão, ou Leopardo,
Panthera, ou Elephante monstruoso.

Do Reino mineral tenho as riquezas,
Que Rey nenhum possui no Universo,
Que c'os olhos encara da alma o sabio;
Alli valor não tem o diamante,
Co' a areia se confunde o mais fino ouro.

A mim os Ceos se abatem, e as Estrellas
Rutilantes, que brilhão hi formosas,
Com o seu péso em minhas mãos sustento;
Os phenomenos vêjo de Natura,
Sem do quarto sahir, ou dar hum passo.

Minh'alma então se eleva ao alto Throno,
Que o Sempiterno Soberano Rege.
Eterna Magestade, a quem adoro,
Então no meu transporte assim eu digo:
Tu, que dispostas tens por ser dos homens
Tão raras maravilhas, adorado,
Portentosas na ordem do Universo,
Que Creaste, que Reges Absoluto,
Sem que jámais errar hum só instante,
Ou alterar-se eu vêja Lei alguma,
Que Sabio lhe Imposeste, lhe Ordenaste,
Por que razão altivo se conspira
Contra o Ceo, contra Ti o triste humano,
Que se eleva qual flor, que nasce, e morre,
N'hum momento do berço á sepultura
He logo sem demora conduzido!
Porque sanguineas guerras, crueis pugnas
Vêjo, de tanto sangue, e vidas tantas
Não evitar-se a lacrimosa perda?

D'aqui vêjo Philosophos insanos
Argumentos tirando do mal mesmo,
Para males peiores se inventarem,
Com que o genero humano se destrua.

Outros só tem por firmes as Doutrinas,
 Que no interesse sólida tem base,
 Visões, e mais visões só apregão,
 Que rustico acredita miserando!

Mas oh! Biblia Sagrada! oh Livro Santo!
 Que es por hum DEUS dictado ao Universo!
 De assombro tu me deixas admirado
 Ao vêr no teu Exordio estas Palavras
 = *No principio Creou DEUS Ceo, e Terra: (5)*
 E d'alli té ao fim te adoro, e bêjo!

Nesses quadros de horror, de sangue cheios,
 Os mais crueis combates vês terriveis
 D'esses Conquistadores, que na tuba
 Da Epica Poesia Herões se chamão.
 Como o emplumado Chefe o Campo corre,
 Que a terra faz tremer, quando o ginete
 A hum, e outro lado volta altivo.
 Que crueldades tantas, tantas mortes
 Dos homens a vaidade, e furor leva
 No Campo, em toda a parte confundido!
 Cobertos de Cadaveres vês Campos
 Dilatados, e Valles fundos, onde
 A Parca inexoravel lança a fouce.
 Contra os filhos os Pais insanos correm,
 Os filhos contra os Pais armas levantão.
 As guerreiras phalanges abrazadas
 De vãos ciumes correm com denodo,
 De seus Chefes brutaes seguindo o exemplo.
 De settas, dardos os diluvios descem,
 Quaes raios, que serpêjão n' Atmosphaera
 Por fogos lumiada em noite escura.
 As vidas centenares de homens deixão
 Nos sanguinosos campos d'atra morte.

Canhão d'aqui rebomba allumiando
 Os ares, que se densão ecclipsados
 Por negras, feias nuvens sulphurosas,
 Que quando passam só, no Campo inostrão
 Horror, morte, ruina, espanto, medo.
 Cabeças vão sem dono, braços, pernas,
 Pelos ares voando alem das nuvens.
 Dos feridos os brados hi se escutão;
 D'agonisantes os gemidos ferem
 Da dura penha o coração mais duro.
 O fuzil vês mortífero carrega,
 Apressado o Esquadrão, que sobrevive,
 Que aos outros enraivado aponta, atira.
 Eis sobre elle diluvio vem de ballas;
 Já juncada a campina está de mortos,
 A quem os vivos roubão diligentes.
 D'aqui retira os olhos, chara Esposa!
 Nest'outra Sala vês da Natureza (6)
 Brillante os Elementos nestes quadros.
 Neste painel a Terra vês de flores,
 E de arvores ornado verdejantes;
 De montes elevados, e de brutos
 De toda a especie raros, admiraveis.
 Alli repleta a vês de minas ricas,
 Onde os thesouros seus os homens buscão.
 D'onde o sustento próvida a Natura
 Aos viventes, qual Mãi fecunda presta.
 D'alli na mão semente aos homens mostra,
 E nella desenvolve seus mysterios,
 Se ávidos a cultivão diligentes.
 Em seus braços o Agrícola recebe;
 Das fadigas suor brando, e suave,
 Com doçura lhe limpa, e recompensa

Os trabalhos, profusa, que tivera,
C'os dôces pomos, sazoados fructos.

Por os gados manter, que são precisos
Aos traficos campestres, e á lavoura,
De verdes pastos enche os longos prados,
Empinados outeiros, e altos montes;
E de seu corpo as veias fecundantes,
Em borbubhantes fontes, ella mostra
Patentes aos mortaes, e aos brutos todos.

Seu seio retalhado em fundas covas
O ambicioso procura das riquezas,
Todo ao cuidado entregue de altos cofres.

Que animaes vês innumerados a terra
De todos Mãi commum assim povôão?
De carne hum monte, o Elephante, d'Asia,
E de Africa os Paizes estuosos
Habita: o Leopardo, Onça, Panthera,
Feroz Leão, Rhinocerote iroso,
E outros mil desmedidos, feros brutos.

O Cavallo formoso vês da Europa,
Arrogante, soberbo, em brio ardendo:
De ouro o fino teliz, a rica sella,
Onde vistoso monta o Cavalleiro,
O bravo General, e o Rei Potente
O Ginete adereça, e aureo freio.
O vagaroso Boi, Jumento humilde,
Que á cultura uteis são, e necessarios
Por cargas volumosas transportarem,
E infindos outros vês nesse amplo quadro.

Est'outro quadro o Ar puro, e sereno
Representa de plumas adornado
De Aves muitas, insectos, leves pennas
De roda em symetria assim dispostas.

D'elle a vida depende dos terrestres,
E volateis viventes, que povôão
Do Mundo a superficie, e o Ceo immenso.

Nesta figura o vês, que representa
De mui finas ornado, e brancas azas
Hum ligeiro, veloz, lindo mancebo,
Que voando do Ceo pelos espaços,
Sobre a terra c'os sopros alimenta
Os animaes, as arvores, e as ondas
Humas vezes suave, e brando move,
Outras áspero agita, açoita, arranca,
E o vasto Orbe vasio nunca deixa.

Como com delicada mão concerta,
Da Aurora ao despontar serena, e pura
Da linda Primavera encantadora
As magas tranças de ouro preciosas!
Como na face o meigo beijo imprime
A' bella, que em doçura se converte!

Que immensos Passarinhos no seu collo,
E em seu seio pintados vão cantando,
Os campos de harmonia enchendo simples!

Vês, encapella as ondas brandamente,
Que lá no pégo existem, morão fundo!
Como escorregar faz pelo azul campo,
Que Doris banha, os Vasos mais pezados,
Nos madeiros fazendo força tanta,
Que as vélas lhe offerecem, lhe desdobrão!

Com que desdem aquella fonte brinca,
Movendo a toda a parte a lymphá pura,
Que o ar toca, e com dôce sopro agita!
Do Iris não representa as variadas,
E lindas sete côres entre as nuvens!

Do quadro vês no fundo horridos ventos

De terrivel aspecto, feio, e torvo,
 Em negras, densas nuvens grossas prezos,
 Té que os soltar Decreto Eterno Mande.

De Prometheo o fogo, que roubado
 Fôra, sublime alli se eleva ardendo;
 Usos tem mil diversos, infinitos,
 Incognitos segredos, que não sabem
 Té hoje decifrar os homens doutos;
 Mas de alimento ás arvores, e á terra
 Muito aproveita, e aos animaes he util.

O Etna arder vês perpetuo neste quadro,
 E notaveis Vesuvios outros muitos,
 Que de lavas enchendo a terra outr'hora,
 Reinos, e altas Côrtes ruinárão.

No Ceo tambem electricos os fogos
 Se accendem, que rutilão fulgorosos;
 E a Terra, com seu facho, todo fogo
 O Sol aqueita, nutre, e perpetua.

Do dia a luz á noite o fogo supre;
 Por fazer os manjares, e outras cousas
 A' vida pertencentes, serve ó lume.
 Alimenta, e destróe em fim o fogo
 Dos humanos os bens, e as vidas mesmo.

De chammas abrazado este Mancebo,
 Que por cabellos tem ardentes raios,
 Na mão Ustorio espelho refulgente,
 E despido, em suores vai banhado,
 A toda a parte os fogos despedindo,
 Lá do quadro no meio vês brilhando;
 De igni-pedes ginetes conduzido,
 Em fulgoroso carro a Terra corre;
 A's nuvens sobe, e ao mar irado desce.

Neste quadro de perolas, e aljofar,

Lucinda , retractadas vês as Aguas ,
Onde milhões de aquaticos viventes
No vasto pélago nadando habitão.
Co' a agua fertiliza arida a Terra ,
Quando o Outono do fim já se aproxima ,
Quando á Charrua o Agrícola pezada
Os tardos , vagarosos Bois submette ,
Da terra levantando as grandes leivas ,
E profundos abrindo novos sulcos.

Com ella o Caminhante o pulmão sêcco
Refrigera , encalmado pelo Estio ;
Sem ella util o gado triste morre :
Com ella as arvores , as plantas nascem ,
E formosas vegetão , fructificação.

Por ella immensos mares navegando ,
Avaro o Mercador grossos thesouros
Do mais fino ouro , e rica prata ajunta.
Com mil conquistas o soberbo Imperio ,
D'antes mísera terra , o collo eleva ,
Impias ao Universo Leis dictando ,
A' força promulgadas de cruezas ,
Quando do mar azul estrada os homens
O Mundo devassando , affoutos abrem.

Vês o vasto Oceano vai cingindo
Do Mundo a redondeza prodigiosa ?
Que numerosos filhos se lhe aggregão ,
Que de seu seio a terra alli arroja ?
Como vão serpejando em todo o Mundo
Das aguas as correntes abundantes !
Como os rios murmurão , os regatos ,
E entre a relva se escuta o manso arroyo !

Que curioso quadro huma lagôa ,
Que he pelas Rãs povoada , assim se mostra !

O gado alli beber dos montes desce,
 E de roda na verde relva junto,
 Ou pasce, ou lasso á sombra de arvoredos
 Hi se deita tranquillo, e socegado.
 Fóra d'agua a cabeça as Rãs deitando
 De huma folha ao mover brando, apressadas
 No lago precipitão-se medrozas.

Os Deoses vês Campestres nesta Sala,
 Que retabulos ornão tão soberbos.
 O Capri-pede Pan, hi vês cornuto,
 Em Lupercal as honras recebendo,
 Que gratos lhe tributão os humanos:
 Alli as Nymphas tens, a quem amára,
 Que Echo, Syringe, e Pythes se nomêão,
 Por quem dos bosques arde o Deos, e morre.

A Deosa vês triforme, que Dycina
 De sua amada Nympha assim se chama.
 Pelos montes a casta Deosa corre,
 Sem temor, do Oceano pelas filhas,
 Bellas Nymphas seguida sem receio.
 Mas em Latmos visita o Pastor charo,
 Com quem suaves noites ella passa,
 De amôr nos dôces laços entretida.
 O filho de Aristeo em Cervo muda,
 Porque lavar a víra em clara fonte,
 Onde beber o mísero deseja
 De amôr a longos tragos a doçura,
 Que da Dea a belleza n'alma entorna
 Do infeliz, que Diana adora bella.

O Mancebo Pastor de Admeto louro (7)
 Vês que ora enche de luz o vasto Mundo;
 Authoridade tanta emfim depondo,
 Não desdenha servir o cargo humilde,

Dos rebanhos guardar nos verdes campos,
Que ao som da sua Lyra alegres são.

Jo, que Vacca foi, e vagabunda, (8)
De Juno por ciume a terra corre,
Da mosca c'o ferrão cruel picada,
Nos campos tem seus cultos, seus louvores.

Em Touro vês a Jupiter mudado,
Que os Ceos governa eterno, e poderoso,
Da mão largando o raio, que de espanto,
E de horror enche o Ceo, a Terra, e o Inferno;
Da bella Europa por gozar formosa,
Amorosos encantos, e delicias,
Espumosos passando longos mares.

Alli o moço Adonis, que formoso (9)
As Estrellas excede, as mesmas flores,
E por cujos carinhos chora a Deosa;
Junto d'aquelle rio vês sentar-se,
Branças guardando Ovelhas neste prado.
Olha como a formosa Cypria perlas
Sobre a flor chora, em que mudado o tinha,
Do lindo moço a dura sorte, vendo
O caso horrivel, detestavel morte,
Que de seus braços niveos o arrancára.

Olha o lindo Narciso á fonte junto (10)
Da Nayade attractivos admirando,
Que no fundo jazer occulta pensa
De sua mesma forma namorado!
De Castilho o pincel achou Narciso
Formoso, delicado, fino, austero,
Singular em virtude, nobre todo,
Porque os amôres seus, metamorphose,
Morte, sepulcro, lagrimas, ternura
Ao vivo descreyesse em versos de ouro,

Sem invejar de Achilles a memoria
Na Cythara Smyrnina descantado.

Diversas outras cousas a Lucinda
Gostoso mostra Almeno com cuidado,
As Historias contando, que são proprias,
E por bem entender-se necessarias.

Mas já o Sol cadente do Oceano

Lá para o vasto pego se encaminha,
De nuvens rodeado espessas, densas;
De quando em quando o rosto radiante
D'entre ellas vai deitando sobre a terra,
Que de chuva, e de neve embranquecida,
Fino espelho se mostra cristallino,
Onde as nuvens correr se vêm ligeiras
Humas de outras seguidas mui velozes.

Já escuros os bosques, e tristonhos
De aljofares parecem derretidos
Cobertos, que destillão sobre a terra:
Apanhá-los rapaz lá vai travesso,
Que salta pelas nevês mui contente,
Pedacos recolhendo brancos, frios,
Que de estranha grandeza em altos globos
Forma no chão rolando muito tempo,
Que depois de escarpada rocha lança;
O Povo atemoriza a grande mole,
Que não desfaz enxada de aço fino,
Té que do ardente Estio os dias venhão.

O Iris multi-color já no Horisonte (11)
Variado apparece, mensageiro
Do futuro prazer; serenidade
Por onde passa ponte tem segura,
Com que a vista se encanta desejosa,
Quando das nuvens azuladas fulge

Esbranquiçado Apollo pelos frios,
Que a tremer no Zodiaco o obrigão.

Mostrão-se em fogo ardendo ao longe as casas,
Quando contrario o Sol dá nas vidraças:
Alveão das Aldêas, e Lugares,
Dos Casaes as paredes branqueadas.

Os Patos, e as Galinhas c'os filhinhos
Pelo campo apressados vão correndo,
E da casa buscando o antigo asylo.

Do jugo o Lavrador tita os Novilhos,
Que a pezar do aguilhão, a lentos passos
Ao palheiro recolhem-se tardios.

Cantando as raparigas a Azeitona (12)
Apanhar, lá contentes vem, e alegres,
Rusticas cantilenas entoando.

De curtas saias, grossas, pés descalços,
Desgrenhado o cabelo, a forte moça
Mui desembaraçada se apresenta;

E no Lagar entrando, o pão de milho,
C'os alhos quente no azeite mette,
Que manjar saboroso lhe offerece.

Lança sobre os mortaes o negro manto
A longa noite; de Ebano no carro
Deitada, de marfim, e de azeviche

Marchetado com arte, denegrido,
Caminha lenta, por Corujas, Mochos,
E outras aves nocturnas conduzida.

De papoulas fastões, de dormideiras
He o vehiculo ornado somnolento.

Sua argentina luz esconde Delia;
As lucidas Estrellas não são vistas;
Densas trévas o Mundo todo envolvem.

No Horizonte o relampago fuzila,

Que estrondoso trovão medonho segue,
D'esta Deosa a chegada festejando.

O negro mar de longe brame, e bate
Contra os altos penedos escarpados.

De quando em quando o afflicto Nauta se ouve
Disparar do cavado bronze o tiro,
Porque em auxilio seu da terra venhão.
Parece então que o mar tambem troveja,
Quando das ondas fulge azul o raio,
A que os echos respondem com espanto.

Todo o animal da noite se recolhe,
Que no campo pastava pelo dia.

Sua candêa a velha diligente
Em casa da vizinha accende, e amiga,
Que, de contas na mão, do fogo junto
Em peles se aquecia rebuçada.

De Castanhas magustos, ou bolotas (13)
Altas fogueiras accendendo fazem,
De que folgão contentes de alegria
Rapazes, e moçoilas mui formosas,
E com gritos a casa enchendo, formão
Lindo quadro campestre divertido.

Do animal grunhidor o pingue lombo
Vai assando Lucinda para Almeno,
Que com grande pichel lá vem da Adega,
E ao lume divertido em fim se assenta,
Das Criadas ouvindo antigos contos, (14)
Na tarefa occupada cada huma.

O licôr santo alli todos bebendo
Estão com alegria desusada;
De Baccho os dôces hymnos vão cantando;
Dos Pastorís amores desgraçados
As bellas moças cantão desalinhos.

Tambem tempera Almeno a Viola sua,
Lucinda o acompanha nas cantigas,
Que todas aos louvores se dirigem
Do Deos, que beneficios lhes outorga,
E ao Camponez concede Bemfazejo.

Da Agricultura cantão elogios,
Do ávido Lavrador Canções campestres;
O curso das Estrellas, e dos Astros,
Que os furacões de vento, e tempestades
Ruinosas ás campinas trazem ferteis.

De Abril então recordão os prazeres,
Que no campo se gozão com doçura,
E do Maio formoso os bellos dias,
Que entre os jardins se passam, ahi lembrão;
Da ceifa os ledos jogos, e os folguedos,
Então recordão do calmoso Estio.

Agora alegres Baccho propinando,
Que produzio o Outono dadivoso
No carrancudo Inverno na choupana,
Encerrados estão mui divertidos,
E ás doenças crueis adeos dizendo,
Da saude o vigor robustos gozão.

Aqui meu Canto findo já, Cybele;
Não me enrouquece a voz cantar o campo,
Ou campestres prazeres agradaveis;
Mas desgosta-me vêr não tenha exemplo
Em Portuguez Cantor, que me ensinasse
Das Estações o estylo em Patria Lingua,
Aos estranhos tal gloria permittindo,
Lusos havendo Genios peregrinos
Nas Artes, nas Sciencias distinguidos,
Assombrosos talentos, que competem
Em gloria co' a Romana, e Grega avena,

Que o divino Camões, grande Filinto,
 Bocage sonoro, e outros Vates,
 Qua a Patria tanto illustrão, honrão tanto,
 Com raridade imitem, ou transcendão,
 Mas que desamparado o campo deixão,
 Que dos homens louvor merece digno,
 Muito mais dos que aos Ceos com seus escriptos
 Sobem, e á eternidade monumentos,
 Que jámais consumir o tempo pode.

Nosso sustento a elle só devemos
 Do Agricultor c'os braços incansaveis.

Do Reino a Agricultura he Mãi fecunda;
 Sem ella Estado algum jámais prospera:
 Huma arvore he o Reino, e ella o tronco,
 Que dos homens regado ser precisa;
 E não maior serviço faz no campo
 Avido o Lavrador, se o curvo arado
 Da terra nas entranhas cuidadoso
 Em seu tempo introduz, que quem em casa
 Vai campestres preceitos escrevendo,
 Que são ao Lavrador, que são á Patria
 Honrosos testemunhos, e os mais gratos.

Invocai as Campestres Divindades
 No Patrio Solo Lusitano nadas;
 As estranhas deixai; honrosas nossas
 São, e muito mais inda que as alhêas.
 Cultura o fertil campo Lusitano
 Bem merece de letras, e de arado;
 Se ficar infructifero, esta culpa
 Só a nós se attribue pela falta
 De aparar nossas pennas ociosas,
 Por este celebrar tão bello assumpto.

Se atrevido o caminho não arado

De algum Luso Cultor emprehendi rude,
O exemplo meu segui, e meus defeitos
Nascidos perdoai do fraco engenho,
Com que me dota avara a Natureza.

FIM DO QUARTO, E ULTIMO CANTO.



THE HISTORY OF THE

The history of the world is a long and varied one, filled with many interesting events and people. It is a story that has been told for thousands of years, and it continues to be told today. The history of the world is a story of progress, of discovery, and of the human spirit. It is a story that has shaped the world we live in today, and it will continue to shape the world of the future.

The history of the world is a story of many different cultures and peoples. Each culture has its own unique traditions, customs, and beliefs. These different cultures have interacted with each other over the centuries, and this interaction has led to the development of many new ideas and inventions. The history of the world is a story of the human race as a whole, and it is a story that we can all learn from.

The history of the world is a story of the human spirit. It is a story of the human desire for knowledge, for progress, and for a better life. It is a story of the human ability to overcome adversity and to create a better world for ourselves and for future generations. The history of the world is a story of the human race as a whole, and it is a story that we can all learn from.

NOTAS

AO CANTO PRIMEIRO.

1.

A Pesca celebrei, e as Nymphas bellas, (Pagina 1

Alludo ao Poema em seis Cantos intitulado = a Pesca = impresso em Lisboa a 3 de Setembro de 1831 na Officina Regia, primeira producção, que dei á luz, e que foi mui favoravelmente recebida pelos meus Compatriotas.

2.

Cybele, Mãy fecunda d'Altos Déoses, (Ibid.

Cybele, Esposa de Saturno, Mãy de Jupiter, Juno, Neptuno, e da maior parte dos Deoses Superiores. Tambem he conhecida pelos nomes de Rhea, Opis, Tellus, etc. figura-se como huma Matrona respeitavel, tendo na cabeça huma Corôa guarnecida de Torres, e sentada em hum carro puxado por Leões: seus Sacerdotes erão os Curetes. Os Romanos celebravão em honra desta Deosa huma Festa, que se denominava = *Lavatio*. = Não tomo a meu cargo decidir, se a Mithologia deve, como querem os Modernos, ser banida dos Poemas Epicos, ou entrar nelles, conforme o voto de Boileau, e dos Crí-

ticos mais antigos. Parece-me porém necessario que ella sirva de Meravilhoso na Poesia *Descriptiva*, e *Didactica*; porque sem este adorno, as Obras deste genero terião mais ar de *Tractados em verso*, que de verdadeiros Poemas. O exemplo de *Dellile*, e *Darwin* me parece neste caso decisivo.

3.

Sempre diversas, mas formosas sempre; (Pag. 1

Deu o Author do Universo na diversidade de todas as Obras da Natureza, tal formosura, e magestade a tudo quanto creou, unida com a utilidade, que tão bella, e engraçada he huma madrugada na risonha Primavera, enriquecida da harmonia dos Passarinhos, como he necessaria huma noite tenebrosa pelo rigoroso Inverno, allumiada de relampagos, e atroada com o ruido dos trovões: porque os fins do Eterno são sempre tendentes á conservação da sua Obra, e proveito das Creaturas, e são sempre os mesmos.

4.

Vós ó Phaunos capripedes, vós Nymphas (Pag. 2

Os Phaunos são huns Deoses, ou Semideoses rusticos, que habitavão nos campos, e nos bosques, e erão filhos de Phauno, filho de Pico, Rei dos Latinos, por quem foi introduzido na Italia o Culto dos Numes da Grecia: representavão-se em figura de Homens com pés de Cabra, e cornos na cabeça: tinham a seu cargo proteger a Agricultura.

5.

Tu, Padre Baccho, o thyrsó pampinoso (Pag. 2

Baccho, filho de Jupiter, e de Semele, filha de Cadmo, Rei de Thebas. He o Deos do vinho de que foi o inventor; he tambem conhecido pelos nomes de Dionysio, Evan, Hyié, Liber, Bromio, etc.

6.

Tu me empresta, e a canora Lyra rege (Ibid.

Das Bacchantes.

As Bacchantes erão mulheres, que celebravão os mysterios de Baccho nas Festas Bacchanaes. Estas Sacerdotizas corrião com os cabellos desgrenhados, e thyrsos nas mãos, ou tochas accesas, atroando os ares, com os gritos de Evan, Evohé! Nos nossos tempos não faltão Bacchantes; a differença está, em que em lugar de correrem pelas ruas, fazem barulho em casa, e em vez de gritar = Evohé! = vomitão improprios contra os maridos, e visinhas.

7.

Incomparavel Tompson, que teu vôo (Pag. 3

Tompson, célebre Poeta Escocez, Author do melhor Poema sobre as Estações, que até agora se conhece. As suas outras Obras são = a Britannia, Poema =; a = Liberdade, Poema em tres Cantos =; o = Castello da Indolencia, Poema allegorico em

dois Cantos = ; a = Sophonisba = Agammenon = Eduardo, e Leonor = Tancredo, e Segismunda, Tragedias; algumas Poesias de menos momento, formando tudo quatro volumes.

8.

Kleist, engenho profundo, que intentava (Pag. 3

O Major Kleist foi hum dos mais distinctos Poetas de Alemanha, e hum dos mais bravos Officiaes do grande Frederico. He Author de hum Poema intitulado = a *Primavera* =, o primeiro que appareceu em hexametros depois da *Messiada* de *Klopstock*, de bellos *Idilios*; de hum Poema Romantico, intitulado = *Cicides* e *Paches* = ; de alguns Contos, e outros Escriptos, todos marcados com o cunho do genio. Este Poeta combateo, e morreo como Heróe na célebre batalha de *Kunesdorff*.

9.

E tu, tambem Castilho, que mavioso, (Ibid.

O Senhor Doutor Antonio Feliciano de Castilho, hum dos Homens, que fazem hoje mais honra á nossa Poesia, pelos seus Poemetos á *Primavera*, e sobre tudo, pelo seu Poema de *Echo*, e *Narciso*, a mais bella das suas producções. Seria para desejar, que este amenissimo Engenho, se deliberasse a cantar as outras *Quadras*, dando-nos hum Poema completo sobre as *Estações*.

10.

Que innumeros prodigios apresenta (Pag. 8

Sendo muitos os Escriptores de Historia Natural, e não me determinando a copiar aqui suas idéas para esclarecer este lugar, julguei mais acertado remetter os Leitores curiosos á leitura do Jardim Botanico de *Darwin*, traduzido do Inglez pelo Doutor *Vicente Pedro Nolasco da Cunha* em verso Portuguez, onde, e nas suas bellissimas Notas poderão satisfazer seu desejo, e curiosidade, e recrear sua alma com o que existe de mais excellente em verso sobre este assumpto.

11.

«Da casa onde perdêra os bens, e fundos, (Pag. 11

Da casa dos Jogos, das Assembléas, e casa da Prostituição, onde se desmoraliza a Mocidade, principalmente Lisbonense, e se destróem as melhores casas, que os antigos com tantos suores adquirirão, acabando finalmente estas desgraçadas victimas de suas paixões, humas mendigando o sustento, outras morrendo em leitos de acerbissimas dôres, ás vezes n'hum Hospital; não fallando naquelles, que ignominiosamente vão parar a huma forca, gallés, etc. e isto por falta da boa educação, que tanto em nossos dias se tem despresado!

12.

« Sem gloria alguma os restos seus, sem pompa. (P. 15

Aqui porá da Turca Armada dura
Os soberbos, e prosperos tropheos,
Comigo de seus damnos o ameaça
A estruida Quiloa com Mombaça.

Cam. Lus. Cant. V. Est. 45.

13.

« He o illustre Camões, o nosso Homero, (Pag. 16

Camões foi na verdade o Homem, que mais serviços fez á Litteratura Portugueza, e á Nação, cujos feitos são mais conhecidos pelos seus Versos, que pelos nossos ruins Historiadores, que fóra do Reino ninguem lê. Camões creou entre nós a linguagem Poetica, segregada do Dialecto prosaico, com que andava misturada nas Obras de Ferreira, e Bernardes; foi o primeiro, que em nossa lingua fez Versos, que taes podessem chamar-se. Profundamente versado em todo o saber do seu tempo, elle soube fundir a Erudição na Poesia sem pedantismo, nem affectação. E, como senão bastassem os trabalhos por que o fizeram passar os seus contemporaneos, e o abandono, com que pereceo no Hospital, se levantou em nossos tempos hum Escrevinhador, tão invejoso, como desprovido de talentos, e gosto, que pertendeu offuscar a sua gloria firmada sobre a admiração univrsal de dous Seculos. Mas apezar d'elle, e de suas malignas diatribes, que passarão do

berço para a tumba, foi nesta mesma época, que a gloria, e a fama de Camões se virão mais realçadas! Hum Poema consagrado á sua morte; duas Traducções Inglezas dos Lusíadas; diversos Escriptos de Críticos Francezes sobre o merito de suas Obras; a magnifica Edição dos Lusíadas pelo Morgado Mattheus; mais tres Edições novas, e huma subscripção para se lhe elevar hum Monumento, quantas, e quaes energicas respostas aos sarcasmos do seu Zoilo!

14.

« Hi tens Garção, Bocage, e tens Filinto, » (P. 17

Este verso recorda tres nomes bem charos aos amadores da Poesia Portugueza. Garção, que restaurou entre nós o bom gosto com sua doutrina, e exemplos, e que se immortalisou com o pequeno número de Poesias, que d'elle andão impressas, sendo tanto para desejar que haja algum zeloso da gloria Portugueza, que dê á luz a Collecção completa dos seus Escriptos, que dizem, existe na Livraria da Casa de Vimioso, assim como a *Eneida*, e a *Merope* de Mafei, traduzidas, e commentadas por *Candido Lusitano*. Bocage, que aperfeiçoou a nossa versificação, que alguns Poetas, aliás de merito, parece haverem hoje tomado a empreza de fazer retrogradar. Francisco Manoel, o unico Poeta nosso, que póde igualar-se a Camões, e o mais fecundo, sublime, e engraçado Lyrico da Europa, e cuja riqueza, e louçania de linguagem, e properidade de expressões o tornão hum objecto de estudo para quantos tentarem escrever bem em nossa lingua! *Quando in-*

veniemus pares? Estes tres homens forão igualmente alvo da mordacidade do Zoilo de Camões: supponho que se vivessem, não lhes pezeria nada disso!

15.

« Vês Silvio, a quem Melpomene, e Thalia (Pag. 17

Em nada inferior a estes existe hoje o Senhor José Maria da Costa e Silva, cujo nome basta para lhe tecer o mais completo Elogio. A Scena Portugueza tantas vezes decorada com suas Obras, tem feito chegar entre nós ao maior apuro o gosto da Poesia Dramatica, tanto pelo bom gosto da Composição, como pela riqueza da Linguagem, e venustidade de verificação. Só o titulo de Poeta Dramatico bastava para côroar o nome, que nos outros ramos da Poesia lhe tributão sinceros os que se honrão de o conhecer. Quem lê o *Passeio*, e se não transporta! Quem a *Heroína de Aragão*, e se não encanta! Huma nova Obra, com que se immortalizará a Quinta do Alfeite, a qual compõe agora, e de que eu já vi cinco Cantos, ou seis, talvez lhe teça a Corôa de Principe dos Romanticos Portuguezes. Oxalá amasse a nossa Patria as bellas Letras, que então admiraria Portugal as producções deste ameno genio, guardadas até hoje, e talvez nunca dadas á luz por falta de quem aprecie o merecimento! Se França ou Inglaterra merecesse hum tal Patricio, não aconteceria assim: mas a sorte dos bons Portuguezes, não exceptua pessoa alguma!

16.

« Já da Cigarra o Canto escuto rouco, (Pag. 18
 « Que o jornaleiro á refeição convida.

Sic ubi procera pendens ex arbore rauco
 Messores arguta vocat stridore Cicada.

Vaniere. Præd. Rust. L. 7.

17.

Dá ao longe signal da Igreja o sino: (Ibid.

He o melhor costume possivel aquelle, que nos campos se observa ácerca das horas da comida, o que muito contribue para a conservação da saude. Não acontece assim nas Cidades, onde quasi em todas as casas se janta á noite, cêa de madrugada, e almoça de tarde. As Ordens Monasticas, que nascêrão no campo ainda conservão aquelle costume antigo.

18.

Oh! campos deleitosos! a Virtude
 Em vós refugio tem! Em vós habita! (Pag. 28

O' Rus, quando ego te aspiciam! quandoque licebit
 Nunc veterum libris, nunc somno, et inertibus horis
 Ducere sollicitæ jucunda oblivia vitæ?

Horat. Lib. 2. Sat. 6. V. 60.

NOTAS AO CANTO SEGUNDO.

1.

«Dons, que aos humanos, alma Ceres, gratos (P. 30

Ceres, filha de Saturno, e de Cybele, ensinou aos homens a cultivar a Terra, e a semear o Trigo, o que a fez acclamar Deosa da Agricultura: representava-se como huma Mãtrona de grande seio, coroadada de Espigas, e tendo na mão hum ramo de Papoulas por ser planta de grande fertilidade; ou com duas creanças ao peito, para mostrar, que ella he Ama do genero humano. Collocão-na sobre hum carro puxado por Serpentes, ou Dragões alados, com huma tocha na mão, como para buscar sua filha Proserpina, que Plutão lhe roubára.

2.

«Só nos bosques Diana abre caminho, (Pag. 32

Diana, filha de Jupiter, e de Latona, nasceo com Apollo seu Irmão na Ilha de Delos. Obteve de Jupiter a graça de guardar perpetua virgindade, mas isto he tão difficil de conseguir, que lá lhe chegou a maré do Carvoeiro com a vista de Endymião. He a Deosa da Caça, dos Bosques, e das Montanhas. Pintão-na armada de arco, e settas, montada em hum Veado, e acompanhada de dous formosos Galgos. Poeticamente se toma pela Lua, e por isso lhe encampão huma meia Lua no toucado, e lhe dão

hum véo bordado de Estrellas. Chama-se igualmente Hecate, Lucina, Callisto, Bubastrix, etc.

3.

« De hum varre a branca cauda a çuja terra, (P. 34)

..... querulo tum gutture flammæ,
Explicat, et rostro petit oscula, datque vicissim.
Tum levibus duram, simulata percitus ira,
Increpitat pennis, et amido verberat ictu,
Sæpe solum verrens ala pendente rotatur,
Sæpe gemit, teneroque Procus blanditur amore.
Queis tandem victa illecebris si Fœmina cedat,
Casta ineunt pariter stabili connubia partu.

Vanier. Præd. Rust. Lib. 13.

4.

« O carro a Delia pallida seguindo, (Pag. 35

Delia, sobrenome de Diana, que designa ser nascida em Delos, Ilha do mar Egeo: por carro de Delia, entende-se a Lua.

5.

« De Phebo á vista pura, e rutilante. (Ibid.

Phebo he nome de Apollo, que ordinariamente se usa quando este se toma pelo Sol.

6.

—Que obra são do Poder Teu Infinito; (Pag. 36

Coeli enarrant gloriam Dei, et opera manuum
ejus annuntiat firmamentum. Psalm. 18.

7.

«Talvez lhe custe cara a tal idéa. (Pag. 39

Toda esta falla de rustico aqui, e as de outros individuos no corpo do Poema, procurei fossem proprias das pessoas, que nelle fallão. O Poeta, que tem restricta obrigação de imitar a Natureza, não deve esquecer os preceitos de Horacio; e Quintiliano querendo deixar na sua Arte alguma cousa boa, diz = *Naturam intueamur, eam sequamur*, unico dos seus preceitos, que julgo necessario. Nem cause admiração ás pessoas de gosto delicado empregar eu palavras baixas, e humildes discursos nesta Obra. Ella não he huma Epopéa (e quando o fosse não fallão exemplos) he hum Poema Descriptivo, onde a Natureza deve brilhar com todo o seu ornato singélo. Ameaçar o Camponez o seu Rival, he costume ordinario entre esta Gente dos nossos campos: eu tenho visto por ciumes, e por outras cousas de nenhum momento as maiores desordens, e mesmo assassinios, maiormente nas Feiras, no fim da Missa, ou outros actos, em que os rusticos se juntão, sem que haja forças humanas, que os possam accomodar, nem o respeito do Braço Judicial, que muitas vezes com o vigor perdido, busca na fugida poder evitar a morte.

8.

Musica, sonorosos instrumentos, (Pag. 42)

He na verdade o quadro mais formoso vêr huma familia nos sitios da Outrabanda quando n'huma tarde serena vai pescar, ou passear ao Têjo, levando no Barco esplendida merenda, que vai servir-se n'alguma quinta á margem do Rio, por exemplo, no Alfeite, no Outeiro, ou hum pouco pela terra dentro, como na grande, e aprasivel quinta dos Dominicos no sitio da Piedade, termo de Almada, para o que então ervaem muito os burrinhos: quasi sempre acompanha n'este divertimento hum concerto de Musica vocal, e instrumental! Acontecia isto frequentes vezes nos tempos dourados de Portugal, principalmente em Festas de Igreja, Cirios, Romarias, etc. bens que acabárão, *et quorum pars magna fui!* Hoje são desertos, e tristes os lugares, que formão estes — *Campos ubi Troja fuit!*

9.

Oh! vida encantadora campesina, (Pag. 43)

Non aïia est sceleris magis expers vita, beato
 Quamquæ rure piis agitur longæva colonis,
 Ambitione procul, miseraque cupidine lucri.
 Hinc hominum patrem, Mundi Deus Author agrestes
 Edidit inter opes; retro labentibus annis,
 Aurea siqua dedit mortali sæcula genti,
 Agricolis fluxere viris; atque illius ævi
 Siqua relictæ manent vestigia, rure supersunt;

Floret ubi Sacra Religio, Cultusque Supremi
 Numinis; unanimes ubi cernitur inter amicos
 Nuda fides; hostes inter placabilis ira.
 Hic tenui victu, studioque laboris aluntur,
 Justitia, et Pietas: irritant oppida luxum,
 Luxus avaritiam, scelus hæc prorumpit in omne.
 Vaniere. Præd. Rust. L. 7.

10.

Alegre á casa dos Bichinhos leva, (Pag. 44)

Não póde assaz lamentar-se o descuido, que tem havido no nosso Paiz sobre a criação dos Bichos da Seda, que tantas riquezas accumula em outros Reinos, e se faz hum objecto digno da maior attenção. Não duvidamos que hum Monarcha tão amigo do seu Povo, como hum D. Joseph I, e hum Ministro tão desvellado pelos interesses do seu Rei, e da sua Patria, como hum Marquez de Pombal, não fizesse quanto he possivel para estabelecer no Reino de Portugal hum Ramo de Agricultura como este, tão interessante.

11.

E o Pomo Persico formoso comem (Pag. 47)

O Pecego.

E o Pomo, que da Patria Persia veio
 Melhor tornado no terreno alheio.

Cam. Lusiad. Cant. 9. Est. 58.

Sería esta mudança devida á cultura, ou á in-

fluencia do clima? A qualidade venenosa attribuida ao Pecego em seu terreno natal seria attributo delle, ou o mal que produzia estava na disposiçao do estomago daquelles Povos? Quando Carlos III fundou a Carolina com familias Alemães, estas colhião as cebolas albarrãs, para, conforme o uso do seu Paiz, as comerem em sallada; e esta planta, que lá era para elles inocua, produzia no novo Domicilio a morte, ou pelo menos, graves enfermidades em quantos a comêrão. Neste caso parece, que influa o clima; mas se o Pecego na Persia produzisse ruins effeitos nos Europeos, he crível que elles se occupassem em transplantar para a sua Patria, e aclinar nella hum Pomo, que os matava?

12.

Quando subito escuto alto sussurro (Pag. 48.

Depois de bloquear o Porto de Lisboa, forçou a entrada do Téjo huma Armada Franceza no dia 11 de Julho de 1831, pelas duas horas e meia, ou tres da tarde, com o que se atemorizou o Povo desta Capital, que tal não esperava, isto he, a Plebe. Os Francezes, conseguidos os seus fins, continuarão a tractar como d'antes os Portuguezes com Politica. Os ajustes do Tractado podem vêr-se nas Gazetas desses dias.

13.

Em Outeiros o Vate a Musa invoca (Pag. 52

Como he provavel que este Poema chegue algum

dia ás mãos de Estrangeiros pouco instruidos de nossos costumes, para que se não enganem com o sentido deste Verso, e pensem, que eu disse, que os Poetas andavão versejando pelos montes, como as Bacchantes andavão pelas cumiadas do Cytheron, será bom deixar-lhe aqui explicado o que são, ou para melhor dizer, o que erão os Outeiros em Portugal. Outeiros chamavão-se certos ajuntamentos de Poetas, que em algumas funcções, *verbi gratia*, na eleição de huma Abbadeça, nos annos de alguma Freira, ou Recolhida apaixonada de algum delles, pela alta noite se propunhão a discorrer de improviso sobre qualquer assumpto, ou Mote, que se lhes dava. A estas funcções concorrião as Pessoas mais qualificadas da Côrte, porque nunca alli se transgredião as raias da decencia, e a Poesia, e as Létias estavão então em tanto apreço em Lisboa, como hoje o Vinho, Pai de desordens, especialmente em animos mal creados; e como reinavão os bons costumes, a plebe que não era insolente, e desaforada como agora, longe de intrometter-se nestes concursos, se retirava delles com respeito. Hoje, pelas razões expostas, hum Outeiro sería a causa de hum tumulto, que daria em ultimo resultado huma numerosa Colonia para povoar as Cadeas, com grande prazer dos Carcereiros. Ainda hoje lembrão com saudade a nossos Velhos os Outeiros célebres do Convento de Chelas, quando alli estava a Marqueza de Alorna, e suas filhas, cuja belleza, e talentos chamavão a obsequia-las os melhores Engenheiros da Côrte; era alli, que o Garção, e o Quita, Domingos Pires Monteiro Bandeira, Secretario da Mesa da Consciencia, os Desembargadores Do-

mingos Monteiro de Albuquerque, e José Ferreira Barroco, Mattos, e o Padre Macedo, (não o zoilo dos nossos dias) Domingos Maximiano Torres, e o grande Francisco Manoel, hião, duas vezes por semana, fazer alarde de seus talentos, e disputar a palma de improvisar. O apreço do improviso foi gradualmente decahindo á proporção que hia decahindo o gosto das Bellas Letras, e progredindo a ignorancia, e com ella perdendo-se a estima dos prazeres honestos. Hum unico homem fez por algum tempo reviver o Improviso, e este foi Bocage, cujo raro talento neste genero assombrou a todos os, que tiverão a fortuna de ovi-lo. Este Poeta com justiça, tão celebrado, teve a felicidade de viver n'hum EPOCHA em que havia quem fosse capaz de conhece-lo, e de lhe fazer justiça.

14.

Já de Touros, na tarde deste dia, (Pag. 52)

O furor pelos combates de Touros he humia enfermidade moral, que os Mouros deixárão na Peninsula, e de que Hespanhoes, e Portuguezes não mostram disposições de curar-se, apezar de por isso os Estrangeiros os apodarem de Barbaros; e de muitos Escriptores Nacionaes os haverem disso severamente reprehendido. O piedoso Fr. Luiz de Souza declama com toda a energia da eloquencia contra este atroz divertimento, que elle acha opposto a toda a boa Moral, e ao Espirito do Evangelho, que nos ensina a mansidão, e a piedade; e de certo nada parece mais contrario a estas Maximas, que divertir-se hum Povo em vêr atormentar, e despedaçar animaes

innocentes pela mão de homens, e ás vezes homens pelo furor dos animaes, e he bem natural, que houvesse menos homicidios, se aquelles, que os perpetrão se não habilitassem para derramar o sangue humano, vendo tão frequentemente derramar o sangue dos brutos. O judicioso *Quevedo* na sua Epistola ao Conde de Olivares, igualmente condemna os combates de Touros nos seguintes versos:

Gineta, y cañas son contagio Moro,
 Restituyan-se justas, y torneos,
 Y hagan paces las capas con el Toro.

15.

Dá do Divertimento signal certo (Pag. 52)

O Padre Vaniere no seu elegante Poema = o Predio Rustico = nos deixou a seguinte descripção de hum Combate de Touros.

Nonne vides ut Ibera paret gens fortia bello
 Pectora, Taurorum cursus, instructaque festas
 Prælia concelebrans veteri de more, per urbes?
 Namque ubi consedere viri, pictisque sub armis
 Egregius stetit in medio bellator arena,
 Tela solo defixa tenens; jactata per auras
 Impavido Taurus petit irritamina cornu.
 Demissis ad terram oculis, dum pronus in hostem
 Irruit, objectam contra nec respicit hastam
 Ferri aciem petit imprudens; et vulneris author
 Ipse sui, fracto demittit in ossa cerebro,
 Præcipiti tantum nocet acrior ira duello!

Sunt qui bina feri Bovis inter cornua, pellem
 Inpingunt oculis piceatam, et luminis orbem
 Sanguineis urgent stimulis impune juvencum,
 Ille caput quatit, et risum tollente corona,
 Huc, illuc incertus abit, cœloque requirit
 Arrecta cervice diem, dumque irrita jactat
 Cornua, et in ventum vires effundit inanes,
 Usque novis foditur telis, totumque pererrat
 Purpureo signans sanguinis vestigine, circum.
 Nunc ab equo pugna qui nobiliore lacessit
 Terribiles ira Tauros, nec fraude, nec ullis
 Utitur insidiis; animo, viridique juvena
 Fretus, equum citat, et pugnae preludit, in arctos
 Quadrupedem flectens orbis: tum provocat hostem,
 Qui cum carceribus præceps irupit, et ictum
 Jam stricto propior cornu, meditatur, habenam
 Flectit eques celerem, gyroque elapsus euntem
 Impetit, longa Taurum ferit impiger hasta.
 Ille dolore ferox sequitur per aperta volantem
 Equora quadrupedem; sed idonea tempora captans
 Instat eques, vulnusque ferens lethale, juvencum
 Sternit humi, victorque virum conversus in ora
 Laude sua fruitur tacitus, plausuque faventum.

Vaniere. Præd. Rust. L. 16.

AO CANTO TERCEIRO.

1.

Que desde o sevo Achilles até hoje, (Pag. 59

Achilles, filho de Peleu, Rei de Thessalia, e de Thetis, filha do Oceano, he o Heróe da Iliada de Homero. Fez grandes proezas no cerco de Troya, e entre innumeraveis inimigos, que alli matou, foi hum delles o grande Heitor, o mais valente dos Troyanos. Havendo-se porém namorado de Polixena, filha de Priamo, Rei de Troya, foi ao templo de Apollo Thymbreo para a receber por Esposa. Páris, Irmão da Princeza, desejoso de vingar a morte de seu irmão Heitor, escondido detraz da Estatua do Nume, o matou com huma setta, ferindo-o no calcanhar, unica parte por onde Achilles não era invulneravel.

2.

Movendo os cães as caudas vão diante, (Pag. 62

Talibus instructus monitis Venator, opacos
 Manè petit, tellus albet dum roscida, saltus.
 Prævius it loro Catulus devinctus, odora
 Rimetur, qui nare feram, et vestigia nactus
 Certa pedum, late gressus, caudaque trementi
 Admoneat Dominum, neque jam dubitanter oberrat,
 Compressa sed voce petat ramosa latentis
 Tecta Feræ.

Vaniere. Præd. Rust. L. 16.

3.

Pera cabaça, co' a bujarda, e d'agua, (Pag. 63)

Ainda que aqui ponho os nomes de alguns fructos, que parecem desconhecidos, com tudo elles são authorisados, e vem no Indiculo Universal. Tal questão não me importa decidir; conforme as diversas regiões, são differentes os nomes de certas cousas. Huma especie ha de Uvas, que nos sitios da Outra-banda do Téjo se chama = Tália =; talvez os homens instruidos a desconheçam pelo nome, mas nenhum rustico se engana com ella; e homens Sabios, que possuem Quintas, não lhe dão outro, posto que talvez o saibão. O mesmo acontece com as hervas, flores, plantas, etc. medicinaes, que para o vulgo tem diversos nomes dos que lhe dão os Botanicos, etc. quanto a mim sigo o = *Si volet usus* = como diz Horacio na Arte Poetica.

4.

De Bacalháo não falta alli a posta, (Pag. 64)

Neste tempo chamão-se Tanoeiros para concertar o vasilhame das Adeegas, e nos Armazens de retem o que serve para as tiradas dos vinhos, que vem dos Lavradores: he neste tempo que elles tem mais, que fazer, do que em qualquer outro do Anno, por isso os donos do trabalho para os contentar não lhe faltão com vinho, e petisco, para o que costumão pôr sobre huma cabeça de pipa, ou casco huma posta de Bacalháo crú, ou cozido, e ás vezes assado, pão,

e grande pichel de vinho velho; em partes he huma caneca de páo. Elles durante o trabalho contão diversas petas, ditos galantes, novellas, contos de velhas, bruxas, etc.; e de quando em quando vão, como se diz, molhar a palavra: não só elles, mas Carreiros, Fragateiros, que chegão, ou partem; os Catareiros, que conduzem os donos da fazenda, em fim quantos servem, ou vão a casa, fazem de ordinario o mesmo; e se o dono he poupado, não lhe faltão pragas, e ás vezes não o querem servir. /

5.

Ou pesada segure de aço fino. (Pag. 65)

Julgo ter certa ferramenta de Tanoeiro este nome da palavra Latina = *Securis* = Machadinha = pela semelhança, e uso de cortar, e lavrar madeira para pipas, barrís, toneis, etc. Contão os Mestres deste Officio que não tendo aquella peça nome, passára hum Rei por onde estavam trabalhando huns Tanoeiros, a quem o Monarcha disse = *Segura*, bebendo = ao que respondêo hum (talvez o maior) que agradecia a ElRei a graça de dar nome ao tal instrumento. Cada qual escolha a opinião, que lhe parecer.

6.

Quando eis que Franciscano pobre Frade. (Pag. 66)

Parece que nos campos pozerão seu Throno as Virtudes á porfia. A caridade alli entre a gente camponeza acha abrigo certo. Os Religiosos Mendican-

tes no tempo da colheita pelos Lavradores juntão as cousas mais necessarias para a vida, como são o Trigo, o Milho, o Vinho, Azeite, Legumes, Alhos, Cebolas, etc. Redobra-se nestes dias o prazer dos Agrícolas com a vinda d'estes homens tão odiados de certas pessoas, a huns pedem Contas, a outros Reliquias, confessão-se com elles, e elles promptos a tudo satisfazem; e ficão tão contentes aquelles Povos, que nunca julgão fazer-lhe falta o que dérão para sustentar os que outros chamão *ociosos, e mandriões!*

7.

O Mundo abandonei, deixei o Mundo. (Pag. 70)

Por todo o discurso do Frade se vê que elle deixára o Seculo pela depravação dos homens, com quem vivia; e falla em geral dos crimes, e atrocidades dos homens, e não em particular, por não cahir na culpa da murmuração.

8.

O delicado corpo n'agua mette. (Pag. 76)

De todos os remedios, que a impostura Medica tem inventado para curar a quem não está doente, nenhum podia ser mais grato ás Senhoras, que os Banhos do mar. Elles lhes fornecem pretextos para sahirem de casa, e fallar com liberdade aos amantes, de passar hum, ou dous mezes fóra da Terra em continuados divertimentos, etc. Ora he preciso con-

fessar que he este o unico caso, em que a doença tem vantagem sobre a saude.

9.

Impertinente gaita vai tocando. (Pag. 79)

Estou certo de que este Verso não terá approva-
ção de hum dos meus Mestres, que tinha a gaita
de folles com acompanhamento de tambor, pela Mu-
sica mais deliciosa do Mundo. Estando este Poema
acabado em 11 de Novembro de 1831 já na mão do
Senhor José Maria da Costa e Silva, para o rever,
apparecêo em Maio de 1832 o seu estimado Poema
= *A Heroína de Aragão*. = He facil de vêr que não
foi copiada a descripção d'esta Feira, nem da Festi-
vidade, que são originaes: alem de que a sua he mui-
to superior a esta, e elle não approvaria que eu fosse
seu Plagiario.

10.

Innocentes Pombinhos, Rolas, Patos. (Pag. 83)

Se as Camaras, e Ministros Territoriaes tivessem
cuidado com a Moral Publica, e zêlo pelos bons
costumes, deverião prohibir rigorosamente nos seus
districtos estas corridas de Patos, e outras Aves, que
tendem a desmoralisar o Povo, tornando-o malfaze-
jo, e embotando-lhe o sentimento precioso da sensi-
bilidade pelo costume da effusão de sangue: deverião
igualmente os Parochos levantar a voz contra estes
divertimentos ferozes, e ridiculos, que bem examina-

dos, todos tem principio em antigas superstições, e restos do Paganismo.

II.

Das desordens noticias dando tristes. (Pag. 83)

Estas desordens, e tumultos, tão frequentes em nossas Feiras, provão claramente que a civilisação entre nós apenas tem penetrado as primeiras camadas da Sociedade, jazendo o resto em vergonhosa barbarez. Os moradores de huma Aldeia são inimigos natos dos moradores de outra Aldeia visinha, e reciprocamente se afrontão com epitetos, e alcunhas ridiculas, e d'aqui nascem odios interminaveis, porque se transmittem de Pais a filhos. Em Vialonga, proximo a Lisboa, ha huma Freguezia, que abrange tres Lugarejos; os Selvagens, que os habitão, são tão inimigos, que para se não juntarem huns com outros, tem a Igreja repartida em tres lugares distinctos, em que assistem á Missa, ficando huns na Capella Mór, outros no Corpo da Igreja, e outros debaixo do Choro, sem que algum destes ternos sofra entre si individuo de outro. Estes odios herdados dos nossos rusticos, e huma brutalidade, que elles chamão = valentia = faz que concorram ás Feiras, e outros ajuntamentos, para renhir com os seus adversarios, nascendo daqui pancadas, feridas, e mortes, como disse em outro lugar. Taes são os fructos da ignorancia dos Povos, que tantos Politicos insensatos recommendão como meios de os governar, e ter sujeitos; mas se a ignorancia produzisse a submissão, e a Paz interna dos Estados, quem mais ignorante que os Turcos, e os Mouros da Barberia? E com tu-

do onde nos aponta a Historia mais repetidas turbulencias, e revoluções? Mais Sultões, e Beis assassi-
nados? Desenganemo-nos; o que em si he hum mal,
não pode produzir bem algum; logo bem nenhum
pode produzir a ignorancia, que não só he hum mal,
mas o maior de todos os males!

NOTAS AO CANTO QUARTO.

1.

Vegetaes esqueletos representão. (Pag. 88

Arbres depouillés de verdure
Malhereux cadavres des Bois.

J. B. Rousseau.

2.

Do fumo Mexicano uso fazendo. (Pag. 92

A idéa da Poesia traz consigo quasi sempre a da ficção, e por isso penso que as pessoas, ás mãos de quem este Poema dó meu amigo irá parar, ignorando a maior parte dellas a Medicina, não duvidarão tomar este Verso como devendo passar com privilegio de licença Poetica: mas para que se lhe faça mais justiça, he necessario que fiquem sabendo (aquelles, que ignorão) que o fumo do *Tabaco* (fumo Mexicano, de que o Poeta falla) introduzido pelas aberturas naturaes, especialmente pelo *anus* em grande quantidade, tem desde época mui remota sido considerado como hum dos meios de chamar á vida as pessoas afogadas: e huma Sociedade, que se estabelecêo em Amsterdam nomeada no Seculo passado para soccorrer os afogados, he este o primeiro meio, que aconselha nas suas instrucções: seja-me licito fallar assim, tem-se resuscitado immensidade

de pessoas, que muitas horas se conservarão afogadas, e debaixo da agua. Muitas são as obras, que apregoão esta verdade. (Do Illustrissimo Senhor Doutor João Januario Vianna de Rezende.)

3.

..... Ao claro Cinthyo inspira. (Pag. 93)

Sobrenome de Apollo, que lhe foi dado em razão do Templo, que tinha no monte Cinthyo, onde os antigos lhe celebravão festas primorosas.

*Cum canerem Reges, et praelia Cynthius aurem
Vellit, et admonuit.*

Virg. Eclog. 6. v. 3.

4.

Aqui, Lucinda, vês também no Inverno
O campo he aprazivel, deleitoso! (Pag. 94)

Entre os muitos prestimos, que o Jesuita Dois-sin, excellente Poeta Latino, encontra na gravura, he hum d'elles o representar em suas Estampas aos amadores do campo as bellezas delle, quando o máo tempo, ou a enfermidade lhes prohibe sahir de casa. Presumo que os Leitores lerão com gosto estes lindos Versos, que serão, julgo, novos para quasi todos pela raridade da Obra, de que fazem parte.

Nunc scalptas rerum effigies, tenuique papyro
Impressas relegens, veterum monumenta virorum

Quæ tenuis passim decorabant atria villæ,
 Aureis ad muros clavis affixa decenter,
 Ordine quoque suo, et vitri munimine tecta;
 Nam, quamvis prudens rerum, ac subtilis amator,
 Peniculi multi faceret, cœlique labores,
 Sculpturæ tamen ante alias ardebat amore,
 Quæ plura afferret spatio simulacra minori,
 Et statuas posset, posset supplere tabellas.
 Mane novo flores ibat visurus amicos,
 Rursus invisebat flores, cum fervidus æstu
 Sol medium Cœli cursu transcenderet axem:
 Denique noctivagos cum Luna accenderet ignes,
 Tunc iterum ad flores, iterum revolabat in hortos,
 Ast idem, affixum lecto si dira Podagra,
 Aut laterum dolor, aut tussis retineret anhela,
 Quippe epulis quondam exactæ, noctesque, diesque
 Tot gravia attulerant ægreis incommoda membris,
 Multiplices florum species, quas scalpserat ipse
 Afferri sibi curabat, calthamque rubentem,
 Liliaque, et Violam, et ferrugineos Hyacinthos,
 Et sic ingrati fallebat tœdia lecti,
 Spectando fictos, naturæ imitamina, flores,
 Quos neque lædit hyems, nec prægravat auster aquosus,
 Nec rapidi exurit metuenda potentia Solis:
 Ast etiam immortale decus per frigora servant
 Cum toto Boreas miscet færa prælia cœlo,
 Et flatu horribili nemorum populatus honores.

Doissin. Scapt. L. 3.

5.

No principio creou DEUS Ceo, e Terra: (Pag. 100)

In principio creavit DEUS Cælum, et Terram.

Genesis Cap. 1. v. 1.

6.

Nest'outra Sala vês da Natureza

Brilhante os Elementos nestes quadros. (Pag. 101)

Ainda que o A. aqui conserva o nome de *Elementos* á Agua, Terra, Ar, e ao Fogo, deve-se observar que só o faz assim por melhor se accommodar isto á Poesia, e saber que esta sua Produccão ha de tambem vir a ser lida por pessoas, que talvez só desta sorte a entendão. Não devendo esta obra entrar no número d'aquellas, que tractão de investigações tão subtís, como as que dizem respeito ao estudo de *Physica*, e de *Chymica*, deve permittir-se este modo de expressar-se conforme á *Philosophia* antiga: comtudo o A. conhece perfeitamente qual he o estado actual dos conhecimentos humanos ácerca deste objecto; sabe que só se pode chamar *Elemento* áquillo, em cuja composiçã fosse indispensavel não entrar inais que huma ordem de molleculas simples, cujo corpo unido a outros podesse dar principio a novos seres; sabe que os pertendidos *Elementos*, se não todos, pelo menos tres, tem sido decompostos; e convem com os *Chymicos* modernos que

este termo se deve riscar da linguagem scientifica, e substituir-se-lhe o de *Corpos Elementares*, que será dado a esses, que, bem que a nossa imaginação nos conduza a reconhecer como compostos, comtudo os meios, que temos ao nosso alcance, não fôrão ainda sufficientes para assim o provar; e o numero d'estes, bem longe de ser de quatro, sóbe hoje a 56, os quaes não enumero por evitar prolixidade. Entretanto não deixarei de notar que elle pode augmentar, ou diminuir com os progressos ulteriores da Sciencia, visto que para o futuro podemos achar, como he de esperar, novos corpos, cuja composição se ignore, e vir ao mesmo tempo a conhecer a composição, que hoje ignoramos d'esses, que possuímos.
(Do Illustrissimo Senhor Doutor Vianna de Rezende.)

7.

O Mancebo Pastor de Admeto louro. (Pag. 106)

Apollo. Havendo Jupiter fulminado Phaetonte, que mal regendo o carro do Sol, hía abrazando o Mundo, Apollo, Pai de Phaetonte, querendo vingar a morte do Filho, traspassou com as suas settas os Cyclopes, que havião forjado os raios: tão antigo he o pagarem os pequenos o mal, que fazem os grandes! Jupiter indignado contra Apollo o desterrou do Ceo. O Numen banido das moradas Celestes, e sujeito a todas as privações da Humanidade, se assoldadou com Admeto, para lhe guardar os gados. Vivendo entre os Pastores, começou a ensinar-lhes as Sciencias, e as Artes, e aquelle Paiz se hía assim tornando a imagem do Elysio: Jupiter, e os mais Deo-

ses invejando tanta ventura nos homens, levantarão a excommunhão a Apollo, e o restituirão de novo ao Olympto.

8.

Io, que Vacca foi, e vagabunda. (Pag. 107)

Io, filha do Rio Peneo, havia-se consagrado ao culto de Diana. Jupiter se namorou da sua belleza, e perseguindo-a em hum bosque, lhe embargou a fuga, cercando-a com huma densa nevoa, e assim pôde satisfazer com ella a sua paixão. Juno desconfiada d'aquelle repentino nevoeiro, descêo á terra, Jupiter persentindo-a, transformou Io em Vacca. Juno lh'a pediu, e entregou a Argos, Pastor, que tinha cem olhos, e que continuamente a vigiava. Mercurio por mandado de Jupiter matou a Argos, livrando assim a Nympha, que tornada á sua figura, foi adorada no Egypto com o nome de Isis. Esta Fabula foi apontada por Camões neste Verso:

Io foi Vacca, Jupiter foi Touro.

Ecloga 6.

9.

Alli o moço Adonis, que formoso. (Ibid.)

Adonis, filho de Myrra, e de seu Pai Cyniras, Rei de Chypre, foi hum mancebo tão formoso, que Venus perdidamente o amava. Sendo morto por hum Javalí, foi tal a magoa de Venus, que Jupiter o resuscitou.

10.

Olha o lindo Narciso á fonte junto. (Pag. 107)

Narciso foi filho da Nympha Liriope. Sua Mãe consultando a Tyresias sobre o fado do menino, lhe respondêo o Vate que viveria longo tempo, se não se visse. Foi amado de diversas Nymphas, e a todas desprezou, e em especial por Eccho, que se consumio de magoa. Vendo-se Narciso em huma fonte, se namorou tanto da sua imagem, que alli perecêo. Os Deoses o transformárão na flor do seu nome.

11.

O Iris multi-cor já no Horisonte. (Pag. 108)

Iris, filha de Thaumante, e de Electra, era a mensageira dos Deoses, e particularmente de Juno.

12.

Cantando as raparigas a Azeitona. (Pag. 109)

He o trabalho último do campo a colheita do Azeite. Posto que seja no Iuverno que se apanha, e móe a azeitona, não deixa de ser bem agradavel então o campo, e tanto como nas outras Quadras. De manhã pelo rigor do frio, e da neve, vadeando poças de agua gelada, quebrando o caramello, vão cantando as moças munidas das varas de varejar azeitona, e de cestos para a recolher, depois de ter comi-

do ao almoço huma assorda de alho, ou hum bocado de pão de milho quente molhado em azeite novo, e huma pouca de agua-pé, outras vezes as suas papas de milho com mel. No apanho da azeitona as acompanhão varios mancebos para as ajudar no trabalho, os quaes comem, e bebem, e muito se divertem na companhia de suas amadas. Depois de passarem no campo todo o dia, os moços curiosos da caça, muitas vezes recolhem boa cêa de Perdizes, Lebres, Coelhos, etc. Voltão á noite para casa de seus amos, e no lagar, junto ao fogo enxugão os boreis, de que se vestem, comem a — *tiborna* — que he hum manjar muito estimado então no campo (de que muitas pessoas delicadas gostão) feita de pão de milho fervendo, e penetrada pelo azeite, que sahe feito até fazer-se em huma sopa, á qual ajuntão muitos alhos, e usão de agua-pé em lugar de vinho para acompanhar esta iguaria, para elles mais deliciosa, do que os manjares das mais exquisitas mesas dos Sybaritas.

13.

De Castanhas magustos, ou bolotas. (Pag. 110)

Dão os nossos Provincianos o nome de *Magusto* a huma assada de Castanhas, ou bolotas, em algumas partes, como no Alemtejo. Juntão-se para isto no dia 1.º de Novembro, e outros dias as familias de amizade, e parentesco, e fazendo grandes fogueiras de lenha, que deixão arder até ao fim, depois de apagado o fogo, naquelle borrarho lanção quantidade destes fructos, que alli fazem assar, e depois de mil transportes de prazer, ditos engraçados, saltos

dos mininos, as tirão para fóra, e com grande gosto comem, bebendo em cima o generoso licôr puro, que tantos louvores alcança ao alto Douro, e outros lugares, onde em Portugal em tanta copia se cria. Meninos, mancebos, moças, Damas, e tudo quanto o campo então habita destas innocentes, e até muito illustres Pessoas, amão tanto este manjar, que até na Côrte em dia de *Todos os Santos* suspirão por elle, e delle com saudade fallão.

14.

Das Criadas ouvindo antigos contos. (Pag. 110.)

Ainda entre nós se conservão mil prejuizos ácerca de bruxas, feiticeiras, sonhos, fadas, magias, encantamentos, e outras cousas bebidas com o leite de nossas Mães, e Amas, que transmittindo taes prejuizos ás crianças, estas depois de adultas os passam a outras, e assim vão de Pais a filhos, sem que acabem. Comtudo este mal he sem comparação menor, que as doutrinas do presente Seculo, que arruinão, e lanção por terra a Moral dos homens, e a Sancta Religião de Jesus Christo tanto enxovalhão. Eu, que não dou crédito aos primeiros, não posso olhar sem horror para os segundos. Vejo crianças fallando em materias anti-Religiosas, que parecem huns arguentes n'humas Conclusões publicas; vejo homens faltos de instrucção, Misteres de Officios, etc. lendo, e prégando doutrinas infernaes bebidas em livros, que elles não entendem, isto com grave prejuizo da Moral publica. No campo as moças á luz da candeia fiando, tecendo, fazendo meia, escamizando o milho,

escolhendo o trigo, o feijão, e outros legumes, etc. nas enfadonhas noites do Inverno, com huma Santa Velha á sua testa, de cuja bôca pendem, como Dido da de Eneas, estão alli esquecidas de todo o Mundo, e muitas vezes aquellas petas envolvem sua moralidade, que não deixa de ser proveitosa, ensinando a fugir d'aquelles perigos, que acontecerão (dizem as velhas) n'outro tempo, e seguir a estrada da virtude, etc. Não só moças, mas rapazes, e homens escutam estas fabulas, e não vejo que tenham dado tanto trabalho aos Governos, para reprimirem seus excessos, nem que os Patibulos vergassem com seu peso tão a miude, como os Sabichões, e Philosophos, de que acima fallo.

FIM DAS NOTAS.

AO SENHOR MAURICIO JOSE' SENDIM,

RETRATANDO O AUTHOR DO POEMA

AS ESTAÇÕES DO ANNO.

SONETO.

Do tempo devorante a fouce dura
 Não póde destruir, lançar por terra,
 Do Author da Natureza as Obras; erra
 Seus golpes, e rebate-os a Pintura.

A belleza do Ceo, a formosura
 Do Mundo o Pincel fino, a dura guerra,
 E a tão-amada Paz que em DEOS se encerra,
 A's Leis do Fado rouba, e á sombra escura.

Se só tem os Poetas, e os Pintores
 D'eternisar as cousas liberdade,
 Não temo já da Morte átros horrores.

Viverás em meus Versos, rubras flores.
 Te coroão, Sendim, na Eternidade,
 Serás na Lyra célebre, e eu nas côres.

AO MESMO SENHOR.

SONETO.

Do Parnaso o furor em mim se atêa ;
Apollo inspira , e as Musas com imperio ,
Ao Vate escreva mandão do Pierio
De Sendim a virtude não alhêa.

Seu Pincel fino os olhos lisongêa ,
Se o azulado pinta Campo Etherio ;
Se de hum DEOS elevado algum Mysterio ,
Se põe de Reis ao lado a Sábia Astrêa.

Oh ! Arte Divinal ! Sacra Pintura !
Das mãos da Natureza , tu sabiste ,
Creador descrevendo , e Creatura !

Se do Tempo ao furor não permittiste
Os Heróes sepultar em sombra escura ,
Em Sendim mais realce conseguiste !

O D E.

Já Nuvens transcendeste, aos Ceos subindo
 De Silvio (*) na Sublime, Immortal Penna;
 Do renome no Templo te coroão
 Da Immortal Fama os Louros.

Da Natureza o Quadro portentoso,
 Em Teu Pincel encontra o forte Escudo,
 Com que ás garras arranques de Saturno
 De primor Obras suas.

Não procures, Sendim, ser em meus Versos
 Elogiado; hum Cisne canta Luso,
 Luso que em Portugal com fama, e gloria
 De Cisne o Nome alcança.

Não julgues adular-te; não procuro
 Merecimento alçar com vil lisonja:
 A gratidão me impelle, ordenão Musas
 Teu Nome eterno seja.

(*) Na bellissima Ode, que o Senhor José Maria da Costa e Silva lhe fez quando o retratou no seu excellente Poema = Heroína de Aragão. =

Hum Vate retratando ao Mundo ostentas
O muito Amor, que ás Musas votas doutas;
Ellas em plectro de ouro teus Louvores
Sobre os Astros collocão;

E onde Raphaelis, e Angelos morão,
Nas Ethereas Moradas, por tal Arte
Assento te destinão glorioso,
E ao Vate, a quem retratas.

Do Author.

Ao A. deste Poema dirigio o Senhor José Maria
da Costa e Silva a seguinte

EPISTOLA.

Poesia, e Religião nascêrão juntas
Do primitivo Mundo em aureos dias.
Os singélos Mortaes, todos Pastores,
Em derredor das aras se juntavam
De hum Louro, ou Cedro, ou de hum Carvalho á sombra,
E ao Senhor do Universo offereciam
Grato louvor em magestosos Hymnos.
Preceitos de Moral em verso expunham
Os antigos Poetas, e isto explicam
As engenhosas Fabulas, que pintam
Orpheo co' a Lyra humanizando as Feras:
Feras eram os barbaros Selvagens
Sem costumes, sem Leys, sem Culto, ou Artes,
Vivendo do Arco pelos densos bosques,
E que o Canto dos Vates reduzira
A' civilisação! Mas quando os vicios
A Humana Sociedade corromperam,
Quando a Ambição armou de ferro, e fogo
O braço de fataes Conquistadores,
Que em devastarem o terreno alheio,
Sua gloria pozeram, a Poesia
Tambem degenerou; então na Lyra
Soáram nomes de crueis verdugos
Da triste Humanidade, e foram Numes

Com os nomes de Jupiter, de Marte,
De Osiris, de Lieu quantos perversos
Com seus crimes a Terra enxovalharam.
Deo altares o Mundo á incasta Venus,
E á dissoluta Flora: Incestos, Roubos,
Adulterios, traições, cruéis vinganças
A legenda dos Deoses composeram.
Creu-se indole divina a Tyrannia,
E as Mays Carthaginezas applacavam
Dos Filhinhos c' o sangue o atroz Saturno.
Veio a Revelação banir da Terra
Horridos cultos, barbaros costumes,
E dos templos Pagãos sobre as ruinas
Os Templos do DEOS Vivo se erigiram!
Porém do Norte os Barbaros Guerreiros
Com fervor abraçando o novo Culto,
Seus ferozes costumes conserváram;
Vivos na fé, prováram-na co' a espada,
Por DEOS, e pela Amada combatiam.
Com despojos de bellicas rapinas
Opulentos Mosteiros levantáram!
O Juizo de DEOS se conhecia
No exito d'hum Duelo! desairoso
Era o Saber, e o cultivar os Campos
Triste mister de Escravos!... que fariam
Desta barbara idade os rudes Vates?
Cantar armas, amores, Cavalleiros
Vencedores em justas, e torneios.
Da Illustração a Estrella alfim na Europa
Sua luz difundio! e o Christianismo,
Puro como sahio das Mãos do Eterno,
Magestoso reinou! do Entendimento
Foi pouco a pouco as trevas desbastando.

A sãa Phylosophia, as Artes bellas,
E uteis Sciencias, repulindo os Povos,
De ventura, e prazeres os cercaram.
Da primitiva gloria então lembrados
Maravilhas de DEOS cantáram Vates,
E o saber se explicou co' a voz das Musas.
Então Tompson do Thamiza nas margens,
Das Estações o quadro colorindo,
Nos fez vêr mais formosa a Primavera
De lindas flores revestindo os Campos;
O Estio em carro ardente derramando
Benefico calôr, que as ondeantes
Messes trocava n'hum Oceano de ouro;
O pomifero Outono, que convida
Das Cidades os tristes Moradores
Nos Campos a buscar prazer, saude.
O enregelado Inverno preparando
Com rigor aparente os bens futuros.
Cantor da Natureza o proclamaram
Da culta Europa os Povos, e o seu genio
Do assumpto ao pezo fraquear não soube.
Tu ousaste seguir a esteira sua,
Como Aguia nova, que da Mãy no trilho
Ensaia as azas, e remonta ás Nuvens!
Se grande o arrojo foi, jámais nas Artes
Hum espirito timido consegue
Colher as palmas, que cultiva a Gloria.
Poucos Alumnos numerou thegora
Na Patria nossa a Descriptiva Musa,
Segue-a, e poucos rivaes hão de afrontar-te,
Segue-a, e por premio alcançarás no Pindo,
De util Poeta o respeitavel nome.

AO MEU POEMA = *A PESCA.* =

O D E.

Foi dado aos Cysnes das nascentes Eras
Rasgar á Natureza o véo Sagrado;
Virgens flores colher n'alva do Mundo
Apenas germinadas.

Ricos desse verdor da adolescencia,
Que a Natureza a abrir lhes debuxára,
O bejo a quanto em flor tinha o seu gremio,
Inteiro deflorarão.

Breve, breve se usou o genial viço,
E o mimoso prestigio alfim se evade,
O gosto affez-se ao Bello, e já não sente
As graças já sentidas.

Mais terna sobre a lamina homicida
Coube á Phenicia Esposa hum pincel mago;
Hum ai, como o primeiro, já não custa
Huma segunda Elisa!

Ardão Jerusalens, ruão Dardanias,
 Volvão Homeros, resuscitem Tassos,
 Da Iliada o prestigio nunca move
 A maga novidade.

Tal he a Ley do gosto, ó Natureza,
 Que em vão Genios altivos reluctárão,
 Não déste ao Bello duas Primaveras,
 Segunda infancia ás graças.

Breve, de flor em flor se foi despindo
 O mimoso Vergel da Era das Graças,
 E alfim nos resta só da Aurora do Estro
 A saudosa tarde.

O Romantico, o Mago, o Fabuloso,
 Mal no berço dos Seculos brilhárão:
 Fervia o Genio no abundoso assumpto,
 Hoje esteril deflagra.

O Homem estava ao pé da Natureza,
 Era grande o Heróe, e grande o Vate;
 Formava a Phantasia o sentimento
 Do Original sublime.

Toda a Grecia era hum hymno, huma Poesia;
 O Sol, o Ar, o Ceo, tudo inspirava,
 Aqui Nymphas, alli Heróes, ou Numes,
 Paiz nato da Fabula!

Roma tinha inda gosto, e sentimento:
 A Harpa Ausonia inda achava a Regia lagrima;
 Sob huns Ceos de Romance inda fluia
 O Tybre suas aguas.

Forão-se as Nymphas, forão-se os Amores,
 A Magia, o Romance, o Genio, e as Fadas,
 Foi-se o prestigio, o Sec'lo não tem flores,
 O Mundo não tem alma.

Que he da Tempe, a Cythera, a Idalia, a Gnido,
 Pelas auras dos Divos bafejadas?
 Que he d'hum Ajax, Peleo, Jason, Tancredo,
 Que o estro agora abrazem?

Phantasias da infancia do Universo,
 O' flores da Era de famosos Vates!
 A nossa sem verdor já te não sente,
 O delirar formoso!

Que resta? algumas frondes esquecidas
 N'hum Campo, que ceifou a Antiguidade,
 Ou desfolhadas flores, já deciduas
 De mimosas grinaldas!

Cysne de Mantua, Trovador do Ismeno
 O genio da Epopeia inda recordão,
 Mas findarão co' as Eras fabulosas
 Os Heróes, e as Graças.

No luxo germinal da Natureza,
 Rude mão colhe afflux grupos, e flores;
 Na despida Estação sagaz Botânico,
 Nem o germen encontra!

Tarde pois, ó Filindo, em Estro absorto
 Epicos ermos fecundar intentas;
 Sem assumpto, que o erga, Era que o preze
 O genio se desmaia.

Faltão-te as Didos, faltão-te os Tancredos,
 O Paiz do Romance, Era das Fadas;
 Não te julgo qual és, vejo o que fôras
 Nessas idades aureas.

Teu genio cria o nada em existencia,
 No puro imaginoso ousas milagres;
 D'ávidos germens desenvolves flores;
 Em huma quadra ingrata.

A Noite, que entre as vagas revoltosas,
 Sumio do mar Threno a frota Dardana
 Mais ruidosa não foi, não foi mais atra
 Do que essa do teu quadro.

A Aurora, que luzio no Campo Ausonio
 Da triste Siloé nos iguaes plainos,
 Não tinha o mago-Róscio, as rozas virgens
 Que tu hi debuxaste.

Mas ai! não cabe o Epico ao meu Seculo
Embora altivo ardor teu quadro exalse,
E crie a-peito no adejo implume
A aza nova da Aguia.

Morreu, morreu c'os Sec'los a Epopeia;
Tu, mal tentas das cinzas revocalla,
Fulge o mago Pincel, as côres fulgem,
E o quadro se desmaia!

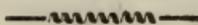
Feliz, quem rouba ao Pindo tantas flores,
Que Epicos louros, já ninguem reparte,
Nem póde o genio teu do tempo a culpa
Redemir no teu quadro.

Na Senda ao Cysue Ismenio, na Era de Ilion
Ao do Tybre nas Epochas de Ouctavio,
Voáras, se ares d'Ida, e Ceos d'Ausonia
Assim te bafejassem.

Estando já este Poema quasi impresso, me brindou com esta mimosa Peça de Poesia, hum rico, e ameno engenho, que faz honra ao nosso Seculo, elogiando aquelle Poema. Não a dou á luz por amor proprio, mas sim por se não perder huma Producção tão digna de seu Illustre Author.

C A T A L O G O

De algumas das Illustres Pessoas, que subscreverão para a presente Obra, cujo número não vai completo, por não ter á mão todas as Listas, nas quaes existe hum grande número, que farei imprimir na 2.^a Edição, que espero não tardará, visto a grande Assignatura que tem concorrido para a primeira: os que pude haver por ora são os seguintes:



Os Illustrissimos Senhores

Agostinho Antonio da Costa e Silva.
 Albino Antonio de Moraes e Castro.
 Anonymo.
 Anonymo.
 Anonymo.
 Antonio de Almeida Viveiros.
 Antonio Alvares de Carvalho.
 Antonio Alves.
 Antonio Ayres de Carvalho.
 Antonio Ayres Guerreiro Collaço.
 Antonio Caetano Mendes (Conego).
 Antonio Clemente Xavier de Oliveira (Conego).
 Antonio Esteves Costa. (Excellentissimo).
 Antonio Felix da Cunha.
 Antonio Germano da Veiga.
 Antonio Herculano de Figueiredo Cortilé.
 Antonio Ignacio da Silva.

- Antonio Joaquim Gomes de Oliveira.
Antonio Joaquim de Gouvêa Pinto.
Antonio Joaquim de Salgueiros Torres.
Antonio José de Faria Guião (Dr.)
Antonio José de Lima Leitão (Dr.)
Antonio José Nunes.
Antonio José dos Reis.
Antonio Manoel de Abreu.
Antonio Manoel Lopes de Carvalho.
Antonio Marcellino Pereira Bastos.
Antonio Maria de Couto.
Antonio Maria Lopes da Silva.
Antonio Maria de Sá e Abreu.
Antonio Maximo de Aguiar.
Antonio Mendes Duarte.
Antonio Pedro de Alcantara Sá Lopes.
Antonio Pereira Collaço.
Antonio Pereira Lima.
Antonio Pinto Coelho Soares de Moura.
Antonio da Rocha Guimarães.
Antonio Silvestre da Cunha.
Arcebispo de Lacedemonia (Excellentissimo).
Balthazar de S. Mamede.
Caetano Procopio Godinho de Vasconcellos.
Camillo Dias Leal.
Cardeal Patriarcha (Eminentissimo).
Carlos Honorio de Gouvêa Durão.
Clemente Antonio Rangel.
Clemente Fleutherio Amado.
Conde de Basto (Excellentissimo).
Cypriano João de Almeida e Silva.
Diogo Maria de Abreu Vasconcellos Pimentel do
Wabo.

- Diogo de Mascaranhas Valdez.
Diogo de Napoles (D).
Diogo Vieira Tovar de Albuquerque.
Domingos de Alvim (Fr.)
Domingos Augusto Xavier da Costa.
Domingos Manoel Annes Coutinho.
Eduardo Sergio dos Reis.
Eleutherio José Pimentel.
Feliciano Paes de Vasconcellos.
Fernando de Magalhães e Avellar.
Filippe José da Silva Laudal.
Filippe Neri da Conceição (Fr.)
Fortunato Antonio da Silva Guimarães.
Francisco de Assís Gomes Pinheiro.
Francisco Bonifacio da Costa.
Francisco Januario de Pimentel.
Francisco José de Almeida.
Francisco José Barbosa Pereira Couceira Marreco.
Francisco José de Brito.
Francisco José Ferreira (Padre).
Francisco José Vieira.
Francisco Maria Borges Chichorro Bacellar.
Francisco Maria Grojó.
Francisco Mendes da Cunha (Padre).
Francisco do Patrocinio Madeira (Dr. Fr.)
Francisco de Paula Gomes Rollo.
Francisco da Rainha dos Anjos (Fr.)
Francisco Revez Duarte (Dr.).
Francisco da Silva Martens Ferraz.
Francisco de Sousa e Andrade.
Gaspar Casimiro dos Santos Cruz.
Gaspar José Antas Coelho.
Gerardo Felix da Motta Serveira.

- Germano Valentim de Andrade e Castro.
Guilherme José da Graça.
Henrique Henriques de Brito e Oliveira.
Herculano Maria de Mesquita.
Hygino Feliciano de Moraes.
Ignacio José de Miranda.
Jacintho Antonio Nobre Pereira.
João Antonio da Costa.
João Antonio de Foyos.
João Baptista Verde. (2 Exemplares).
João de S. Boaventura (Fr.)
João Calvette de Ataíde.
João Christovão de Seixas.
João Cordeiro de Moraes.
João Felix da Costa.
João de Figueiredo.
João Gomes de Oliveira.
João Hermanno Borg.
João Januario Vianna de Resende (Dr.)
João José de Mascarenhas e Silva.
João Manoel Soares da Cruz.
João Manoel de Sousa Formes.
João Marcello de Magalhães.
João Maria Salazar.
João Miguel de Sequeira.
João Moreira Dias.
João Paulo Cordeiro.
João Rodrigues Palma.
João Rodrigues de Sequeira Lima (Conego).
João Theodoro dos Santos Cruz.
João Urbano de Oliveira Wildens.
João Vicente de Abreu.
Joaquim Barbosa da Cruz.

- Joaquim Brandão e Castro.
Joaquim Cardoso.
Joaquim de Campos (Padre).
Joaquim Gomes Alves.
Joaquim Guilberme da Costa Posser.
Joaquim José da Luz.
Joaquim José dos Reis.
Joaquim Maximo do Espirito Santo (Padre).
Joaquim Monteiro Torres.
Joaquim Pedro da Silva.
Joaquim Rodrigues Pereira Malhó.
José de Santo Agostinho (Fr.).
José Augusto da Cruz Neto (Padre).
José Bento Vieira Serzedello.
José Bernardo d'Azevedo (Conego).
José Bersane Leite.
José Carlos da Costa Pereira.
José Constantino de Sousa e Andrade (Prior).
José Diogo Mascarenhas Neto.
José Fernandes de Macedo.
José Ferreira Leal da Cruz.
José Joaquim Farto.
José Joaquim Carneiro de Carvalho.
José Joaquim Lamprêa (Fr.).
José Lourenço da Luz.
José Manoel de Casal Guerreiro.
José Maria Bernardino da Costa.
José de Mattos.
José Miguel Rosado (Fr.).
José Moreira Dias.
José Pinto da Costa (Prior).
José Ribeiro Saraiva.
José Teixeira Pinto Chaves Cabral.

- José Vicente Caldeira do Casal Ribeiro.
José Victorino de Seixas e Vasconcellos.
Julio Cezar de Sá (Fr.).
Justiniano Augusto Corrêa Vidigal.
Lourenço José Vivas.
Luiz Antonio Soares.
Luiz de Santa Margarida de Cortona (Fr.).
Luiz de Santa Umbellina Pinto (Fr.).
Manoel Antonio de Sousa.
Manoel do Cenaculo (Fr.).
Manoel Corrêa de Faria (Dr.).
Manoel Francisco Polycarpo.
Manoel Gomes da Silva.
Manoel Gonsalves Ferreira.
Manoel Joaquim de Aguiar.
Manoel José de Arriaga Brun da Silveira.
Manoel José dos Santos.
Manoel Licio da Costa.
Manoel Ludovino da Costa Seremenho.
Manoel do Loreto Leitão (D.).
Manoel Maria Cardoso.
Manoel de Oliveira e Costa.
Manoel Pedro Rangel.
Manoel de Santa Rita (Fr.).
Manoel dos Santos Cruz (Dr.).
Manoel dos Santos Tinoco.
Manoel de Sousa.
Marcellino Ferreira Queirós.
Marcellino José Gonçalves.
Margarida Carolina de Castro (D.).
Marquez Monteiro Mór.
Mathias José de Oliveira Leite.
Mathias José Telles da Silva.

- Miguel Gomes Dias.
Miguel José da Luz.
Miguel Seraphim Ribeiro.
Monsenhor Anjo.
Nuncio Apostolico (Eminentissimo.)
Pedro Antonio da Silva Rebello.
Rita de Cassia Pereira e Castro. (D.)
Romão Luiz de Figueiredo e Sousa.
Sebastião José Garcia Nogueira.
Theodoro José de Vasconcellos e Sá.
Theotônio dos Santos Bomjardim.
Thomaz de Aquino e Lima.
Thomaz de Cunha Manoel Henriques Mello e Castro (D.)
Thomaz de Napoles (D.)
Thomaz Peixoto de Figueiredo. (Conego)
Thomaz da Silva e Sá. (Fr.)
Torcato do Nascimento. (Fr.)
Victorino José Godinho. (Conego)
Visconde de Azurara. (Excellentissimo)

ERRATAS.

Podendo o meu Poema — A Pesca — com o presente formar o 1.º Volume das Obras, que tencio escrever, julguei a proposito apontar aqui alguns erros, que nelle escapáão.

No Soneto pag. ix, *Vers. 4. — Ermirneo — lêa-se — Esmyrneo. — No Canto 1.º pag. 6. vers. 1 — todas — lêa-se — todos. — Canto 2.º pag. 18 verso 11 — vrntura — lêa-se — ventura. — Ibi pag. 2 vers. 30 — Latino — lêa-se — Latimo. — Cant. 5 pag. 51 vers. 23 — Theseo — lêa-se — Tereu.

Nas Estações do Anno.

No fim do Prologo, pag. xiii — Od. L. — lêa-se — Od. L. 1.º — Canto 1.º pag. 28, vers. 7 — bebe — lêa-se — bebo. — Cant. 4.º pag. 97, vers. 2 — de outras — lêa-se — de humas. — Ibi pag. 109 vers. 13 — a — lêa-se — d'a. — Ode pag. 159 — Solo — lêa-se — Solo. — pag. 161 — avidos — lêa-se — aridos — ibi — Threno — lêa-se — Tyrrheno — ibi — iguaes — lêa-se — igneos — pag. 162 — crie a peito — lêa-se — brilhe a furto.

